

CORREIO BRAZILIENSE

BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL, TERÇA-FEIRA, 21 DE ABRIL DE 2026

NÚMERO 23.040 • 26 PÁGINAS • R\$ 5,00

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Cosete Ramos, professora

Carlos Vieira/CB/D.A Press



Reco e Henrique Neto, músicos

Minervino Júnior/CB/D.A Press



Mercedes Urquiza, escritora

Ed Alves/CB/D.A Press



Nuno Madeira, agrônomo

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Vital e Meolly, do Eduardo e Mônica

Da vanguarda ao futuro

Em 21 de abril de 1960, Brasília surpreendeu o Brasil e o mundo. No meio do Cerrado, os brasileiros viram nascer uma cidade, construída pelos sonhos e pela ousadia de Juscelino Kubitschek, pela genialidade de Lucio Costa, Athos Bulcão e Burle Marx, e pelo suor e coragem de milhares de candangos que atenderam ao chamado do futuro. Desde seu início, a capital inovou. O urbanismo e a arquitetura foram plataformas para a criatividade, que explodiu na cultura, no empreendedorismo, na ciência e nos esportes. E nestes 66 anos, o Correio acompanhou, dia a dia, essa epopeia, no jornal impresso e na TV Brasília, e hoje também nos canais digitais. Na edição especial desta terça, mostramos personagens de todas as idades que escrevem essa história. Parabéns, Brasília!

Confira um documentário sobre a W-3, avenida que marcou época em Brasília



Meiber Sales/CB/D.A Press



CADERNO ESPECIAL DO ANIVERSÁRIO DE BRASÍLIA

MARATONA BRASÍLIA 2026

Rafael Lins/Esp.CB/D.A Press

O homem de aço

Termina hoje a série de quatro dias de provas na Esplanada. O desafio é um simulado para o atleta do Ironman Alan Lima.

PÁGINAS 18 E 20

ENTREVISTA Celina Leão

Ed Alves/CB/D.A Press

“O BRB precisa estar próximo da população”

» JOSÉ CARLOS VIEIRA | » ANA CAROLINA ALVES | » MILA FERREIRA

Em um dos momentos mais delicados da sua história, o Governo do Distrito Federal enfrenta o desafio de salvar o Banco de Brasília (BRB), envolvido em negociações fraudulentas com o Banco Master. À frente do Buriti desde o mês passado, após a desincompatibilização de Ibaneis Rocha, a governadora Celina Leão se empenha para solucionar o problema e ainda administrar a capital, priorizando saúde e segurança pública. O BRB é um patrimônio do DF e tem um papel relevante na economia e na vida da população”, disse Celina ao **Correio**. Ela busca a estabilização da estatal e quer o banco trabalhando na sua vocação: apoio aos servidores, aos empreendedores e às famílias brasilienses.

PÁGINAS 13 E 14

Ed Alves/CB/D.A Press

Opção de lazer — Ao **CB.Poder**, o secretário de Esporte do DF, Renato Junqueira, destacou o aspecto social da Maratona Brasília. PÁGINA 18

Trump pode retomar a guerra

Presidente dos EUA avisa que não estenderá o ultimato ao Irã para que aceite cessar-fogo definitivo. Prazo acaba amanhã. PÁGINA 9

Delegado da PF é expulso pelos EUA

Marcelo de Carvalho foi acusado de “estender perseguições” ao território norte-americano ao atuar na prisão de Alexandre Ramagem. PÁGINA 7

Carlos Vieira/CB/D.A Press

Mais espaços — No **Podcast do Correio**, o gerente do Sesc Leonardo Hermandes fala sobre o centro cultural que será construído no DF. PÁGINA 17

Carlos Vieira/CB/D.A Press

Prioridade para a saúde é a proposta do Novo

Pré-candidato ao Palácio do Buriti, o advogado Kiko Caputo falou ao **CB.Poder**, sobre os novos rumos para a política do DF e os seus planos para o governo. PÁGINA 15





PODER

Propostas para o Judiciário, e críticas veladas a Fachin

Em artigo, Dino faz sugestões para uma ampla reforma em todas as instâncias do Poder, mas permeia o texto com reprovações indiretas a entendimentos do presidente do STF, que busca implantar um código de ética para magistrados

» IAGO MAC CORD

Em um artigo de opinião publicado ontem, o ministro Flávio Dino, do Supremo Tribunal Federal (STF), propôs uma ampla reforma no Poder Judiciário, e, em meio ao texto, há críticas veladas ao presidente da Corte, Edson Fachin, que busca a adoção de um código de ética para os magistrados.

Dino ressaltou que “a Nova Reforma do Judiciário deve ter como foco um sistema jurisdicional capaz de prover segurança jurídica e acesso a direitos, com mais velocidade, confiabilidade e justiça”. E enfatizou que “o Brasil precisa de mais Justiça, não menos, como parecem pretender certos discursos superficiais sobre uma suposta ‘autocontenção’, vista como uma ‘pedra filosofal’”, acrescentou, no artigo publicado no site ICL Notícias.

A autocontenção de juízes tem sido pregada por Fachin ao defender o código de ética. No mês passado, em palestra para estudantes do UniCeub, ele defendeu “humildade institucional” e afirmou que “a autocontenção não é fraqueza; é respeito à separação de Poderes que, em última análise, é ela própria uma exigência constitucional”.

Em outro trecho do artigo, Dino ressaltou que “mudanças superficiais, assentadas em slogans fáceis, ou de caráter puramente retaliatório não fortalecem o Brasil”. O STF está dividido em relação à proposta de Fachin de um código de ética para disciplinar a atuação dos ministros. Dino integra a ala composta por Alexandre de Moraes, Dias Toffoli, Gilmar Mendes e Cristiano Zanin, que é completamente refratária à ideia do presidente da Corte por avaliar que a medida apenas exporia os membros do colegiado em um momento de crise na esteira do escândalo do Banco Master.

Na avaliação de Dino, foram as decisões do STF em temas de grande repercussão nacional — a exemplo das próprias fake news, big techs, emendas parlamentares e da defesa da democracia em resposta aos atos golpistas de 8 de janeiro e do debate sobre intervenção militar por meio do artigo 142 da Constituição — que tornaram a Corte e o Judiciário como um todo alvos de debates sociais que fomentaram a necessidade de uma reforma.

“O STF foi alvo de retaliações estrangeiras, sem, contudo, se curvar a imposições, o que provavelmente ampliou sentimentos vis”, avaliou. “De outra face, é inequívoco que em um mundo marcado por tantas desigualdades, conflitos e precariedades institucionais, reformas são bem-vindas, quando inspiradas pelo interesse público e revestidas de consistência técnica”.

Agressões

A Nova Reforma do Judiciário — 22 anos após a última grande alteração constitucional —, segundo o magistrado, visa garantir segurança jurídica, celeridade e combate à corrupção interna. “As reformas devem vir para fortalecer o sistema de Justiça, e não para suprimir as virtudes que o tornaram capaz de concretizar os direitos constitucionais, controlar, inclusive, abusos de poder e sustentar a democracia contra o império das fake news e contra agressões de pessoas com armas na cintura”, escreveu.

A proposta de Dino abrange mudanças estruturais profundas, incluindo novos requisitos para recursos aos Tribunais Superiores, critérios rigorosos para a expedição de precatórios e a criação de instâncias especializadas e ágeis

Luiz Silveira/STF



O Brasil precisa de mais Justiça, não menos, como parecem pretender certos discursos superficiais sobre uma suposta ‘autocontenção’, vista como uma ‘pedra filosofal’”

Flávio Dino, ministro do STF

Antonio Augusto/STF



O equilíbrio entre independência judicial e mecanismos de controle é abordado com sobriedade, reforçando a ideia de que credibilidade institucional depende, também, da capacidade de reconhecer falhas e corrigi-las com firmeza e justiça”

Edson Fachin, presidente do STF, em comentário sobre o artigo de Dino

Imagem do STF

Apesar das sugestões do ministro, cabe ao Congresso legislar sobre mudanças no sistema de Justiça. A atual crise que afeta a imagem do STF tem feito crescer entre os parlamentares o desejo de enquadramento do tribunal, sobretudo num momento em que Dino e outros ministros conduzem processos sobre crimes relacionados ao manejo de emendas parlamentares.

para julgar crimes sexuais e de improbidade. O plano também prevê um rito judicial próprio para agências reguladoras, visando acelerar conflitos de grande expressão econômica, e a revisão das competências constitucionais do STF.

Na esfera ética, o ministro sugere endurecer o Código Penal contra crimes de corrupção e prevaricação envolvendo todos os atores do sistema, de juízes a advogados. Ele propõe a extinção de institutos que considera ultrapassados, como a “aposentadoria compulsória punitiva”, e o fim da multiplicação de parcelas indenizatórias nas carreiras jurídicas, os chamados penduricalhos.

“A confiabilidade é um atributo fundamental para a legitimação democrática de todos os profissionais do Direito, o que justifica um tratamento legal específico”, destacou.

Ele, porém, não encampou nenhuma das propostas de Fachin,

como a imposição de regras e a obrigatoriedade de transparência para que ministros participem de eventos e recebam por palestras.

O texto prevê, ainda, mudanças na composição do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) e do Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP) para tornar a fiscalização de ilegalidades mais eficiente e medidas na Justiça Eleitoral para evitar o prolongamento indevido de processos que geram instabilidade política.

Esse movimento ganha força com declarações de ministros do Superior Tribunal de Justiça (STJ) feitas em abril deste ano. Marco Aurélio Bellizze alertou que o volume processual compromete a análise técnica, enquanto João Otávio Noronha denunciou um crescimento preocupante em tentativas de influência e “venda de votos”.

Dino reforçou que esses problemas exigem um enfrentamento

sistêmico, pois não há corrupção sem redes de financiamento. “Se há ‘vendas’ reais ou fictícias, exploração de prestígio, vazamentos indevidos, comércio de minutos de decisões, é sinal de que há um amplo mercado profissional que ‘compra’ e efetua intermediações ilegais”, argumentou.

Diferentemente da reforma de 1977, realizada por ato autoritário na ditadura militar, Dino defende que a nova mudança seja pautada pelo diálogo, envolvendo o Congresso e entidades de classe. “Só o AI-5 da ditadura conseguiu impor, ‘de fora para dentro’, mudanças no Judiciário”, afirmou.

O grande volume de processos também foi abordado por Dino. O Poder Judiciário iniciou o ano enfrentando um cenário crítico, com um passivo de 75.525.447 processos pendentes de julgamento até o fim de fevereiro.

Fachin elogia

Em nota, Fachin ignorou as críticas do colega e elogiou o entendimento dele sobre a reforma. “Merece aplauso e apoio a perspectiva do debate trazida no artigo de autoria do Ministro Flávio Dino”, afirmou.

De acordo com ele, no texto “se apresenta uma reflexão oportuna

e bem estruturada sobre a necessidade de aperfeiçoamento do Poder Judiciário, tratando o tema com seriedade institucional e senso de responsabilidade republicana”. “Ao evitar soluções simplistas, o texto valoriza um diagnóstico consistente e propõe caminhos que dialogam com demandas reais da sociedade, especialmente no que diz respeito à eficiência, transparência e fortalecimento da confiança pública nas instituições”.

Ele também destacou o que chamou de ênfase dada à ética e à responsabilidade funcional, “sem perder de vista as garantias essenciais da magistratura”. “O equilíbrio entre independência judicial e mecanismos de controle é abordado com sobriedade, reforçando a ideia de que credibilidade institucional depende, também, da capacidade de reconhecer falhas e corrigi-las com firmeza e justiça”.

Conforme, ainda, o presidente do STF, o artigo contribui para elevar o debate público sobre a reforma do Judiciário. “Ao estimular a reflexão e o diálogo, oferece uma base sólida para a construção de consensos, sempre orientados pelo interesse público e pela preservação dos valores que sustentam o Estado de Direito”, finalizou. (Com Agência Estado)

PT sugere código de conduta

» RENATO SOUZA
» FERNANDA STICKLAND

Em um documento interno, que deve ser aprovado no 8º Congresso do partido, o PT defende uma reforma do Poder Judiciário e a implementação de um manual de conduta para o Supremo Tribunal Federal (STF). O posicionamento é resultado de uma comissão conduzida pelo ex-ministro José Dirceu, que mantém forte influência sobre políticos e dirigentes partidários petistas. O encontro, que terá início nesta sexta-feira, define as diretrizes da sigla, inclusive durante o período eleitoral.

No texto, Dirceu defende maior participação popular de maneira direta e cita também uma reforma nas Forças Armadas. “Devemos superar o atual modelo institucional e colocar na ordem do dia a democracia direta, o controle social e a reforma do Estado, não apenas administrativa e de pessoal, mas também uma ampla reforma do Judiciário e das Forças Armadas”, destaca um trecho.

O documento cita, ainda, que “o fortalecimento dos órgãos de controle deve caminhar junto com a democratização e a reforma do Poder Judiciário, assegurando maior transparência, responsabilidade institucional e compromisso com a Constituição”.

A avaliação ocorre em meio à crise institucional e de imagem envolvendo a Corte, em meio a revelações de supostas ligações de magistrados com Daniel Vercara, dono do Banco Master, que está preso em razão da acusação de fraudes que envolvem, também, o Banco de Brasília (BRB).

Integridade

Em outro trecho do texto, o PT defende que é necessário “instaurar e aperfeiçoar códigos de ética e conduta no âmbito das cortes superiores, inclusive no STF, assegurando padrões claros de integridade, transparência e responsabilidade institucional”. O posicionamento da sigla neste ano é considerado estratégico em razão da definição da pauta eleitoral do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que vai tentar a reeleição.

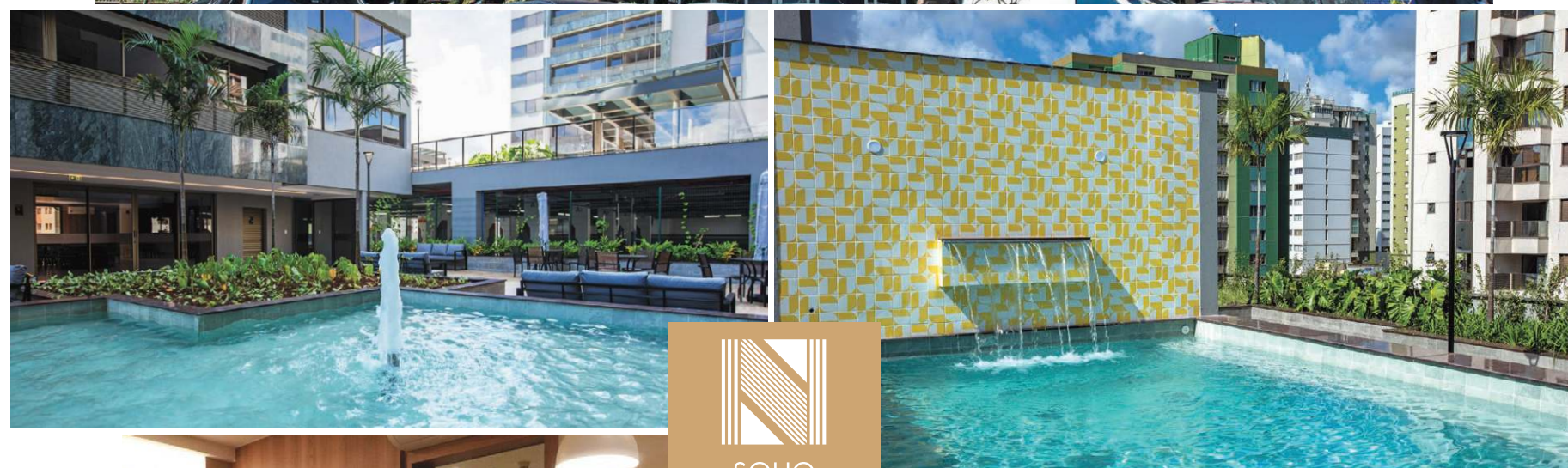
Após aprovação no congresso, os temas devem ser enviados à coordenação de campanha do presidente, para que seja avaliada quais itens serão, de fato, incluídos no plano de governo do petista nas eleições de outubro.

Lula vai conduzir uma das mesas de debate que estão previstas para ocorrer no congresso. Um dos trechos do artigo de José Dirceu aponta a necessidade de “proteger a democracia”, em meio a intervenções dos Estados Unidos.

“Neste período de ascensão da extrema direita, de uso da força militar para impor políticas a nossos países e de hegemonia das forças de direita no mundo, devemos nos concentrar em defender e ampliar a democracia, defender e ampliar os direitos sociais consagrados na Constituição Federal de 1988 e defender a soberania nacional, ameaçada pela intervenção política e militar dos Estados Unidos”, completa o texto.

SOHO HOTEL

PORTAS ABERTAS PARA O BEM-ESTAR.



Nos **66 anos de Brasília**, as Organizações PaulOOctavio abrem as portas do **Soho Hotel**. Empreendimento da Rede Plaza Brasília Hotéis, o Soho chega para multiplicar as qualidades do Manhattan Shopping e para proporcionar mais sofisticação e facilidade ao dia a dia de Águas Claras. Planejado com **116 apartamentos, entre suítes padrão e unidades duplex**, o hotel tem um conceito contemporâneo e valoriza conforto, funcionalidade e autonomia. Um lugar para viajantes dinâmicos que buscam eficiência e bem-estar. Seus espaços vão muito além da hospedagem e oferecem **lounge na cobertura, academia, piscina e sauna**, proporcionando praticidade, relaxamento e um shopping completo com o melhor da gastronomia, serviços, lazer e compras. Neste ano, em que Brasília celebra 66 anos e a **Rede Plaza Brasília 35 anos**, as Organizações PaulOOctavio inauguram um novo tempo em Águas Claras, transformando a cidade em um centro urbano mais completo, conectado e contemporâneo.


PLAZA BRASÍLIA
HOTÉIS

ORGANIZAÇÕES

PaulOOctavio[®]

01700

PODER

Gilmar quer Zema no inquérito das fake news

Decano do STF pede a Moraes para investigar o ex-governador por vídeo com sátira a ministros da Corte. Político mineiro rebate dizendo que “a carapuça serviu”

» RENATO SOUZA
» DANANDRA ROCHA

Em mais um capítulo de uma crise institucional envolvendo o Supremo Tribunal Federal (STF), o Congresso e líderes da direita, o ministro Gilmar Mendes, decano da Corte, pediu ao também ministro Alexandre de Moraes que incluía o ex-governador de Minas Gerais, Romeu Zema (Novo), no inquérito das fake news.

A solicitação corre em sigilo no Supremo e foi enviada diretamente ao gabinete de Moraes, relator do inquérito que investiga a disseminação de desinformação e ataques contra a Corte e seus ministros.

O inquérito das fake news está em sigilo e frequentemente é criticado por políticos e juristas por ter sido aberto de ofício, ou seja, sem pedido do Ministério Público e pelo tempo alongado em que está tramitando, tendo sido instaurado por Dias Toffoli em 2019, quando ele ocupava a presidência do tribunal.

O pedido de Gilmar é uma reação a um vídeo publicado por Zema nas redes sociais. Na gravação, ele aponta o decano e Toffoli como “fantoques” em meio ao esquema fraudulento envolvendo o Banco Master.

Após receber a solicitação, Moraes encaminhou o caso para manifestação da Procuradoria-Geral da República (PGR). Após o posicionamento do órgão, o magistrado decide se acolhe ou não a solicitação.

Nos bastidores da mais alta Corte do país, a inclusão de Zema no inquérito é dada como certa, embora exista a rejeição por parte de alguns ministros, que entendem que o ex-governador poderia ser alvo de uma ação à parte, que poderia ser movida tanto por Toffoli quanto por Gilmar.

A solicitação feita por Gilmar foi revelada pela Folha de S. Paulo e confirmada pelo **Correio** junto a fontes no STF. O procedimento segue em sigilo e o ex-governador ainda não foi notificado.

Em reação, Zema voltou a atacar a Corte. Disse que o incômodo provocado pelo conteúdo publicado

Antonio Augusto/STF



Marcelo Camargo/Agência Brasil



Gilmar ressaltou que o vídeo de Zema “vilipendia” a imagem do Supremo e do próprio decano

Saiba mais

Vídeo faz sátira

O vídeo publicado pelo ex-governador de Minas Romeu Zema retratava uma conversa entre dois bonecos, caracterizados por desenhos de fantoches, que representariam os ministros Dias Toffoli e Gilmar Mendes, do STF. No vídeo, Toffoli telefona para Gilmar e pede a ele que anule as quebras de sigilo de sua empresa, aprovada na CPI

indicaria que “a carapuça serviu”.

Houve repercussão também no Congresso. Em nota oficial, o líder da oposição na Câmara, deputado Cabo Gilberto (PL-PB), manifestou

do Crime Organizado do Senado.

Com um diálogo marcado por ironias e caricaturas, Gilmar responde que anularia as quebras e pede em troca uma cortesia no resort Tayayá, no qual Toffoli tinha participação acionária.

A sátira se baseia no fato de que Gilmar Mendes efetivamente proferiu decisão anulando as quebras de sigilo da Maridt. Essa é a empresa de Toffoli e dos irmãos do ministro que recebeu aportes de um fundo de investimento ligado ao ex-banqueiro Daniel Vercaro, dono do Master.

preocupação com o pedido de investigação e apontou risco à liberdade de expressão. Para ele, a medida pode abrir precedente ao atingir um ex-chefe do Executivo

estadual por manifestações políticas, mesmo que críticas.

O documento afirma que a iniciativa transmite uma “mensagem perigosa” ao sugerir que opiniões públicas possam resultar em responsabilização judicial. A oposição também voltou a questionar a legalidade do inquérito, destacando sua abertura sem provocação do Ministério Público.

Em manifestação nas redes, o deputado federal Marcel van Hattem (Novo-RS) afirmou que o pedido não intimida o grupo político e classificou a iniciativa como “abuso” e “desproporcional”. Segundo ele, a reação do ministro teria sido motivada por um conteúdo de caráter satírico.

Outras lideranças se posicionaram. O senador Rogério Marinho (PL-RN) declarou solidariedade ao ex-governador e criticou o que chamou de uso prolongado de investigações como instrumento de pressão sobre agentes políticos.

Cármem vota contra Eduardo Bolsonaro

A ministra Cármem Lúcia, do Supremo Tribunal Federal (STF), acompanhou o relator Alexandre de Moraes e votou, ontem, pela condenação do ex-deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP) por difamação contra a deputada Tabata Amaral (PSB-SP). Para os ministros, o filho de Jair Bolsonaro (PL) cometeu o crime ao publicar conteúdo falso nas redes sociais sobre uma proposta elaborada por Tabata para distribuição gratuita de absorventes em espaços públicos.

No voto, Moraes fixou pena de um ano de detenção para Eduardo, em regime inicial aberto, e 39 dias-multa, cada um equivalente a dois salários mínimos, ou seja, cerca de R\$ 126,4 mil nos valores atuais. Em razão do tamanho da pena, o cumprimento se iniciaria no regime aberto.

O caso está sendo analisado pelo plenário virtual da Primeira Turma desde a última sexta-feira. Com o voto de Cármem, o placar está em dois votos a zero pela condenação

do ex-deputado. Restam ainda os votos dos ministros Cristiano Zanin e Flávio Dino.

A ação foi aberta a partir de uma queixa-crime apresentada por Tabata ao STF, em março de 2023, após Eduardo compartilhar uma publicação em que sugeria que a deputada teria proposto a lei para beneficiar o empresário Jorge Paulo Lemann. Segundo o voto do relator, as informações divulgadas não tinham base factual e configuraram ofensa à reputação da parlamentar.

Em outubro de 2021, o então presidente Jair Bolsonaro, pai de Eduardo, vetou a distribuição gratuita de absorventes menstruais para estudantes de baixa renda em escolas públicas e pessoas em situação de rua ou extrema vulnerabilidade. Essa decisão provocou reações contrárias ao veto, inclusive da deputada Tabata Amaral.

No mesmo período, Eduardo compartilhou uma publicação no X (antigo Twitter), alegando que o posicionamento de Tabata

candidatura durante o pleito. Ela alegou que a desistência ocorreu por vontade própria, mas surgiram críticas a Flávio. Segundo informações obtidas pelo **Correio** por meio de uma fonte, a retirada teria sido articulada pelo próprio senador.

“Ela sofreu uma violência política. Obrigaram-na a retirar a candidatura, porque, caso o candidato Lula ganhasse, ela teria que carregar essa culpa pelo resto da vida”,

Rosinei Coutinho/STF



Cármem acompanhou o relator para condenar o deputado cassado

contra o veto ao projeto de lei tinha como intenção beneficiar Jorge Paulo Lemann. De acordo com a publicação, Tabata teria supostamente criado o projeto de lei sobre

absorventes e recebido financiamento de Lemann para sua campanha. O texto ainda alegava que o empresário era sócio da P&G, empresa que fabrica absorventes.

Nova crise no clã do ex-presidente

» WAL LIMA

A eleição para a vaga no Tribunal de Contas da União (TCU), que consagrou, com larga margem de votos, o deputado Odair Cunha (PT-MG), provocou nova crise no clã Bolsonaro.

Indicada à vaga pelo pré-candidato à Presidência, Flávio Bolsonaro (PL), a deputada Soraya Santos (PL-RJ) decidiu retirar sua

disse uma assessora que acompanhou de perto a disputa da parlamentar pela vaga ao TCU, fortalecida por diversos grupos de mulheres da ala bolsonarista, inclusive a própria ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro.

Nas redes sociais, por sinal, Michelle compartilhou um story com a frase: “Soraya, o TCU seria muito melhor com você lá. Triste dia”. Com a retirada de Soraya, Flávio

passou a apoiar o deputado Elmar Nascimento (União-BR), que contou com apenas 96 votos, menos da metade do candidato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na disputa.

O movimento levou, além da derrota da oposição, críticas ao filho 01 por ter adotado um discurso em favor das mulheres como estratégia política e a abandonando na reta final da disputa na tentativa de ganhar a corrida pelo TCU.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



As eleições, a politização do STF e o iluminismo fora de lugar

No pequeno grande ensaio antropológico “A Identidade Cultural na Pós-Modernidade” (DPA&A Editora), o sociólogo anglo-jamaicano Stuart Hall descreve a evolução do conceito de identidade a partir de três conceitos: o ser iluminista, o ser sociológico e o ser pós-moderno. Hall argumenta que a identidade humana passa por um processo de descentramento e fragmentação. O ser iluminista é o indivíduo centrado, unificado, dotado de razão, consciência e ação; acredita que um núcleo interior nasce com o indivíduo, desenvolve-se e permanece o mesmo ao longo da vida. Trata-se de uma concepção individualista, na qual a pessoa é autônoma e sua identidade é fixa e constante: “Penso, logo existo” (Cogito, ergo sum) é a célebre frase do filósofo René Descartes, publicada em 1637. Ou seja, se basta.

O ser sociológico surge com a complexidade do mundo moderno. Não é totalmente autônomo, mas formado na relação com o outro, a partir da sociedade industrial. Já o ser pós-moderno é fragmentado, sem identidade fixa, assumindo papéis distintos conforme o contexto — uma verdadeira “celebração móvel”. É até divertido analisar o comportamento dos ministros do Supremo Tribunal Federal, cujo protagonismo político atingiu um nível inédito, a partir desses conceitos.

Embora o sistema de freios e contrapesos da democracia brasileira tenha se mostrado resiliente, a forma como seus atores vêm operando tem gerado crescente rejeição social. O Supremo deixou de ser apenas árbitro para se tornar também protagonista do jogo político, justamente quando o país entra em mais uma campanha presidencial polarizada e a Corte acabou na berlinda do debate eleitoral.

É que decisões judiciais passaram a ter efeitos diretos sobre a dinâmica eleitoral. O ministro Alexandre de Moraes, ao conduzir investigações envolvendo o ex-presidente Jair Bolsonaro e seu entorno, tornou-se alvo preferencial da oposição e, paradoxalmente, contribuiu para reforçar a narrativa política de seus adversários. Ao mesmo tempo, o ministro Gilmar Mendes, ao propor contínuo o debate político — como a discussão sobre os limites do inquérito das fake news —, oferece munição a candidatos que defendem a justa contenção do poder da Corte.

Ao contrário do que alguns imaginam, a politização do Supremo não ocorre no espaço vazio. Foi alimentada pela própria dinâmica do sistema político, que deixa de tomar decisões ou a contestam judicializando decisões dos demais Poderes. Assim, ministros do Supremo estão cada vez mais envolvidos com a disputa pelo poder. O ministro Flávio Dino, com sua trajetória híbrida de magistrado e político, é a expressão mais acabada dessa transição. Não à toa, ao propor uma reforma do Judiciário, com base em dados concretos sobre a morosidade processual e o volume de ações, tenta neutralizar os ataques ao Supremo e deslocar a discussão do terreno eleitoral para o institucional.

Crise de identidade

Com mais de 75 milhões de processos em tramitação, milhões de novas ações a cada ano e índices elevados de congestionamento, especialmente nas execuções fiscais, o Judiciário perde aderência em relação às demandas da sociedade. A chegada da inteligência artificial tende a agravar esse quadro, ao ampliar a capacidade de litigância. Nesse ambiente, o Supremo é pressionado a decidir cada vez mais, sobre temas cada vez mais sensíveis, o que reforça seu protagonismo — e, com ele, sua exposição política.

E o Stuart Hall? Os ministros do Supremo podem ser compreendidos como portadores simultâneos dessas três identidades. Há, de um lado, uma dimensão iluminista evidente em figuras como Alexandre de Moraes, cuja atuação parte da convicção de que cabe à Corte impor racionalidade e ordem ao sistema político. De outro, há ministros de perfil sociológico, como Flávio Dino, que operam a partir da interação entre instituições e sociedade, buscando mediações e soluções estruturais. Por fim, há os pós-modernos, como Gilmar Mendes, cuja atuação flexível, adaptativa e ambígua reflete essa fragmentação do Supremo e a deterioração do ambiente institucional.

Dá até para fazer uma enquete sobre o perfil de cada ministro. O problema é que essa combinação de perfis, em vez de produzir equilíbrio, tem contribuído para ampliar a percepção de instabilidade e politização. Quando ministros agem como iluministas em um mundo que já não comporta certezas, ou como pós-modernos em um ambiente que exige previsibilidade institucional, o resultado é a perda da confiança. O Supremo, que deveria ser o guardião da Constituição, passa a ser visto como ator político, sujeito às mesmas críticas e disputas que marcam o Executivo e o Legislativo, até porque nem sempre há coerência e previsibilidade legal nas suas decisões.

A crise do Supremo não é apenas de imagem, jurídica e institucional, é também uma crise de identidade, agravada pelo envolvimento de alguns ministros no caso Master e no debate eleitoral. Como ensina Stuart Hall, identidades em crise tendem a se fragmentar sob pressão. O desafio do Supremo é reencontrar o ponto de equilíbrio de sua autoridade, sem ceder ao protagonismo excessivo nem ser capturado pela lógica da disputa pelo Poder, que, aliás, já tem de sobra. Caso contrário, sua credibilidade permanecerá em xeque.

Brasília-DF



DENISE ROTHENBURG (COM EDUARDA ESPOSITO)
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Segure o PSD

A possibilidade de ter Gilberto Kassab como candidato a vice numa chapa encabeçada por Ronaldo Caiado não é à toa. Seria a forma de tentar segurar os palanques do partido ao lado do ex-governador de Goiás. Ele chegou recentemente à legenda e tem muita gente por ali que pretende seguir com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

E tem mais

Kassab na vice é uma forma, inclusive, de atrair os prefeitos do partido, especialmente em São Paulo, onde muitos apoiam a reeleição de Tarcísio de Freitas para o governo estadual. O risco é, no embalo de Tarcísio, esses prefeitos seguirem para o apoio a Flávio Bolsonaro (PL-RJ). Kassab na vice dificultaria essa corrida.

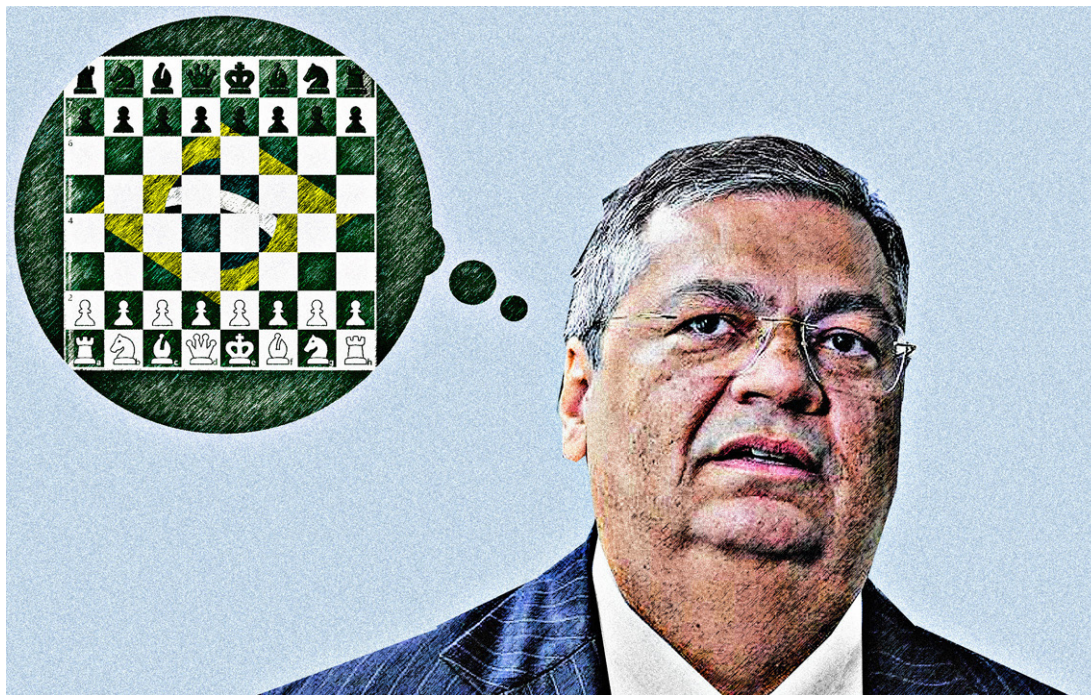
Clube da Luluzinha

No Distrito Federal, Michelle Bolsonaro tem dito a amigos que fará a própria campanha ao Senado, com Bia Kicis e a governadora-candidata Celina Leão. Foi o trio que viajou o país por Bolsonaro no segundo turno de 2022. Quanto a Flávio Bolsonaro, a ex-primeira-dama fará uma campanha protocolar.

Enquanto isso, no PT...

Lula abre o 8º Congresso Nacional de seu partido, sexta-feira, em Brasília, com destaque aos programas de governo e benefícios aos trabalhadores. Dirá que nenhum governo fez tanto por aqueles que mais necessitam. Dará uma pincelada nas propostas para os endividados e falará ainda da mudança na escala de trabalho, enviada ao Parlamento. A ideia é deixar claro que, se não fosse seu governo, a proposta não avançaria entre os deputados e senadores.

STF, Dino e o jogo eleitoral



A depender dos primeiros acordos da pré-campanha eleitoral, o Supremo Tribunal Federal estará na ordem do dia das discussões. Não tem um candidato alheio às propostas de reforma do Poder Judiciário. Os mais radicais pregam impeachment de ministros; outros querem estabelecer prazo de mandato e idade mínima para ingresso na Corte. O difícil será encontrar quem defenda o STF. Dado o mau humor da população para com o Poder Judiciário, ninguém pretende exercer esse papel de advogado do Supremo. Nesse sentido, o ministro Flávio Dino se apresenta de forma incisiva, com propostas de uma reforma e cheio de recados aos críticos da Justiça.

Em artigo publicado no ICL Notícias, Dino ressalta que uma reforma do Judiciário tem que partir de dentro para fora. Quando veio em sentido oposto, foi pelo AI-5, durante a ditadura militar. Ele considera que o país precisa de mais Justiça e não de menos. E uma reforma tem que olhar o interesse público. O ministro não fecha os olhos para a corrupção de juízes e sugere que sejam punidos com aumento de penas e não com a aposentadoria. O debate está posto. Resta saber quem sairá na frente na hora de colocar essas reformas em curso.

CURTIDAS



Vinícius Loretti/Câmara dos Deputados

Infleg neles/ Numa semana com feriado em plena terça-feira, o presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB, foto), espera conseguir quórum para realizar sessões na Casa. Tudo para garantir contagem do prazo necessário à análise da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) que acaba com a escala de seis dias trabalhados para um de folga (6 x 1). Se conseguir, será graças ao sistema remoto de registro de presença e votação. A maioria das excelências está nos estados, dedicada à pré-campanha.

Por falar em 6 x 1.../ O governo acredita que, independentemente de PEC ou projeto de lei, Lula já faturou essa tentativa da redução da escala de trabalho. É que os partidos ligados a ele saíram na frente em defesa da proposta. Portanto, junto aos trabalhadores, avaliam os governistas, será um ponto positivo para o petista.

Brasília em festa, mas.../ Diante do master escândalo que mancha a história do BRB, é difícil comemorar com vontade. É um bolinho para não passar em brancas nuvens, enquanto se aguarda o julgamento e a punição dos envolvidos.

PODER

Ramagem: delegado expulso após prisão

Marcelo Ivo de Carvalho atuava junto ao ICE, que deteve ex-deputado. EUA o acusam de promover "perseguições"

» RENATO SOUZA

O governo dos Estados Unidos determinou que o delegado federal Marcelo Ivo de Carvalho deixe o país. Ele atuou na prisão do ex-deputado federal Alexandre Ramagem, detido pelo Serviço de Imigração e Fiscalização Aduaneira norte-americano (ICE), em 13 de abril, sob a suspeita de violar normas para estrangeiros. A decisão de expulsão do agente da Polícia Federal (PF) foi tomada ontem.

No comunicado do Escritório de Assuntos do Hemisfério Ocidental do Departamento de Estado, Marcelo Ivo é acusado de "estender" perseguições para o território norte-americano. "Nenhum estrangeiro pode manipular nosso sistema de imigração para contornar pedidos formais de extradição e estender perseguições políticas ao território dos Estados Unidos. Hoje (ontem), pedimos que o funcionário brasileiro em questão deixe o país por tentar fazer isso", diz o comunicado. O delegado estava cedido pela PF para atuar junto ao ICE. Procurada para comentar o caso, a PF não se manifestou até o fechamento desta edição.

Ramagem foi condenado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) a 16 anos de prisão por participar da tentativa de golpe de Estado chefiado pelo ex-presidente Jair Bolsonaro, depois das eleições de 2022, em que ele perdeu para o hoje presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O ex-deputado fugiu do país para evitar a prisão. Os investigadores apontam que ele saiu do Brasil pela fronteira de Roraima com a Guiana e, depois, seguiu para os EUA.

Reprodução de vídeo



Delegado da PF foi designado como oficial de ligação junto ao ICE

Em janeiro, um pedido de extradição foi enviado pelo Ministério da Justiça ao Departamento de Estado norte-americano. A detenção de Ramagem pelo ICE — que durou apenas 48 horas — não teve ligação com este pedido e tratou apenas de questões migratórias.

Marcelo Ivo atuava como oficial de ligação da PF em Miami desde agosto de 2023, em função voltada à cooperação internacional na área de segurança. Trabalhava junto ao Departamento de Segurança Interna americano, responsável por temas como imigração e combate ao terrorismo.

Ele é delegado federal há mais de duas décadas. Ao longo da carreira, ocupou cargos de destaque na corporação, como o de

superintendente da Polícia Federal na Paraíba entre fevereiro de 2022 e janeiro de 2023, além de ter sido delegado regional de Investigação e Combate ao Crime Organizado em São Paulo, função que exerceu entre 2018 e 2021. Em 2016, também chefiou a Delegacia da PF no Aeroporto Internacional de Guarulhos.

A designação para a missão no exterior foi formalizada em março de 2023, quando a corporação o nomeou como oficial de ligação junto ao ICE, em Miami. Inicialmente prevista para dois anos, uma nova portaria, de março de 2025, prorrogou a permanência do delegado por mais um ano, ainda no âmbito das ações de cooperação internacional em segurança imigração. (Com AE)



DOE SEU IMPOSTO DE RENDA PARA O HOSPITAL PEQUENO PRÍNCIPE.

Não é nenhum bicho de 7 cabeças.

Destine parte do seu Imposto de Renda – a pagar ou a restituir – para o maior hospital pediátrico do Brasil e ajude a transformar a vida de milhares de crianças e adolescentes.

É fácil e sem custo.



Veja como doar em 3 passos.

Acesse: doepequenoprincipe.org.br





RIO DE JANEIRO

Tiroteio isola turistas no alto do morro

Grupo tinha subido a trilha para ver o nascer do sol de cima do Vidigal, mas foi surpreendido por operação policial que tentou capturar o chefe do tráfico de facção baiana, que estava escondido sob a proteção do CV

» FABIO GRECCHI
» CAETANO YAMAMOTO*

Um grupo com aproximadamente 200 turistas ficou isolado no alto do morro Dois Irmãos, no Vidigal, Zona Sul do Rio de Janeiro, por causa de uma operação policial que tentava capturar os traficantes Ednaldo Pereira Souza, o Dada, e Wallas Souza Soares, o Patola. Houve intenso tiroteio entre os agentes e integrantes do Comando Vermelho (CV), facção que controla a região. Isso fez com que os visitantes, que eram de várias nacionalidades, fossem impedidos de descer. Refugiaram-se no alto do morro, local em que, teoricamente, estavam a salvo.

A Operação Duas Rosas II, que reuniu policiais fluminenses, baianos e o Ministério Público da Bahia (MP-BA), foi desencadeada para localizar e prender 13 detentos foragidos do Conjunto Penal de Eunápolis (BA), em dezembro de 2024. Eles teriam se refugiado em favelas cariocas sob a proteção do CV. Os faccionados pertencem ao grupo Primeiro Comando de Eunápolis (PCE), que atua no extremo sul da Bahia e é coligado ao CV.

Na incursão, foi presa Núbia Santos Oliveira, mulher de Patola, apontada como uma das principais operadoras financeiras do PCE. Ela é investigada por lavagem de dinheiro e tinha dois mandados de prisão em aberto por tráfico de drogas e homicídio. Os agentes prenderam outros dois homens, além de armas e drogas. Dada conseguiu fugir por uma passagem secreta.

Devido à operação, a Avenida Niemeyer — que liga os bairros São Conrado e Leblon — teve a circulação interrompida pelos criminosos, que atravessaram um ônibus e lixeiras. Os turistas somente puderam descer por volta das 7h20, quando a situação estava controlada.

A portuguesa Matilda Oliveira estava no grupo no alto do morro. Ela frisou que a orientação dos guias foi fundamental para que todos estivessem seguros, apesar da tensão. “Tínhamos esperado o nascer do sol. De repente, os guias pediram para sentarmos e começamos a ouvir os tiros. É sempre assustador, mas estava controlado dentro do possível”, disse, acrescentando que voltaria a fazer o passeio. “Repetiria a experiência. Não deixo de recomendar a trilha, a comunidade ou o Brasil”, afirmou.

Reprodução de vídeo



Turistas ficaram ilhados por mais de duas horas no alto do morro Dois Irmãos enquanto, embaixo, policiais e traficantes se enfrentavam

Reprodução/SEAP-BA



Dada fugiu do Vidigal por uma passagem secreta

Instagram pessoal



Uldorico Jr.: dinheiro do tráfico para pagar dívidas

Já a paulista Sthefanny Andrade disse ter ficado muito assustada. “A trilha é conhecida e tranquila de subir. Fomos para ver o amanhecer, mas, quando nos preparávamos para descer, começamos a ouvir tiros e helicópteros.

Um guia avisou que havia uma operação e pediu para ninguém descer. Mandou todo mundo ficar sentado”, relatou.

Os bandidos que a Operação Duas Rosas II tentou prender fugiram em 12 de dezembro de 2024.

Naquele dia, um grupo fortemente armado invadiu o Conjunto Penal de Eunápolis para libertar Dada, chefe do PCE. Apesar da resistência dos agentes, os criminosos conseguiram abrir duas celas e, ao todo, 16 pessoas escaparam.

Fuga comprada

Segundo o MP-BA, Dada negociou a fuga com o ex-deputado federal Uldorico Júnior, preso em 17 de abril na Praia do Forte, distrito turístico de Mata de São João, na Região Metropolitana de Salvador. O traficante teria pago R\$ 2 milhões ao político para que a escapada fosse facilitada. O Ministério Público baiano pediu a prisão dos dois.

A saída foi facilitada pela então diretora do Conjunto Penal de Eunápolis, Joneuma Silva Neres, presa e que fez um acordo de delação premiada com o MP-BA. Ela confessou que tivera um relacionamento amoroso com Uldorico Júnior e fora convencida a apresentá-lo ao traficante. Ele precisava de dinheiro para pagar dívidas da campanha que disputou (e perdeu) para a Prefeitura de Teixeira de Freitas.

Procurada, a defesa de Uldorico Júnior afirmou que ele “jamais teve conhecimento de plano algum de fuga, nem recebeu dinheiro nenhum por tal fato, o que pode ser facilmente comprovado. Tanto a defesa quanto o acusado estão colaborando com a Justiça para que a verdade prevaleça”.

*Estagiário sob a supervisão de Fabio Grecchi

MORTE SUSPEITA

Professor de Goiás é descoberto morto na Argentina

O brasileiro Danilo Neves Pereira, de 35 anos e professor universitário, foi descoberto morto, ontem, em Buenos Aires. Ele estava desaparecido desde 14 de abril e morava na capital argentina havia cerca de cinco meses.

No dia em que desapareceu, Danilo fez contato com amigos e avisou que iria encontrar uma pessoa, um chileno que conheceu por meio de um aplicativo de relacionamentos. Mas parou de responder mensagens. A última informação que ele compartilhou foi a localização com o endereço do homem, no centro de Buenos Aires.

Segundo o jornal *La Nación*, Danilo deu entrada, em 15 de abril, no hospital Ramos Mejía, na capital argentina, “devido a uma

descompensação psicotrópica causada pelo uso de cocaína”. Ele estava sem identificação e teria morrido no mesmo dia.

Um amigo de Danilo ouviu pelo *La Nación* afirmou que conseguiu encontrar e conversar com o “jovem chileno” com quem o professor esteve antes de desaparecer. Teria escutado que o brasileiro teve com o homem “uma pequena discussão, mais ou menos na mesma hora em que enviou a última mensagem”.

Até a noite de domingo não havia informações sobre o paradeiro do professor, que deu aulas de inglês no Centro de Idiomas da Universidade Federal de Goiás (UFG) por 12 anos — entre 2010 e 2022. Antes de se mudar para Buenos Aires, Danilo morou no Rio de

Janeiro, onde cursava um doutorado em linguística aplicada e defenderia a tese nas próximas semanas.

Em nota, o Centro de Línguas da UFG lamentou a morte de Danilo. “Sua trajetória foi marcada pelo compromisso com a educação, pelo profissionalismo e pelo respeito com que conduzia seu trabalho”, afirmou a UFG.

Formado pela própria Universidade Federal de Goiás, onde também concluiu o mestrado em letras e linguística, era reconhecido por colegas e estudantes pela dedicação e seriedade na atuação acadêmica. “Danilo construiu uma trajetória admirável, sendo reconhecido por colegas e estudantes por sua dedicação e seriedade”, afirmou a instituição.

Instagram pessoal



Danilo deu entrada sem identificação em um hospital de Buenos Aires

VIOLÊNCIA

Mãe de Henry Borel se entrega e volta à cadeia

Monique Medeiros da Costa e Silva — ré no processo em que responde pelo homicídio do filho, Henry Borel, então com quatro anos — se entregou, ontem, à 34ª Delegacia de Polícia (Bangu), na Zona Oeste do Rio de Janeiro, para cumprir determinação do ministro Gilmar Mendes, do Supremo Tribunal Federal (STF). Depois de exame de corpo de delito e audiência de custódia no Instituto Penal Oscar Stevenson, em Benfica, na Zona Norte, seguiu para a Penitenciária Talavera Bruce, no Complexo de Gericinó, na Zona Oeste carioca.

O presídio é o mesmo onde estava presa quando teve o relaxamento da prisão concedido pela juíza Elizabeth Machado Louro, em 23 de março. Na ocasião, o julgamento de Monique e do ex-vereador Jairo Souza Santos Júnior, o Dr. Jairinho, foi adiado para 25 de maio, depois que a equipe de advogados dele abandonou o plenário.

Com o adiamento, a defesa de Monique pediu o relaxamento da prisão por entender que ela foi prejudicada com o atraso provocado pela mudança de datas. O pedido foi atendido e, no dia seguinte, ela deixou a penitenciária.

Mas, na sexta-feira, Gilmar Mendes restabeleceu a prisão preventiva de Monique. A decisão foi uma resposta à Procuradoria-Geral da República (PGR), que pediu que ela voltasse à penitenciária, após reclamação encaminhada por Leniel Borel, assistente de acusação e pai de Henry Borel.

Na madrugada de 8 de março de 2021, Monique e Jairinho levaram a criança a um hospital particular, alegando que ele tinha sofrido um acidente doméstico ao cair da cama no apartamento do casal. Henry não resistiu aos ferimentos e morreu.

O laudo da necropsia do Instituto Médico Legal (IML) indicou 23 lesões por ação violenta sofridas pela criança, incluindo laceração hepática e hemorragia interna. A investigação apontou que Henry era vítima de uma rotina de torturas praticadas por Jairinho e que Monique tinha conhecimento das agressões.

Os dois foram presos em abril de 2021 e denunciados pelo Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MP-RJ). Jairinho responde por homicídio qualificado e Monique, por homicídio e omissão de socorro.

Segundo um dos advogados de Monique, ela se entregou em cumprimento à decisão do ministro do STF. Disse, ainda, que a defesa apresentou dois embargos de declaração a Gilmar, sendo que e um deles alega que a cliente sofreu ameaças no sistema prisional. Foi rejeitado.

» Influenciadora cúmplice de MC

A influenciadora Deolane Bezerra, alvo da Operação Integration por lavar dinheiro de rifas e bets ilegais, é apontada como operadora de um esquema de ocultação e branqueamento de ativos a serviço do crime organizado sob chefia de MC Ryan SP, que entrou na mira da Polícia Federal na Operação Narco Fluxo e foi preso em 15 de abril. Investigadores afirmam ter reunido indícios para detalhar a participação de Deolane no esquema, no qual ela atuaria como “conta de passagem” para a movimentação de recursos que, segundo a PF, alcançou R\$ 1,6 bilhão com plataformas de apostas ilegais.



7 • Correio Braziliense — Brasília, terça-feira, 21 de abril de 2026

Bolsas Na segunda-feira	Pontuação B3 IBOVespa nos últimos dias	Dólar Na segunda-feira	Salário mínimo Últimos	Euro Comercial, venda na segunda-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,2% São Paulo	197.738 15/4 16/4 17/4 20/4	R\$ 4,974 (-0,18%)	14/abril 4,993 15/abril 4,992 16/abril 4,992 17/abril 4,983	R\$ 1.621	14,65%	14,50%	Novembro/2025 0,18 Dezembro/2025 0,33 Janeiro/2026 0,33 Fevereiro/2026 0,70 Março/2026 0,88

MINERAÇÃO

Empresa dos EUA compra Serra Velha

Operação de US\$ 2,8 bilhões permite a exploração de terras raras em mina de Goiás, que deixará parceria com a China

» VINICIUS DORIA
» VANILSON OLIVEIRA

Chineses fora

A mineradora USA Rare Earth anunciou, ontem, que fechou um acordo definitivo para comprar 100% do grupo brasileiro Serra Verde, dono da única planta comercialmente ativa de mineração e beneficiamento de terras raras pesadas críticas (ETRPs, na sigla em inglês) fora da Ásia. A mina Pela Ema, na cidade goiana de Minaçu (a 250km de Brasília), extrai em larga escala as quatro ETRPs de mais alto valor para as indústrias de tecnologia e energia: disprósio (Dy), térbio (Tb), praseodímio (Pr) e neodímio (Nd).

Esses quatro metais são essenciais para a produção de ímãs permanentes usados em veículos elétricos, turbinas eólicas, robótica, drones e aparelhos de ar-condicionado de alta eficiência, além de aplicações tecnológicas avançadas nos setores de semicondutores, defesa, nuclear, aeroespacial e outros segmentos estratégicos.

A compra da Serra Verde está estimada em US\$ 2,8 bilhões. Segundo a USA Rare Earth, a operação de aquisição será paga com US\$ 300 milhões em dinheiro mais a emissão de 126,849 milhões de ações da mineradora americana. O acordo também assegura preços mínimos e a compra de toda a produção por 15 anos, o que reduz o risco dos investimentos diante de oscilações das cotações internacionais. A aquisição deve ser concluída no terceiro trimestre deste ano e dará, aos novos controladores, condições de verticalizar a operação na América Latina — “da mina ao ímã” — e reduzir a dependência do fornecimento da China.

“As operações de mineração e processamento da Serra Verde terão um papel central no estabelecimento da primeira cadeia de suprimentos de terras raras da mina ao ímã fora da Ásia”, informou a mineradora brasileira, em comunicado público. O diretor de Operações do Grupo Serra Verde, Ricardo Grossi, avia que o acordo tem importância estratégica e reforça o Brasil como potência do setor de minerais críticos.

“Esses marcos são um ponto positivo significativo para o Brasil e demonstram a capacidade do país de desempenhar um papel de liderança no desenvolvimento das cadeias globais de suprimentos de terras raras”, disse Grossi.

A operação foi bem recebida por investidores internacionais. Ontem, as ações da USA Rare Earth registraram alta de 13% na Nasdaq, a Bolsa de Valores do setor de Tecnologia dos Estados Unidos.

A conclusão das negociações entre a mineradora brasileira e a USA Rare Earth era esperada pelo mercado desde que o CEO do Grupo Serra Verde, Thras Moraitis — que assumirá a presidência da empresa resultante da aquisição — informou, no fim do ano passado, que deixaria de fornecer os metais críticos a clientes chineses a partir do fim deste ano. A antecipação do encerramento dos contratos de suprimento — que tinham duração de 10 anos — foi anunciada pela própria empresa brasileira, em dezembro do ano passado, abrindo caminho para novos acordos comerciais. Desde o início das operações da mina Pela Ema, em 2024, quase toda produção da planta da Serra Verde é destinada a compradores da China.

Em fevereiro deste ano, o governo dos Estados Unidos aprovou um financiamento de US\$ 565 milhões à Serra Verde, por meio da Cooperação Financeira dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (DFC). Uma parte desse dinheiro será usada para aumentar a produção em Minaçu, que deve chegar, em 2027, a 6,5 toneladas anuais — metade da oferta disponível de terras raras pesadas fora da China.

Parcerias

A operação integra a política da Casa Branca de criar uma cadeia global confiável de fornecimento de terras raras para reduzir a dependência da produção da China, que detém 70% das reservas globais e mais de 90% do beneficiamento desses minerais críticos.

As terras raras também são item estratégico na pauta de negociações do governo brasileiro com a Casa Branca em relação a tarifas e acordos comerciais. Detentor da segunda maior reserva global desses metais, o Brasil usa essa posição como trunfo nas negociações, que ainda estão em curso, acenando com a possibilidade de abrir ainda mais o mercado nacional para investidores dos Estados Unidos.

Elas também estão na mira de governos e investidores europeus.

Ontem, Brasil e Alemanha assinaram, em Hannover, uma declaração conjunta de intenções para ampliar a cooperação científica e tecnológica na área de minerais críticos e estratégicos.

O governo já havia assinado outro acordo, na sexta-feira, com a Espanha, para desenvolvimento, mineração, refino, gestão ambiental, uso de tecnologias digitais e troca de conhecimentos na área de terras raras.

Divulgação/Serra Verde



A mina goiana, que hoje tem parceria chinesa, extrai em larga escala quatro terras raras de mais alto valor para as indústrias de tecnologia e energia



Esses marcos são um ponto positivo significativo para o Brasil e demonstram a capacidade do país de desempenhar um papel de liderança no desenvolvimento das cadeias globais de suprimentos de terras raras”

Ricardo Grossi, diretor de Operações do Grupo Serra Verde

Projetos avançam na Câmara

A partir desta semana, a Câmara dos Deputados passa a discutir uma série de propostas voltadas para terras raras. Amanhã será votado o Projeto de Lei 2.780/2024, que institui a Política Nacional de Minerais Críticos e Estratégicos (PNMCE) e cria o Comitê de Minerais Críticos e Estratégicos (CMCE), vinculado ao Conselho Nacional de Política Mineral. O projeto é de autoria do deputado federal, Zé Silva (Solidariedade-MG).

No último dia 10, a bancada do PT protocolou o Projeto de Lei (PL) 1754/2026, que cria a Empresa Brasileira de Mineração de Terras Raras (Terrabras), uma empresa pública, responsável pela pesquisa e exploração de minerais estratégicos e institui o regime de partilha, com pelo menos 50% da produção destinada à empresa.

A proposta prevê que a União passe a ser sócia direta da exploração, recebendo parte da produção dos minerais extraídos, com participação nos lucros que podem

variarem entre 10% e 80%. O projeto adota o regime de partilha da produção mineral nos moldes do pré-sal, ampliando a participação do Estado no setor. Outro ponto do texto é que a TerraBras passaria a ser vinculada ao Ministério de Minas e Energia (MME), substituindo a Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM).

Em um cenário de disputa global por recursos estratégicos, o texto impõe regras para impedir que os insumos cheguem em mãos erradas, que sejam destinadas para fabricação de material bélico, por exemplo, ou qualquer atividade de defesa contrária à soberania nacional.

Ao defender a matéria, o líder da bancada na Câmara, deputado Pedro Uczai (PT-SC), disse que o PL vai contribuir para a geração de empregos. A bancada defende ainda, a defesa dos minérios e da soberania do país, principalmente depois das declarações do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), que, durante sua participação, no mês

passado, na Conservative Political Action Conference (CPAC), declarou que o Brasil é “a solução para os Estados Unidos quebrar a dependência da China por minerais críticos, especialmente terras raras”. Na ocasião, ele chegou a afirmar que, sem as terras raras o mundo fica vulnerável. “Quando os Estados Unidos ficam vulneráveis, todo o mundo livre fica vulnerável.”

Quem também apresentou um projeto foi o deputado federal Rodrigo Rollemberg (PSB-DF). A criação da estatal Terra Raras Brasileiras S.A. (Terrabras) visa fomentar pesquisa, exploração, beneficiamento, industrialização e comercialização de terras raras, minerais estratégicos e minerais críticos. O projeto prevê a criação de polos industriais para reduzir a dependência externa, assim como potencializar a produção. O diferencial deste PL para o do PT está, principalmente, no que diz respeito à participação nos lucros da União. O projeto de Rollemberg não especifica porcentagem.

Apple/Reprodução



Saída de Cook, CEO da empresa por 13 anos, foi aprovada por unanimidade

TECNOLOGIA

Tim Cook deixará comando da Apple

A Apple anunciou que Tim Cook vai deixar o cargo de CEO para se tornar presidente do Conselho de Administração da Apple. O atual vice-presidente sênior de Engenharia de Hardware, John Ternus, vai assumir como presidente executivo da empresa a partir de 1º de setembro de 2026.

A mudança foi aprovada por unanimidade pelo Conselho de Administração da Apple, segundo

comunicado publicado no site da empresa. Cook e Ternus irão trabalhar juntos durante o verão no hemisfério norte para garantir uma “transição tranquila”. Como presidente do Conselho, Cook vai continuar atuando em “certos aspectos da empresa, incluindo o engajamento com formuladores de políticas em todo o mundo”, afirma, ainda, o texto.

Atuando na Apple desde 1998,

Tim Cook passou a ocupar o cargo de CEO em 2011. Durante esse período, Cook supervisionou o lançamento de diversos produtos, como o Apple Watch e os AirPods, além de serviços como o iCloud e Apple TV. Ainda de acordo com informações divulgadas pela empresa, Cook quase quadruplicou a receita anual da Apple, de US\$ 108 bilhões em 2011 para mais de US\$ 416 bilhões em 2025, além de liderar um

aumento de mais de 1.000% na capitalização de mercado, de US\$ 350 bilhões para US\$ 4 trilhões.

Já John Ternus ingressou na empresa em 2001, se tornando vice-presidente de engenharia de hardware em 2013. Segundo o comunicado, o trabalho de Ternus foi fundamental na introdução de diversas novas linhas de produtos como iPhones, iPads, MacBooks e AirPods.

COMÉRCIO EXTERIOR

Biocombustível testado na Alemanha

Em encontro com Merz, Lula defendeu o produto brasileiro como saída para a descarbonização e questionou a resistência europeia

» FERNANDA STRICKLAND

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou, ontem, que o Brasil reúne condições para assumir protagonismo global na transição energética, ao defender o potencial dos biocombustíveis e criticar regras ambientais adotadas pela União Europeia. Na Alemanha, onde participou da Feira Industrial de Hanôver e do Encontro Econômico Brasil-Alemanha, Lula propôs uma comparação internacional das emissões de combustíveis usados em veículos pesados, como caminhões.

Segundo o presidente, o Brasil possui vantagens competitivas na produção de energia limpa, especialmente com o uso de etanol e biodiesel. Lula afirmou que a Europa precisa superar o que chamou de "resistência ideológica" aos biocombustíveis brasileiros.

Para comprovar o que disse, Lula cumpriu o desafio feito em outubro do ano passado, durante a COP30, e levou o Be8 BeVant — um combustível produzido a partir de matérias-primas renováveis como óleo de soja, canola, girassol, gorduras animais e óleos reciclados — para ser testado em um caminhão de fabricação alemã para aferir as emissões de dióxido de carbono (CO₂). "A recente alta nos preços do petróleo mostra que está mais do que na hora de a Europa superar sua resistência ideológica aos biocombustíveis. São opções baratas, confiáveis e eficientes para descarbonizar o setor de transporte. O Brasil é capaz de produzir etanol e biodiesel sem comprometer a produção de alimentos e áreas de florestas", completou.

Ele também criticou propostas em discussão no bloco europeu

Ricardo Stuckert / PR



Antes do Encontro Brasil-Alemanha, Merz visitou, com Lula, o stand brasileiro na Feira de Hanôver, onde entrou em uma Kombi e testou o biocombustível

que, segundo ele, desconsideram práticas sustentáveis adotadas no país e podem criar barreiras à entrada de produtos brasileiros.

"A União Europeia está revisando o seu regulamento sobre biocombustíveis. Estão na mesa propostas que ignoram práticas de sustentabilidade no uso do solo brasileiro. Também entrou em vigor em janeiro o mecanismo unilateral de cálculo de carbono que desconsidera o baixo nível de emissões do processo produtivo brasileiro

baseado em fontes renováveis", afirmou. Para o presidente, essas iniciativas podem restringir a oferta de energia limpa ao consumidor europeu em um momento crítico.

Lula argumentou, ainda, que os critérios europeus não levam em conta fatores como a eficiência do etanol de cana-de-açúcar e o uso de fontes renováveis no processo produtivo, o que pode gerar distorções na classificação ambiental dos combustíveis. Na prática, disse, isso pode fazer com que

produtos brasileiros, mesmo com menor emissão, sejam considerados menos sustentáveis.

Ao destacar a matriz energética nacional, o presidente afirmou que cerca de 90% da eletricidade brasileira é proveniente de fontes renováveis. "Nós, no Brasil, estamos dispostos a deixar de ser um país em vias de desenvolvimento e queremos nos tornar um país desenvolvido. E não jogaremos fora as oportunidades da transição energética que está colocada para o

mundo. Quem quiser produzir com energia mais barata e com energia verdadeiramente limpa, procure o Brasil, que nós temos espaço e oportunidade para quem quiser apostar no futuro", disse.

Livre-comércio

Lula defendeu o avanço do acordo entre Mercosul e União Europeia e pediu maior engajamento do setor privado para viabilizar sua implementação definitiva

após décadas de negociação. "Conto com o engajamento do setor privado para garantir que a vigência provisória do acordo seja transformada em vigência permanente. Precisamos que os setores favoráveis ao acordo falem mais alto que os que se opõem, sobretudo na Europa", afirmou.

O presidente também ressaltou a importância da Alemanha como principal parceiro comercial do Brasil na Europa e destacou a presença de mais de 1.200 empresas alemãs em território brasileiro. O país é o quarto maior parceiro comercial do Brasil, com fluxo comercial bilateral de US\$ 20,9 bilhões no ano passado.

Em sintonia com Lula, o chanceler da Alemanha, Friedrich Merz afirmou que não vê a parceria com o Brasil apenas em termos econômicos, mas também como uma cooperação estratégica na manutenção de um mundo baseado em regras. "Compartilhamos com o Brasil um interesse fundamental em uma ordem política na qual possamos confiar em acordos, possamos contar com tratados, possamos contribuir para a resolução conjunta de problemas globais e, acima de tudo, desejamos resolver conflitos somente por meios pacíficos", disse Merz.

Ele acrescentou que o Brasil tem um grande potencial para ampliar o fornecimento de metais críticos, acrescentando que a Alemanha pode fornecer a tecnologia. "Há oportunidades significativas na extração econômica de certos metais necessários para a mobilidade eletrônica e turbinas eólicas", disse Merz. "A Alemanha está preparada para apoiar o Brasil com conhecimento tecnológico e experiência, a fim de expandir ainda mais essas relações", acrescentou.



Propriedade Intelectual na Agenda Pública: O que está em jogo para a Saúde?



Inscrições gratuitas!

Acompanhe o evento presencialmente no Correio Braziliense

MAIO

4

auditório do Correio Braziliense

A partir das 9h

Buscando promover uma discussão qualificada sobre os rumos da propriedade intelectual no Brasil, o Correio Braziliense e a Interfarma promoverão o evento **"Propriedade Intelectual na Agenda Pública: O que está em jogo para a saúde?"**, no formato de Summit.

Além de contribuir para a desmistificação do assunto, o encontro também propõe um olhar atento aos principais gargalos que dificultam a chegada da inovação no país – um desafio central para o desenvolvimento sustentável e o acesso a novas tecnologias.

Realização:



Promoção:





Donald Trump avisa que ultimato dado a Teerã para aceitar cessar-fogo termina amanhã e sinaliza indisposição em ampliar limite. Presidente do Parlamento iraniano avisa que seu país "mostrará novas cartas", se guerra for retomada

Trump ameaça não estender prazo ao Irã

» RODRIGO CRAVEIRO

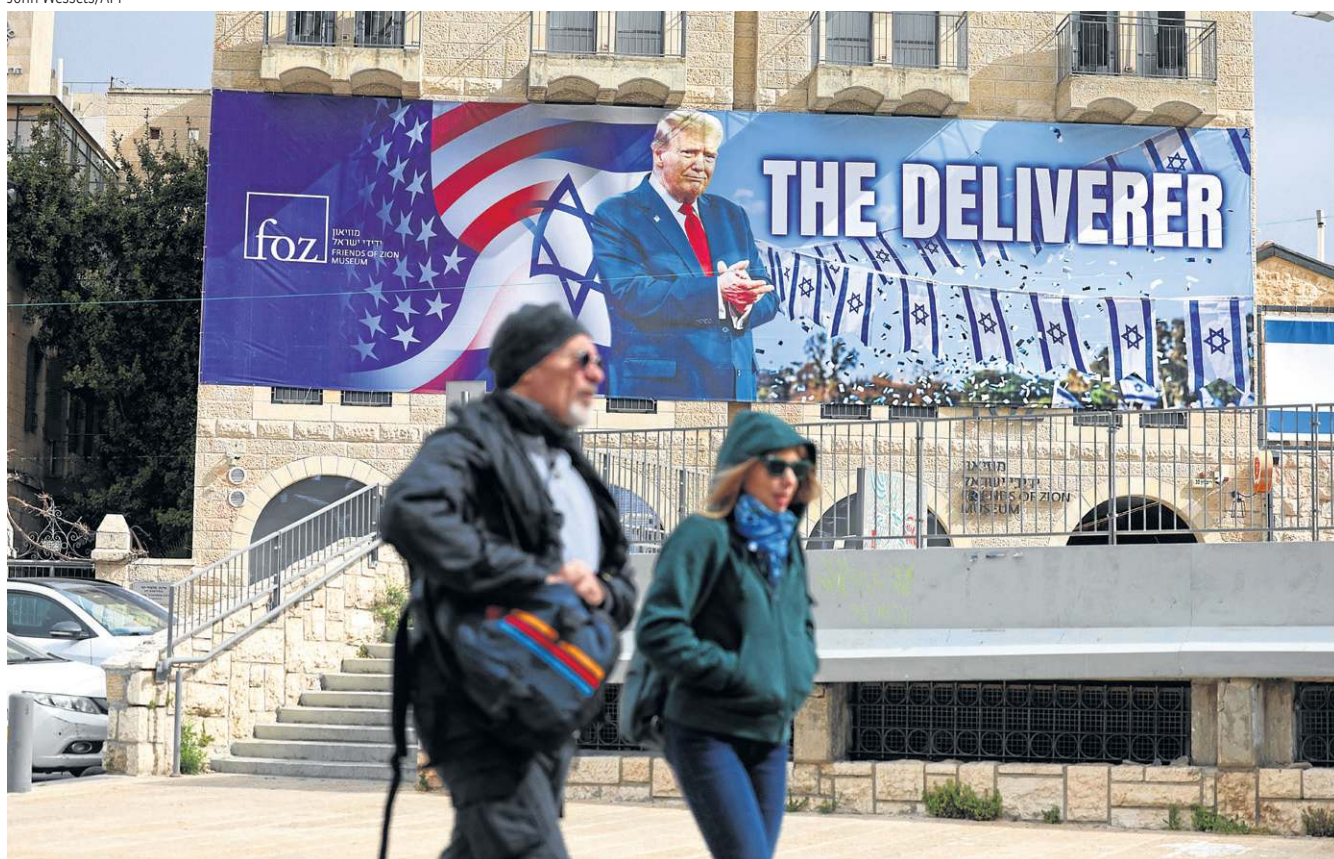
Um clima de suspense pairava, ontem, sobre o cessar-fogo entre Washington e Teerã. Os Estados Unidos enviaram a Islamabad, capital do Paquistão, uma delegação chefiada por J.D. Vance, número dois da Casa Branca. O Irã, por sua vez, não confirmou a participação na nova rodada de negociações. Um primeiro contato de alto nível entre os dois países terminou em fracasso, em 11 de abril passado. As possíveis novas tratativas esbarram no mal-estar causado pela interceptação do cargueiro MV Touzka, que sofreu disparos e foi invadido por marines (fuzileiros navais dos EUA), no Mar da Arábia.

O presidente americano, Donald Trump, avisou que o prazo dado aos iranianos para aceitarem um acordo de cessar-fogo termina na noite desta quarta-feira (amanhã) e que é "altamente improvável" o anúncio de novo ultimato. A trégua começou em 8 de abril e teria duração de duas semanas. "Não temos nenhum plano para a próxima rodada de negociações e nenhuma decisão foi tomada a esse respeito (sobre a ida a Islamabad)", anunciou o porta-voz da chancelaria iraniana, Esmail Baghaei. Trump disse ao site Bloomberg que, se o cessar-fogo acabar sem um pacto de paz, "começarão a explodir muitas bombas".

Na noite de ontem, o líder do Parlamento iraniano, Mohammad Bagher Ghalibaf, sinalizou que seu país mostrará "novas cartas no campo de batalha", no caso de recomeço da guerra. "Não aceitamos negociações sob a sombra de ameaças e, nas últimas duas semanas, estivemos nos preparando para mostrar novas cartas no campo de batalha", escreveu Ghalibaf, principal negociador iraniano, na rede X.

Com a apreensão do cargueiro de Teerã, os preços do petróleo tornaram a subir. O regime de Teerã acusa os Estados Unidos de emitirem sinais confusos nos últimos dias. Trump também antecipou que seu governo não suspenderá o bloqueio imposto a portos iranianos e ao Estreito de Ormuz, enquanto o regime teocrático islâmico não avalizar um pacto para pôr fim à

John Wessels/AFP



Outdoor estampado em Jerusalém com a fotografia de Trump e o termo "O Libertador": alusão à campanha militar no Irã



O bloqueio, que não suspenderemos até que haja um 'acordo', está destruindo completamente o Irã"

Donald Trump, presidente dos Estados Unidos

guerra. "O bloqueio, que não levantaremos até que haja um 'acordo', está destruindo completamente o Irã. Eles estão perdendo US\$ 500 milhões (cerca de R\$ 2,48 bilhões) por dia, uma cifra insustentável, mesmo no curto prazo", escreveu o líder republicano em sua plataforma Truth Social. O Estreito de Ormuz é responsável pelo escoamento de cerca de 20% do petróleo do mundo.

O presidente americano aproveitou para alfinetar os aiatolás. "A liderança iraniana forçou centenas de navios em direção aos Estados Unidos, principalmente Texas, Louisiana e Alasca, para obter petróleo", escreveu na Truth Social.

Professor de relações internacionais da Universidade de Brasília (UnB), Roberto Goulart Menezes lembrou ao **Correio** que, depois do fracasso das primeiras negociações em Islamabad, os Estados Unidos aumentaram o contingente militar na região. "O objetivo de Trump é o de controlar uma das margens do Estreito de Ormuz, embora todos os navios, praticamente, passem pela parte controlada pelo Irã. O que os EUA querem é dominar Ormuz, mas os iranianos não aceitam isso", declarou. "Ao apreender um navio de Teerã, Washington mostra disposição em ocupar parte do Irã com soldados. Isso eleva muito a tensão no Oriente Médio. Por

esse motivo, Trump precisa resolver logo o impasse com o Irã", advertiu.

De acordo com Menezes, os Estados Unidos reconhecem que a imposição de sua força não fará com que o Irã ceda às vontades e aos interesses de Washington. "Desde 28 de fevereiro, os EUA arrasaram com uma parte importante da infraestrutura iraniana e mataram uma parte importante da liderança do regime. O Irã segue em alerta máximo e deseja o fim da guerra, não apenas um cessar-fogo, além do reconhecimento da soberania sobre o Estreito de Ormuz", concluiu o professor da UnB.

Líbano e Israel

As delegações de Israel e Líbano se reunirão na quinta-feira, um dia depois do ultimato de Trump ao Irã, para tentar impulsionar um plano de paz. As negociações terão lugar no Departamento de Estado, em

» Conversas com o regime de Cuba

Apesar das tensões, Cuba e os Estados Unidos continuam suas conversas e "recentemente" realizaram em Havana discussões em alto nível diplomático, confirmou um funcionário do Ministério das Relações Exteriores cubano. "Recentemente foi realizado aqui em Cuba um encontro entre delegações dos dois países", afirmou Alejandro García, diretor de assuntos bilaterais Cuba-EUA da chancelaria, ao jornal oficial Granma, confirmando informações publicadas na imprensa americana. García, que se referiu às negociações como "um tema sensível" tratado com "discrição", destacou que a reunião ocorreu em alto nível diplomático: "Pela parte americana participaram secretários adjuntos do Departamento de Estado e, pela parte cubana, em nível de vice-ministro das Relações Exteriores". O jornal espanhol *El País* divulgou que os Estados Unidos exigem de Havana a libertação de dois presos políticos.

Washington, em nível de embaixadores. Para Habib Malik, professor aposentado de história da Universidade Libanesa Americana (em Beirute), a guerra cinética entre Israel e o movimento fundamentalista xiita Hezbollah parece longe do fim. "Muito trabalho ainda precisa ser feito para reduzir a capacidade do Hezbollah de construir e sabotar o processo", disse ao **Correio**.

O especialista libanês considera necessário afastar e expurgar elementos do Exército do Líbano leais ao Hezbollah. "A limpeza das fileiras da caserna, mesmo nos escalões mais altos, incluindo o comandante do exército, é um passo necessário para que o governo possa começar a implementar medidas concretas de segurança no terreno. Com a ajuda americana, isso pode ser alcançado", acrescentou Malik. O governo do Líbano informou que os ataques israelenses mataram 2.387 pessoas desde 2 de março.

Netanyahu quer punir ataque a imagem de Cristo

Arrependimento e dor. Os dois sentimentos foram expressados pelo primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, depois que um soldado do Exército judeu foi fotografado dando marretadas na cabeça da imagem de Jesus Cristo crucificado. A profanação ocorreu em Debel, cidade de maioria católica maronita situada na província de Nabatiye, no sul do Líbano, no último domingo. "Como Estado judeu, Israel valoriza e mantém os valores judaicos de tolerância e respeito mútuo entre judeus e adoradores de todas as fés. (...) Ontem (domingo), como a esmagadora maioria dos israelenses, fiquei atônito e entristecido ao saber que um soldado das IDF (Forças de Defesa de Israel) danificou um ícone religioso católico no sul do Líbano. Condono o ato nos termos mais fortes", afirmou o premiê, em rara mensagem. "As autoridades militares estão conduzindo uma investigação criminal sobre o assunto e tomarão medidas disciplinares adequadamente rigorosas contra o infrator", acrescentou.

Em entrevista ao **Correio**, o padre Fadi Felfeli, da Igreja de São Jorge, em Debel, confirmou a dessacralização. "A cruz do Senhor Jesus e o Homem crucificado foram profanados por um soldado do Exército israelense. O santuário da Cruz de Cristo está localizado em um jardim diante da

X/Reprodução



Soldado israelense usa marreta para golpear estátua de Jesus, em Debel, no Líbano

casa da família Al-Naddaf e fica nos arredores da cidade de Debel", explicou, por meio do WhatsApp. "Anunciamos a nossa rejeição a esse ato." Ao ser perguntado se

perdoava o militar judeu, o sacerdote respondeu: "Somos os filhos de Cristo, que perdoamos aqueles que o crucificaram, dizendo: 'Pai, perdoa-lhes, porque não

sabem o que fazem'", respondeu. "Portanto, perdoamos e pedimos que o santuário seja restaurado ao seu estado anterior."

Antecedentes

De acordo com o padre Felfeli, este não foi o primeiro registro de profanação de locais sagrados dos maronitas no sul do Líbano. "Duas semanas atrás, eles (israelenses) arrasaram o santuário de Mar Yousef, em Qouzah; invadiram uma igreja na cidade de Deir Mimas; e destruíram um templo dedicado à Virgem Maria. Para mim, são atos que detonam intolerância e extremismo religioso."

Moradora de Debel e católica maronita, Milia Louka, 35 anos, afirmou ao **Correio** que os fiéis têm o costume de erguer estátuas sacras em frente às suas casas. "Ficamos chocados com o que ocorreu aqui. Não é algo aceitável para nós. Os israelenses também bombardearam 17 locais na nossa cidade. Pessoalmente, defendendo a punição do soldado que profanou o Cristo. Mas, como cristã, sei que somente Deus pode julgá-lo", comentou. "Somos humanos, e nada temos a ver com essa guerra. Desde o início, dissemos que queríamos a paz, mas somos nós que estamos pagando o preço. Não entendemos por que fomos atacados." (RC)

Guerra de memes

X/Reprodução



Com a inteligência artificial (IA), o Irã produz vídeos satirizando Trump e os EUA, no formato de Lego. "A internet tem sido um campo de guerra; agora, vemos como o roubo da cultura para alimentar a IA nos torna inseguros e vulneráveis, permitindo que nossa cultura seja usada como arma contra nós", explicou ao **Correio** Emma Bryant, especialista em propaganda da Universidade de Notre Dame. "É fácil para o Irã mobilizar ressentimento contra os EUA durante uma guerra tão impopular. Trump facilita isso ao disseminar ameaças que ressoam na base de apoiadores, as quais reforçam inadvertidamente a narrativa iraniana de brutalidade norte-americana."

VISÃO DO CORREIO

Brasília sob o desafio da longevidade

O tempo das pessoas e o das cidades seguem dinâmicas próprias. E, ao coexistirem, encontram-se em aspectos que tendem a ser cruciais para todas elas. Levantamento recém-divulgado pelo IBGE é ilustrativo nesse sentido. A nova Pnad contínua revela que, de 2012 a 2025, a população de idosos no país subiu 58,7% — maior patamar da série histórica — e que o número de brasileiros que moram sozinhos mais que dobrou — com destaque para as mulheres. Trata-se de confluência que mexe com os indivíduos e as estruturas: se novas formas de existência se avolumam no país, espera-se que as urbes correspondam a elas.

Brasília chega aos 66 anos imersa nesse processo e com algumas peculiaridades. Mesmo figurando entre as capitais mais novas do Brasil, tem população idosa expressiva que aumenta em ritmo mais acelerado que a média nacional: pulou de 8,4% para 13,9% no período analisado. Quanto aos reflexos habitacionais, 32,2% dos domicílios com uma pessoa são ocupados por idosos.

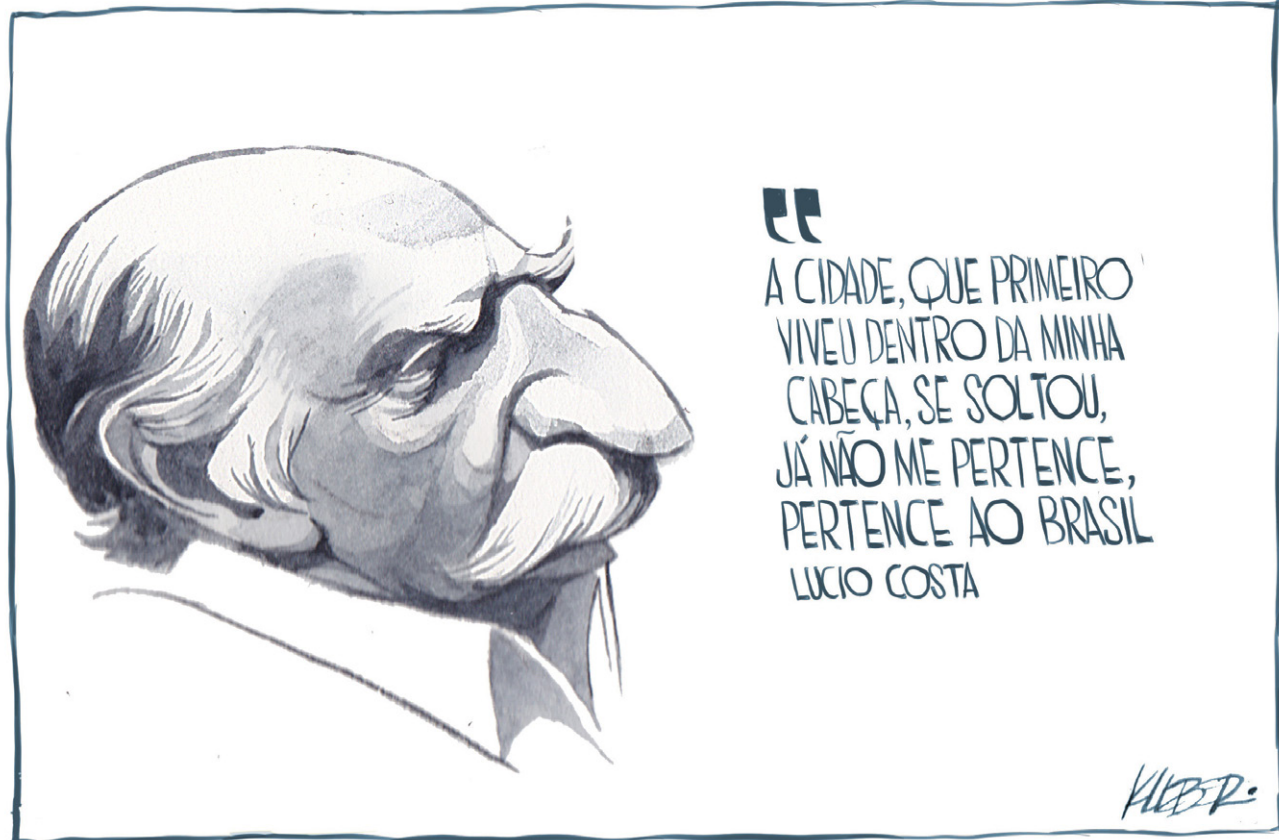
De forma geral, o percentual de imóveis quitados vem caindo, os prédios vão se sobressaindo sobre as casas, e a cidade referência em planejamento urbano moderno vê-se obrigada a se adaptar com pouco tempo de vida. Ao **Correio**, a arquiteta e urbanista Ivelise Longhi ressaltou que é imperioso que esses ajustes contem com a participação popular. “Você tem que trazer a sociedade para participar e fazer com que as pessoas se sintam protagonistas, porque uma cidade não acontece sem pessoas.”

A mudança em curso da pirâmide etária exige de Brasília e do resto do país reconfiguração da mobilidade urbana, dos serviços e dos produtos, a reestruturação do sistema de saúde, ajustes ao envelhecimento da força de trabalho e a sustentabilidade previdenciária, entre outros desafios. Isso considerando as múltiplas realidades sociais, econômicas e culturais que coabitam este país.

Enquanto há uma Região Norte que permanece com a população mais jovem e enfrenta o dilema de avançar economicamente sem ferir princípios de produções modernas e ambientalmente responsáveis, há um Sudeste com a maior concentração de idosos, grandes centros urbanos e dificuldades estruturais para garantir qualidade de vida em cenários de inchaço populacional. O mesmo Norte tem apenas 29,2% das pessoas vivendo em domicílios com esgotamento sanitário por rede coletora, pluvial ou fossa séptica ligada à rede. Realidade para 50,9% de quem vive no Nordeste; 65,8% no Centro-Oeste; 71,1% no Sul; e 90,4% no Sudeste. Cabe lembrar que sobram evidências científicas ligando o acesso ao saneamento básico ao aumento da expectativa de vida.

Também impulsiona a longevidade viver em espaços seguros; e, mais uma vez, a Pnad Contínua retrata a complexidade da realidade brasileira. Em uma sociedade em que homens jovens perdem a vida nas mais diversas expressões da violência urbana, as mulheres chegam em maior representatividade à velhice, mas sobrevivendo a uma escalada a violência de gênero e a outros tentáculos do machismo estrutural — elas também são maioria nas ocupações informais e as principais cuidadoras, incluindo a assistência a outros idosos.

É intrincada, portanto, a rede de fatores ligados ao envelhecimento da população brasileira, e seu enfrentamento não se dá apenas por decreto. Sem a consciência coletiva de que a transição demográfica pode ser um momento de adaptações e oportunidades, cidades e pessoas tendem a caducar. Nesse sentido, impõe-se a Brasília um novo desafio: a capital que se tornará a unidade federativa mais envelhecida do país nos próximos 50 anos pode também ser referência em longevidade.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Cidade sonho

Em 23 de novembro de 1972, às 13 horas, desembarquei na Cidade Livre (Núcleo Bandeirantes) e contava 14 anos. Em 1970, meu pai veio a Brasília em busca de melhores dias, carregava o sonho de criar os filhos na nova capital — sete filhos, mais o casal. Aqui, estudei, trabalhei, criei meus filhos. Hoje, sou avô, tudo que tenho consegui aqui. Por isso, tenho tanto apego à cidade que outrora foi escolhida por meu pai. Parabéns, Brasília. Cidade sonho de muitos brasileiros.

» **Valdecir Nunes**

Vicente Pires

Tempero à vida

Um sonho de grandeza fez asas escoando emoções. Lapidou o pôr do sol do Paranoá. Plantou flores e ternuras nas praças. Deu braços de aço aos calejados pioneiros. Cobriu quadras com botões de rosas, colibris e sabiás. Dos cantos dos concretos nasceram álbuns de família. No caminho traçado pelo dedo da eternidade, ilusões criaram raízes e esperanças. Encantada e esculpida de arrojos. Aos 66 anos, Brasília tempera e energiza a vida dos que te amam.

» **Vicente Limongi Netto**

Asa Sul

Desenho único

Faz 66 anos, Brasília é uma cidade com desenho único. Planejada por Lucio Costa, a cidade é organizada, moderna e diferente. Devido a isso, muita gente acredita ser uma cidade mística e criada em cima de profecias. No entanto, independentemente da crença, Brasília é encantadora por seus monumentos e características ímpares. Parabéns, Brasília, pelos 66 anos de beleza e encantamento! Viva!

» **José R. Pinheiro Filho**

Asa Norte

Brasília “farma aura” todo dia!

Dia desses, um amigo que resistiu às redes sociais (ele não tem nenhuma) me perguntou o que significa “farma aura”, pois sua filha utiliza constantemente essa expressão e ele, com vergonha de perguntar a ela, recorreu a mim. Como eu convivo com adolescentes, costume estar atualizado em relação a esse aspecto. Farma é uma gíria do universo gamer que significa acumular recursos, enquanto aura, nesse contexto, é o mesmo que “presença”. Farma aura, expliquei a ele, significa fazer algo legal, estiloso, digno de admiração e de destaque, assim como a nossa Brasília: bela, exuberante, que não se cansa de farma aura todos os dias!

» **Aílon Pedrosa**

Águas Claras

Exemplo de integração nacional

Ao comemorarmos os 66 anos de Brasília, é impossível não refletir sobre a grandiosidade do sonho de Juscelino Kubitschek, que hoje pulsa como uma realidade vibrante no Planalto Central. Mais do que um marco arquitetônico de Oscar Niemeyer e um traçado urbanístico de Lucio

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

BRASÍLIA, CIDADE ABENÇOADA

Em meio ao Cerrado, vasto, altaneiro,

Ergue-se Brasília, cidade abençoada,

Um sonho audacioso, projeto pioneiro,

Nas mãos de arquitetos, consagrada.

Na Esplanada, a Catedral acolhedora,

Cujo espelho d’água reflete a beleza,

Símbolo da Fé, lar da Padroeira.

No Lago Paranoá, paz e pureza!

Pinceladas de verde-azul a cercam,

Palácios e Esplanada, poder e história.

Nas suas Asas, os ipês florescem,

Para o Brasil traçar sua trajetória.

Cidade planejada, ordenada, grandiosa,

Onde futuro e tradição se entrelaçam,

Brasília, joia rara, esplendorosa,

Nas superquadras, os destinos se abraçam.

Paccelli M. Zahler — Sudoeste



IRLAM ROCHA LIMA
irlam.rochabsb@gmail.com

Música em Brasília

Ao longo de seis décadas de existência, Brasília tem se destacado, também, como polo musical, enquanto parte do espectro da mais popular manifestação artística do país. Para tanto, é fundamental contar com instituições como a Escola de Música e o Clube do Choro, além de palcos para a apresentação de shows, que, em outros tempos, já foi em um maior número.

Um outro aspecto de grande importância é o fato de ser uma das unidades da Federação que, desde a década de 1960, mais tem revelado talentos nesse segmento. Aqui despontaram cantores, cantoras, grupos, bandas e instrumentistas que vieram a obter relevância no cenário da música popular brasileira (MPB).

O primeiro deles foi Ney Matogrosso, ex-integrante do Madrigal de Brasília, que, depois de brilhar como vocalista do conjunto vocal Secos e Molhados, transformou-se numa reluzente estrela da MPB, que costuma arrebatar plateias onde se apresenta.

Depois, surgiu o menestrel Oswaldo Montenegro, após participação no Cabeças, de saudosa memória, inicialmente na 311 Sul e, posteriormente, no Parque da Cidade. O projeto revelou também Cássia Eller e Zélia Duncan, que

ainda soltavam a voz em casas noturnas. Foi em barzinhos, igualmente, onde Rosa Passos, para deleite dos espectadores, fazia recitais, antes de conquistar fãs no Brasil e no exterior.

Mas coube à geração roqueira dos anos de 1980 chamar a atenção do Brasil para o som que emergia da capital federal. As responsáveis pela criação dessa sonoridade foram as bandas Paralamas do Sucesso, Legião Urbana, Capital Inicial, Plebe Rude e, posteriormente, o Natiruts. Atualmente, quem se sobressai são os grupos de pagode Menos é Mais e Distintos Filhos.

No entanto, são cantores e cantoras os responsáveis por, nos dias de hoje, manter a música em alta no DF — não tanto quanto em outros tempos. A lista é grande, mas não se pode deixar de nomeá-los: Alberto Salgado, Alessandro Carlo, Beto Dourah, Breno Alves, Gustavo Bertoni, Hungria, Juninho Ferreira, Marcelo Café, Mário Salimon, Rodrigo Bezerra, Renato Mattos, Victor Angeleas, Vinicius Oliveira, Adriana Samartini, Bell Lins, Daniela Firme, Denise Oliveira, Dhi Ribeiro, Ellen Oléria, Flor Furacão, Larissa Humaitá, Letícia Fialho, Luanda Cozetti, Márcia Tauil, Renata Jambeiro, Taliz.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegará”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*	
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM	
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	R\$ 1.187,88	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine (61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp				
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empreito terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.				
Anúncios Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp				

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2588 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A. Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h / domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br

Onde o país se pensa e se constrói

» ROZANA REIGOTA NAVES
Reitora da UnB



papel singular da capital da República.

Essa trajetória também foi marcada por momentos de ruptura. Durante a ditadura militar, a UnB esteve entre as universidades atingidas pela repressão, com invasões ao câmpus, perseguições e demissões que comprometeram seu projeto original. Esses acontecimentos consolidaram a instituição como espaço de resistência e defesa das liberdades.

Essa história ajuda a compreender o papel que a UnB exerce no cenário atual e sua relação indissociável com Brasília — cidade que materializa, cotidianamente, os desafios e as possibilidades da democracia brasileira. Brasília não é apenas sede dos Poderes: é também espaço de convivência, criação e disputa, onde a democracia se expressa nas ruas, na arte, nos territórios e nos espaços coletivos.

Diante dos desafios do presente, ratificamos o compromisso com a liberdade acadêmica, a formação crítica e os valores democráticos. Por essa razão, a campanha institucional deste ano tem como lema “Democracia todos os dias: aprender, praticar, viver”. Inspirada na obra Olho no verde e vejo o azul, de Jayme Golubov (1997), patrimônio cultural instalado no prédio da Reitoria, a campanha dialoga com essa Brasília viva, diversa e plural, e representa um chamado à participação social, à responsabilidade coletiva e à defesa do Estado Democrático de Direito.

Na nossa gestão, esse compromisso tem se traduzido em ações concretas, alinhadas ao papel de Brasília como centro de decisão e também como território de participação social. Criamos o Comitê de Enfrentamento à Desinformação, com vistas a fortalecer a integridade da informação e contribuir para a qualificação do debate público.

Temos investido na área de inteligência artificial, com a implantação do Laboratório Institucional Multiusuário de IA e Supercomputação — iniciativa que amplia a capacidade nacional de desenvolvimento tecnológico, fortalece a soberania digital e projeta a universidade em agendas estratégicas para o país.

A atuação da universidade também se destaca na promoção da justiça socioambiental. Realizamos a Pré-COP 30 na UnB, reunindo instituições, grupos e centros de pesquisa em Brasília para debater a preservação dos nossos biomas, a produção de conhecimento e o desenvolvimento de soluções sustentáveis, contribuindo para a soberania ambiental, a valorização da sociobiodiversidade e o enfrentamento das mudanças climáticas.

No cenário internacional, a Universidade de Brasília integra a representação acadêmica na Aliança Global contra a Fome e a Pobreza, ao lado de instituições de referência mundial. A partir de Brasília, espaço de articulação política e diplomática, a universidade colabora por meio do conhecimento científico para o enfrentamento das desigualdades e a promoção da justiça social em escala global.

Ao celebrar seus 64 anos, junto aos 66 anos de Brasília, a UnB reafirma sua história e projeta seu futuro. Segue como espaço de pensamento crítico, diversidade, inclusão e transformação, essencial para o fortalecimento da democracia, para a defesa da ciência e da educação pública e para o desenvolvimento soberano do Brasil.

Parabéns à Universidade de Brasília e à capital da República. Uma história comum, construída como expressão de um mesmo ideal de país, que se materializa no fazer científico e na vivência democrática.

Brasília: uma crônica de duas cidades

» JAQUELINE GOMES DE JESUS
Psicóloga, professora do Instituto Federal do Rio de Janeiro e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro



Neste 21 de abril, a Universidade de Brasília (UnB) chega aos seus 64 anos, na mesma data em que se celebra o aniversário de Brasília, reafirmando o sentido político de sua existência. Criadas no mesmo gesto histórico, universidade e capital expressam um projeto de país: democrático, soberano e comprometido com a redução das desigualdades e com a promoção da justiça social.

Idealizada por Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, a UnB foi pensada como uma instituição capaz de tensionar a realidade, produzir conhecimento estratégico e formar cidadãos críticos. Inserida em uma capital concebida como símbolo de futuro, a UnB, desde sua origem, carrega o compromisso de atuar sobre os grandes desafios nacionais, articulando ciência, educação e transformação social em diálogo permanente com a sociedade.

Ao longo de sua história, a UnB consolidou-se como uma universidade pública de referência, profundamente conectada com Brasília. Sua atuação integra ensino, pesquisa e extensão, contribuindo de forma decisiva para o desenvolvimento científico, tecnológico e social e para a construção de políticas públicas orientadas pelo interesse coletivo, em sintonia com o

Brasília é, ao mesmo tempo, a cidade mais conhecida e a mais desconhecida do Brasil. Quem vive fora a enxerga pelo binóculo as decisões que ocorrem no entorno da Praça dos Três Poderes. Já quem mora na área urbana do Distrito Federal sabe que a vida acontece principalmente nas entrecruçadas e nas regiões administrativas, nas filas dos poucos ônibus e na travessia do Eixão. Nós, os brasilienses, somos um sujeito coletivo que está aprendendo a habitar uma cidade polinucleada que também é capital.

Nos últimos anos, esse estranhamento se tornou ainda mais evidente. Enquanto a mídia nacional trata Brasília como o tabuleiro onde se joga o futuro da democracia, o candango comum se preocupa com o metrô superlotado, com a calçada que sumiu sob o mato, com o posto de saúde que fechou mais cedo. Ser candango não é apenas uma bela herança etimológica dos pioneiros que chegaram com a poeira da construção. Ser candango é um ato político.

Conforme o IBGE, este território tem a maior desigualdade de renda do país, com 4,7% da população vivendo com menos de um quarto do salário mínimo per capita. Dados que não cabem no cartão-postal da cidade brasileira com o maior rendimento médio.

O turismo bate recordes. Segundo a Secretaria de Turismo do Distrito Federal, foram 111 mil visitantes estrangeiros em 2025, um salto superior a 60% em relação ao ano anterior. Dados da Embratur indicam que esse foi o melhor resultado da história, com destaque para as chegadas pelo Aeroporto de Brasília, que cresceram 78%. Muitos dos visitantes participam da Marcha das Mulheres Negras ou do Acampamento Terra Livre, assistem algum espetáculo no Mané Garrincha, e antes de irem embora postam, em sua rede social de preferência, uma foto ou vídeo em frente ao Palácio da Alvorada ou da Catedral. E tudo bem.

Brasília é uma obra em aberto que não se resume ao seu Plano Piloto. Ela se espalha por Ceilândia, Taguatinga, Samambaia, Planaltina, São Sebastião, por cada canto do DF onde se vive, cria-se e se resiste. Brasília, como território urbano, é bem maior do que os monumentos ao longo da Esplanada dos Ministérios.

Considero esse paradoxo uma potência. A cidade acolhe as dores cotidianas; a capital projeta os sonhos nacionais. Brasília nasceu da utopia. E a utopia, quando bem cultivada, vira cultura. Dos anos 70 aos 90, por exemplo, só para ficar com poucos nomes entre os vários significativos, a cidade fervilhou com a música de Liga Tripa, Legião Urbana, Capital Inicial, Cássia Eller, Renato Matos, Plebe Rude, Natiruts e GOG; com o teatro de Dulcina de Moraes, Hugo Rodas, Ribamar Araújo, Cláudio Falcão, Alexandre Ribondi e Madelon Cabral; com a literatura de Cassiano Nunes, Nicolas Behr, Anderson Braga Horta e Cristiane Sobral; com o cinema de Vladimir Carvalho e Afonso Brazza; artistas como Athon Bulcão, Seu Teodoro, Galeno, Gê Orthof, Toninho de Souza... Ufa!

Se pareciam poucos, faziam muito. ODF continua produzindo cultura, entretanto, muitos são os artistas e intelectuais que migram em busca de oportunidades. Faltam no quadradinho políticas públicas, de empregabilidade e cultura, inovadoras e financiadas com continuidade, não apenas enquanto editais intermitentes, e sim como um sistema que reconheça a capitalidade cultural como vetor de desenvolvimento tão importante quanto a capitalidade política.

A obra mais relevante na capital não é de concreto e vidro. É a própria sociedade civil, aquela dos movimentos por moradia que ocupam vazios urbanos; dos coletivos de cultura periférica que inventam festivais em quadras poliesportivas; das mães que organizam creches comunitárias; de todo brasiliense que se levanta para cuidar do que é comum, que reinventa a cidade diante da ausência do Estado, que costura vizinhanças e tece solidariedade.

Imagine-se os corredores culturais da cidade não servissem apenas para eventos pontuais, mas para intercâmbios artísticos permanentes entre as cinco regiões do país. Se as superquadras e as “cidades-satélites” abrigassem residências artísticas, se os teatros tivessem orçamento garantido, se os candangos consuissem a própria produção sem dependerem do selo de aprovação do eixo Rio-São Paulo. Não se trata de copiar ninguém. Trata-se de cuidar da originalidade que está aqui, na mistura de modernismo com a ginga de quem vem de todos os cantos do mundo para construir Brasília.

A cidade e a capital se reconhecerão quando não mais temerem o oxímoro que é Brasília: ao mesmo tempo local e nacional, periférica e central, moderna e popular. Esse encontro virá das calçadas, das feiras, das bibliotecas comunitárias, das rodas de samba, das batalhas de rima, da ocupação dos gramados e pilotis, das margens do Lago Paranoá, para que não haja só espaços de passagem, mas sobretudo de pertencimento, onde os atuais candangos criem mais territórios de afeto, para reinventarem, a cada dia, o sentido de viver na capital do Brasil.

Maurenilson Freire/CB/DA Press



Brasília completa 66 anos sob o desafio de cuidar do futuro

» MARIA FÁTIMA SOUSA
Professora titular do Departamento de Saúde Coletiva da Universidade de Brasília (UnB)



compromisso com a coletividade.

É nesse ponto que a vigilância cidadã se torna decisiva. Não como simples suspeita, mas como expressão madura de responsabilidade democrática. Vigiar a cidade é cuidar dela, acompanhar a gestão pública, exigir integridade, recusar o desvio de recursos, defender políticas sociais consistentes e afirmar que a vida pública não pode ser capturada pela indiferença, pelo privilégio ou pelo cálculo estreito de interesses. A vigilância cidadã é um gesto de pertencimento e de compromisso com o futuro.

Por sediar os Poderes da República, Brasília carrega um peso simbólico ainda maior. Aquilo que aqui se normaliza ecoa para o restante do país. O que aqui se corrige também pode irradiar esperança. Por isso, a capital não deve ser apenas centro administrativo ou palco institucional, precisa ser referência de convivência democrática, espaço de diálogo entre diferenças e território de produção de consensos mínimos, capazes de sustentar a vida pública em tempos de fragmentação, radicalização e descrença.

Essa reflexão se fortalece quando observamos os dados da Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios Ampliada, 2024. O Distrito Federal reúne hoje quase 3 milhões de habitantes em 35 regiões administrativas, realidade que ultrapassou há muito os horizontes originais do planejamento da capital. A mesma pesquisa mostra avanços importantes, como o amplo acesso à água, à internet e ao esgotamento sanitário, mas também evidencia desigualdades persistentes no cotidiano, como o descarte inadequado de entulho, esgoto a céu aberto, alagamentos em períodos de chuva e uma dinâmica urbana fortemente marcada pela concentração de trabalho no Plano Piloto e pela dependência do automóvel. Esses dados revelam que pensar o futuro de Brasília exige olhar além e enfrentar, com seriedade, os desafios da moradia, da mobilidade, da infraestrutura e da justiça territorial.

Cuidar de Brasília, portanto, exige uma convocação ampla, firme e generosa. É tarefa da sociedade civil, das universidades, de trabalhadores, da juventude, das mulheres, dos movimentos sociais, dos setores comprometidos com o desenvolvimento e dos gestores públicos que compreendem a política como serviço, e não como apropriação. Uma cidade do bem-viver não nasce pronta, nem se mantém viva sem o trabalho cotidiano de muitas mãos. Ela se constrói no cuidado consigo, com o outro e com o que pertence a todos.

Esse cuidado se expressa na defesa do serviço público de qualidade, na valorização da saúde, da educação e da cultura, na proteção do meio ambiente, na redução das desigualdades e na promoção de espaços mais humanos e inclusivos. Também se manifesta na recusa à apatia, na disposição para o diálogo e na escolha da solidariedade como prática social. Uma cidade só se torna verdadeiramente pública quando deixamos de ser meros espectadores e assumimos o protagonismo à reconstrução cotidiana.

Ao completar 66 anos, Brasília nos devolve uma pergunta simples e profunda: que cidade queremos daqui para frente? A resposta não virá apenas dos gabinetes, nem dos ritos comemorativos, nem de novos projetos urbanísticos. Ela nascerá da capacidade de reconstituirmos os vínculos que nos unem em torno de um destino comum e da coragem de recolocar no centro da vida pública valores que não podem ser negociados: ética, integridade, respeito à dignidade humana, justiça e responsabilidade com as futuras gerações.

Mais do que comemorar, este aniversário convida a retomar o sentido de futuro que marcou a criação de Brasília. Amar a cidade não é negar seus problemas, mas assumir o compromisso de enfrentá-los com firmeza, lucidez e generosidade. O que definirá os próximos anos da capital não será apenas a importância de sua imagem, mas a capacidade de construir, no dia a dia, um projeto comum para sua gente.

Brasília chega aos 66 anos como uma obra consagrada na paisagem e na memória nacional, mas ainda inacabada em seu sentido mais profundo. Não porque lhe falte forma, monumentalidade ou reconhecimento histórico, mas porque toda cidade que se pretende democrática precisa ser permanentemente refeita por seus habitantes, por suas instituições e por sua capacidade de sustentar valores públicos. Brasília não é apenas um feito arquitetônico, mas uma tarefa ética e política.

Nascida de um projeto de interiorização do país e erguida pelo trabalho de brasileiras e brasileiros de diferentes regiões, a capital traz em sua origem uma marca profundamente coletiva. Nos traços de Lucio Costa e Oscar Niemeyer, desenhou-se uma utopia moderna; nas mãos dos candangos, essa utopia ganhou corpo, voz e vida. Celebrar Brasília é, portanto, reconhecer aqueles que lhe deram humanidade e densidade social, muito além do concreto, das largas avenidas e dos monumentos que a tornaram singular no mundo.

Mas nenhuma cidade se sustenta apenas por sua beleza. Monumentos, sozinhos, não garantem justiça, pertencimento ou dignidade. Uma capital da República precisa ser medida também pela coerência entre suas instituições e as necessidades do povo, pela forma como protege a vida, valoriza o bem comum e faz prevalecer o interesse público sobre conveniências particulares. Quando esses princípios enfraquecem, a cidade perde algo de essencial: seu

Quando o cochilo é sinal de perigo



Sentir sono não é prejudicial, mas o cochilo prolongado significa que o repouso noturno não é reparador ou não tem qualidade

Adormecer ao longo do dia, especialmente pela manhã, pode ser um alerta silencioso do organismo de que há algo de errado. Pesquisadores acreditam que monitorar as sonecas ajuda a revelar problemas como apneia e doenças cardiovasculares

» PALOMA OLIVETO

Dormir alguns minutos depois do almoço costuma ser um hábito saudável e, em muitas culturas, quase obrigatório. Quando, contudo, os cochilos ao longo do dia se tornam longos, frequentes ou começam logo pela manhã, esse pode ser um alerta silencioso do organismo, especialmente em pessoas mais velhas. A constatação é de um estudo publicado na revista *Jama*, que acompanhou 1.338 adultos acima de 56 anos, com idade média de 81 anos, por quase duas décadas.

Embora estudos anteriores tenham encontrado associações semelhantes, os autores destacam que, geralmente, os dados eram relatados pelos pacientes. Agora, porém, os participantes foram convidados a usar dispositivos vestíveis, como relógios inteligentes, para medir objetivamente os períodos de sono durante o dia. Ao relacionar as informações a registros de saúde e mortalidade ao longo de 19 anos, os cientistas descobriram que cada hora adicional de cochilo esteve ligada a um aumento de 13% na mortalidade por todas as causas. A frequência também pesou: cada dormidinha extra por dia elevou o risco em 7%.

“Nosso estudo é um dos primeiros a mostrar uma associação entre padrões de cochilo medidos objetivamente e mortalidade, e sugere que há um imenso valor clínico em monitorar esses padrões para detectar problemas de saúde precocemente”, disse, em nota, Chenlu Gao, pesquisador de anestesiologia do Mass General Brigham, em Boston, e principal autor da pesquisa. Os autores alertam que o horário do cochilo foi o que mais chamou a atenção. Adultos que caíam no sono pela manhã — entre as 9h e o início da tarde — tiveram risco de morte 30% maior, em comparação com os que dormiam pós-almoço, a famosa sesta. Esse padrão pode refletir alterações mais profundas no organismo.

MEIO AMBIENTE

Floresta não vira savana, mas empobrece com incêndios

Resistente, a Floresta Amazônica não deve se tornar uma savana, como já foi citado por especialistas em clima e biodiversidade. Mas incêndios, secas severas e tempestades têm causado mudanças profundas no funcionamento do ecossistema, com empobrecimento da flora e da fauna, inclusive com risco de extinção de espécies. A conclusão é de um estudo que acompanhou, ao longo de duas décadas, áreas de transição entre Amazônia e Cerrado em Mato Grosso, submetidas a queimadas experimentais e a eventos climáticos extremos.

Publicada na revista *Pnas*, o estudo aponta que o futuro da floresta depende menos da sua capacidade de resistir a um único evento e mais de como ela responde à combinação de múltiplos distúrbios — um cenário cada vez mais comum com o avanço das mudanças climáticas e da pressão humana. “A mensagem é clara: precisamos proteger as florestas remanescentes, pois uma vez degradadas, grande parte dos seus serviços é perdida”, destaca Leandro Maracahipes, pesquisador da Universidade de Yale, em New Haven,

Três perguntas

MÁRCIA ASSIS, NEUROLOGISTA E MÉDICA DO SONO, MEMBRO TITULAR DA ACADEMIA BRASILEIRA DO SONO (ABS)

Como diferenciar um cochilo saudável de um padrão que pode sinalizar problemas de saúde?

O cochilo diurno, frequentemente visto como um hábito benigno ou até saudável, pode assumir diferentes significados clínicos dependendo de suas características. Na fisiologia do sono, um cochilo considerado saudável costuma ser breve (10 a 30 minutos), intencional, realizado no início da tarde, especialmente após o almoço, quando fisiologicamente e naturalmente sentimos sonolência. Nesse período, há uma queda circadiana natural do estado de alerta. Um cochilo no início da tarde é curto e tem efeito restaurador, sem prejuízo do sono noturno. No entanto, quando os cochilos se tornam prolongados, frequentes, não planejados, isto é, irresistíveis ou pouco restauradores, especialmente fora da janela circadiana esperada, como no período da manhã, eles deixam de ser apenas

um comportamento adaptativo e passam a representar um possível marcador de distúrbio do sono ou de condições clínicas subjacentes.

Por que o cochilo pela manhã pode representar um distúrbio?

Do ponto de vista da medicina do sono, esse padrão pode indicar que o sono noturno não foi suficientemente reparador, seja por fragmentação, como ocorre na apneia obstrutiva do sono, seja por desalinhamento do ritmo circadiano ou por privação do sono. Em outras palavras, o indivíduo desperta sem ter completado adequadamente os processos restauradores do sono. Embora o cochilo possa, inicialmente, surgir como uma resposta compensatória à privação de sono, sua persistência, mesmo após a tentativa de regularização do sono noturno, ou sua associação com sonolência excessiva diurna, fadiga, prejuízo cognitivo ou impacto funcional,

indica a necessidade de investigação clínica mais aprofundada. O cochilo passa a ser um sinalizador de que algo acontece e que merece uma avaliação médica.

Quando procurar ajuda?

Cochilos longos e frequentes não devem ser interpretados isoladamente como fator de risco, mas como um possível fenótipo comportamental que reflete vulnerabilidades biológicas, incluindo distúrbios do sono, condições psiquiátricas, doenças sistêmicas ou até processos neurodegenerativos. Assim, mais do que avaliar a presença do cochilo, é fundamental compreender seu padrão, seu contexto e seu impacto. O cochilo pode ser restaurador, mas também pode ser um sinal precoce de que algo no sono ou na saúde global não vai bem. Ficar atento aos sinais do nosso corpo torna-se muito valioso, inclusive quando o sinal vem por cochilos fora do habitual. (PO)

Temperatura

Andrea Bacelar, neurologista, neurofisiologista e especialista em medicina do sono da Academia Brasileira do Sono (ABS), explica que, entre as 13h30 e as 15h30, há um período de sonolência natural. “Fisiologicamente, ocorre uma queda de temperatura corporal nesse intervalo, variando entre os indivíduos. Muitas pessoas atribuem ao almoço, mas, hoje, sabemos que é por conta da queda da temperatura do corpo. O problema, portanto, é quando o descanso pós-prandial

ultrapassa 30 minutos, sinalizando hipersonolência”, diz.

“Não é que o sono seja prejudicial, mas o cochilo prolongado significa que meu sono da noite não é reparador”, esclarece Bacelar. “Ou então está acontecendo privação do sono: ou seja, quantidade menor do que eu preciso ou qualidade ruim. Isso indica que a pessoa está fora de seu ritmo biológico.” Essa alteração, ressalta a especialista, pode sugerir comorbidades.

Segundo os autores da pesquisa, distúrbios como apneia obstrutiva costumam estar por trás do cochilo

prolongado e em horas impróprias. Nesses casos, o indivíduo não consegue manter um sono reparador durante a noite, o que leva à sonolência diurna. “O paciente pode achar que está apenas cansado, mas, na verdade, há uma fragmentação importante do sono noturno”, explica Chenlu Gao.

Fadiga

Além disso, doenças crônicas — incluindo condições cardiovasculares, metabólicas e neurodegenerativas — também podem provocar fadiga persistente

Paulo Brando/Divulgação



Por duas décadas, pesquisadores causaram queimadas experimentais em Tanguro (MT)

e um dos autores do estudo, que recebeu apoio do Instituto Serrapilheira, do Brasil. “Isso implica implementar políticas públicas de exclusão do fogo em áreas florestais da Amazônia e de recuperação de áreas degradadas.”

A pesquisa foi conduzida na Estação de Pesquisa Tanguro, um dos principais laboratórios de campo para o estudo da Floresta Amazônica. A instalação foi criada em Querência (MS), em 2004, pelo Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam) e permite aos cientistas observar o impacto do desmatamento e do uso da terra na dinâmica florestal.

Experimentos

Por conta própria, os pesquisadores fizeram queimadas experimentais ao longo de mais de duas décadas, acompanhando a resposta da vegetação a incêndios repetidos, secas severas e tempestades de vento. Expostas às alterações do entorno, as bordas florestais foram as mais impactadas negativamente. Segundo os autores, com avanço

da agricultura e do desmatamento, essas regiões ficam mais quentes, secas e sujeitas à dispersão do fogo, matando grandes árvores e dificultando a regeneração natural.

Na área estudada, porém, a floresta mostrou sinais de resiliência após a interrupção dos incêndios. Especialmente nos locais mais preservados, no interior

da mata, a recuperação da diversidade e da estrutura da vegetação foi rápida, diferentemente do que aconteceu nas bordas, onde a riqueza de espécies sofreu reduções acima de 40%, mesmo após anos de recuperação.

Uma das descobertas relevantes é a mudança no perfil das espécies que dominam a floresta após os distúrbios.

e aumentar a necessidade de cochilos ao longo do dia. O estudo, inclusive, ajustou os resultados para fatores como hipertensão, diabetes, índice de massa corporal e uso de medicamentos, e ainda assim encontrou associação entre dormir no período diurno e mortalidade.

Outro ponto destacado no artigo publicado na *Jama* é que o cochilo pode estar relacionado a inflamações no organismo. Pesquisas anteriores demonstraram que pessoas que costumam adormecer durante o dia têm níveis mais elevados de marcadores inflamatórios, o que pode contribuir para o desenvolvimento de doenças cardiológicas, porque alterações no ciclo circadiano, o “relógio biológico”, impactam o sistema cardiovascular.

Quando há desregulação do ciclo, um conjunto de fatores acaba favorecendo o ambiente propício ao desenvolvimento de doenças cardiovasculares, incluindo maior ativação do sistema nervoso simpático (relacionado ao estresse) e prejuízo da função dos vasos sanguíneos. “Quando se dorme pouco ou mal, o organismo permanece em estado de alerta, e isso pode favorecer a elevação da pressão ao longo do tempo”, explica a cardiologista Erika Campana, presidente do Departamento de Hipertensão Arterial da Sociedade Brasileira de Cardiologia (SBC).

Os autores do estudo publicado na *Jama* acreditam que o monitoramento do cochilo, especialmente em idosos, deve se tornar uma rotina clínica, para investigação de comorbidades. Eles acreditam que, com a popularização de relógios inteligentes e outros dispositivos vestíveis, será possível fazer esse acompanhamento em larga escala. “Essas tecnologias podem ajudar a identificar mudanças sutis no comportamento ao longo do tempo, permitindo intervenções mais precoces”, destacam, no artigo.

Árvores típicas da Amazônia, mais especializadas e adaptadas a ambientes úmidos, diminuíram. Em seu lugar, cresceram as chamadas generalistas, capazes de sobreviver em diferentes condições ambientais. O processo, conhecido como homogeneização, reduz a diversidade biológica e pode comprometer funções ecológicas importantes. “Essa homogeneização florestal tem sérias implicações sobre o funcionamento, a estrutura e os serviços ecossistêmicos prestados pelas florestas ao longo do tempo, levando a uma simplificação funcional e estrutural da comunidade”, explica Maracahipes.

O pesquisador esclarece que, diferentemente do que relatórios do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC) já sugeriram, a Floresta Amazônica não deve se transformar em uma savana. “Modelos climáticos historicamente simplificaram os ecossistemas tropicais, reduzindo-os a dois estados possíveis: floresta ou savana. Essa abordagem ajudou a consolidar a ideia de um ponto de não retorno, que, claro, foi e é importante para políticas de conservação da Amazônia”, reconhece. Porém, mesmo que a mata seja resiliente, a frequência e a intensidade de incêndios provocam importantes alterações no ecossistema, especialmente nas bordas, ressalta. (Paloma Oliveto)

» ENTREVISTA / CELINA LEÃO, GOVERNADORA DO DISTRITO FEDERAL

Em entrevista exclusiva ao **Correio**, a chefe do Executivo destacou as prioridades de seu governo, como reduzir as filas de cirurgia; a segurança pública e o fortalecimento do Banco de Brasília. "Federalização não está em discussão", disse

"BRB permanecerá patrimônio do DF"

» JOSÉ CARLOS VIEIRA
» ANA CAROLINA ALVES
» MILA FERREIRA

"Esperamos que o governo federal, independentemente de ideologia ou partido, contribua para a recuperação e estabilidade do BRB", destacou a governadora Celina Leão (PP), em entrevista exclusiva ao **Correio**. "O banco é um patrimônio do Distrito Federal e tem um papel relevante na economia e na vida da população", acrescentou. Sobre as prioridades de seu governo, Celina foi direta ao apontar as áreas de saúde e de segurança pública. "Estamos trabalhando para reduzir as filas de cirurgia. Estamos encaminhando à Câmara Legislativa um projeto que cria a Tabela SUS, voltada para ampliação das cirurgias eletivas e a redução do tempo de espera na rede pública", disse.

Quais foram suas prioridades logo depois que a senhora assumiu o governo?

Desde o primeiro dia de trabalho como governadora do Distrito Federal, estabeleci como prioridade organizar a gestão, garantir a continuidade dos serviços essenciais e atuar com responsabilidade fiscal. Nosso foco está na saúde, na segurança, na mobilidade, na educação e no equilíbrio das contas públicas.

Na saúde, estamos trabalhando de forma estratégica para reduzir as filas de cirurgia, acelerar o acesso a procedimentos e ampliar o atendimento em toda a rede pública, com mais eficiência, organização e capacidade de resposta à população. Na segurança, lancei a operação Brasília Mais Segura, em abril de 2026, que intensificou o policiamento no Distrito Federal com mais de 1,2 mil policiais militares, com foco em áreas estratégicas como a Asa Norte para reduzir índices criminais. Brasília é uma das capitais mais seguras do país, com a segunda menor taxa de homicídios, e nosso compromisso é avançar ainda mais na proteção da população. Na mobilidade, avançamos no planejamento de soluções estruturantes para melhorar o deslocamento da população. Na educação, seguimos investindo na qualidade do ensino e na valorização da rede pública.

Ao mesmo tempo, estamos revisando contratos e despesas para assegurar que o governo funcione com eficiência, sem comprometer a qualidade dos serviços. Também estamos avançando na modernização da gestão com a criação da Secretaria de Governança Digital e Integração, que organiza o uso da tecnologia, integra dados e estabelece regras claras para tornar o governo mais eficiente, reduzir desperdícios e melhorar a entrega de serviços à população. Essa é uma mudança importante que prepara o Distrito Federal para um novo padrão de gestão, mais ágil, mais transparente e orientado por resultados. Seguimos, ainda, fortalecendo a aproximação com a população, com ações como o GDF na Sua Porta, que leva o governo para dentro das cidades.

Um dos seus primeiros atos foi incrementar o sistema de

Divulgação



Brasília é uma das capitais mais seguras do país, com a segunda menor taxa de homicídios, e nosso compromisso é avançar ainda mais na proteção da população"



Seguimos fortalecendo a aproximação com a população, com ações como o GDF na Sua Porta, que leva o governo para dentro das cidades"

segurança integral DF 360, que amplia o monitoramento da cidade por meio de câmeras de segurança. De que forma esse programa pretende ajudar a combater a sensação de insegurança nas ruas?

O Programa DF 360 Segurança Integral é uma política estruturante que atua diretamente na redução da sensação de insegurança ao ampliar, de forma estratégica, a presença do Estado por meio da tecnologia. O sistema reúne, em uma plataforma única, as 1.399 câmeras da Secretaria de Segurança Pública, cerca de 150 equipamentos de outros órgãos públicos e, desde o lançamento, incorporou 201 câmeras privadas, expandindo significativamente a cobertura do monitoramento no Distrito Federal.

Com análise em tempo real e acesso compartilhado pelas forças de segurança Polícia Militar, Corpo de Bombeiros e Polícia Civil, o programa fortalece a atuação integrada, orientada por dados e com maior capacidade de antecipação e resposta. A descentralização por meio das Centrais de Monitoramento Remoto amplia a capilaridade do sistema nas regiões administrativas, garantindo mais agilidade, prevenção qualificada e presença efetiva do poder público.

Essa estratégia está inserida em um movimento mais amplo de modernização da gestão, com o uso intensivo da tecnologia e a criação, no último dia 10, da Secretaria de Governança Digital e Integração

(SGDI), que passa a atuar para reduzir custos, aumentar a eficiência e a eficácia da administração pública e incorporar soluções baseadas em inteligência artificial, ampliando a transparência e qualificando a entrega de serviços à população.

Na prática, o DF 360 combina tecnologia, integração e inteligência para aumentar não apenas a eficiência operacional, mas, sobretudo, a confiança da população e a percepção de segurança nas ruas. Quando estiver em pleno funcionamento, com a ampliação do compartilhamento de imagens, teremos condições de alcançar o monitoramento de todo o Distrito Federal, com mais capacidade de prevenção e resposta.

Aproveito esta oportunidade para fazer um chamado à população. O DF 360 é uma iniciativa que depende, também, da participação de moradores, condomínios e comerciantes para ampliar o monitoramento inteligente e fortalecer a prevenção de crimes em todo o DF. As câmeras privadas podem ser integradas ao sistema da Secretaria de Segurança Pública de forma simples e segura. O cadastro pode ser feito diretamente no site <https://df360.ssp.df.gov.br>. Ao compartilhar essas imagens, cada cidadão contribui para ampliar a capacidade de vigilância, resposta e proteção, ajudando a construir uma cidade mais segura para todos.

Sobre o programa GDF na Sua Porta, qual a expectativa de duração? Por quantas regiões administrativas o programa vai passar?

O programa GDF na Sua Porta foi idealizado com a proposta de descentralizar a gestão pública no Distrito Federal, estabelecendo uma presença itinerante que visa percorrer as regiões administrativas (RAs). O GDF na Sua Porta fica duas semanas em cada cidade, sendo que na primeira semana ocorre mutirão de serviços das secretarias e empresas públicas, além dos serviços de zeladoria. Na segunda semana, a ação segue com serviços de zeladoria e obras feitas a partir das ordens de serviços que são assinadas no lançamento do programa no primeiro dia na cidade. Exemplos: Na Hora, emissão de carteira de identidade; Defensoria Pública, saúde, cadastro social, castração de animais, orientação às mulheres em situação de vulnerabilidade; Detran com informações sobre solicitação de um serviço; Semob com orientações sobre como obter cartões para uso de transporte público; Sedes (Secretaria de Desenvolvimento Social), Saúde e outros.

Os serviços prestados pelos órgãos ocorrem na primeira semana, junto com a zeladoria. Na segunda semana, continuam ações de limpeza e renovação das cidades. Eu sempre estou presencialmente na cidade durante os dois primeiros dias para liderar as atividades e ouvir a comunidade, e a

estrutura do gabinete móvel, junto com as equipes de secretários e órgãos como Novacap, Caesb, Detran e a Delegacia Móvel, darão andamento aos trabalhos técnicos e de zeladoria urbana. Em meu primeiro ato como governadora, o programa foi lançado no Itapoá e seguiu para o Paranoá com o mutirão de serviços dos órgãos até o dia 17 e, depois, a zeladoria seguirá até sexta-feira.

Daquela cidade, vamos seguir para localidades como Riacho Fundo II, Ceilândia e Sol Nascente Pôr do Sol. É o GDF descentralizando o atendimento, aproximando o governo da população e facilitando o acesso aos serviços essenciais.

A senhora disse que o foco de sua gestão é a saúde. Onde priorizar? Na redução das filas? Contratação de mais profissionais?

A saúde é, sem dúvida, a principal prioridade da nossa gestão neste momento, e estamos atuando de forma estruturada para reduzir as filas de cirurgias eletivas, especialmente as de média complexidade, ampliar o acesso aos serviços e melhorar a qualidade do atendimento.

Nossa atuação está organizada em três frentes, que são o reforço das equipes, com contratação e melhor distribuição de profissionais; reorganização dos fluxos, para dar mais eficiência ao sistema; e ampliação da capacidade de atendimento, especialmente nas especialidades com maior demanda.

» Continua na PÁGINA 14



Determinei ao presidente do BRB a realização de um estudo para melhorar as condições oferecidas aos servidores públicos em situação de superendividamento"

Ed Alves/CB/D.A Press



Nesse sentido, estamos encaminhando à Câmara Legislativa um projeto de lei que cria a Tabela SUS-DF, uma iniciativa voltada à ampliação das cirurgias eletivas de média complexidade e à redução do tempo de espera na rede pública. A proposta estabelece um novo modelo de credenciamento, aberto e contínuo, permitindo que hospitais e clínicas de todo o país possam se habilitar para atender pacientes do Distrito Federal.

Ao eliminar entraves administrativos e adotar valores mais adequados à realidade local, conseguimos ampliar de forma imediata a rede de atendimento e enfrentar a demanda reprimida. É uma medida concreta para dar mais rapidez às cirurgias e garantir resposta à população. Também estamos investindo em gestão e tecnologia para dar mais transparência às filiais e previsibilidade ao cidadão. O objetivo é simples e direto: fazer a saúde funcionar melhor para quem mais precisa.

Sobre os estudos técnicos que foram realizados para a implementação do metrô do Gama e do VLT entre Ceilândia e Taguatinga, ambas as melhorias serão executadas ainda este ano? Como será?

Estamos estruturando projetos estratégicos de transporte sobre trilhos. Um deles é a expansão do metrô até o Gama e Santa Maria, cujo estudo de viabilidade técnica foi licitado e está em andamento. Também avançamos com o VLT entre Ceilândia e Taguatinga que, igualmente, teve o estudo de viabilidade técnica licitado e está em curso.

Em junho de 2025, foi firmado o Contrato no 024/2025 Metrô-DF para a realização de estudos voltados à análise de viabilidade da futura Linha 2 do Metrô do Distrito Federal. O escopo contempla a elaboração de Estudos Preliminares de Viabilidade Técnica, Econômica e Ambiental EVTEA de um empreendimento metroferroviário destinado a ampliar a cobertura do transporte público sobre trilhos no DF.

O projeto prevê o atendimento a importantes regiões administrativas, incluindo Santa Maria, Gama, Riacho Fundo II, Recanto das Emas, Núcleo Bandeirante, Candangolândia, Cruzeiro e Plano Piloto, com integração a pontas estratégicas como a Rodoviária do Plano Piloto e a Esplanada dos Ministérios. A iniciativa está alinhada ao plano de governo e aos objetivos institucionais do Metrô-DF, além de integrar as diretrizes do Plano de Desenvolvimento do Transporte Público Sobre Trilhos do Distrito Federal PDTT-DF. O objetivo central é avaliar soluções que garantam a viabilidade do empreendimento, assegurando atendimento eficiente à demanda de transporte coletivo, com padrões adequados de segurança e racionalidade econômico-financeira.

De acordo com as informações consolidadas na fase atual dos estudos, a Linha 2 deverá ter, aproximadamente, 60km de extensão, conectando a região de Santa Maria à área central de Brasília, na Esplanada dos Ministérios, consolidando um eixo de transporte moderno, eficiente e integrado. A capacidade projetada é de, aproximadamente, 130 mil passageiros por dia, com cerca de 50 mil usuários no horário de pico da manhã, evidenciando o potencial de atendimento a uma demanda expressiva e a contribuição direta para a redução de congestionamentos e emissões.

Sobre o VLT entre Ceilândia e Taguatinga, os estudos técnicos serão realizados ao longo deste ano. Atualmente, a Secretária de Obras trabalha na contratação da empresa responsável por conduzir essa etapa, que é fundamental para o planejamento adequado das intervenções. A partir dos resultados obtidos, as melhorias serão estruturadas e têm previsão de implementação em 2027.

A senhora assumiu o governo com as contas apertadas. Como pretende solucionar essa situação? De que forma o secretário Valdivino de Oliveira vai atuar para aumentar a arrecadação?

Vamos lançar, em breve, um pacote de contenção de gastos. A

Divulgação



Estamos estruturando projetos estratégicos de transporte sobre trilhos"



Sobre o VLT entre Ceilândia e Taguatinga, os estudos técnicos serão realizados ao longo deste ano

Divulgação



Vamos investir de forma consistente na transformação da matriz econômica do DF"



Trabalhamos para fortalecer áreas estratégicas como tecnologia, economia criativa, turismo, serviços e inovação"

ideia é reduzir as despesas correntes, como os contratos terceirizados, alugueis e outros contratos em geral. Tudo sem prejudicar a prestação dos serviços públicos. Cortar onde é possível cortar, com responsabilidade. Para definir onde e como esses gastos serão feitos, vamos criar um comitê para acompanhar e controlar melhor as despesas do dia a dia da administração pública. O orçamento continuará sendo liberado conforme as prioridades definidas pelo governo.

Como preparar Brasília para um novo formato econômico de forma que a cidade não precise depender tanto do Fundo Constitucional?

Estamos investindo de forma consistente na transformação da matriz econômica do Distrito Federal, com foco cada vez maior em tecnologia e inovação. A nossa meta é posicionar Brasília como um ambiente de desenvolvimento tecnológico, com características semelhantes ao Vale do Silício, estimulando a atração de empresas, a geração de empregos qualificados e o fortalecimento de um ecossistema inovador. Nesse contexto, estudos e análises da Federação das Indústrias do Distrito Federal (Fibra) apontam o DF como um território com grande potencial para se

tornar referência mundial na produção de bioinsusos.

Além disso, estamos estruturando quatro novos polos estratégicos nas quatro pontas do quadrilátero do Distrito Federal, com foco no desenvolvimento econômico e na geração de oportunidades. Teremos um polo voltado à logística, fortalecendo a capacidade de distribuição e escoamento; um polo da beleza, com incentivo à instalação de grandes empresas dos setores de cosméticos e produtos de beleza, promovendo inovação e empregabilidade; um polo dedicado à ampliação e modernização da Ceasa, com foco na distribuição e no abastecimento; e um polo de bioinsusos, alinhado à vocação sustentável e ao potencial identificado para o Distrito Federal.

Brasília precisa avançar na diversificação da sua matriz econômica. Não podemos depender exclusivamente do setor público. Estamos trabalhando para fortalecer áreas estratégicas como tecnologia, economia criativa, turismo, serviços e inovação. Isso passa por desburocratização, melhoria do ambiente de negócios e atração de investimentos. Mas esse processo só se sustenta com a participação ativa do setor produtivo. Os empresários do Distrito Federal têm papel central na geração de emprego, renda

e oportunidades, e o governo precisa ser um facilitador, criando condições para que eles possam investir, crescer e produzir com segurança jurídica e previsibilidade.

Também estamos incentivando o empreendedorismo e a qualificação profissional, para ampliar a base produtiva e preparar a população para as novas demandas do mercado. O objetivo é construir uma economia mais dinâmica, sustentável e menos dependente de transferências, com protagonismo de quem empreende e gera desenvolvimento todos os dias no Distrito Federal.

Como está sendo o seu diálogo com a base e a oposição na Câmara Legislativa?

O diálogo tem sido permanente, aberto e respeitoso. Ao longo da minha vida pública, sempre mantive uma relação franca com toda a classe política, independentemente de partidos ou ideologias. Tenho quatro mandatos e nunca deixei de conversar com ninguém, porque a minha prioridade sempre foi a população e o interesse público.

Estamos em um momento eleitoral e isso não altera a forma como conduzo essa relação. O diálogo continua sendo direto, transparente e necessário. Eu sigo conversando com todos, em todas as pautas,

porque governar exige responsabilidade e equilíbrio, acima de qualquer cenário político. Como governadora, não seria diferente. Conversei com deputados e senadores da base e da oposição, construindo uma relação institucional responsável, pautada pelo respeito e pela busca de soluções para o Distrito Federal. Política se faz com diálogo e é assim que tenho conduzido essa relação, desde o primeiro dia, sem ferir os meus princípios. O Distrito Federal não pode parar por divergências políticas. O que nos une é maior do que qualquer diferença e é com esse senso de responsabilidade que tenho trabalhado para garantir estabilidade, aprovar as medidas necessárias e entregar resultados concretos para a população.

Quais projetos a senhora pretende aprovar na Câmara Legislativa do DF este ano?

Temos uma agenda legislativa voltada para o equilíbrio fiscal, melhoria dos serviços públicos e desenvolvimento econômico, mas também com prioridade absoluta para temas que hoje são um clamor da população, como o enfrentamento à situação de rua e o fortalecimento da saúde pública. Vamos encaminhar à Câmara Legislativa um projeto importante para estabelecer protocolos de

internação involuntária compulsória humanizada para usuários de drogas que estão em situação de rua ou em crise. A proposta busca dar condições para que as secretarias atuem de forma mais efetiva nas ações necessárias, além de definir com clareza como deve ser feita essa abordagem.

O objetivo é garantir segurança jurídica para os policiais, para os profissionais da saúde pública e para as equipes da assistência social que estão diariamente nas ruas, enfrentando essa realidade. Trata-se de enfrentar o problema com responsabilidade, como uma questão de saúde pública, oferecendo tratamento digno e rompendo um ciclo de abandono que impacta essas pessoas e toda a sociedade.

Também vamos avançar com o projeto da Tabela SUS-DF, que já mencionamos anteriormente, e que busca reduzir as filas de cirurgias eletivas de média complexidade, como parte do esforço de reorganização e valorização da rede pública de saúde, garantindo mais eficiência, previsibilidade e qualidade no atendimento.

Além dessas prioridades, vamos encaminhar projetos que modernizam a gestão pública, simplificam processos, reduzem burocracia e melhoram o ambiente de negócios no Distrito Federal. A Câmara Legislativa tem sido uma parceira fundamental nesse processo, e seguiremos trabalhando com diálogo e responsabilidade para viabilizar as entregas que o Distrito Federal precisa.

A senhora tem alguma expectativa quanto ao governo federal ajudar o BRB?

Esperamos que o governo federal, independentemente de ideologia ou partido, contribua para a recuperação e a estabilidade do BRB. O banco é um patrimônio do Distrito Federal e tem um papel relevante na economia e na vida da população. Diante disso, é natural que haja cooperação entre as instituições para garantir segurança e confiança ao sistema financeiro.

No que depender de mim, o Governo do Distrito Federal seguirá adotando todas as medidas necessárias para recuperar e fortalecer o BRB. Vou dialogar com o governo federal quantas vezes forem necessárias, porque o que nos orienta é o interesse da população do Distrito Federal.

A federalização do BRB está descartada, mas como estão as tratativas com o Banco Central?

A federalização não está em discussão. O BRB é um patrimônio do Distrito Federal e assim permanecerá. Estamos mantendo diálogo técnico com o Banco Central, prestando todas as informações necessárias e acompanhando de forma responsável os desdobramentos. O objetivo é garantir segurança institucional e confiança no sistema financeiro.

A senhora disse que o BRB vai voltar a cuidar das pessoas. O que a senhora quis dizer com isso?

Significa retomar a essência do banco como instrumento de desenvolvimento social e econômico do Distrito Federal. O BRB precisa estar próximo da população, oferecendo crédito responsável, apoiando servidores, pequenos empreendedores e famílias. É um banco público que deve equilibrar sustentabilidade financeira com compromisso social. É isso que estamos reforçando.

Muitos servidores do GDF sofrem com o superendividamento. Há alguma perspectiva de mudança da política de juros do BRB ou alguma outra ação para ajudar os superendividados?

Determinei ao presidente do BRB (Nelson Antônio de Souza) a realização de um estudo para melhorar as condições oferecidas aos servidores públicos em situação de superendividamento, com a avaliação de um tratamento específico para essa realidade. Também estabelecemos que esse tema seja tratado como prioridade dentro do banco. Esse estudo já está em curso e, a partir dele, vamos definir as medidas possíveis para enfrentar de forma efetiva a situação dos servidores superendividados.



ANA MARIA CAMPOS
camposanamarca5@gmail.com



Oscar teve convite para concorrer ao Senado pelo DF

Quando era governador e se preparava para disputar a reeleição, José Roberto Arruda sondou o jogador de basquete Oscar Schmidt para disputar eleição no Distrito Federal. A ideia era lançá-lo ao Senado, uma vez que a trajetória do atleta no esporte começou em Brasília, nos clubes de Vizinhança. Arruda escalou o amigo Paulo Roxo, que havia jogado basquete com Oscar, para fazer o convite. Mas o Mão Santa não topou, embora tenha se animado para concorrer em São Paulo. Em 1998, ele disputou uma vaga ao Senado pelo PPB, que depois se transformou em PP. O campeão do basquete teve mais de 5,7 milhões de votos e chegou ao segundo lugar, com 36,9% dos votos. Eduardo Suplicy (PT) venceu naquele ano, com 43,1% dos votos.



Sem candidatura oficial ao Senado

Arruda não pretende lançar candidatura ao Senado na sua chapa ao GDF. Vai apoiar nomes de legendas coligadas com outras campanhas.

Celina troca presidentes do Iprev e do Inas

A governadora Celina Leão (PP) segue dando a própria cara ao governo. Em edição extra do *Diário Oficial do DF*, ela trocou, ontem, os comandos no Instituto de Previdência do DF (Iprev-DF) e no Instituto de Assistência à Saúde do DF (Inas-DF). No Iprev-DF, sai Raquel Galvão Rodrigues Silva e assume a presidência Geraldo Lourenço de Almeida. Ele é auditor de controle interno da Secretaria de Economia do Distrito Federal e foi secretário de Governo, durante o mandato de Rogério Rosso. No Inas-DF, sai Rodrigo Ramos Gonçalves para a entrada na presidência de Pablo Vieira de Castro. Ele integrava a diretoria-executiva da Postal Saúde como diretor de Produtos, Mercado e Relacionamento, função para a qual foi indicado em 2024.

Cotado

O juiz aposentado do TJDF Jonas Modesto é o nome cotado para assumir a consultoria jurídica da governadora Celina Leão (PP). Ele é o advogado dela em ações judiciais e pode se tornar o olhar jurídico das ações do governo.



Crescimento com o desenvolvimento da capital

No aniversário de 66 anos de Brasília, os empresários Marlon Amaral e Branco Amaral celebram, também, o sucesso do negócio que construíram juntos na capital: o Dia a Dia Atacadista. O grupo cresceu à medida que a cidade se desenvolvia. Tudo começou com uma unidade na região da BR-070, em Ceilândia. Hoje, são 35 lojas no total, sendo 20 unidades distribuídas pelo DF, gerando milhares de empregos diretos e indiretos. "Brasília nos acolheu com a mesma hospitalidade que reserva aos seus pioneiros. Nosso crescimento está diretamente ligado ao desenvolvimento das regiões onde atuamos, com geração de empregos e um compromisso constante com as comunidades locais", destaca Branco Amaral, diretor do Grupo Dia a Dia.



Mais um empreendimento

O empresário Paulo Octávio lança mais um empreendimento no Distrito Federal. É o Soho Plaza Hotel, em Águas Claras. É o sexto hotel do grupo. Será hoje, aniversário de Brasília. O hotel tem 116 apartamentos novos, com metragens entre 37m² e 42m², além de suítes duplex de até 55m².



Correndo pelo mandato

O deputado distrital Fábio Félix (PSol) lança, oficialmente, hoje, a pré-candidatura a deputado federal na Maratona Brasília, promovida pelo **Correio Braziliense**. Como o prefeito de Nova York, Zohran Mamdani, que correu duas vezes a maratona da cidade usando mensagens na camiseta, Félix quer aproveitar a corrida para levantar faixas com seus compromissos de mandato. Ele vai correr 21km. Será sua primeira meia-maratona.

Acompanhe a cobertura da política local com @anacampos_cb

» Entrevista | **KIKO CAPUTO** | PRÉ-CANDIDATO AO GDF PELO NOVO

Transparência como prioridade



Ao *CB.Poder*, o ex-presidente da OAB-DF justifica sua entrada na disputa motivada pela insatisfação com os rumos da política local

» VITÓRIA TORRES

O advogado Kiko Caputo, pré-candidato do partido Novo ao GDF, foi o entrevistado do *CB.Poder* — parceria do **Correio Braziliense** e da *TV Brasília* — de ontem. Às jornalistas Adriana Bernardes e Mariana Niederauer, ex-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-DF) comentou sobre a crise envolvendo o Banco de Brasília (BRB) e o Banco Master, explicou as motivações para a pré-candidatura que ocorre nesta quarta-feira e apresentou promessas para um futuro governo. A seguir, trechos da entrevista:

Como analisa a crise do BRB e do Banco Master?

Infelizmente, recolocaram Brasília nas páginas policiais do nosso país. Esse é o maior escândalo financeiro do Brasil e o maior escândalo da história do Distrito Federal. Mas a surpresa desse escândalo é a de um governo que, há 7 anos e 4 meses, tem a transparência como sua inimiga. Como vamos resolver um problema se a gente sequer sabe o tamanho dele? Ninguém nunca veio a público para nos dizer qual é o tamanho do problema. Sabemos que há um rombo. Sabemos que isso está colocando em risco um patrimônio da nossa

sociedade, pois o BRB é um patrimônio, e não podemos medir esforços para salvá-lo. A quebra do BRB vai ser um desastre para o DF. Mas, como vamos pensar em soluções ou validar alguma solução que o governo queira dar se nem sabemos o tamanho do problema? A primeira coisa que precisamos ter é transparência. A Câmara Distrital não teve transparência. A Câmara Distrital deu dois cheques em branco para o GDF. E o resultado está aí: é um patrimônio público sendo ameaçado de ser perdido por conta não só da incompetência, mas principalmente da falta de transparência deste governo Ibaneis e Celina.

O governo federal deveria intervir nesse caso?

Não sei se a intervenção é uma saída, porque eu não sei se a gente teria, no DF ou no próprio banco, condições de superar essa crise que eles criaram. Estamos sem um balanço do banco desde setembro do ano passado, quando foi publicado o último. Não tem como afirmar qual é a melhor saída, porque não sabemos o tamanho do problema. Isso é um absurdo.

Quem o senhor considera que deve ser responsabilizado?

A investigação está em curso. Algumas pessoas começaram a ser

Carlos Vieira/CB/DA Press



identificadas. Mas eu acho que está faltando responsabilização de quem deu a ordem política para isso ser efetivado, esse negócio desastroso que fizeram com o nosso patrimônio. Os ocupantes do Palácio do Buriti sabiam e incentivaram que esse negócio fosse para frente. O Banco Central está alertando, desde o ano passado, que esse era um negócio deletério, um negócio péssimo para o BRB, mas eles insistiram e, mesmo com os alertas, foram para frente e tentaram de todas as



Assista aqui a entrevista completa

formas fazer o negócio. Fizeram. E o resultado está aí. É de um cinismo tremendo o ex-governador (Ibaneis Rocha) dizer que só esteve com o Vorcaro uma única vez, que não sabia de nada, que o Paulo Henrique Costa, o ex-presidente do BRB, fez tudo à revelia dele. Isso é mentira. E o próprio

ex-presidente Temer, em uma entrevista, disse que quem o chamou para ajudar a resolver o problema do BRB com o Master foi o governador Ibaneis. Quem apresentou o banqueiro

falido foi o ex-governador Ibaneis. Como é que ele vem agora dizer que não sabe fazer um pix? Receber pix parece que ele sabe muito bem.

Por que sair da advocacia e ir para a área política para disputar, logo de cara, o cargo Executivo?

Todos me perguntam isso. Por que eu saio de uma vida confortável? Eu sou advogado há 32 anos. Sou casado com a Janaína, tenho três filhos e uma vida maravilhosa. Eu tinha tudo para continuar do jeito que estou, no meu escritório, que este ano vai completar 16 anos. Mas sinto essa indignação de como transformaram Brasília. Meu pai chegou a Brasília em 1972. Eu vim para cá com três anos, estou há 53 anos em Brasília. E eu vivi aquela Brasília que o Juscelino Kubitschek sonhou. Estudei em escola pública, fui operado em hospital público, brincava e praticava esportes em espaços públicos. Eu vivi em uma Brasília que dava certo, uma cidade planejada e que funcionava. Eles conseguiram destruir isso. Eles estão nos roubando absolutamente tudo. Mas eu já falei e repito: eles não vão roubar a minha esperança. E eu tenho esperança de que a gente pode fazer mais e melhor com o que a gente tem no DF.

O mesmo sentimento que me impulsionou, em 2009, a disputar a presidência da OAB e, na época, eu disputei contra o grupo político do Ibaneis e ganhei, mesmo com abuso do poder político e econômico. Eu fui e mostrei as melhores propostas e propósito para a OAB naquela época. E eu quero fazer o mesmo agora. Quero sair da minha zona de conforto. Tinha tudo para ficar em casa, mas eu não aguentei ficar só reclamando. Eu precisava sair e transformar essa indignação em ação. É isso que me trouxe até aqui como pré-candidato.

Qual será a prioridade do senhor em um eventual governo?

Minha prioridade vai ser a saúde. O que estão fazendo com a saúde pública do DF é outro crime. Para onde você olha, é possível ver ralo de corrupção. É ineficiência, um loteamento político absurdo e falta de gestão absoluta. Então, a nossa primeira providência vai ser com relação à saúde pública. Vamos ter que aproveitar, inclusive, a qualidade da nossa iniciativa privada, principalmente os hospitais e clínicas, para zerar a fila de cirurgias e exames. Não podemos dar espaço entre o diagnóstico e os exames. O tempo é primordial.



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Olhares brasileiros

Na passagem dos 66 anos de Brasília, convidamos personagens para contar, em um caderno especial, como foi o encontro com a cidade pelo olhar livre da crônica. Como sempre, a relação com Brasília vai da estranheza ao espanto, ao pertencimento e ao êxtase.

O arquiteto e professor emérito da UnB Frederico Holanda, recifense inveterado, chegou em 21 de abril de 1972, quando a cidade tinha 12 anos, a bordo de um fusquinha, com a esposa Rosa. A partir daí, viveu uma sucessão de estranhamentos, críticas e epifanias. E fez dessas experiências temas de preciosas pesquisas sobre a cidade.

Mas nem todos vivenciaram estações tão díspares por serem estrangeiros na terra. A atriz e musicista Dani Neri é inteiramente brasileira. Brasília é seu berço, colo e útero. Dani se forjou nas escolinhas de arte públicas da cidade, embarcou na Agrupação Amacaca de Hugo Rodas e foi uma das fundadoras do bloco Ventoinha de Canudo, que ocupou a tesourinha e inventou um jeito brasileiro de brincar carnaval.

Já o ator e diretor João Antônio não se lembra muito de datas, mas o junho de 1971 se tornou inesquecível para ele, pois pisou pela primeira vez em Brasília para espalhar, mas foi atraído, inapelavelmente, pelo desafio de preencher o cenário vazio. E ele deu uma colaboração decisiva ao transformar um galpão de almoxarifado na W3 Sul nos Teatros Galpão e Galpãozinho, plataforma inicial para o Espaço Cultural

Renato Russo da 508 Sul. Veio para ficar alguns dias e nunca mais deixou Brasília.

A poeta Maria Lúcia Verdi trocou a pequena rua em que morava, em Porto Alegre, pelos espaços abertos de Brasília com um susto, pois o céu era quase que amedrontador. Era um pampa, mas sem coxilhas, com uma terra vermelha que impregnava a roupa e a alma. No entanto, tudo mudou quando ela passou a frequentar a UnB e a experimentar a pulsação da arte brasileira. Maria Lúcia se tornou funcionária do Itamaraty, morou em várias cidades do mundo, mas se considera brasileira.

O ator e palhaço Marcelo Beré, do circo Udigrudi, é outro personagem forjado nas experimentações estéticas brasileiras. Os pais chegaram em 1957 e moraram em uma vila de engenheiros no Paranoá. A partir da fusão de elementos dos grupos Música-À-Tentativa,

Liga Tripa e Udigrudi, formou-se a trupe do Udigrudi, que ganhou prêmios internacionais, rodou o mundo e voltou para Brasília.

Neta de nordestinos, a artista plástica Clarice Gonçalves forjou a palavra “brasiliências” para designar as distinções da condição dos brasileiros que habitam o Plano Piloto e as chamadas regiões administrativas. Ela é de Taguatinga, ama Brasília, mas queria que os arredores recebessem o mesmo cuidado dispensado pelos governos ao Plano Piloto.

Enquanto isso, o cineasta e músico André Luiz Oliveira percebe Brasília como uma utopia pessoal. Desde que pisou pela primeira vez na cidade, em 1963, sentiu que a viagem lhe tinha “curado” dos desatinos da adolescência. E, aqui, ele rodaria filmes memoráveis, tais como *Mensagem* (a partir de poemas musicados de Fernando Pessoa) ou Renato Mattos — *Ziriguidum Brasília*.

Na infância, o mineiro Darlan Rosa sempre ficou impressionado com as reportagens das revistas que falavam de explorações espaciais e da construção de Brasília. Quando chegou aqui, ele misturou na percepção as duas experiências. Darlan criou o Zé Gotinha, o personagem que se tornou um símbolo do sucesso da vacinação brasileira em plano internacional.

A poeta e jornalista carioca Ana Maria Lopes largou a prancha de surfe no Rio de Janeiro e, aos poucos, se fundiu com Brasília. Aprendeu a amar a cidade com os seus mestres. E foi uma das fundadoras do Coletivo Maria Cobogó, que revelou o talento de inúmeras escritoras brasileiras.

E, para fechar, o poeta Climério nos brinda com um lindo poema sobre o Beirute: “Por mais que o querer refugue/Por mais que o desejo lute/Faço tesoura em Brasília/E vou parar no Beirute”.

AGRESSÃO / Mulher de 34 anos foi presa após atacar cinco pessoas com uma faca, inclusive uma criança de 2 anos, durante confraternização em Santa Maria. Segundo relatos, confusão começou por causa de um celular

Discussão termina com 5 esfaqueados

» ANA CAROLINA ALVES

Fotos: Ana Carolina Alves/CB

Uma mulher de 34 anos foi presa em flagrante após atacar cinco pessoas, incluindo uma criança de 2 anos, com golpes de faca, na QR 118, em Santa Maria. O caso ocorreu na noite de domingo e, segundo testemunhas, os ataques teriam começado após uma discussão por causa de um celular, durante uma confraternização.

De acordo com um vizinho, que preferiu não se identificar, a agressora se desentendeu com um homem que, segundo ela, estaria com seu aparelho. “Ela pediu o celular, ele aumentou o tom de voz e ela partiu para cima. A gente separou, trouxe ele para fora e ela entrou na casa. Depois, voltou e começou a atacar todo mundo”, relatou.

Segundo a testemunha, a situação saiu do controle rapidamente. Pessoas que estavam no local tentaram intervir, mas acabaram feridas. Entre as vítimas, está uma criança de 2 anos, atingida durante o ataque. “Quando vi que ela tinha esfaqueado a menina, fui para cima. Não dava para deixar”, disse.

A testemunha afirmou que algumas vítimas eram conhecidas da vizinhança e que estavam reunidas no local momentos antes da agressão. Uma delas, mãe da



Vizinho que ajudou a conter a agressora foi um dos feridos



Sangue das vítimas ficou no asfalto



A mulher usou uma faca de cozinha nos ataques

criança que foi atingida e também não quis se identificar, afirmou que tudo ocorreu muito rápido. “Nem consegui pensar. Ela entrou em casa e, quando saiu, só ouvi alguém gritando que estava com uma faca. Tentei correr, mas ela me alcançou”, lembrou.

“Na hora, só pensava na minha filha. Colocamos ela no carro e fomos para os Bombeiros”, contou. A criança foi socorrida e, assim como as demais vítimas, já recebeu alta.

Ocorrência

Segundo o 1º tenente Julierme, da Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF), a corporação foi acionada inicialmente para atender a uma ocorrência de ameaça com arma branca. “Por volta das 21h30, recebemos um chamado de uma ameaça com arma branca. As equipes estavam a caminho do local quando recebemos a informação de que as vítimas estavam indo ao

Corpo de Bombeiros”, relatou o policial.

De acordo com o tenente, os militares mudaram o trajeto e foram ao encontro das vítimas. “Quando chegamos, encontramos mais uma criança de 2 anos com ferimento na região do tórax. O bombeiro que estava atendendo informou que havia um possível comprometimento pulmonar, então a equipe imediatamente levou a criança ao Hospital Regional de Santa Maria”, afirmou.

Após o socorro, os policiais retornaram ao local da ocorrência, onde a agressora havia sido contida. “Os bombeiros imobilizaram a autora. No local, após diligências preliminares, encontramos mais quatro vítimas, entre elas um idoso de 66 anos”, disse.

De acordo com a corporação, a mulher, que estaria sob efeito de drogas, desferiu golpes de faca contra pessoas que estavam na residência, incluindo uma pessoa que

tentou proteger a criança e outra que foi atingida ao tentar verificar a situação.

A autora foi encaminhada para atendimento médico, onde permaneceu sob cuidados após ser sedada, e, posteriormente, foi levada à 33ª Delegacia de Polícia (Santa Maria), onde teve a prisão em flagrante formalizada. As vítimas foram socorridas no Hospital Regional de Santa Maria. O caso é investigado como tentativa de homicídio.

LAZER

Aniversário de Brasília com opções variadas

» DARCIANNE DIOGO

Brasília completa hoje 66 anos e, neste quadrado, o que não falta é opção para se divertir — do esporte às atividades ao ar livre. A chuva não deve interferir na celebração. Segundo o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), a previsão é de temperaturas elevadas e céu com poucas nuvens.

Cedinho, às 5h30, tem início a primeira largada da Maratona Brasília 2026, com percurso de 42km. Parte do calendário oficial do Distrito Federal, a atividade esportiva — que está no quarto e último dia — atrai corredores de todo o país, na área central da capital. Há também circuitos de 21km, 10km, 5km e 3km. Esses, saindo às 6h e às 6h30, respectivamente.

Já o Zoológico de Brasília contará com uma programação especial aos visitantes hoje. Das 9h às 16h,

além de ver os animais do zoo, haverá um espaço lúdico com pintura de rosto, pedal kart, espaço kids, brinquedos infláveis, brincadeiras e a presença de personagens. Os ingressos são gratuitos.

Para quem curte uma imersão no mundo da ciência, educação e tecnologia, o Sesi Lab, próximo à Rodoviária do Plano Piloto, estará com as portas abertas das 10h às 18h. Neste feriado, os ingressos para a entrada no museu interativo estão de graça. A retirada é por meio do site <https://www.ingressos.com/sesi-lab>.

Cultura

Até amanhã, o Cine Brasília conta com um cronograma exclusivo. Serão exibidos 23 filmes, entre comédia, drama, ficção científica e suspense. E tudo sem pagar nada. Hoje, os longas e curtas-metragens serão exibidos em

Carlos Vieira CB/DA Press



Sensação de calor e de abafamento vai predominar hoje, no aniversário da capital

quatro horários. Às 14h, o público pode assistir ao curta-metragem *Lé com Cré + O Menino e o Mundo*. Às 16h, *O Homem do*

Pau-Brasil. A primeira atração da noite será projetada às 18h15, com *Branco Sai, Preto Fica*. Por fim, às 20h30, o curta *A Entrevista*

+ *Que Horas Ela Volta?*.

Hoje, das 9h às 21h, o CCBB Brasília entra no último dia de uma programação especial pensada para

todas as idades. Haverá exposições, aulas de meditação, oficinas de diversos nichos, shows circense e apresentações de dança. Os ingressos são gratuitos, pelo site www.bb.com.br/cultura, e na bilheteria do CCBB Brasília. O CCBB também disponibilizará um ônibus gratuito, com saída da Biblioteca Nacional.

Clima

Quanto às condições climáticas, não há previsão de chuvas, mas as temperaturas elevadas exigem cuidados. Segundo o meteorologista Olívio Bahia, as precipitações em pontos isolados, caso ocorram, estão dentro da normalidade.

“Vamos sentir essa sensação de calor, de abafamento. Esta época do ano estamos finalizando o período chuvoso, mas as chuvas são mais pontuais. Então, predomina o calor. Por isso, o cuidado com a hidratação e com a pele”, orienta.

Hoje e até o fim da semana, a máxima deve variar entre 29°C e 30°C. Já as temperaturas mínimas devem ficar entre 16°C e 17°C. Quanto à umidade relativa do ar, a máxima pode atingir 90%.

Obitório

Sepultamentos realizados em 20/04/2026

» Campo da Esperança

Bruno Pereira Maia, 47 anos
Cláudio Tadeu de Lucena, 57 anos
Elza da Conceição Soares dos Santos, 78 anos
Izabel Torres Martini, 89 anos
Manoel Augusto da Costa Neto, 63 anos
Nilma Martins de Brito, 78 anos
Nivanda Maria Mota Carolino, 72 anos

Sadack Pereira da Silva, 91 anos
Sebastiana Maria de Jesus Moreira, 83 anos
Sueli Almeida Moraes Santos, 68 anos
Vera Lúcia de Almeida, 85 anos
Zilma de Oliveira Rezende, 84 anos

» Taguatinga

Aurélio Tavares Silveira, 58 anos
Cláudia Moreira de Oliveira, 51 anos
Domingas de Jesus Reis, 87 anos

Edmar Moreira Vilas Boas, 70 anos
Fábio Ferreira Lima, 45 anos
Francisco das Chagas da Silva, 70 anos
Francisco de Assis de Lima, 64 anos
João Silva Carvalho, 73 anos
José de Oliveira Costa, 87 anos
José Zilto Maciel Teles, 65 anos
Karen Fabiana de Araújo, 39 anos
Luci Lima Silva, 82 anos
Rodrigo de Assis do Nascimento, 41 anos
Vilma Helena Godinho, 73 anos

» Gama

Francisca Alixandrina da Silva Feitoza, 77 anos
Manoel Cristiano de Souza, 65 anos
Maristela Corsino da Silva, 85 anos
Oscar Ilton de Andrade, 68 anos

» Sobradinho

Amália Barboza de Matos, 88 anos
Ilson Ferreira Mendes, 64 anos

Othon Rocha da Silveira, 81 anos

» Jardim Metropolitano

Antônio Ferreira dos Santos, 81 anos
Hélio Gabriel Dias Batista, 14 anos
Clara Rabelo Dantas Dutra, 11 anos (cremação)
Cleide Costa Jacobina Ferraz, 85 anos (cremação)
Julimar dos Santos, 53 anos (cremação)



Em meio à crise do BRB, Celina Leão troca comando do Iprev e do Inas

Mais mudanças em cargos estratégicos do GDF. A governadora Celina Leão mexeu, agora, em outros setores que também estão em crise com déficits orçamentários. Ela nomeou, ontem, novos gestores para comandar o Instituto de Previdência dos Servidores do Distrito Federal (Iprev-DF) e para o Instituto de Assistência à Saúde dos Servidores do Distrito Federal (Inas). As nomeações foram publicadas em edição extra do DODF. No Iprev-DF, o comando passa a ser exercido por Geraldo Lourenço de Almeida. Já o Inas será presidido por Pablo Vieira de Castro.

Renato Alves/Agência Brasília



Investimentos comprometidos com o Master

A crise financeira do Banco de Brasília (BRB) também atingiu o Iprev, que é um dos acionistas da instituição. O Instituto investiu R\$ 6,5 milhões no FIP Venture Brasil Central. O fundo é administrado pela Trustee DTVM, instituição vinculada ao Banco Master, alvo das operações Carbono Oculto e Compliance Zero. Em novembro de 2025, período em que o conglomerado Master iniciou processo de liquidação pelo Banco Central, o Iprev-DF mantinha o referido montante aplicado.

Crédito adicional

A Câmara Legislativa do Distrito Federal teve de aprovar, recentemente, um projeto de lei de crédito adicional de R\$ 765 milhões ao Iprev. A medida foi encaminhada pelo GDF.

Divulgação



Assessores próximos a governadora

Geraldo Lourenço de Almeida chega ao Iprev-DF como auditor de controle interno. Até a nomeação, atuava como assessor especial no gabinete da vice-governadora e também já ocupou a Secretaria-Executiva de Turismo do Distrito Federal. Pablo Vieira de Castro, antes de assumir o Inas, integrava a Diretoria-Executiva da Postal Saúde como diretor de Produtos, Mercado e Relacionamento, função para a qual foi indicado em 2024.

Comitiva do Sindivarejista e do Sebrae DF na China

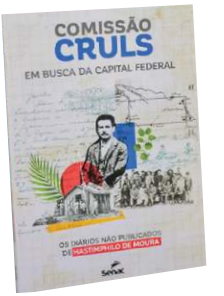
Missão comercial do Sindicato do Comércio Varejista (Sindivarejista) e do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) está na China estreitando relacionamento com empresas e autoridades chinesas. Na pauta, negociações que envolvem setores de toupas, calçados e utensílios para o lar, entre outros. O vice-presidente do Sindivarejista, Geraldo César de Araújo, contou que é importante estreitar ainda mais o relacionamento entre os dois países e estimular o comércio bilateral. A comitiva esteve nas cidades de Pequim, Shanghai, Guangzhou e Yuan e retorna esta semana a Brasília, após participar da Feira de Negócios de Guangzhou. Participam da delegação Édson de Castro, ex-presidente do Sindivarejista e o presidente do Conselho Administrativo do Sebrae/DF e da Federação da Agricultura e Pecuária, Fernando César Ribeiro.

Divulgação



Comissão Cruls: livro celebra Brasília com diários inéditos sobre a saga da nova capital

Diários inéditos do engenheiro Hastimphilo de Moura, integrante da Comissão Cruls, viraram um livro que traz nova abordagem da história sobre a jornada precursora à construção da nova capital federal. Como parte das comemorações pelos 66 anos de Brasília, a Editora Senac-DF, em parceria com o Arquivo Público, lança amanhã, a partir das 17h, no Café-escola Senac Casa de Chá, a publicação *Comissão Cruls — Em Busca da Capital Federal*. A obra revela uma perspectiva pouco explorada sobre a concepção do DF: o olhar humano por trás da expedição que definiu o local da cidade.



Manuscritos preservados

Produzido a partir de manuscritos em domínio público, preservados pelo Arquivo Público do Distrito Federal, o livro apresenta uma narrativa acessível ao público contemporâneo. O conteúdo passou por adaptação linguística com curadoria editorial e apoio de ferramentas de inteligência artificial, ampliando o alcance dos relatos originais.

Detalhes do cotidiano

A publicação é baseada nos diários do engenheiro Hastimphilo de Moura, integrante da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, liderada por Luís Cruls.

Arquivo público



Os registros revelam detalhes do cotidiano da missão, as dificuldades enfrentadas e as impressões sobre uma região ainda pouco conhecida à época. Ao valorizar a experiência vivida pelos expedicionários, a obra amplia a compreensão sobre a escolha do território que viria a se tornar Brasília, mostrando que a decisão envolveu não apenas critérios técnicos, mas também desafios e descobertas ao longo da travessia.

Esforço conjunto pelo projeto de país de JK

Segundo o presidente do Sistema Fecomércio-DF, José Aparecido Freire, trata-se de uma das obras mais importantes para a preservação da memória nacional. "Resgatar essa história é valorizar as origens de Brasília e reconhecer o esforço de quem ajudou a construir esse projeto de país. É uma contribuição relevante para a cultura e para o entendimento do nosso desenvolvimento", afirma. O diretor regional do Senac-DF, Vitor Corrêa, completa: "A obra reforça o compromisso do Senac-DF com a educação, a cultura e a inovação, ao tornar documentos históricos mais acessíveis e relevantes para a sociedade".

PODCAST DO CORREIO / Gerente do Sesc explica que um seminário com nomes internacionais discute a concepção do novo espaço que pretende conectar a capital ao mundo e impulsionar a produção artística local

Brasília ganha centro cultural

» ANA CAROLINA ALVES

A participação de mais de 20 pensadores da cena internacional marca o seminário "Cultura para Quê?", que inaugura uma série de debates e reflexões sobre o papel da arte na sociedade e antecipa a criação de um novo centro cultural do Sesc no Distrito Federal. O tema foi destaque do *Podcast do Correio*, que recebeu o gerente do Sesc Cultural, Leonardo Hernandes, com os jornalistas Severino Francisco e Nahima Maciel.

Segundo Hernandes, o seminário representa mais do que um evento isolado e está diretamente ligado à concepção do novo espaço cultural, apresentado à cidade ainda no ano passado. "Esse seminário é pré-lançamento anunciando para a cidade que esse centro cultural vai existir. Um lugar voltado para os hibridismos artísticos, para o convívio, para o encontro das artes com as tecnologias", explicou.

Essa vocação também se reflete na intenção de transformar o espaço em um polo de produção intelectual e curatorial, e não apenas de circulação artística. "A gente quer que esse seja um lugar de reflexão, de construção de pensamento. Esse seminário inaugura, inclusive, a edição zero de uma série de publicações. Vai ser como uma carta para os futuros curadores. A gente quer que eles leiam isso e pensem a partir daqui", afirmou. A publicação reunirá textos dos convidados internacionais, e orientará as primeiras exposições e ações do centro cultural.

Ao mesmo tempo, a iniciativa busca posicionar Brasília como um ponto de articulação entre diferentes territórios culturais, ampliando conexões dentro e fora do país. "Eu costumo falar de uma

Carlos Vieira/CB/D.A Press



Segundo Leonardo Hernandes, a previsão é de que o novo espaço seja inaugurado em 2028 e totalmente dedicado às artes

vocação do Brasil Central, de conectar essa produção, do sul do Amazonas ao Triângulo Mineiro, com o mundo. Eu acho que a gente poder conectar o pé vermelho de Planaltina, o Sertão Negro, essas conexões que eu acho que nós temos", disse Hernandes.

Nesse sentido, o seminário inaugura um processo contínuo de escuta e construção coletiva. "Esse seminário abre o debate, mas ele continua. Vamos fazer outros encontros nas cidades, nas unidades do Sesc, para discutir com as comunidades culturais. O

projeto arquitetônico está avançando, mas o conteúdo, o discurso, a gente constrói agora, coletivamente", destacou o gerente do Sesc Cultural.

Obras

Previsto para ser inaugurado em 2028, o centro cultural será a primeira unidade do Sesc no Distrito Federal totalmente dedicada às artes. Instalado na 511 Norte,



Escaneie o QR Code e assista à entrevista

o espaço reunirá diferentes estruturas voltadas à produção, difusão e formação cultural. "Vai ser uma galeria com padrões internacionais, com controle de luz, umidade e temperatura. Teremos, também, um laboratório onde o pincel encontra a impressora 3D", detalhou Hernandes. O projeto inclui, ainda, teatros, salas de ensaio, espaços para oficinas e áreas voltadas à infância e

juventude, ampliando o acesso e a formação de público.

Enquanto as obras não começam, a estratégia é manter o espaço ativo e em diálogo com a cidade. "O Sesc Cultural já existe. Vamos ocupar o prédio, o gramado, fazer seminários, festivais, encontros. A ideia é fazer a cidade viver esse processo desde já", disse. A programação inclui novos seminários, eventos voltados à arte e infância e outras iniciativas que buscam antecipar, na prática, o papel que o centro cultural pretende desempenhar quando estiver concluído.

Potência artística

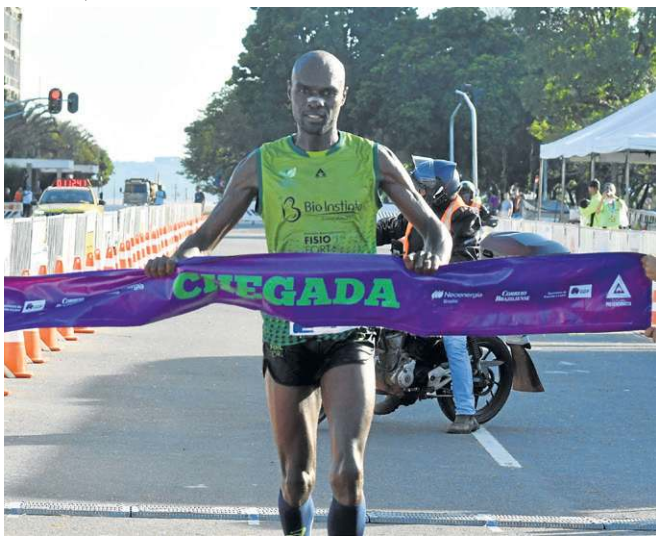
Ao refletir sobre a cena cultural de Brasília, Hernandes destacou a potência artística da capital, ainda que marcada por lacunas. "A gente já foi muito reconhecido como a capital do rock, e hoje já somos vistos também como a cidade do choro. Existe uma tradição e uma potência artística inegável, ainda que com ausências que fazem parte dos ciclos das políticas culturais", afirmou.

Para ele, a cultura é elemento central na construção da identidade das cidades. "Ninguém vai a Liverpool por causa dos portos da Revolução Industrial, mas por causa dos Beatles. É a cultura que dá sentido aos lugares", disse. O gestor avalia que Brasília tem passado por um processo de valorização de si mesma. "A cidade passou a gostar mais de si, a carregar sua iconografia, a ocupar mais os espaços. Está cada vez mais viva culturalmente, e o Sesc quer atuar como um impulsionador desse movimento", destacou.

Outro ponto central é a tentativa de romper o isolamento cultural historicamente percebido em Brasília, sobretudo em relação ao eixo Rio-São Paulo. "Nós somos capital, temos todas as representações, mas ao mesmo tempo somos isolados. As pessoas ficam muito no eixo Rio-São Paulo, elas não chegam aqui. A proposta é justamente criar pontes, trazer essas conexões e fazer com que Brasília também seja um destino desse circuito", afirmou. "Brasília é uma cidade diversa, tolerante, que nasceu do encontro e tem muito a oferecer. A gente quer contribuir para que esse potencial floresça cada vez mais", completou.



Ed Alves CB/DA Press



Pablo Fagundes fez o melhor tempo nos 21 km masculino



Mirene de Souza tornou-se tricampeã consecutiva



Ricardo Melo ganhou três competições seguidas nos 21 km no PcD

» LUIZ FELLIPE ALVES
» DAVI BRITO
» LUIZ FRANCISCO*

Os campeões dos campeões

O terceiro dia da Maratona Brasília reuniu atletas das categorias 5km e 21km para um desafio mais do que especial: comemorar o aniversário de Brasília. Vencedores relataram o esforço e a emoção de completar mais uma prova

Ed Alves CB/DA Press



Carmem Silva foi a vencedora dos 21km feminino no terceiro dia de Maratona Brasília

Resgando a madrugada de ontem, o terceiro dia da Maratona Brasília 2026 reuniu atletas para os percursos de 5km e 21km (meia-maratona) na Esplanada dos Ministérios. As largadas tiveram início às 6h30, com a categoria PcD 21km. O evento é realizado em homenagem ao aniversário de Brasília e do **Correio Braziliense** e tem provas até hoje.

Entre os corredores, está o tricampeão da categoria PcD nos 21km, Ricardo Melo, 54 anos, que celebrou a vitória com destaque para a estratégia e constância ao longo do percurso. “Saí num ritmo conservador, pensando na volta, que é mais subida. No 10º quilômetro, assumi a liderança e mantive o ritmo entre 4min40s e 4min45s”, relatou.

O atleta, que corre há cerca de três décadas, reforçou a importância da experiência para lidar com o desgaste físico e evitar oscilações durante a corrida. Além do desempenho esportivo, Ricardo enfatizou o papel do esporte na saúde mental e na superação pessoal.

Em tratamento para controle da ansiedade há mais de cinco anos, ele apontou a prática esportiva como aliada. “O esporte é vida, é combustível, é remédio pra tudo. Estimula a endorfina e ajuda muito.”

Com uma deficiência adquirida após um acidente, que limita movimentos do ombro e afeta a biomecânica da corrida, o tricampeão destacou sua trajetória é marcada por desafios. “Não somos sofredores, somos lutadores. A vida é feita de superações, e cada prova é uma vitória”, afirmou.

Miguel Jabour, assessor de Relações Institucionais do **Correio**, comentou, emocionado, sobre a realização de mais uma Maratona Brasília. “O que estamos vendo aqui é muita empolgação por parte dos corredores. Eles estão muito engajados em nossos desafios e em todas as nossas iniciativas”, disse. Segundo Miguel, após passar por um período de pausa, a corrida está em sua 4ª edição consecutiva e já registrou 10 mil inscritos ao todo.

Superando os limites impostos pela vida, a atleta Mirene de Souza, 51, conquistou mais uma primeira colocação na corrida de 21km PcD. Com essa vitória, ela se tornou tricampeã consecutiva da prova na Maratona Brasília. O triunfo, para ela, teve ajuda da fé e da preparação. “O psicológico envolve a fé, que é uma coisa muito importante. Deus me manda todos os dias para que eu vença as batalhas, e eu venci mais uma hoje”, clamou.

A vitória nos 21km não é suficiente. Hoje, ela vai disputar a maratona

completa (42km). O objetivo é seguir acumulando vitórias. “Se Deus quiser, vou conseguir ir superbem”, disse. A prova que irá sacramentar a participação de Mirene na edição de 2026 da maratona faz parte de uma das novidades da corrida deste ano: o desafio Brasília Sem Limites, que integra percursos que dobram de distância, começando com 5km e culminando nos 42km. “Eu amo correr. Todo dia é uma vitória para as pessoas com deficiência. Consegui fazer 21km muito bem, agora vou atrás para conquistar essa nova marca”, acrescentou.

Além das fronteiras

Vindo de Anápolis (GO), o auxiliar de padaria Pablo Fagundes, 39 anos, ficou em primeiro lugar na prova de 21km, com a marca de 1min12s. O atleta relata que foi a primeira vez que se consagrou campeão em Brasília, mas já é “veterano” de corridas. “Fico feliz de poder vir e conseguir a vitória na prova. É uma conquista muito importante”, contou o corredor. “Foi um desafio com muita dificuldade, porque senti muita dor e fiquei cansado, mas, graças a Deus, construí uma vantagem

no decorrer do percurso”, acrescentou.

Segundo o atleta, a rotina de treino inclui todos os dias na academia, onde fortalece os músculos para a corrida e conta que isso foi o “essencial” para se sair vitorioso. “Às vezes, eu faço um treinamento de dois períodos especialmente para uma prova de 21km ou até mesmo uma maratona”, declarou Pablo.

O primeiro lugar na corrida de 5km, de ontem, foi para o servidor público Alessandro Pires, 52, que fez a prova em 17m43s. O atleta mora em Valparaíso de Goiás e conta que gostou do trajeto e que se preparou

“bastante” ao acordar, às 4h da manhã, para treinar antes do horário de trabalho. “Dessa vez, eu não fiz desafio porque são várias corridas, e a minha carga não suporta, mas eu admiro os atletas que correm provas de 5 a 42km”, afirmou. “Só tenho que dizer parabéns aos corredores”, exaltou.

O policial federal João Guilherme Oliveira Vieira, 41 anos, garantiu a segunda colocação na prova de 5km com um tempo de 18min25s. Habitado aos trajetos da capital, o corredor contou que liderou boa parte da disputa, mas foi ultrapassado apenas no quarto quilômetro pelo veterano Alessandro. Para ele, o resultado é fruto de uma rotina rigorosa de sete dias de treino semanais, totalizando cerca de 45km por semana. “Acredito que ainda não foi o meu melhor tempo, mas eu corri bem. Vou continuar treinando forte para quem sabe conquistar mais pódios e troféus para a galeria”, disse.

Para o policial atleta, a qualidade da organização e a beleza do cenário chamaram a atenção durante a prova. “A Esplanada dos Ministérios é muito bonita, as construções de Oscar Niemeyer. É sempre muito bom correr na minha cidade natal. No final de semana que vem, eu estou em duas provas, sábado e domingo, não é o ideal, né? É bom você ter uma recuperação, mas as provas eram muito boas e eu não podia perder”, disparou, entusiasmado.

Força feminina

A experiente corredora Carmem Silva conquistou o tricampeonato no trajeto de 21km. Mesmo sendo piauiense e acostumada com o clima de Brasília, a corredora ainda relatou alguns desafios durante o percurso. “A prova é muito desafiadora, subidas e descidas, e o clima também complica um pouco”, afirmou. Apesar dos obstáculos, ela contou com a ajuda do treinador para driblar todas as dificuldades e conseguir alcançar o primeiro lugar. “Eu e meu treinador sempre bolamos alguma coisa para conseguir superar os limites. Por causa disso, consegui essa vitória”, disse.

Na prova dos 5km feminino, Katiúsola Bertoli, 44 anos, se sagrou a grande campeã. Para a atleta, a marca representa uma conquista inédita. “Foi o meu primeiro pódio geral. Estou muito feliz com a minha conquista, foi muito esforço investido”, contou. Apesar do desgaste gerado na primeira prova, a corredora ainda irá enfrentar os 10km hoje (21/4). “Eu vou em busca do pódio novamente. Quero mais uma medalha”, comentou, com segurança.

A corredora também não poucou elogios ao trajeto que percorreu. “Eu achei todo o percurso muito bonito. Ele tem, sim, suas dificuldades, mas a organização orientou certinho o caminho e garantiu toda a nossa segurança”, elogiou.

Estagiário sob a supervisão de Tharsila Prates

» CB.Poder | **RENATO JUNQUEIRA** | SECRETÁRIO DE ESPORTE DO DF

Corrida de rua como opção de lazer

» MANUELA SÁ*

A Maratona de Brasília foi tema, ontem, da edição especial de 66 anos de Brasília do programa **CB.Poder** — parceria entre o **Correio Braziliense** e a TV Brasília. Durante a entrevista, o secretário de Esporte e Lazer do Distrito Federal (DF), Renato Junqueira, destacou que o evento, além de promover o alto rendimento, é também uma opção de lazer e uma forma de reunir a família. Aos jornalistas Mariana Niederauer e Ronayne Nunes, Junqueira também falou sobre obras em andamento e políticas públicas desenvolvidas pela pasta.

Para o secretário, a evolução da maratona pode ser notada em como ela tem se expandido nos últimos anos. O tempo de duração é um exemplo. O evento, que ocorria antes em apenas um dia, neste ano, conta com uma programação de quatro

dias. Junqueira lembrou que esse é um encontro para todos. Mesmo aqueles que não conseguem correr têm a oportunidade de caminhar por lugares icônicos da capital.

A qualidade de vida de Brasília também foi assunto da conversa. Junqueira afirmou que, nos fins de semana, ocorrem mais de 20 corridas em diversos pontos da cidade. A efervescência esportiva da capital atrai pessoas de outros lugares. Na Corrida de Reis, em janeiro, por exemplo, houve recorde de participação. O secretário explicou que essas pessoas que vêm de fora são responsáveis por movimentar a economia local, agitando o setor de hotéis e os bares e restaurantes. “Brasília tem mostrado para o Brasil e para o mundo que é muito mais do que a capital administrativa do país”, afirmou.

Além de eventos, Junqueira falou sobre entregas da pasta. Uma

Ed Alves CB/DA Press



dela é a finalização da reforma do Estádio Augustinho Lima, em Sobradinho. A intervenção inclui a entrega de um estádio de futebol,

com gramado novo, e a renovação da pista de atletismo seguindo padrões internacionais. É lá que treina Caio Bonfim, medalhista olímpico



Aponte a câmera do celular para assistir à entrevista

de marcha atlética. A previsão é de que o espaço seja entregue em meados de maio.

No que se refere ao incentivo

para a formação de novos atletas, Junqueira destacou os centros olímpicos e paralímpicos como política pública mais acertada. Esse programa é responsável por oferecer atividades socioesportivas, recreativas e de lazer em diferentes regiões administrativas. O secretário avaliou que esses espaços são importantes tanto para a Secretaria de Saúde, pois fazem com que adultos e idosos realizem atividade físicas, quanto para a Secretaria de Segurança Pública, porque crianças e adolescentes aprendem a ganhar, a perder e a ter resiliência.

Hoje, os centros olímpicos atendem 45 mil pessoas. Até o final do ano, estão abertas as inscrições para 12 mil vagas, distribuídas nas 12 unidades espalhadas no DF. Interessados podem procurar a secretaria do centro olímpico mais próximo ou visitar o site da Secretaria de Esporte.

O secretário também falou sobre a Piscina com Ondas. Junqueira adiantou que o local vai funcionar de forma similar ao Jardim Botânico e ao Zoológico, tendo uma taxa administrativa de forma acessível. Durante a semana, serão atendidos diversos projetos sociais e escolas públicas. “Aos finais de semana, teremos várias programações para que essas pessoas possam vir para o centro de Brasília encontrar diversão”, destacou.

*Estagiária sob a supervisão de Tharsila Prates



Atleta de altíssima performance, Alan Lima conta por que o desafio dos 5km em comemoração ao aniversário de Brasília e do Correio é estratégico no plano dele em semana de disputa do Ironman

O ensaio do homem de aço

Rafael Lins/Esp. CB/D.A Press



Alan Lima aproveitará a maratona na manhã de hoje como simulado

LUZES DO CERRADO

Cultura e Energia de Brasília

A Maratona Brasília 2026 abre espaço para a cultura durante o feriado. Nos dias 20 e 21 de abril, o público poderá aproveitar a programação especial gratuita do palco Luzes do Cerrado, que promete reunir arte, música e entretenimento em meio ao clima esportivo.

Confira a programação completa:

20 de abril (segunda-feira)

- 7h às 7h40 – Kilombrasil**
Local: palco
Modalidade: aula-show de capoeira
- 7h40 às 8h10 – Cirqus Kids**
Local: gramado
Modalidade: performance cênica circense
- 8h10 às 8h50 – Hit Haus**
Local: palco
Modalidade: aula show de boxe
- 8h50 às 9h20 – Asas Para Dançar**
Local: palco
Modalidade: dança inclusiva (PCD)

- 9h20 às 10h – DeeJay Pavanny + Cirqus FY**
Local: palco + gramado
Modalidade: música de ambientação + performance circense
- 10h às 11h30 – Samba Tia Zélia convida Marcelo Café e Ana Cardoso**
Local: palco
Modalidade: samba show
- 11h30 às 12h – DeeJay Pavanny**
Local: palco
Modalidade: música de ambientação

21 de abril (terça-feira)

- 7h às 7h40 – Aula Fitdance**
Local: palco
Modalidade: aula-show de dança
- 7h40 às 8h10 – Arca de Arabesco**
Local: gramado
Modalidade: futebol de pernas de pau - circense
- 8h10 às 8h50 – Banda Surdodum**
Local: palco
Modalidade: percussão inclusiva (PCD)
- 8h50 às 9h20 – Cirqus FY**
Local: gramado
Modalidade: performance cênica circense

- 9h20 às 10h – Pagodão + coletivo afrontasia**
Local: palco + gramado
Modalidade: aula show de dança + música
- 10h às 10h20 – DeeJay Pavanny + Cirqus FY**
Local: palco + gramado
Modalidade: música + aula show
- 10h20 às 11h30 – Eduardo e Mônica + The Corre**
Local: palco + gramado
Modalidade: música + aula show
- 11h30 às 12h50 – DeeJay Pavanny**
Local: palco
Modalidade: música de ambientação

RAFAEL LINS*

A Maratona Brasília, promovida hoje, a partir de 5h30, em comemoração aos aniversários da capital do país e do Correio Braziliense, tem muita relevância para um atleta de alta performance. Alan Lima, de 47 anos, disputou mais de 11 Ironman na carreira. O corredor escolheu a prova de 5km como ensaio para mais um grande desafio: O Ironman 70.3 de Brasília neste sábado. Em geral, a competição para os homens de aço tem 3,8 km de natação, 180 km de ciclismo e 42,195 km de corrida.

O carioca também é coach, professor de triatlo e pratica a modalidade há mais de 21 anos. Formado na Escola de Educação Física do Exército do Rio de Janeiro (EsEFEx), Alan começou a vida como militar e sempre teve aptidão por vários esportes. Ele se encontrou no triatlo. "A corrida sempre esteve presente na minha vida, porque há cinco anos eu fiz a transição de carreira. Eu era militar e deixei essa parte de lado para realmente virar treinador. Eu comecei a fazer triatlo em 2000. De lá para cá, eu nunca mais parei".

O atleta também conta sobre a importância da corrida para melhorar o desempenho no Ironman: "A corrida contempla a base para qualquer outro esporte", ensina. Em relação a Maratonas, Alan fez apenas duas na vida. Inclusive, a primeira em Brasília. Ambas extremamente desafiadoras. Ele faz um comparativo entre a prova de 42km e as provas de Ironman das quais participou.

"A maratona do Iron é uma maratona de sobrevivência. Você começa a corrida completamente esgotado, e por todo percurso você

está sempre no seu limite, não tem como dosar. A maratona pura tem um conceito de controle muito grande, porque quando você começa de tanque cheio, você tem uma margem para negociar o ritmo e não queimar toda a energia antes de faltar gás no final. Então, a maratona solo é mais de estratégia, controle, rigor e performance nesse sentido", analisa.

O atleta também completa que disputou premiações antigamente, mas que agora o foco é disputar contra si mesmo e se superar cada vez mais.

Alan ressalta a dificuldade enfrentada em provas solas que não englobam o triatlo: "A maratona, os 5km que irei fazer ou todas essas provas de corrida são muito mais difíceis para mim. É igual às provas de ciclismo que eu participo ou provas de águas abertas, porque o triatleta tem uma compreensão física diferente. Ele é um cara mais ou menos em tudo e especialista em nada", observa.

Por fim, Alan Lima fala sobre o impacto do esporte na vida: "A partir do momento que você é livre para escolher o que quer fazer, você tem uma visão mais clara daquilo que pode ou não ser de acordo com os seus novos objetivos. Então, a corrida, nesse sentido, é libertadora, porque ela contempla todos os aspectos de saúde como biomarcador, colesterol, nível de sistema imunológico e endócrino como um todo e tudo relacionado a esse ambiente fisiológico é regulado pela corrida, além da parte de endorfina e prazer que você percebe ao final da atividade. Então, eu acho que não consigo mais ver uma pessoa que seja plenamente feliz que não corra", ressalta o atleta.

"A maratona do Iron é uma maratona de sobrevivência. Você começa a corrida completamente esgotado, e por todo percurso você está sempre no seu limite, não tem como dosar. A maratona solo é mais de estratégia, controle, rigor e performance nesse sentido"

Alan Lima, atleta

* Estagiário sob a supervisão de Marcos Paulo Lima



Produção



Patrocínio



HORÓSCOPO

www.quiroga.net // astrologia@oscarquiroga.net

POR OSCAR QUIROGA

Data estelar: Lua Vazia até 14h HBr. A competição só é perfeita para o esporte, e eventualmente é boa para os negócios, mas para a qualidade dos relacionamentos humanos a competição traz desgaste, hostilidade e perigo, às vezes mortal. Toma o caso do trânsito, por exemplo, por trás do volante as pessoas se sentem superiores, desconsiderando que transitam por lugares públicos, isto é, que elas não são donas das ruas, calçadas ou estradas, pois, são lugares compartilhados, que precisam ser divididos solidariamente com outros motoristas e pedestres para haver harmonia e não perigo. É a estupidez da competição inadequada que provoca acidentes mortais, que podem e devem ser prevenidos diminuindo o fragor competitivo e o substituindo com o olhar solidário, pois, se os motoristas se ajudam mutuamente, todos chegam à salvo aos seus lares.

ÁRIES
21/03 a 20/04

A dinâmica necessária para desatramancar o que precisa está vindo ao seu encontro, e como está bem próxima já dá para a pressentir, na forma de uma alegria que, talvez, não tenha o apoio das circunstâncias. O que importa?

TOURO
21/04 a 20/05

Falta pouco para sua alma se libertar dos pesos que vem carregando há algum tempo, pois, mesmo que a libertação não seja definitiva, pelo menos trará esperança e, muito especialmente, alívio para seu corpo e alma.

GÊMEOS
21/05 a 20/06

Planejar e organizar não é tão divertido quanto improvisar, mas como tudo anda mudando além da imaginação, não é surpreendente que até você, uma alma propensa à improvisação, tenha também de mudar de método de realização.

CÂNCER
21/06 a 21/07

Ainda que sua alma não consiga definir direito se o que acontece a faz se sentir bem ou mal, aceite o que o destino trouxer e lide com a realidade de forma pragmática, pois, logo verá você que tudo vem por bem.

LEÃO
22/07 a 22/08

Seu poder não é individual nesta parte do caminho, seu poder deriva da qualidade dos relacionamentos e de como você manobra para que as pessoas pertinentes continuem ao seu lado, em nome de promover o progresso ansiado.

VIRGEM
23/08 a 22/09

Pense grande, pense de uma forma em que você não seja capaz de fazer tudo contando apenas com sua força pessoal e, por isso, tenha você de se congregarem para que, juntas, todas as pessoas envolvidas progredam melhor.

LIBRA
23/09 a 22/10

Nenhum mal pesa sobre alma nenhuma para sempre, porque a alma é, pela sua própria natureza, livre e conectada com esse organismo colossal que chamamos de Universo, o qual promove bem-estar a todos, sem exceção. Em frente.

ESCORPIÃO
23/10 a 21/11

A conta só vai fechar quando você fizer amizade com as complicações, em vez de ficar lutando contra essas como se fossem adversárias malignas que impedem o progresso. Há males que vêm por bem, não sabia?

SAGITÁRIO
22/11 a 21/12

Qualquer desequilíbrio que acontecer em algum dos relacionamentos significativos de sua vida, pesará sobre sua alma na forma de constrangimento desnecessário. Invista em criar harmonia nos relacionamentos.

CAPRICÓRNIO
22/12 a 20/01

Da celebração ao esforço novamente, porque ainda há estrada para trilhar. Há muito para celebrar, mas há ainda muito mais para encarar com boa vontade e desejo de que tudo seja o melhor para todos. Em frente.

AQUÁRIO
21/01 a 19/02

Tudo está bem quando termina bem, e se não está bem é porque provavelmente ainda não terminou. Isso que parece um exagero de otimismo é, na verdade, o fiel retrato de como o mistério da vida funciona. Acredite ou não.

PEIXES
20/02 a 20/03

Você se aproxima de completar mudanças enormes, que afetarão positivamente o futuro próximo e distante também. Ainda não há espaço para celebração, porque falta muito para finalizar, mas a alma saltita de alegria.

MÚSICA

Divulgação



Cia de Cantores Líricos celebra a história da música

Passeio pela história

» JÚLIA COSTA

Em celebração ao aniversário de capital e com o objetivo de divulgar a música clássica na cidade, a Cia de Cantores Líricos de Brasília promove, hoje e amanhã, o concerto gratuito O canto através dos tempos - recital de canto erudito. As apresentações serão no Centro de Ensino Médio Integrado (Cemi) do Cruzeiro, às 20h.

Durante os 50 minutos, a Cia de Cantores Líricos propõe uma exploração cronológica da história da música, passando, entre outros, pelo canto gregoriano; Bach, marco da divisão entre a música eclesiástica e clássica; Mozart, representante do classicismo; e Donizetti, Verdi, Puccini e Wagner, grandes nomes do período romântico. A escolha das épocas contempladas no espetáculo vem da relevância dos compositores. "Nós pensamos cronologicamente e pensamos também na importância que eles têm para a construção da música vocal até os dias de hoje", explica Renata Dourado, solista e fundadora da Cia de Cantores Líricos de Brasília.

Um apresentador fará uma breve explicação das obras cantadas, contando as influências dos compositores de cada período abordado. O concerto começa com o coro masculino, para o canto gregoriano, seguido pelas áreas de óperas, duetos e quartetos e trios para as grandes óperas italianas do período romântico. No total, quatro solistas participarão do concerto: Renata Dourado, Érika Kallina, Rafael Luiz Ribeiro e Gustavo Rocha.

A ideia para o recital surgiu da falta de concertos que contam a história da

O CANTO ATRAVÉS DOS TEMPOS – RECITAL DE CANTO ERUDITO

Da Cia de Cantores Líricos de Brasília. Hoje e amanhã, às 20h, no Centro de Ensino Médio Integrado (Cemi) do Cruzeiro (SRES Área Especial - Cruzeiro Velho). Entrada gratuita.

música por meio do canto. "Então, como nós somos uma companhia de cantores, basicamente, pensamos 'vamos contar a história da música por meio do canto'", diz Renata. "O canto é o nosso primeiro instrumento, a gente nasce e já fala, já canta."

O objetivo da companhia é formar um novo público para a arte tradicional na cidade, com apresentações gratuitas em escolas e teatros de Brasília. "Precisamos continuar com essa expressão artística que já tem mais de 420 anos que é a ópera, e o canto, com muito mais, porque vem do canto gregoriano. Então, não podemos deixar morrer, se perder", ressalta a solista. "Acreditamos que, por meio do canto, os alunos ficam mais interessados em conhecer a música clássica, não só a música instrumental. Quando eles escutam um cantor lírico, a voz, a interpretação, eles se interessam muito mais, então, por isso, optou-se pela música vocal e não pela música instrumental", explica.

* Estagiário sob a supervisão de Severino Francisco

CRUZADAS

Travessos		Ação inoportuna em atos solenes	Recurso do atalho Ctrl+C (Inform.)	Arco, em francês	Região com mais de 3 mil km de extensão com praias turísticas como Maragogi	
Movimento social defendido por Martin Luther King Jr.	Perda da função da memória				Nome da letra que antecede o "M"	
A força aérea da Marinha de Guerra						
Emitir som melodioso (o pássaro)						
			Uma centena Somente; unicamente			
Espécie de diadema		Deus cultuado no Egito Antigo		Hábito da pessoa erudita		
Tira de tecido			Dente canino Conhecimento			
					O verbo de quem consente (dito)	
Neto de imigrantes japoneses						
Murilo Salles, cineasta brasileiro		"Bel-?", livro de Guy de Maupassant		Condutor de água		
Fios de metal usados em cercas	Roupa de folião (BA) Aspecto (fig.)				Elton John, cantor de "Sacrifice"	
				Diodo luminoso A trave do gol		
Árido, em inglês				Chefe espiritual dos indígenas		
Riscas		Cheiro agradável Alvo do "peeling"			Interjeição de espanto	
					Uma Thurman, atriz de "Amor e Trapaças"	
Colar (?), protege animais em recuperação	Interjeição para chamar		O primeiro canal de Televisão do Brasil			

BANCO 3/arc. 4/ardid — fita. 5/abada. 6/trilar.

11

© Ediouro Publicações — Licenciado ao Correio Braziliense para esta edição

DIRETAS DE DOMINGO

F	S	S				C				
R	E	D	E	D	E	A	P	O	I	O
S	T	I	S	N	E	M	R			
T	A	C	S	A	A	P	A			
P	I	C	A	R	E	T	A	G	E	M
V	A	R	O	N	M	I	R			
A	R	T	A	U	M	E				
G	L	A	D	I	A	D	O	R	E	S
D	O	R	S	O	O	A	T			
E	I	S	E	C	B	I				
A	B	R	E	U	G	R	A	F	I	A
E	A	V	U	O	L					
R	H	A	N	S	T	I	C			
L	A	A	D	U	R	E	Z	A		
F	I	L	T	R	O	S	O	L	A	R
M	E	I	O	S	M	A	R	E		

SUDOKU DE DOMINGO

7	5	1	8	6	4	2	3	9
4	8	3	9	2	1	6	5	7
6	2	9	7	3	5	4	1	8
8	3	6	1	4	7	5	9	2
9	1	2	3	5	6	8	7	4
5	4	7	2	9	8	1	6	3
1	9	4	5	8	3	7	2	6
3	6	5	4	7	2	9	8	1
2	7	8	6	1	9	3	4	5

#FaçaCoquetel

Assine e receba no conforto da sua casa!

www.assinecoquetel.com.br

Assine nosso site!

GO QUE TEL

SUDOKU

		1	2	3		5		8
8		7					9	
		5		1				2
	1			6		3		
3		6	8	4				
4								
						7		
			5		6	2		
					1		8	

Grau de dificuldade: médio

www.cruzadas.net

Diversão & Arte

Fotos: Barbara Vale/ Divulgação



Giovanna Antonelli em *Rio de Sangue*: na pele de uma personagem dramática

» MARIANA REGINATO

Com elenco de peso e trazendo um filme de ação para o catálogo do cinema nacional, *Rio de Sangue*, com direção de Gustavo Bonafé, aborda o narcotráfico, garimpo e as forças do amor materno. Na trama, Giovanna Antonelli interpreta Patrícia Trindade, policial afastada que foge para o Pará em busca de segurança e para se reconectar com a filha Luiza, médica que auxilia populações indígenas. Tudo se transforma quando Luiza é sequestrada por garimpeiros, e Patrícia precisa voltar à ativa para salvar a filha.

Em cartaz nos cinemas, *Rio de Sangue* marca o retorno de Giovanna Antonelli para as telonas, selecionando projetos que a interessam profundamente. “Eu não tenho interesse em fazer por fazer. Esse projeto me provocou e isso hoje é uma escolha. O cinema exige uma entrega diferente. Voltar com uma personagem como a Patrícia é voltar em outro lugar”, comenta a atriz. Para uma personagem tão intensa, Giovanna trabalhou menos a força e mais os limites da personagem. “A força dela não é estética. É instinto. Teve preparação física, claro. Mas o lance foi entender o estado emocional dessa mulher quebrada, tentando se reorganizar no meio do caos.

Para Giovanna, estar na Amazônia cria outra atmosfera para o longa. “Gravar na Amazônia não é cenário. É presença. Você sente o ambiente, o isolamento, a ausência de controle. E isso passa para o filme. O que mais me marcou foi perceber até on-

Alice Wegmann, que interpreta a filha de Patrícia, aceitou rapidamente o convite quando descobriu que seria filmado no Pará, com direção de Gustavo Bonafé. “Meu trabalho já tinha me levado para quase todas as regiões do Brasil, para o Norte eu só tinha ido a turismo. Sabia que seria uma experiência diferente de tudo e foi. Sou muito grata a nossa equipe e a todos os paraenses que nos receberam de braços abertos”, conta Alice. Apesar da tensão das cenas, Alice relembra que o dia a dia de gravações foi muito divertido, com direito a mergulhos no rio e nos igarapés no almoço ou no fim das diárias.

Felipe Simas, ator do personagem Baleado, relembra com alegria os dias na Amazônia. “A história de *Rio de Sangue* é bem pesada e densa, então precisávamos de um set que nos tirasse do peso da trama. E foi isso que vivemos. Um set cheio de carinho e confiança, rodeado pela incrível Floresta Amazônica”, comenta.

O ator acredita que a tensão e a ação estão presentes desde o início do filme. *Rio de Sangue*, é um filme que nos coloca diante de diversas problemáticas que o mundo tem enfrentado, como é o caso do narcotráfico, do garimpo ilegal e da devastação das nossas florestas e áreas de preservação ambiental, por exemplo”, ressalta. “É uma realidade que, muitas vezes, parece distante, mas que quando somos colocados de frente para ela, nos surpreendemos e nos damos conta de que precisamos fazer algo para mudar essa triste realidade”, finaliza Simas.

Alice Wegmann e Felipe Simas contracenando em *Rio de Sangue*



Entrevista / Gustavo Bonafé

O que o inspirou a contar essa história? Qual a importância de falar sobre esse tema na atualidade?

Eu acho que a primeira inspiração mesmo do filme, e é importante ressaltar aqui que eu fui um diretor convidado e não sou o autor do roteiro e da ideia original, era fazer um filme de ação genuinamente brasileiro e que tratasse da questão do garimpo e das invasões de terras indígenas, com uma protagonista feminina. Então, tudo isso já tem uma importância enorme em nosso país, vemos poucos filmes de ação com protagonistas femininas no Brasil, acho que até no mundo, e o tema é importantíssimo, é atual, ainda acontece. É uma questão ainda no nosso país, e acho que tem um lugar onde ele chama a atenção do público, que se interessa pela Amazônia, por essas questões dos povos originários, até por esse folclore que tem em torno do garimpo, da questão da busca do ouro, desse dinheiro que em teoria é fácil e rápido, mas que na verdade atropela muitas vidas e muitas questões.

Você escolheu grandes nomes para essa produção. O que você buscava na escolha do elenco?

Eu acho que a escolha do elenco sempre parte primeiro de encontrar atrizes e atores que estejam à altura do personagem, que vão agregar àquele personagem. A partir disso, óbvio, quando você casa isso com grandes nomes e com pessoas que já pegam para a produção, pessoas que o público já busca assistir e que gosta de ver na tela. Isso é sempre melhor para o filme, uma vez que a gente quer que ele seja assistido por muitas pessoas. O que eu buscava na escolha sempre foi esse lugar de dar legitimidade aos personagens, de fazer com que consigamos acreditar neles, que a dramaturgia do filme salte aos olhos do espectador.

Com o filme nos cinemas, o que você espera que o público sinta com *Rio de Sangue*?

Espero que o público se emocione, que o público viva junto com os personagens dessa história e se conscientize, por outro lado, também, das situações todas que a gente tem ainda na Amazônia. Espero que todos contemplem a beleza que é a Floresta Amazônica também, porque isso está presente no filme, como se fosse um personagem. Também espero que as pessoas sintam esse amor da mãe pela filha e também as crueldades todas que o filme demonstra. É um longa para você se envolver mesmo, uma peça de entretenimento com um fundo socio-político, mas, primordialmente, uma peça de entretenimento, um filme sobre mãe e filha, sobre relações afetivas e com muita ação também, com muito tiro, porrada e bomba, como a gente diz. Espero que o público se sinta envolvido dentro da história.

Tensão e drama na Amazônia

O longa *Rio de Sangue*, dirigido por Gustavo Bonafé e Vanessa Veiga, é um thriller policial com nomes como Giovanna Antonelli, Alice Wegmann e Felipe Simas

CLASSIFICADOS

Brasília, Distrito Federal, terça-feira 21 de abril de 2026

Para anunciar ▶ 3342-1000

1 IMÓVEIS
 COMPRA & VENDA

2 IMÓVEIS
 ALUGUEL

3 VEÍCULOS
4 CASA
 & SERVIÇOS

5 NEGÓCIOS
 & OPORTUNIDADES

6 TRABALHO
 & FORMAÇÃO PROFISSIONAL

1
IMÓVEIS
COMPRA E
VENDA

- 1.1 Apart Hotel**
- 1.2 Apartamentos**
- 1.3 Casas**
- 1.4 Lojas e Salas**
- 1.5 Lotes, Áreas e Galpões**
- 1.6 Sítios, Chácaras e Fazendas**
- 1.7 Serviços e Crédito Imobiliário**

1.2 APARTAMENTOS
ÁGUAS CLARAS
1 QUARTO
CLASSIFICADOS

GOSTOU DESSE ESPAÇO?

PATROCINE UMA RETRANCA!!!

DEIXE SUA EMPRESA OU SERVIÇO MAIS VISÍVEL E FÁCIL DE ENCONTRAR POR 30 DIAS

PREÇO ESPECIAL

ANUNCIE AQUI!

ENTRE EM CONTATO CONOSCO 61 3342-1000 - OPÇÃO 5

MEU IMÓVEL IMOB
LUGAR CERTO Melhores imóveis prontos e na planta em todo DF você encontra aqui!


Aponte a câmera do seu celular e veja as ofertas!

2 QUARTOS
MEU IMÓVEL IMOB
AV PARQUE guas Claras 2 qtos 1 banheiro, 1 suíte, 1 vaga 99562-4472 cj25698

CORRETOR AUTÔNOMO compra, vende e troca imóvel resid/rural. Tr 99175-4129 c12225

1.2
ÁGUAS CLARAS
3 QUARTOS
MEU IMÓVEL IMOB
QD 107 cobertura 3 qtos 3banhs 1 suíte 2 vagas, coz. c/arms planej. 99562-4472 cj25698

ACHEI IMÓVEIS DF
LUGAR CERTO Os melhores imóveis de Brasília você encontra aqui! Veja as ofertas!


Aponte a câmera do seu celular e veja as ofertas!

MEU IMÓVEL IMOB
QD 107 cobertura 3 qtos 3banhs 1 suíte 2 vagas, coz. c/arms planej. 99562-4472 cj25698

ÁGUAS LINDAS
2 QUARTOS
CONSULTORA
INCORPORADORA
SÃO BENTO
VENDE APARTAMENTOS em Aguas Lindas de Goiás. Até 100% financiado, 01 vaga de garagem, varanda e área de lazer. Valor R\$ 170 mil. Toda documentação paga pelo construtor. Agende sua visita e garanta o seu. Chamar no Whatsapp Vinicius (61) 99142-0412.

ASA NORTE
QUITINETES
PLANO EMPREEND.
IMOBILIÁRIOS Os melhores imóveis de BSB você encontra aqui: lugarcerto.com.br


Aponte a câmera do seu celular e veja as ofertas!

1.2
ASA NORTE
3 QUARTOS
PLANO EMPREEND.
404 BLOCO 1 Apto 78m2 3qts 2banhs local privilegiado 3032-7700 / 98313-0206 cj5179

COMPRO URGENTE
PARA CLIENTES 2, 3 4qts Asa Norte/Sul (61) 99842-6366 c3594

ASA SUL
3 QUARTOS
CLASSIFICADOS

GOSTOU DESSE ESPAÇO?

PATROCINE UMA RETRANCA!!!

DEIXE SUA EMPRESA OU SERVIÇO MAIS VISÍVEL E FÁCIL DE ENCONTRAR POR 30 DIAS

PREÇO ESPECIAL

ANUNCIE AQUI!

ENTRE EM CONTATO CONOSCO 61 3342-1000 - OPÇÃO 5

SR. IMÓVEIS
 CJ 9417

216 SUL 5 andar, vazio 167m2, c/ 3qts sendo uma suíte, vista livre, garagem Tratar 99109-6160 Sr Imóveis cj9417

4 OU MAIS QUARTOS
J RIBEIRO VENDE
112 COBERTURA de luxo 411m2 4 qtos (3 su cites) 3 vgs cj5211 3322-3443

CRUZEIRO
3 QUARTOS
PLANO EMPREEND.
QD 409 Apto 3qts Bairro novo 79m2 2vagas 2banhs 3032-7700 / 98313-0206 cj5179

PLANO EMPREEND.
QD 409 Apto 3qts Bairro novo 79m2 2vagas 2banhs 3032-7700 / 98313-0206 cj5179

1.2
GUARÁ
3 QUARTOS
TRATO FEITO IMÓV
LUGAR CERTO Os melhores imóveis de Brasília você encontra aqui! Veja as ofertas!


Aponte a câmera do seu celular e veja as ofertas!

NOROESTE
3 QUARTOS
ACHEI IMÓVEIS DF
SQNW 102 Ap 101m2 3 qtos 2 vgas 98311-5595

ACHEI IMÓVEIS DF
SQNW 102 Ap 101m2 3 qtos 2 vgas 98311-5595

NÚCLEO BANDEIRANTE
2 QUARTOS
RITA LANDIM
LUGAR CERTO Os melhores imóveis de Brasília você encontra aqui! Veja as ofertas!


Aponte a câmera do seu celular e veja as ofertas!

SAMAMBAIA
2 QUARTOS
TRATO FEITO IMÓV
QN 412 Apto 2 qtos 49m2 1 suíte 1 vaga 2 banheiros Tr: 99418-8477 cj21694

TRATO FEITO IMÓV
QN 412 Apto 2 qtos 49m2 1 suíte 1 vaga 2 banheiros Tr: 99418-8477 cj21694

1.2
SUDOESTE
2 QUARTOS
INVEST FLAT VENDE
105 APTO 6 and., localização privilegiada, garagem Tr: 3033-3865/98581-0151 cj21229

COMPRO URGENTE
PARA CLIENTES 2, 3 4qts Noroeste/Sudoeste 61 99842-6366 c3594

3 QUARTOS
ACHEI IMÓVEIS DF
SQSW 500 Moderno apto 3qts 109m2 2 vagas. Tr: 98311-5595

TAGUATINGA
2 QUARTOS
ACHEI IMÓVEIS DF
QSF 01 Apto 2qt 60m² 1 vaga 98311-5595/99112-3991 c/19540

1.3 CASAS
ÁGUAS CLARAS
4 OU MAIS QUARTOS
ACONTECE IMOBILIÁRIA
QS 06 reformada 2 pavimentos casa 5 qtos porcelanato 226m2 área construída 2 vagas 2 banhs 3344-4112

GERALDO VIEIRA
 IMOBILIÁRIA

VENHA FAZER O melhor Negócio! Vendemos, Alugamos Casas e aptos, Serviços com relatos, despachante, Departamento jurídico. Atendimento com qualidade. Estamos no mercado desde 1996. Aqui cuidamos do seu imóvel. Plantão. Ligue: 3352-0064 / 99974-5385 cj30876 www.geraldovieira.com.br :

ACONTECE IMOBILIÁRIA
QS 06 reformada 2 pavimentos casa 5 qtos porcelanato 226m2 área construída 2 vagas 2 banhs 3344-4112

1.3
ÁGUAS LINDAS
2 QUARTOS

CLASSIFICADOS

GOSTOU DESSE ESPAÇO?

PATROCINE UMA RETRANCA!!!

DEIXE SUA EMPRESA OU SERVIÇO MAIS VISÍVEL E FÁCIL DE ENCONTRAR POR 30 DIAS

PREÇO ESPECIAL

ANUNCIE AQUI!

ENTRE EM CONTATO CONOSCO 61 3342-1000 - OPÇÃO 5

ÁGUAS LINDAS DE GOIAS GO Vendo ágio de casa em condomínio fechado, c/ apenas 10 casas. R\$ 40 mil Aceito carro. Tr: 61 99226-4020

CIDADE OCIDENTAL
4 OU MAIS QUARTOS
QD AC Alphaville Brasília. Casa de alto padrão, 4 qtos, todos suítes com closet, 5 banheiros, 370m² de área construída em um terreno de esquina com 703 m², espaço de sobra para viver com conforto, privacidade e segurança. Tratar: Proprietário 61 99196-8360 / Corretor 61 98277-9767

CRUZEIRO
4 OU MAIS QUARTOS
TRATO FEITO IMÓV
QD 12 vdo cs 5 stes quintal c/churrasq. e banh. ávaga p/ 4 carros. 99418-8477 cj21694

GAMA
3 QUARTOS
MEU IMÓVEL IMOB
PONTE ALTA Norte, 3 qts, 3 banhs. 1 ste, área laze, espaço gourmet 99562-4472 cj25698

1.3
LAGO NORTE
LAGO NORTE
4 OU MAIS QUARTOS
J RIBEIRO VENDE
QL 16 706m2, terreno 2.000m2, 3 suítes 2 c/ closet cj5211 33223443

NÚCLEO BANDEIRANTE
3 QUARTOS
RITA LANDIM VENDE
3ª AV Casa 245m² 3qts 1suíte 2 vagas 2 banhs 99673-2538

PARK WAY
4 OU MAIS QUARTOS
RITA LANDIM VENDE
QD 01 casa c/ 4 qtos 400m2 de á.constr. terreno de 2.500m2 3552-4358 c/12179

RITA LANDIM VENDE
QD 01 casa c/ 4 qtos 400m2 de á.constr. terreno de 2.500m2 3552-4358 c/12179

SOBRADINHO
4 OU MAIS QUARTOS
PLANO EMPREEND.
QD 10 Melhor quadra! Sobrado área privativa 582,28m2 c/ 9 banhs 6qts 98313-0206 cj5179

PLANO EMPREEND.
QD 10 Melhor quadra! Sobrado área privativa 582,28m2 c/ 9 banhs 6qts 98313-0206 cj5179

1.3
TAGUATINGA
TAGUATINGA
3 QUARTOS

GERALDO VIEIRA
 IMOBILIÁRIA

VENHA FAZER O melhor Negócio! Vendemos, Alugamos Casas e aptos, Serviços com relatos, despachante, Departamento jurídico. Atendimento com qualidade. Estamos no mercado desde 1996. Aqui cuidamos do seu imóvel. Plantão. Ligue: 3352-0064 / 99974-5385 cj30876 www.geraldovieira.com.br

4 OU MAIS QUARTOS
RITA LANDIM VENDE
COND PREMIUM excel casa 280m2 cond fechado, porteiro 24 horas 3552-4358 c/12179

1.4 LOJAS E SALAS
LOJAS
SUDOESTE
TRATO FEITO IMÓV
CCSW 02 Loja de esquina. Alugada. tima localização. Exc Oportunidade 99418-8477 cj21694

VICENTE PIRES
MEU IMÓVEL IMOB
R 08 chác. 332 loja St Habitação al V.Pires, l.ocaliz. privilegiada 30m2. 99562-4472 cj25698

REGINA NEVES
 CONSULTORA IMOBILIÁRIA
 CRECI 1939

OS MELHORES
 IMOVEIS DE GOIÂNIA

QUER MORAR OU
INVESTIR EM
GOIÂNIA?
TENHO AS MELHORES
OPÇÕES PRA VOCÊ!


(62) 98280-1111



GOLPE!!!

CUIDADO COM AS FALSAS VAGAS DE EMPREGO

Listamos alguns cuidados que você pode tomar para se proteger dos golpes que podem ocorrer na sua busca por uma vaga de emprego

- ✘ Não pague para obter um diploma para determinada vaga;
- ✘ Não transfira dinheiro e nem forneça dados bancários;
- ✘ Atente-se para as vagas que não exigem experiência e oferecem um bom salário;
- ✘ Não compre cartões, nem coloque créditos para terceiros;
- ✘ Desconfie se você precisa pagar por um curso necessário para sua contratação ou para participar do processo seletivo;
- ✘ Não forneça informações pessoais ou profissionais, seja por telefone ou Whatsapp;
- ✘ Pesquise a agência ou empresa que oferece o emprego;
- ✘ Fique em alerta com histórias longas e improváveis.

DISQUE-DENÚNCIA 181

Se alguma vaga foi publicada em nossas edições nos sinalize através do e-mail: classificados@correioweb.com.br. Não hesite em procurar uma delegacia de polícia.

CLASSIFICADOS

CORREIO BRAZILIENSE

1.4 ÁGUAS CLARAS

1.4 LOJAS E SALAS

SALAS

ÁGUAS CLARAS

PLANO EMPREEND.
AV PAU BRASIL sala área 173m2 c/ 5 vagas 4 banhs. próx estação metrô 3032-7700 98313-0206 cj5179

ASA SUL

ACONTECE IMOBILIÁRIA
SHS QD 06 Complexo Brasil 21 Asa Sul vendo vaga de garagem 12m2 área comercial 3344-4112

SUDOESTE

INVEST FLAT
LUGAR CERTO Os melhores imóveis de Brasília você encontra aqui! Veja as Ofertas!



Aponte a câmera do seu celular e veja as ofertas!

1.5 LOTES, ÁREAS E GALPÕES

ASA NORTE

TRATO FEITO IMÓV
SAAN QD 02 Lote à venda no Bairro Asa Norte, 2.500m2 área 99418-8477 cj21694

TRATO FEITO IMÓV
SAAN QD 02 Lote à venda no Bairro Asa Norte, 2.500m2 área 99418-8477 cj21694

GUARÁ

SR. IMÓVEIS
CJ 9417

QI 08 Excelente Lote comercial, 400m2. Podendo construir 3 vezes. Aceito 100% em imóveis 99109-6160 Sr Imóveis cj9417

LAGO NORTE

J RIBEIRO VENDE
SHTQ QD 04 Excel. lote Bairro Taquari 742m2, quitado, esquina, ótima localização CJ 5211 3322-3443

J RIBEIRO VENDE
SHTQ QD 04 Excel. lote Bairro Taquari 742m2, quitado, esquina, ótima localização CJ 5211 3322-3443

1.5 LAGO NORTE

1.5 LOTES, ÁREAS E GALPÕES

LAGO NORTE

J RIBEIRO VENDE
SHTQ QD 04 Excel. lote Bairro Taquari 742m2, quitado, esquina, ótima localização CJ 5211 3322-3443

TAGUATINGA



VENHA FAZER O melhor Negócio! Vendemos, Alugamos Casas e aptos, Serviços com relatos. Fazemos inventários, despachante, Departamento Jurídico. Atendimento com qualidade. Estamos no mercado desde 1996. Aqui cuidamos do seu imóvel. Plantão. Ligue: 3352-0064 / 99974-5385 cj30876 www.geraldivieira.com.br

1.6 SÍTIOS, CHÁCARAS E FAZENDAS

DISTRITO FEDERAL E ENTORNO

VENDE-SE CHACARA
1 HECTARE casa c/5 quartos, cs de caseiro, 2qts. churrasq. Entre Outlet e Alexânia. (61) 99439-3883

VENDO OU TROCO
Sítio 20 hectares Agrovila BR 251 Cavas / Baixo c/água, casa, cerca, etc... doc Ok. (61) 98202-7591 ou 99514-7645

2

IMÓVEIS ALUGUEL

- 2.1 Apart Hotel
- 2.2 Apartamentos
- 2.3 Casas
- 2.4 Lojas e Salas
- 2.5 Lotes, Áreas e Galpões
- 2.6 Quartos e Pensões
- 2.7 Sítios, Chácaras e Fazendas

2.2 APARTAMENTOS

ASA SUL

2 QUARTOS

J. RIBEIRO
LUGAR CERTO Os melhores imóveis de Brasília você encontra aqui! Veja as ofertas!



Aponte a câmera do seu celular e veja as ofertas!

2.2 GUARÁ

GUARÁ

1 QUARTO

CONVICTA IMÓVEIS ALUGA
AE 02 apto 45m2 1 qto sl coz á99112-3703 / 3386-9000 cj22002

CONVICTA IMÓVEIS ALUGA
AE 02 apto 45m2 1 qto sl coz á99112-3703 / 3386-9000 cj22002

NÚCLEO BANDEIRANTE

2 QUARTOS

3ª AV Alg ap 4 qts 1 suite vazado 2 varandas bem arejado 1 gar R\$ 3.000. 99267-1972

SUDOESTE

2 QUARTOS

ACONTECE IMOBILIÁRIA LUGAR CERTO.COM.BR Os melhores imóveis de Brasília você encontra aqui!



Aponte a câmera do seu celular e veja as ofertas!

2.3 CASAS

RECANTO DAS EMAS

2 QUARTOS

CONVICTA IMÓVEIS LUGAR CERTO Os melhores imóveis de Brasília você encontra aqui! Veja as ofertas!



Aponte a câmera do seu celular e veja as ofertas!

SUDOESTE

3 QUARTOS

ACONTECE IMOBILIÁRIA
101 BLOCO I alugo apto 3 qtos 110m2 1 su cite Tr: 3344-4112

TAGUATINGA

3 QUARTOS

CONVICTA IMÓVEIS ALUGA
QSF 05 casa 3 qtos 120m2. 99112-3703 / 3386-9000 cj22002

CONVICTA IMÓVEIS ALUGA
QSF 05 casa 3 qtos 120m2. 99112-3703 / 3386-9000 cj22002

2.4 ASA NORTE

2.4 LOJAS E SALAS

LOJAS

ASA NORTE



SCLRN 713 Bl A Loja de frente W3 com térreo e subsolo, 120 metros. Tratar: 3042-9200 ou 99109-6160 Sr Imóveis cj9417

ASA SUL



SCRS 513 Loja c/ 400 metros, sendo 200 metros de térreo e 200 de subsolo, de frente W3 Sul Tr. 3042-9200/ 99109-6160 Sr Imóveis cj9417

CANDANGOLÂNDIA

CONVICTA IMÓVEIS ALUGA
QOF conj G loja 40m2 para alugar Tr: 3386-9000 cj22002

SALAS

ASA SUL

J RIBEIRO ALUGA

SHLS 716 sala 54m2 no C. Clínico Sul 5211 3322-3443

3

VEÍCULOS

3.1 Automóveis

3.2 Caminhonetes e Utilitários

3.3 Caminhões

3.4 Motos

3.5 Outros Veículos

3.6 Peças e Serviços

3.1 AUTOMÓVEIS

FABRICANTES

AUDI

AUTOCRED

Q3/20 Prest. 1.4 Tfsi flex S-tronic revisada ún. dono 99288-9231

DIPLOMATA VENDE

Q3 22/23 Performance Black Quattro, 49mil km. Tratar. Tel.: (61) 992351108.

CHERY

AUTOCRED

TIGGO/22 5x TxS 1.5 16V Turbo flex aut 31.200 km 99288-9231

AUTOCRED

TIGGO/22 5x TxS 1.5 16V Turbo flex aut 31.200 km 99288-9231

3.1 VOLKS

VOLKS

AUTOCRED VRUM.COM.BR Acesse nosso páteo e confira as melhores ofertas disponíveis para você!



Aponte a câmera do seu celular e veja as ofertas!

3.2 CAMINHONETES E UTILITÁRIOS

FABRICANTES

JEEP

AUTOCRED

RENEGADE/17 Sport 1.8 branco 4x2 Flex 16V Autom. câmera de ré excel. 99288-9231

5

NEGÓCIOS & OPORTUNIDADES

5.1 Agricultura e Pecuária

5.2 Comunicados, Mensagens e Editais

5.3 Infomática

5.4 Oportunidades

5.5 Pontos Comerciais

5.6 Telecomunicações

5.7 Turismo e Lazer

5.2 COMUNICADOS, MENSAGENS E EDITAIS

MÍSTICOS

AMOR DE VOLTA

EM 6 HORAS

ABA traz seu amor de volta em 6 horas. Faz trabalhos inclusive p/ saúde. Desmancha feitiços mandados e afasta rivais, causas em justiça e trazer sorte em negócios. Sigilo total. Resultado garantido. Não cobra consulta e nem trabalho 61.99149-8430 Carmem

5.4 OPORTUNIDADES

CRÉDITO

DINHEIRO E FINANÇAS

PREVICRED

CRÉDITO PESSOAL -- para funcionário público em geral com cheque, desc. em folha, déb. em conta sem consulta spc/serasa. Tel: 4101-6727 98449-3461

PREVICRED

CRÉDITO PESSOAL -- para funcionário público em geral com cheque, desc. em folha, déb. em conta sem consulta spc/serasa. Tel: 4101-6727 98449-3461

5.7 CLUBE

5.7 TURISMO E LAZER

NEGÓCIOS

CLUBE

VENDO TÍTULO IATE CLUBE DE BRASÍLIA. Tr: 61 98157-9961

OUTROS

ACOMPANHANTE

RENATO ATIVÃO

MACHAO, SERIO, discreto e sigiloso (61) 99642-9963

6

TRABALHO & FORMAÇÃO PROFISSIONAL

6.1 Oferta de Emprego

6.2 Procura por Emprego

6.3 Ensino e Treinamento

6.1 OFERTA DE EMPREGO

NÍVEL BÁSICO

CONTRATA - SE

ATENDENTE de mesa p/ trabalhar em restaurante c/ exper. em Buffet. Salário a combinar. Ligar ou enviar currículo 98350-7773

CONTRATA - SE

AUXILIAR DE COZINHA Com experiência. Terça/domingo; manhã e tarde. Interessados entre em contato: 61 98190-6312 Soró

AUXILIAR DE

SERVIÇOS GERAIS E

AUXILIAR DE PRODUÇÃO Contrata-se para trabalhar em indústria de alimentos na Samambaia. Com experiência comprovada em CTPS. Currículo para: rh@germana.com.br

CONTRATA-SE

AUXILIAR Cabeleireiro e Manicure c/exper. p/ guas Claras. Tr. 99116-2582

DOMESTICA-NOROESTE Seg à Sext. c/ exper de doméstica na CTPS e c/ referências CV p/ ribas.2026.1953@gmail.com

6.1 NÍVEL BÁSICO

6.1 NÍVEL BÁSICO

6.1 NÍVEL BÁSICO

6.1 NÍVEL BÁSICO

6.1 NÍVEL BÁSICO

6.1 NÍVEL BÁSICO

6.1 NÍVEL BÁSICO

6.1 NÍVEL BÁSICO

6.1 NÍVEL BÁSICO

6.1 NÍVEL BÁSICO

6.1 NÍVEL BÁSICO

6.1 NÍVEL BÁSICO

EMPRESA CONTRATA

AUXILIAR DE SERVIÇOS Gerais p/ atuar na área de condominial c/ experiência Enviar CV: rh1@centrosulservicos.com.br

CASEIRO Que saiba tirar leite Tratar: 61 3367-0108

DANCARINAS(OS) COM/SEM exp p boate, ótganhos 99917-1403

VIDRACARIA BRASÍLIA

214 SUL CONTRATA

SERVIÇOS GERAIS - Pessoas pontuais ; responsável e com interesse de aprendizado. De Segunda a sexta 8:30 às 18h e sábados 8:30 às 13h. Enviar CV A/C Isabel 98259-0077 vidracariabrasilia2009@gmail.com

VIDRACARIA BRASÍLIA

214 SUL CONTRATA

VIDRACEIRO COM EXPERIÊNCIA em vidro comum e temperado, habilitado. Horários Segunda a sexta 8:30 às 18h e sábados 8:30 às 13h. Enviar CV A/C Isabel Whats 98259-0077 vidracariabrasilia2009@gmail.com

NÍVEL MÉDIO

ATENDENTE DE LOJA

CHOCOLATES KOPENHAGEN Contrata c/ experiência em cafeteria, padaria e atendimento ao público. Shopping Conjunto Nacional Brasília-DF. Salário a combinar. VT + VA. Enviar CV para e-mail: kopenhagencasapark@gmail.com ou Whatsapp (61) 99465-3000

ATENDENTE CAFETERIA em Vic Pires (produção de Lanches e bolos) c/exper CV: selecao163@gmail.com

COMUNICAÇÃO VISUAL

CONTRATA Impressor experiente e Design Gráfico experiente em corel. Para trabalhar Recanto das Emas. Enviar currículo: bervan.sucesso@gmail.com

DEPARTAMENTO FISCAL E PESSOAL. Salário a combinar de acordo com experiência na área. Novo Gama - Go. Tratar: 61 98554-8289 ou lusp501@gmail.com

6.1 NÍVEL MÉDIO

6.1 NÍVEL MÉDIO

6.1 NÍVEL MÉDIO

6.1 NÍVEL MÉDIO

6.1 NÍVEL MÉDIO

6.1 NÍVEL MÉDIO

6.1 NÍVEL MÉDIO

6.1 NÍVEL MÉDIO

6.1 NÍVEL MÉDIO

6.1 NÍVEL MÉDIO

6.1 NÍVEL MÉDIO

6.1 NÍVEL MÉDIO

6.1 NÍVEL MÉDIO

6.1 NÍVEL MÉDIO

6.1 NÍVEL MÉDIO

6.1 NÍVEL MÉDIO

6.1 NÍVEL MÉDIO

6.1 NÍVEL MÉDIO

6.1 NÍVEL MÉDIO

6.1 NÍVEL MÉDIO

6.1 NÍVEL MÉDIO

6.1 NÍVEL MÉDIO

6.1 NÍVEL MÉDIO

6.1 NÍVEL MÉDIO

6.1 NÍVEL MÉDIO

CONTRATA-SE

GERENTE DE PRODUÇÃO p/ trabalhar c/ comunicação visual. CV: (61) 98424-5020

TEC TÉCNICO (A)

EM SEGURANÇA ELETRÔNICA Com exp. em Central de Comunic. Port. Eletrôn. câmeras, cont. de acesso. Salário R\$1.800 à R\$ 2.700 + VT + VR. CV p/ 98102-4407 ou auxmantop@gmail.com

ECO ENERGIA CONTRATA

ELETRICISTAS E AUXILIARES - Comparar Segunda às 8h, com CTPS na ADE Cj 08 Lt 17 guas Claras. Tel: (61) 3024-3444

MAQ CENTER CONTRATA

ANALISTA DE MARKETING Digital p/ trabalhar De Segunda a Sexta. Oferece VT + VA + Plano de Saúde c/desc 50%. Enviar CV: rh@maqcenter.com.br

NÍVEL SUPERIOR

AGÊNCIA CONFIANÇA

há mais de 30 anos, tem também : Secretaria do Lar, Arrumadeira, Diarista, Cozinha de forno e fogão, Babá, Passadeira, Aux Serviços Gerais, Caseiro, cuidadora de idosos e motorista. Tel.: 3356-3351 ou 98609-0574

Parque dos Leilões

LEILÃO ONLINE

VEÍCULOS SEMINOVOS

LANCES ATÉ 22/ABRIL

Gian Braggio - Leiloeiro Público Oficial nº 51 JUCISDF

EDITAL COM FOTOS E DETALHES EM:

WWW.PARQUEDOSLEILÕES.COM.BR

IPVA 2026 PAGO

LANCES ATÉ 22/ABRIL

Gian Braggio - Leiloeiro Público Oficial nº 51 JUCISDF

EDITAL COM FOTOS E DETALHES EM:

WWW.PARQUEDOSLEILÕES.COM.BR

TJDFT PODER JUDICIÁRIO DA UNIÃO

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO DISTRITO FEDERAL E DOS TERRITÓRIOS

</



AVISO IMPORTANTE

FERIADO 21/04

**Informamos que devido ao
feriado, nossa loja e a central de
anúncios estarão fechadas.
Retornaremos as atividades
normalmente na quarta-feira.**

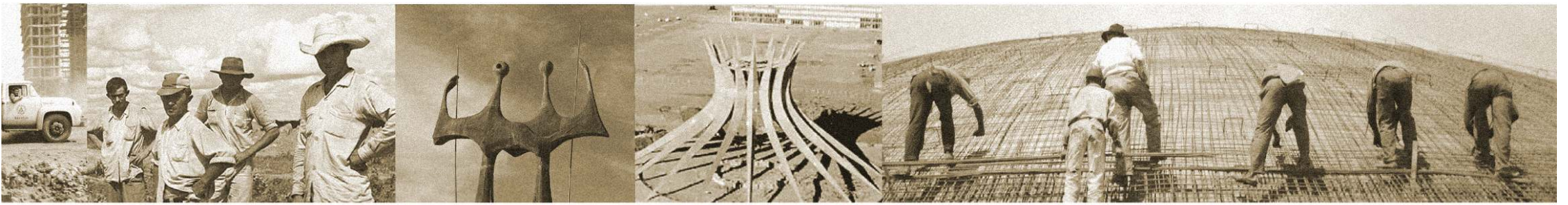
Desejamos um ótimo feriado!

SIGA-NOS NO INSTAGRAM E FIQUE POR DENTRO DE TODAS NOVIDADES!

@classificadoscb

CLASSIFICADOS
CORREIO BRAZILIENSE





Brasília, terça-feira, 21 de abril de 2026

Correio Braziliense

Especial



Pioneiros do futuro

Uma saga brasiliense



Aponte a
câmera do
celular e
confira o
vídeo em
homenagem
a Brasília

Assim como os primeiros moradores da Capital da Esperança, novas gerações mantêm o sonho e a utopia em busca de uma cidade mais humana e de todos. Conheça histórias desses brasilienses e seus projetos, desde o mais inovador e tecnológico ao simples ato de acolher pessoas e de lutar por uma cultura viva e diversa

**Pioneiros do futuro
— uma saga brasiliense**



APRESENTAÇÃO

Pioneiros de um grande futuro

Criada para receber o futuro, Brasília segue sempre olhando para frente, sem, é claro, esquecer dos sonhos dos que desbravaram o Planalto Central até a inauguração da Capital da Esperança, em 21 de abril de 1960. Brasília foi tecida com os fios da perseverança, de geração a geração. A capital ganhou corpo, se agigantou, mas não perdeu a essência. Inovação e tradição andam juntas pelas quadras e superquadras. É uma cidade construída por pessoas,

cujo pertencimento a esse quadrado se reflete nas entrevistas deste caderno especial. O presidente do **Correio**, Guilherme Machado, gosta de destacar que Brasília "é símbolo de um Brasil moderno, que cresce sem perder a essência". Ana Dubeux, chefe de Redação, ressalta a matriz humanista da cidade, que acolhe quem chega. "É sempre gratidão", destaca. O cronista Severino Francisco enfatiza a vocação da cidade. "Para mim, Brasília é a utopia do que o Brasil poderia ser, apesar

de ter se tornado uma cidade distópica. Mas esse estado é circunstancial, é um estado de exceção. A verdadeira vocação de Brasília é a utopia", diz. Recém-formado, o jovem repórter Luiz Felipe Alves está descobrindo a capital do país, "é um lugar que reúne culturas do Brasil e do mundo inteiro". Brasília é essa mistura de bons sentimentos, afinal, somos todos pioneiros de um grande futuro.

José Carlos Vieira, editor

O **Correio Braziliense** divide a certidão de nascimento com Brasília e permanece como o principal guardião dos arquivos e das transformações da cidade, com um olhar para o futuro

As primeiras páginas da capital

» LETÍCIA MOUHAMAD

Ed Alves/CB

Correio Braziliense e Brasília dividem a mesma certidão de nascimento. Em 21 de abril de 1960, enquanto o país voltava os olhos para a nova capital, o jornal fundado por Assis Chateaubriand rodava sua edição número um, consolidando-se como o primeiro registro histórico da cidade que surgia no Planalto Central. Naquela ocasião, o som das rotativas se misturava ao barulho das festividades da inauguração, marcando o início de uma simbiose entre o impresso e o concreto que perdura até hoje, incluindo a tecnologia digital.

O nome escolhido foi um resgate estratégico: uma homenagem ao periódico de Hipólito José da Costa, editado em Londres em 1808. Ao retomar esse título, Chateaubriand conectava o projeto modernista de Juscelino Kubitschek às raízes da própria imprensa brasileira, conferindo à nova capital uma linhagem intelectual e histórica imediata. O jornal não apenas acompanhou a construção, como deu voz e rosto aos candangos e pioneiros que, até então, eram personagens de um canteiro de obras, documentando o esforço humano por trás das curvas de Oscar Niemeyer e do traçado de Lucio Costa.

Nas décadas seguintes, as páginas do **Correio** transformaram-se no principal arquivo da identidade brasiliense. Em meio à poeira e ao concreto, o jornal ajudou a sedimentar o cotidiano das superquadras e a vida política nacional que passava a pulsar no Eixo Monumental. Por meio de uma cobertura que equilibra as decisões do poder e as demandas urbanas, o veículo firmou-se como o diário que acompanhou a evolução da cidade.

Ao longo de sua trajetória, o jornal funciona como um espelho das transformações sociais do DF, documentando o nascimento das regiões administrativas, a chegada das primeiras universidades e a consolidação de uma cultura tipicamente local, que mistura influências de todos os cantos do país. O **Correio** foi o veículo que primeiro noticiou a chegada da luz elétrica nas quadras, a inauguração de escolas e os desafios de uma população que aprendia a viver em uma cidade planejada.



Redação do Correio Braziliense: integração entre o digital e o impresso

Além de registrar o progresso físico, o jornal consolidou-se como o espaço de debate para as grandes questões que moldaram a autonomia política do DF. Das campanhas pelas Diretas Já à luta pela representação política própria, o **Correio** esteve presente em cada embate, servindo de elo entre os anseios da população e o poder público. Essa função de vigilância e serviço reafirma que, muito além de um veículo de notícias, o jornal permanece como um pilar institucional indispensável para a democracia e para o amadurecimento social da capital.

Mais de seis décadas depois, o **Correio** permanece como a memória impressa — e digital — de uma capital que nasceu com a missão de ser o futuro, mantendo-se como a principal fonte de registro dos sonhos realizados e dos novos desafios da cidade, renovando diariamente seu compromisso com a história que ainda está sendo escrita.

Correio Braziliense/CB/Reprodução



Rainha Elizabeth II e príncipe Philip visitam Brasília em 1968



Arquivo CB/CB/D.A Press

O jornalista Ari Cunha (E) e o contador dos Diários Associados, João Domingos



Vista aérea do antigo prédio do Correio Braziliense em 1960

Ana Dubeux (diretora de redação); José Carlos Vieira (produção e edição); Joana Cabral (coordenadora de fotografia); Adriana Bernardes (coordenadora de produção); Eduardo Pinho, Malcia Afonso, Márcia Machado, Mariana Niederauer, Patrick Selvatti, Tharsila Prates (subeditores); Ana Carolina Alves, Artur Maldaner*, Beatriz Mascarenhas, Carlos Silva, Darciane Diogo, Gabriella Braz, Isabela Berrogain, Junio Silva, Letícia Mouhamad, Luiz Felipe Alves, Manuela Sá*, Maria Eduarda Lavocat, Mariana Reginato, Mila Ferreira, Nahima Maciel, Paulo Gontijo, Victor Parrini (repórteres); Carlos Vieira, Ed Alves, Marcelo Ferreira, Mariana Campos, Minervino Júnior (fotógrafos); Kleber Sales, Lucas Pacifico (ilustração); Diego Lucas (diagramação); Ailton Pedrosa, Ana Beatriz Valente; Rosiley Bertini (revisão); Marcelo Ramos (projeto gráfico); Lula Cardoso (projeto comercial); Jairo Motta (Opec); *Estagiários sob a supervisão de José Carlos Vieira.

Nem toda ideia vira uma cidade

Brasília virou.

Há 66 anos, um projeto saiu do papel e ganhou vida com a força das pessoas, transformando Brasília em um dos maiores símbolos de construção coletiva do país.

Entre traços marcantes da arquitetura, histórias que se cruzam e decisões que ganham forma. E, desde o começo, o Correio Braziliense registra essa história que continua em movimento.

Parabéns a Brasília.

**E ao Correio Braziliense, que nasceu com a cidade
e segue noticiando cada capítulo.**

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



Aos 60 anos, o Beirute marcou várias gerações da cidade, incluindo as dos próprios donos do estabelecimento. Os descendentes ajudam um dos fundadores a dar continuidade ao legado iniciado nos anos 1970

Seis décadas como uma referência

» LUIZ FELLIPE ALVES

Com uma história que remonta da chegada a Brasília aos dias atuais, o Beirute é uma das grandes referências gastronômicas da capital. A jornada de um dos estabelecimentos mais tradicionais da cidade se mistura com o surgimento da nova capital. Nos anos 1970, os irmãos Bartô e Chico, que começaram no restaurante como garçons, compraram os estabelecimentos de seus chefes.

Atualmente, após 60 anos recém-completados de atividades, a gestão do restaurante é dividida por Chiquinho e os filhos, Francisco Emílio e Marcelo Marinho, e o sobrinho Célio Marinho. Na terceira geração de donos, o restaurante segue sendo referência em entretenimento e marca os 66 anos de Brasília como ponto de encontro para todas as idades.

Para a família, a cidade representa mais do que um ponto comercial; é a junção de força e resiliência, e a base do esforço empregado durante gerações. “Nasci, me formei e construí minha trajetória aqui. Já tive experiências em outras cidades, mas sempre enxerguei Brasília como o lugar onde quero estar e desenvolver meus projetos”, disse Francisco Emílio.

Francisco faz parte de uma terceira geração que cuida do Beirute. Ele considera a cidade como um polo econômico em constante transformação e deixa um conselho para as novas gerações. “Aproveitem esse momento, invistam em inovação e contribuam para o crescimento da

cidade em áreas como tecnologia, logística e turismo”, acrescentou.

Com a participação do irmão e primo, o estabelecimento preserva a identidade familiar mesmo após seis décadas. Célio Marinho, filho de Bartô, conta que seu pai o levava para o bar desde os seus 14 anos. “Eu vinha para cá e, muitas vezes, emendava três dias trabalhando no restaurante. No andar de baixo, existia uma beliche, e eu dormia lá para aguentar a jornada. Foi assim que fui pegando gosto pelo ramo”, contou.

A história de seu primo, Marcelo, é parecida. “Eu vinha com meus 15 e 16 anos para o restaurante para auxiliar a família. Com o tempo, o negócio também foi me conquistando. Aqui, eu construí toda a minha vida”, comentou.

Virada de chave

Os esforços empregados inicialmente por Chiquinho e Bartô renderam frutos à família. Além de proporcionar a criação dos filhos, o restaurante também é o sustento da nova geração, netos dos donos originais. Um dos principais marcos, segundo Francisco Emílio, foi a inauguração da segunda unidade, na Asa Norte, em 2007. “Foi um processo desafiador, com muitos obstáculos, mas a casa também conquistou seu espaço e virou uma referência da cidade”, lembrou.

Marcelo relembra que entrou de vez nos negócios após a morte de seu tio, Bartô, em 2001. “Isso foi um divisor de águas para mim. Antes, eu

Carlos Vieira/CB/DA Press



O veterano Chiquinho (de branco), com Célio, Marcelo e Francisco Emílio

vinha trabalhar apenas de quinta a domingo para render o Célio”, contou. Desse momento em diante, os filhos, que eram funcionários, viraram sócios.

Assim como Brasília, o Beirute também passou por evoluções ao longo dos anos, mas sempre mantendo a tradição e o bom atendimento. Célio cita as mudanças de comando e do ambiente que presenciaram. “A clássica comandada de papel deu lugar aos computadores e depois para o celular. Temos que acompanhar essas mudanças para manter o bar em atividade”, disse Célio.

Ele ainda comentou que a evolução também é vista quando novas gerações de um cliente antigo frequentam o local. “Vemos avós chegando com os filhos e com os netos. Outro dia mesmo, eu conversei com um cliente de 19 anos que a mãe frequentava o local enquanto estava grávida dela. É uma satisfação enorme”, contou.

Apesar do sucesso do bar que atravessa gerações, os primos admitem que há uma pressão em continuar o legado iniciado pelos pais. “A pressão continua tanto pelo legado, mas também por ser o nosso ganha pão. Tenho duas filhas para criar, e Marcelo também os filhos”, disse Célio.

Orgulhoso do trabalho feito pela família, Marcelo Marinho, um dos sócios, comenta sobre a satisfação de marcar o cenário boêmio de Brasília. “Isso é muito gratificante. É um sentimento de amor e de responsabilidade ao mesmo tempo em ser considerada uma referência para a cidade”, definiu.

Para saber mais

Para comemorar o aniversário de Brasília e o do restaurante, o **Correio Braziliense** (CEDOC) realiza a exposição *Beirute 60 anos*, que conta com arquivos históricos do Acervo **Correio Braziliense** (CEDOC), relata os 60 anos do clássico restaurante por meio de fotos registradas ao longo dos anos. As fotos estarão disponíveis até 30 de abril.

Aos 60 anos, o Beirute permanece aqui, frequentado com devoção por gerações seguidas. Na mesma quadra, com o mesmo mobiliário, o mesmo cardápio, servido nos mesmos pratos, e as mesmas bandejas, repletas de cerveja gelada, por garçons com a mesma dedicação aos clientes. O Beirute, reconhecido, querido e indecifrável, é uma tradição de Brasília.

Ficha Técnica:

- » **Curadoria:** Cilene Vieira e Juliana Nova
- » **Acervo:** Centro de Documentação e Memória – Cedoc do **Correio Braziliense**
- » **Pesquisador:** Mauro Roberto Silva
- » **Produção e arte:** Juliana Nova
- » **Realização:** **Correio Braziliense** e Beirute
- » **Patrocínio:** Gráfica Movimento

Pilar da agricultura brasiliense

» ARTUR MALDANER*

A Hanashiro Máquinas Agrícolas, também conhecida como Casa Hanashiro, foi parte fundamental da agricultura nos primeiros anos do Distrito Federal e, ainda hoje, segue em fomento à produção familiar com foco na inovação tecnológica. Fundada em 1957 por Seitei Hanashiro, a empresa começou em um pequeno lote na antiga Cidade Livre — que veio a compor o Núcleo Bandeirante —, onde eram acolhidos trabalhadores da construção da nova capital federal.

Com a esposa, Amélia, e os três filhos do casal, Seitei saiu de São Paulo, em 1956. Os Hanashiros foram uma das sete primeiras famílias da colônia japonesa em Brasília e um pilar da integração de imigrantes nipônicos na região. Uma população, por sua vez, responsável por dar o pontapé na agricultura familiar de frutas e legumes no DF, produtos que, até hoje, são o nosso “carro-chefe”.

“Apesar de não termos atuado como produtores rurais, a nossa família veio à capital para fomentar a agricultura com fornecimento direto de materiais”, explica Cristiane Hanashiro,

48 anos, neta de Seitei e atual gestora da Casa Hanashiro. Após a morte do fundador, a empresa ficou aos cuidados do filho dele, Olímpio, que faleceu em 2020.

Agora na terceira geração de gestores, a viúva de Olímpio Hanashiro — Marina — e os três filhos — Cristiane, Tiago e Fábio — estão à frente da operação da empresa, atuando de acordo com valores familiares e culturais que refletem a ascendência japonesa de seus criadores pioneiros. Hoje, o empreendimento opera de forma especializada na venda e assistência técnica de máquinas de cultivo, de construção civil e de jardinagem.

Patrimônio candango

A primeira loja da Casa Hanashiro, na Cidade Livre, funcionava em conjunto de um pequeno armazém de secos e molhados — um nome dado às tradicionais mercearias que ofereciam tanto produtos secos como grãos e alimentos, quanto os molhados como bebidas. À época, o casal Hanashiro dividia as atividades comerciais e, enquanto Seitei ficava à frente da venda dos produtos agrícolas, Marina comandava a loja de

estoque diverso. “Às vezes, meu avô vendia os motores por fiado, com vergonha de cobrar os clientes, e a minha vó cobrava as dívidas no armazém. Foi por conta dela que a empresa funcionou, lá no início”, relembra Cristiane.

A empresa de Seitei era dedicada a vender motores da indústria japonesa Yanmar, que havia acabado de chegar ao Brasil. Inicialmente, não eram os tratores e escavadeiras as principais demandas, e sim motores estacionários a diesel, essenciais para o abastecimento de luz e água aos candangos. Além disso, o armazém servia como um ponto de acolhimento para os membros das colônias japonesas que, em condições duras de trabalho na lavoura, encontravam abrigo nos fundos da loja, onde ocasionalmente dormiam em sacos de feijão.

Foi durante a construção do Plano Piloto, com os primeiros estabelecimentos das vias W3 norte e sul, que a Casa Hanashiro abriu sua segunda unidade nos anos 1960. Na altura da 506/507 norte, foi construída a loja, que novamente dividia espaço com um boteco, também encabeçado por Marina Hanashiro. É nesse local, em uma versão inicial do centro

do Plano Piloto, que Cristiane nasceu e construiu as suas primeiras memórias. “Eu lembro de brincar nos cantos das obras intermináveis da W3. Um local que, hoje, é o centro da operação da Asa Norte”, relata.

Terceira base de operação da Casa Hanashiro, no Setor de Indústrias Automotivas (SIA), é onde a empresa funciona até hoje. A mudança ocorreu em 1984, quando Olímpio era o gestor. O empresário de segunda geração chegou à capital quando tinha 11 anos e, desde cedo, trabalhou com o pai nas lojas, até que o substituiu. De acordo com Cristiane, a herança cultural japonesa é parte fundamental da empresa desde a sua criação, e valores de respeito e consideração ao cliente, além da valorização de compromissos comerciais, sempre foram prioridade para os seus familiares. “Acredito que ofertar um bom serviço é essencial para honrar o legado da nossa família”, destaca.

Cidade promissora

Atualmente, a Casa Hanashiro possui uma equipe de 25 funcionários — além de Cristiane, Tiago, Fábio e mãe, Marina. Agora, o objetivo

Arquivo pessoal



Terceira geração à frente da Casa Hanashiro

é ajudar na modernização da agricultura do DF, de empreendimento familiar à colheita familiar. De acordo com a Hanashiro, a agricultura da região deve investir em novas tecnologias, que otimizem as pequenas produções que crescem no espaço limitado do DF.

Ela destaca, ainda, que Brasília continua honrando a herança dos primeiros agricultores japoneses, com foco na produção de frutas. “Hoje, vemos várias frutas que não são do cerrado se destacando na agricultura

familiar, com produção de blueberries, maracujá, morango e até uva. Produções que se tornam possíveis com investimento tecnológico e de produtividade”, ressalta Cristiane.

Nascida na Asa Norte, a empresária defende que Brasília nunca deixou de ser a capital do progresso, como pode ser visto pela produção variada de produtos de alta qualidade, mesmo com uma terra escassa e árida.

***Estagiário sob supervisão de Patrick Selvatti**

Meu encontro com Brasília

» JOÃO ANTÔNIO

Cidade para renascer

Sou um desastre para datas. Elas passam por mim como figurantes apressados, sem deixar marca. Mas há momentos que se recusam a sair de cena. Junho de 1971, por exemplo. Esse ficou. Cheguei a Brasília meio por acaso, vindo de São Paulo, com a leveza de quem não devia satisfação a ninguém — e com a imprudência de quem também não tinha plano algum.

Vinham visitar amigos de Uberaba que tinham se aventurado por aqui. Eu mesmo vinha de uma pequena explosão

pessoal: tinha acabado de mandar o poderoso diretor de um grande museu para um destino pouco nobre. Resultado imediato? Desempregado. Resultado secreto? Livre. E liberdade, quando chega assim de repente, costuma dar ideias.

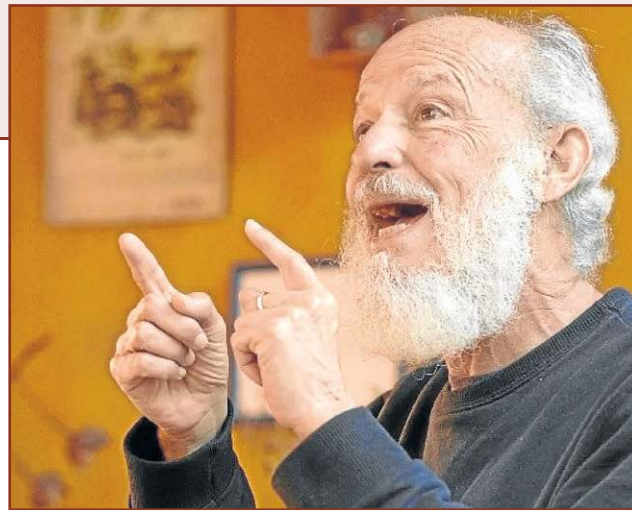
Brasília, naquele tempo, era quase um esboço. Um cenário montado à espera de atores. E eu, ator, me vi diante de um palco grande demais, iluminado demais, silencioso demais. Parecia um monólogo sem público. Mas havia alguma coisa ali — um vazio convidativo, desses que não intimidam, chamam.

Pensei: fico um pouco. Só um tempo. Depois eu vejo.

Esse “depois” nunca teve vez.

O começo foi áspero, como quase tudo que vale a pena. Mas havia espaço — físico

Carlos Vieira/CB DA Press



e simbólico. Espaço para errar, tentar, inventar. Espaço para caber. Entreguei meu currículo ao Walter Melo, na Fundação Cultural, e ali, sem perceber, comecei uma história longa. Um vínculo. Um tipo de

do — mistura de tantos outros, costurado na pressa e na necessidade de pertencimento. Uma arte nascendo com a cara de quem ainda não sabia bem quem era, mas tinha urgência em descobrir.

amor que não faz alarde, mas não acaba.

Com o tempo, fui vendo Brasília deixar de ser promessa para virar realidade. Os espaços se enchendo, as ideias ganhando corpo, as pessoas se encontrando. Um sotaque novo surgindo

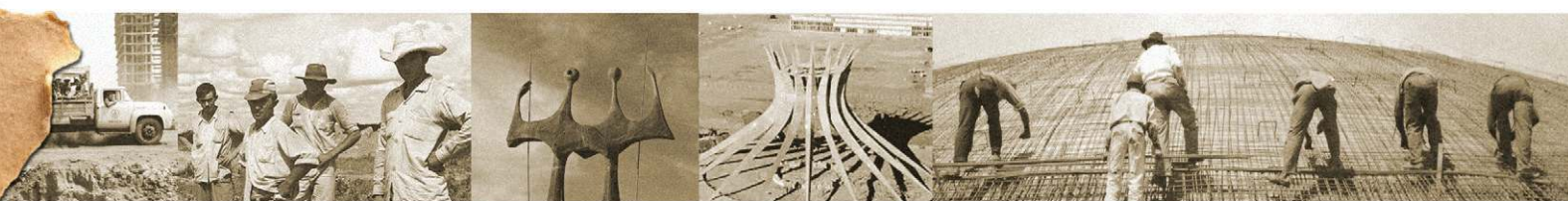
Passei por lugares que, mais do que instituições, foram territórios de vida: Fundação Cultural, Ensaio Teatro e Dança, Faculdade Dulcina, UnB. Em cada um, deixei um pouco de mim — e levei muito mais do que trouxe.

Brasília foi me ensinando a ficar. E, aos poucos, fui desaprendendo a ideia de partida. Hoje, quando me perguntam de onde sou, não hesito. Respondo rápido, quase com orgulho de quem escolheu: sou de Brasília. E, aos 79 anos, nem sempre explico.

Porque há cidades onde a gente nasce. E há cidades onde a gente, finalmente, renasce.

João Antônio é ator, diretor e professor de teatro

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



Sócio da Del Maipo, uma das maiores importadoras do país, o empresário Cyro Torres Júnior uniu suas duas paixões — Brasília e os vinhos — e consolidou um negócio com o DNA da cidade

Um sonho que deu resultado

» NAHIMA MACIEL

Cada vez que Cyro Torres Júnior fecha um ciclo de um ano, ele degustou cerca de 3 mil rótulos de vinho e passou por, no mínimo, seis feiras internacionais dedicadas ao produto. Não chega a ser um sacrifício, claro. A bebida é uma das grandes paixões do empresário de 52 anos, que começou com uma pequena delicatessen chamada Brilho, na Feira dos Importados, em 1997, para se tornar sócio de uma das 15 maiores importadoras de vinho do país.

O negócio cresceu e ganhou uma loja no Gilberto Salomão, no Lago Sul, para, em 2003, transformar-se na Del Maipo, distribuidora com sede no Setor Complementar de Indústria e Abastecimento (SCIA). “Vinho foi uma questão de paixão”, conta. “Na época, não tinha internet, a gente comprava livros e lia sobre isso. Começamos com uma marca do Chile que nem existe mais, a Tamaya, nos primeiros seis meses. Logo depois, trouxemos uma marca de Portugal, depois da Argentina, Espanha e, em um ano e meio, tínhamos várias



Brasília é minha vida, não saio para morar em lugar nenhum, é a cidade onde nasci, que amo e pela qual sou apaixonado”

Cyro Torres Júnior,
dono da Del Maipo

marcas.” Hoje, a Del Maipo vende para todo o país e tem clientes em 21 estados.

Brasília sempre foi uma inspiração para Cyro em vários sentidos. Nascido e criado na capital, filho de um pioneiro que veio para o Planalto Central em 1957 ajudar a construir a cidade, ouvia desde pequeno as histórias do pai. Formado em economia e

gastronomia, ele percebeu o potencial da cidade para o consumo de vinhos ainda na década de 1990. “Brasília é, senão o primeiro, o segundo estado que mais consome”, garante. “É a cidade de maior consumo de vinhos de qualidade do Brasil. A gente vende mais de 2 milhões de garrafas por ano, dos mais simples aos mais elaborados. Temos vinhos para todos os bolsos.”

Da revenda à produção

Na loja no SCIA, ficam armazenadas mais de 800 mil garrafas. Vendidas no atacado, elas abastecem restaurantes, lojas especializadas e supermercados da cidade. “Só tem dois ou três restaurantes, hoje na cidade, que não abastece- mos”, brinca o empresário. É um negócio, mas também um trabalho de devoção à cidade. “Brasília é minha vida, não saio para morar em lugar nenhum, é a cidade onde nasci, que amo e pela qual sou apaixonado”, declara. Para ele, o ponto de virada da carreira empreendedora na área de bebidas e vinhos se deu há cerca de uma década, quando a Del Maipo virou referência.

VieAir/Divulgação



A Del Maipo tem um estoque de mais de 800 mil garrafas

Agora, o próximo desafio está em lidar com a produção do produto que escolheu para vender. Junto com dois outros empresários brasileiros, Cyro tornou-se sócio da Bodega Réquiem da Ribera del Duero, no município de Peñafiel, na região de Castela e Leão (Espanha). “A vinícola é um desafio novo, começamos há seis meses e o desafio é aumentar um pouco a produção, sem deixar de ser uma bodega de garagem (propriedade pequena, com produção limitada), ir ganhando pontos e números no exterior e ter um vinho de qualidade”, avisa.

É um desafio quase tão grande quanto o de manter uma distribuidora com mais de 800 mil garrafas de vinhos no coração do Planalto Central. Como membro da commanderie du Bontemps, em Bordeaux (França), uma confraria fundada para convidados de jantares e festas nas quais se promove os vinhos franceses e diretor da Associação Brasileira de Sommeliers do Distrito Federal, Cyro garante que é incapaz de vender vinhos dos quais não gosta.

“Escolho os vinhos importados pela empresa. Provo todos eles. A gente vai aos poucos aprendendo mais sobre olfato, paladar, sobre produção. E não importo um vinho que não consiga beber. Lógico que tem que ter vinhos de todos os preços, mas só vendo o que consigo beber”, garante o empresário, que também já teve uma empresa em Miami, a Del Wine. Quando pensa em um conselho a deixar para as próximas gerações de brasilienses, Cyro não hesita: “Dedicação. Tudo que você se dedica e faz bem feito, vai dar certo”.

66 anos de TRANSFORMAÇÃO

Brasília nunca parou e continua evoluindo a cada novo desafio.

Uma cidade mais moderna e sustentável começa pela energia limpa que impulsiona o desenvolvimento e conecta o presente ao futuro.

Hoje, Brasília avança, e a energia faz parte desse movimento.

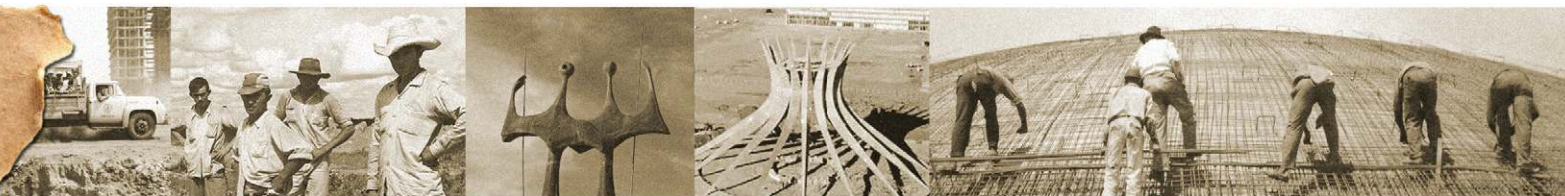
Parabéns, Brasília!



Tradição que ilumina.
Inovação que move Brasília.

CEB
COMPANHIA ENERGÉTICA DE BRASÍLIA

Pioneiros do futuro — uma saga brasileira



Gerenciada pelo filho e pelos netos do fundador, a pioneira Barbearia do Onofre, na Asa Norte, mantém o negócio em família, respeitando a tradição que a consolidou sem abrir mão das inovações que a sustenta nos dias atuais

Clássico com visual moderno

» LUIZ FELLIPE ALVES

Criada em 1971, uma das primeiras barbearias de Brasília, mantém-se com tradição e contando a história da cidade. Localizada na 709 Norte, a Barbearia Onofre é um marco clássico da capital. O estabelecimento tem em sua cartela de clientes ministros, jornalistas ilustres e até mesmo o vice-presidente da República, Geraldo Alckmin. Uma das primeiras barbearias da Asa Norte, é a prova viva de que é possível honrar as raízes do passado e, ao mesmo tempo, adaptar-se às exigências do mercado atual.

A história da barbearia se cruza com a de Brasília: de lutas e resistências daqueles que vieram em busca de um sonho. Entre muitos que vieram para a capital com esse objeto, Onofre Bezerra da Silva e sua esposa, Domelice de Oliveira Bezerra, deixaram a cidade de Cajazeiras, na Paraíba, à procura de uma oportunidade de construir o futuro.

O filho, atual dono do estabelecimento, conta como foi a jornada do pai. “Ele se casou com minha mãe e, no dia seguinte, vieram para Brasília no pau de arara. Com eles, vieram minhas tias e tios para tentar uma vida melhor na capital”, contou Jorge Bezerra. Seu Onofre aprendeu a cortar cabelo em sua cidade natal, enquanto servia o Exército, e inaugurou a barbearia em um barraco de madeira improvisado nas quadras 703/704 Norte.

A barbearia foi pioneira e viu a Asa Norte se transformar. Nas primeiras décadas, a região era descrita como

um “deserto”, com ruas de terra, comércio incipiente e quadras ainda vazias. Jorge relembra como foi crescer nessa época e acompanhar a evolução do estabelecimento e da cidade. “Eu vivenciei boa parte dessa evolução enquanto fui crescendo. Não existiam os prédios, as árvores ainda eram mudas. Era uma cidade ainda muito no início, com ruas ainda sem asfalto”, comentou.

Ter visto a barbearia nascer e marcar a cidade “é motivo de orgulho”, como Jorge mesmo afirma. “É um prazer enorme ver o carinho que a população possui pelo nome e o estabelecimento do meu. É o indicativo que estamos trilhando o caminho certo”, disse.

Legado honrado

Em 2008, após o falecimento do pai, Jorge herdou o legado da barbearia e prometeu que iria oferecer a mesma qualidade de atendimento que o pai tinha com seus clientes. “Eu tinha que assumir esse legado deixado pelo meu pai. É uma honra dar continuidade ao que meu pai começou lá atrás e também de marcar Brasília com esse legado”, afirmou.

Além do CNPJ, Jorge também herdou os clientes e o bom atendimento que seu pai prestava. Atualmente, a barbearia atende quase a quinta geração de clientes, um processo que iniciou com avós e segue até os bisnetos. “Estamos quase completando a árvore genealógica dessas famílias. Eu torço muito para que a gente consiga atender ainda

Carlos Vieira/CB/D.A Press



Filho do fundador que batiza o estabelecimento, Jorge Bezerra administra o negócio com seus herdeiros

mais gerações”, acrescentou.

Muito mais do que um espaço para retocar o visual, a Barbearia do Onofre é um ponto de encontro entre passado, presente e futuro. “Muitos clientes da época em que meu pai ainda cortava cabelo, chegam aqui e ficam contando histórias daquela época”, contou Jorge.

A relação dos clientes com a barbearia são laços que ficam marcados por muitos anos. O atual dono

conta que muitos clientes chegam a ficar anos fora do Brasil e, quando voltam, a Barbearia do Onofre é a primeira parada. “Muita gente chega aqui e fica muito feliz quando vê que a barbearia ainda continua aberta. É uma satisfação enorme”, disse.

Geração Z

Além dos clientes, a gestão da barbearia também está passando

de geração em geração. Iniciada por seu pai, hoje os filhos de Jorge são responsáveis por cuidar das redes sociais do estabelecimento. “Como não domino muito esse mundo da tecnologia, eles me ajudam nisso. O novo passo da caminhada teve início ainda na pré-adolescência dos filhos. Jorge brinca que, no início, foi difícil pelo imediatismo dos jovens. “Eles não possuíam essa visão holística de todo o cenário que,

apesar de precisar de mudanças, eles queriam mudar tudo ao mesmo tempo”, brincou. Com o passar dos anos, as ideias foram afunilando e as três cabeças começaram a pensar juntas. “Hoje, eles me escutam mais e eu também. Eles sugerem as mudanças e eu vou implementando aos poucos”, garantiu.

O ambiente familiar e o legado de Onofre fazem parte da gestão independentemente do tempo que passa. Inclusive, um dos planos de Jorge é transformar a barbearia em um estabelecimento centenário, como algumas barbearias de fora de Brasília. Para isso, ele aposta na mistura do clássico com o moderno. “Temos muitos jovens que frequentam a barbearia. Então, temos que oferecer opções de cortes mais clássicos e cortes para juventude, como o degradê, que virou uma moda”, revelou.

Para Jorge, estar à frente de um lugar marcante para a capital é reflexo do esforço com unhas e dentes feitos por seu pai. “É muito gratificante ser classificado dessa forma, como um marco da cidade onde nasci e cresci. Infelizmente não nascemos junto com Brasília, mas é muito bom saber que meu pai está vivo nas memórias”, finalizou.



Aponte a câmera do celular para conferir o vídeo

Beleza que reflete transformação

» MARIA EDUARDA LAVOCAT

Há 16 anos, o salão de beleza Red Hair, no Lago Sul, consolidou-se como referência entre brasilienses quando o assunto é cabelo, maquiagem, unhas e outros procedimentos. Comandado pela empresária Karine Cavalcanti, o espaço carrega uma identidade profundamente ligada à capital, assim como a fundadora do empreendimento.

Nascida e criada em Brasília há 57 anos, Karine destaca suas origens. Filha de pais baianos que migraram para a capital nas primeiras décadas, ela cresceu em meio a um cenário de intensa efervescência cultural. “Foi uma infância e uma juventude muito saudáveis, com muita cultura e música. Peguei a fase da Legião Urbana, um período muito gostoso”, relembra.

No entanto, sua trajetória profissional não começou no mundo da beleza. No princípio, Karine seguiu os passos do pai, advogado, e optou por

cursar direito no Centro Universitário de Brasília (Ceub), mas não chegou a seguir carreira na área. Ainda durante a graduação, iniciou sua vida profissional na gravadora Warner Bros., onde atuava na divulgação dos artistas nas rádios e na imprensa local até que, após alguns anos na empresa, Karine passou a atuar na Terracap.

A virada para o empreendedorismo veio apenas em 2009, quando surgiu a oportunidade de abrir um salão de beleza, inicialmente pensado para a filha. À época, a jovem buscava definir sua carreira quando uma proposta inesperada apareceu para a mãe. “Uma equipe de um salão que estava fechando me procurou e perguntou se eu não queria montar um novo espaço”, relata Karine.

Segundo ela, como ambas sempre foram apaixonadas pelo universo de moda e beleza, a ideia pareceu promissora. “Ela se empolgou muito”, conta. Assim, o primeiro Red Hair foi inaugurado na QI 9 do Lago Sul.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Karine Cavalcanti, proprietária do Red Hair, no Lago Sul: segurança

No entanto, poucos meses depois, os planos mudaram. “Com seis meses, minha filha decidiu que não queria mais e seguiu para a gastronomia. Foi quando eu pensei: investi muito dinheiro, isso precisa dar certo”, afirma.

Conciliando com o trabalho na Terracap, Karine passou a se dedicar ao salão, e foi nesse processo que ela conta ter se apaixonado. Para ela, o diferencial do negócio está no impacto direto na vida das pessoas. “O salão é um lugar onde você vê as

pessoas saindo felizes. É um espaço ligado a momentos bons, como viagens, casamentos e eventos. Participar disso é muito gratificante”, diz.

Ela também destaca o papel da equipe na construção do sucesso do espaço. “São profissionais que sustentam suas famílias com o trabalho daqui. Muitos chegaram sem experiência e cresceram dentro do salão, se tornaram reconhecidos. Ver essa evolução também é muito gratificante”, celebra.

Mercado promissor

Na avaliação de Karine, o mercado de beleza em Brasília vive um momento bastante promissor. “É uma cidade em que muita coisa acontece. Tem muita festa, muito casamento. A política também movimentou muito. Se a gente observar, praticamente todos os dias há algum evento, uma posse, uma solenidade, alguma coisa acontecendo”, constata.

A empresária observa uma crescente valorização dos profissionais, acompanhada de um público exigente. Esse cenário tem impulsionado o aprimoramento constante do setor, com investimentos em qualificação, novas técnicas e melhor estrutura de atendimento.

“A mulher brasiliense é vaidosa. É uma cliente que viaja bastante, que acompanha o que está acontecendo no mundo. Muitas voltam trazendo referências. E recebemos muitos clientes do meio político”, pontua Karine, que literalmente faz a cabeça das principais damas da sociedade brasiliense.

Para a empresária, Brasília teve um papel central tanto em sua trajetória de vida quanto no sucesso do seu negócio. “Me dá uma sensação de segurança. A cidade te abraça. Você mantém relações com pessoas

que conhece a vida toda”, afirma.

A rede de contatos construída ao longo dos anos facilitou a consolidação do salão no mercado. “Isso ajudou muito na divulgação. Era o salão da Karine. As pessoas associavam, confiavam”, explica.

Além disso, o conhecimento do público local contribuiu diretamente para o desenvolvimento do negócio. “Quando você conhece o cliente, entende melhor o que ele precisa, o que busca. Você entende o estilo de vida, o perfil, para onde ele vai. Isso ajuda a definir o nicho e a forma de atender”, destaca. “Brasília acolhe quem trabalha bem. Se você presta um bom serviço, consegue crescer e ter sucesso nas ideias que coloca em prática”, completa.

Quando questionada como se enxerga em relação a Brasília daqui a 10 anos, Karine afirma que pretende continuar com Red Hair e compartilhar um outro sonho: criar um centro de formação profissional. De acordo com ela, a ideia surgiu ao ver inúmeras mulheres que passam por separações e precisam recomeçar aprendendo novos meios de conseguir renda.

“Poder facilitar esse caminho para outras mulheres seria uma forma de retribuir à cidade o que ela me proporcionou”, finaliza.

Meu encontro com Brasília

» ANDRÉ LUIZ OLIVEIRA

Brasília, uma utopia pessoal

“...Estou na região onde o concreto se faz abstrato e o abstrato concreto, procuro olhar não vejo nada, torno a examinar, vejo tudo...”

Musa chinesa Chuan-Ta-King

São muitas as dimensões nas quais identifico Brasília presente no meu imaginário e na minha história, todas suficientes para que eu, capturado por elas, esteja morando aqui a quase quatro décadas.

A primeira, a física, ordinária — que rege os acontecimentos na dimensão visível e concreta da vida —, aconteceu em 1963 quando estive aqui pela primeira vez, aos 15 anos de idade, a passeio, trazido da Bahia por meu pai, de carro, numa longa viagem, com a boa intenção de reparar um trauma familiar no qual eu era o causador.

Meu saudoso e querido pai, Milton Oliveira, juscelinista informal, entusiasta apaixonado pela “ideia de Brasília” e pela “coragem inaudita” (termo então usado por ele) do seu criador, achava que essa mudança de ares me afetaria positivamente com algum tipo de “cura” para o meu mal comportamento adolescente e de fato, anos mais tarde, senti que a viagem “curou”, sim, algo em mim. Meu pai me trouxe até Brasília e, sem ter a menor ideia de que um dia eu faria filmes, muitos deles em Brasília, e muito menos que viria

Rama de Oliveira



me estabelecer nessa cidade para o resto da vida, me disse sem proferir palavra alguma mas eu entendi: “...O lugar do seu equilíbrio é aqui...”. Foi ele quem, anos depois, me deu o livro Ubirajara, o senhor da lança, de José de Alencar, no qual me inspirei para filmar A lenda de Ubirajara no

sico, filósofo, místico, também aquariano, chamado Anton Walter Smetak (suíço radicado na Bahia desde os anos 1950) que conheci, convivi pouco mas o suficiente para me encharcar dos seus “ensinamentos” sobre uma Brasília oculta, profunda e o seu significado transcendente análogo à

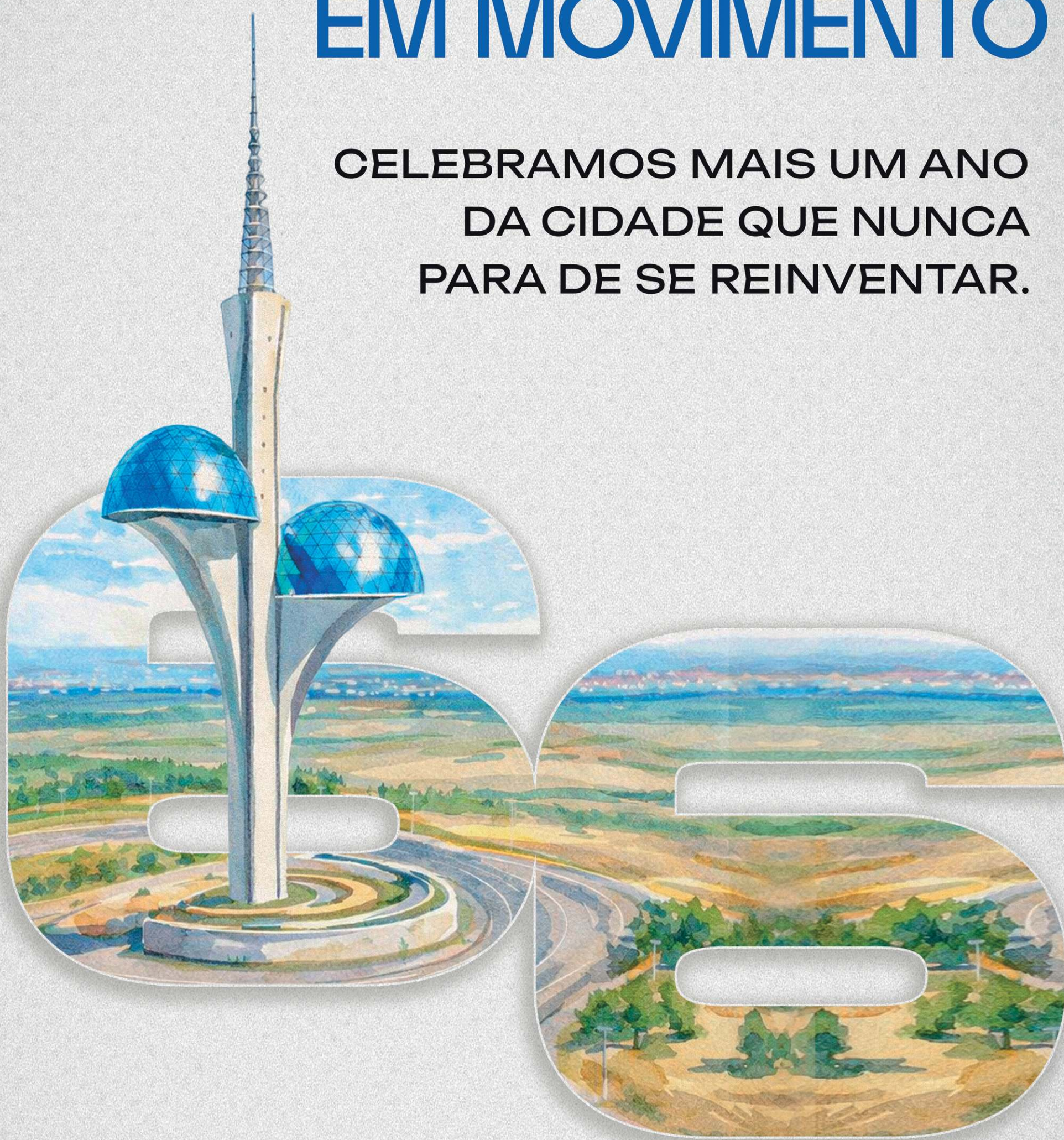
alma humana que cohabita e transcende o corpo sem que ninguém a veja.

Estes dois momentos relatados acima presentes na minha memória como cenas do destino, representam dimensões do mental/espiritual entrelaçadas e trabalhando juntas, foram determinantes para minha mudança para Brasília em 1991. Mas a dimensão humana emocional que concretiza o abstrato, só foi possível acontecer com a recepção amorosa de pessoas muito queridas como a saudosa cineasta Tania Quaresma e outras amigas e amigos desgarrados aqui vivendo abrigados e, sobretudo, no encontro com a minha companheira a musicoterapeuta Clarisse Prestes. Os filmes e festivais são outras histórias em outras dimensões...

André Luiz Oliveira é músico e cineasta

BRASÍLIA É INOVAÇÃO EM MOVIMENTO

CELEBRAMOS MAIS UM ANO
DA CIDADE QUE NUNCA
PARA DE SE REINVENTAR.

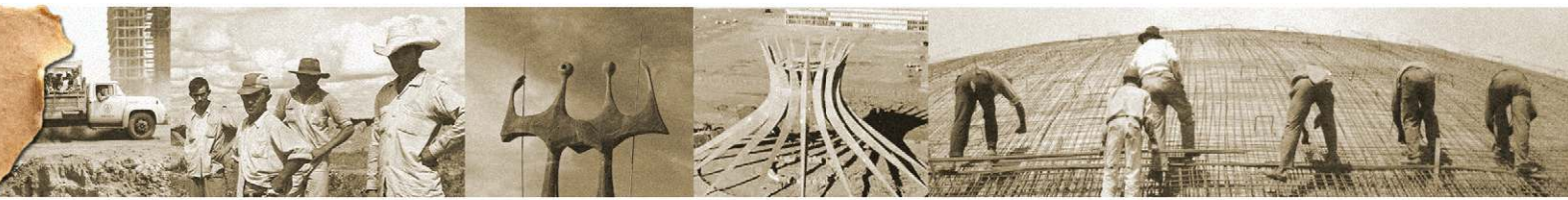


A CAPITAL QUE NASCEU DO SONHO E DO TRABALHO
SE TRANSFORMA NA CIDADE DA TECNOLOGIA E DA
SUSTENTABILIDADE.

PARABÉNS, BRASÍLIA!

SESI SENAI

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



Na W3 Sul, o Infinu transforma becos em espaços de convivência e criação, fortalecendo a economia criativa e a cena independente e cultural de Brasília. O foco na colaboração e a diversidade dialogam com a concepção da capital

Economia criativa reinventa a cidade

» ANA CAROLINA ALVES

Foi em meio ao movimento de ocupação urbana e reinvenção dos espaços que nasceu o Infinu, iniciativa que busca traduzir, na prática, o potencial da economia criativa em Brasília. Idealizado por Miguel Galvão, o projeto surgiu durante a pandemia a partir da percepção de uma lacuna na cena cultural da cidade: a falta de espaços estruturados para pequenos palcos e produções alternativas.

Dessa necessidade o espaço tomou forma, descrito por ele como “o pequeno palco mais fantástico e endiabrado do país, servindo como aeroporto interestelar atendendo artistas alternativos querendo brilhar em solos candangos”.

Miguel lembra que, assim que o empreendimento começou a funcionar, sua vida mudou completamente. Ao lado de outros sócios, ele já era responsável pelo evento PicniK e dividia a rotina entre os projetos culturais e a carreira como economista. “Consegui equilibrar tudo por apenas um ano, quando então



(Infinu) o pequeno palco mais fantástico e endiabrado do país, servindo como aeroporto interestelar atendendo artistas alternativos querendo brilhar em solos candangos”

Miguel Galvão,
idealizador do Infinu

tive de escolher e abrir mão do campo mais ortodoxo, a economia, para dedicar de cabeça aos projetos culturais. Essa mudança me forçou a conviver com mais pessoas, diferentes e inesperadas, o que me proporcionou um crescimento pessoal importante”, ressalta.

Para Miguel, o espírito de colaboração e diversidade que o Infinu mantém vivo até hoje dialoga diretamente com a própria concepção de Brasília, pensada como um ponto de encontro de diferentes origens. “Isso está facilmente visível no Infinu observando a diversidade de nossa programação e do público que frequenta o espaço e também pela forma inusitada que ocupamos a W3 Sul, mostrando que os becos entre os blocos podem na verdade ser praças de convívio social e trazendo um compromisso estético com as atividades e tudo o mais que é feito”, explica.

No futuro, a expectativa é de continuidade, desde que o espaço siga fazendo sentido dentro da cena cultural de Brasília. “Torço para que ele esteja diferente (para melhor!) e continue relevante dentro da cena, além de fiel aos seus princípios fundadores, que buscam somar com a construção de uma realidade mais colaborativa, cooperativa, compartilhada e socioambientalmente responsável”, destaca.

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



O empresário Miguel Galvão deixou o trabalho ortodoxo para se dedicar a projetos culturais

Ponte para a inclusão

» CARLOS SILVA

No cenário tecnológico de Brasília, a inovação deixou de ser apenas uma busca por eficiência para se tornar uma ponte essencial de inclusão. A trajetória da Rybená, empresa brasiliense voltada à acessibilidade digital, surgiu de um propósito social, antes mesmo de se tornar um negócio.

Alderval Milhomens, um dos fundadores, relembra que o projeto teve origem nos anos 2000, dentro de uma iniciativa sem fins lucrativos ligada ao desenvolvimento de soluções tecnológicas para pessoas com deficiência. A virada ocorreu a partir de 2016, quando a demanda por acessibilidade digital começou a crescer de forma mais consistente. “As instituições passaram a demonstrar interesse real em ter soluções de acessibilidade, principalmente em ambientes web”, explica.

O passo decisivo veio em 2019, ano de fundação da empresa. Hoje, transforma a experiência digital ao converter textos para Libras com avatares 3D e oferecer leitura assistida por voz em três idiomas (português, inglês e espanhol). É uma ponte de inclusão que remove barreiras para surdos, disléxicos, idosos e pessoas com diferentes níveis de alfabetização ou deficiência intelectual. A solução da Rybená reúne mais de 30 recursos e segue em constante evolução. Um dos principais diferenciais é o uso de inteligência artificial para adaptar conteúdos para Libras, por exemplo. Atualmente, a tecnologia está presente em mais de mil sites e conta com mais de 200 clientes.

Apesar dos avanços, o empreendedor aponta que há

Arquivo pessoal



Alderval Milhomens, um dos fundadores da Rybená

desafios, especialmente no que diz respeito à conscientização. “A legislação determina que sites devem ser acessíveis. Mas, na prática, muitas instituições ainda não tratam isso como prioridade”, afirma. A barreira cultural é um dos principais entraves. “Muitas empresas acham que não têm pessoas com deficiência como público, ou simplesmente não conhecem essas dificuldades”, aponta.

Tanto pela proximidade com instituições quanto pelo contato direto com comunidades de pessoas com deficiência, Brasília teve

papel central no desenvolvimento da Rybená. “A cidade nos permitiu validar nossas soluções muito de perto, com apoio de universidades como a UnB, de intérpretes e usuários. Esse feedback constante foi fundamental para a evolução da plataforma”, enfatiza.

Ele confia nas possibilidades que Brasília proporciona. “A cidade ainda é muito voltada ao setor público, mas tem um enorme potencial na área de tecnologia. Se mais pessoas investirem nesse caminho, acredito que podemos ver surgir grandes empresas daqui”, avalia.

Carlos Vieira/CB/D.A.Press



Marcos Costa e Erika Gadelha (C) são os sócios-fundadores da Escrita com Ciência

A ciência de empreender

No coração do país, onde o concreto modernista de Brasília simboliza planejamento e ousadia, uma nova geração de empreendedores vem redesenhando o futuro a partir da capital. É o caso do Escrita com Ciência, que nasceu da percepção de que transformar boas ideias em projetos estruturados ainda é um dos principais gargalos do empreendedorismo no Brasil, especialmente quando ele surge dentro das universidades. “Nós ainda temos um déficit de letramento científico muito grande. Não adianta abrir editais se as pessoas não foram ensinadas a escrever projetos”, afirma o professor universitário e pesquisador Marcos Costa, sócio-fundador da empresa. O projeto auxilia estudantes e

pesquisadores a tirar (ou colocar) seus projetos de pesquisa do papel, por meio de mentorias, aulas on-line e presenciais, entre outros instrumentos. Está aí o diferencial: aproximar a visão acadêmica da empreendedora. “Elaborar um projeto de pesquisa é, antes de tudo, um exercício de organização do pensamento e da própria lógica do texto científico”, explica Erika Gadelha, que também é sócia-fundadora da empresa. Esse pensamento gerou resultados. A iniciativa ganhou prêmios como o 1º Lugar na “Empresa Cria” e 1º Lugar na “Competição de Selos” e venceu a Competição de Pitchs no Like a Boss do Distrito Federal, organizado pelo Sebrae-DF.

Para Marcos Costa, o empreendedorismo contemporâneo exige mais do que inovação: requer capacidade de articulação, clareza e estratégia. “Não adianta ter uma boa ideia se você não consegue comunicá-la”, destaca. O professor também chama atenção para o papel de cidades como Brasília nesse cenário. “Estar aqui nos coloca no lugar certo para transformar conhecimento em impacto”, observa.

Erika reforça a importância de formar uma nova geração preparada para esse desafio. “Brasília é, talvez, uma das poucas cidades do país onde é possível conectar, no mesmo território, universidade, governo, inovação e impacto social”, assinala. (CS)

Meu encontro com Brasília

» ANA MARIA LOPES

Carioca muito candanga

Larguei minha prancha de surf vermelha no Rio de Janeiro e me tornei a carioca mais candanga de Brasília. Aqui cheguei em 1963. Aos poucos fui me fundindo ao chão vermelho, à poeira que voava em espirais e às tempestades. Sentia-me conectada à feitiçaria, à mágica de uma cidade que brotava do chão rude. E desse amálgama a vida encheu meus dias, e os dela, num balé de emoções.

Brasília me convidou a brincar com emoções. Não imaginava que no convite estaria

incluído um festival de flores que tingem minhas retinas de ipês, flamboyants, cambuís, sibipirunas, quaresmeiras e muito mais.

Aliada à sua monumentalidade arquitetônica, surgiram mestres que trouxeram beleza e mais leveza a esse corolário de sentimentos. E lhe passeio, Brasília, vendo Athos, Bianchettis, Burles, Giorgios, Pierretis e Darlans. A trilha sonora vem da voz de Renato, de Cássia, dos bandolins de Hamilton e Reco, da flauta de Odette, da música e da poética de Clodo, Climério e Clésio.

Foram tantos gênios a preencher a cidade que criamos, Marcia Zarur e eu, a coleção *Mestres Cobogós*, projeto do Coletivo Maria Cobogó que pretende levar, pela biografia desses artistas, pertencimento e cidadania aos jovens das escolas públicas do Distrito Federal.

Ana Maria Lopes/Arquivo pessoal



Brasília sempre respirou poesia. E eu, jornalista, escritora e poeta, vejo-as surgirem nas calçadas, nos mosaicos do Gougou, nas linhas de Behr, de Noélia,

Barbieri saem imagens que instigam, revoltam, apaixonam e convidam a refletir.

E tantos são os caminhos que Brasília oferece que, por vezes, me perco nessa

Angélica, Cassiano, Amâncio e tantos outros que despejam poemas nas quadras, blocos e bares.

Nessa caminhada lírica, a pausa está no cinema candango, aquele que nos orgulha e comove. De Brazza, Vladimir, Moriconi e

peregrinação/elegia e me deparo com a arte e a resistência de Ceilândia, Samambaia, São Sebastião. Ali, a cultura explode jovem e efervescente em ritmo, rima e dança.

Um museu a céu aberto. E que céu! Sob esse festival de cores e nuvens, criei filhos, netos e bisnetos que ostentam comigo o prazer de caminhar nessa cidade. Nós assistimos a todas essas maravilhas sem desconhecer a desigualdade, a falta de justiça social, o descompromisso público.

Mas Brasília nos deu, além de sua beleza, os ideais da fraternidade, da igualdade e muitos motivos para resistir. E amar.

Ana Maria Lopes, jornalista, poeta e integrante do Coletivo Maria Cobogó

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



Diretora da Rede Sarah, a neurocientista Lúcia Willadino Braga une ciência, inovação e cuidado humano para colocar o paciente no centro do processo de tratamento. Interessou-se pela neurologia durante a graduação em música na UnB

Precursora da **reabilitação humanizada**

» ANA CAROLINA ALVES

Transformar estímulos sonoros em caminhos para reabilitar o cérebro humano. Foi a partir dessa ideia, ainda na juventude, que a neurocientista Lúcia Willadino Braga construiu uma trajetória que une a própria história de inovação da Rede Sarah e de Brasília. Diretora da instituição desde 1994, ela chegou ao hospital com o ideal de transformar e fazer a diferença no tratamento das pessoas.

Formada em música pela Universidade de Brasília (UnB), ela conta que, durante a graduação, interessou-se por disciplinas ligadas à neurologia e ao desenvolvimento do pensamento. A partir dessa aproximação entre arte e ciência, desenvolveu uma pesquisa pioneira que conectava estruturas do som ao funcionamento cerebral, proposta que apresentou ainda jovem ao hospital. “Eu fiz um projeto para desenvolver estruturas de pensamentos através de estruturas do som de crianças com lesão cerebral. Trouxe para o diretor do Sarah da época, em 1978, se não me falha a memória, e ele me deixou ficar fazendo a pesquisa aqui”, lembra.

Foi dessa experiência que nasceu uma trajetória dedicada a pensar a reabilitação de forma integrada, unindo diferentes áreas do conhecimento e colocando o paciente no centro do processo. Criada em Brasília desde os 2 anos, ela explica que, para ela, crescer junto com a capital foi fundamental para seu senso de criatividade e



Vivi uma Brasília onde tudo era possível. Se a pessoa pode fazer uma sorveteria do zero, eu posso criar um método de reabilitação. Eu acho que Brasília traz essa liberdade de pensar”

Lúcia Willadino Braga,
diretora da Rede Sarah

pesquisa. “Vivi uma Brasília onde tudo era possível. Se a pessoa pode fazer uma sorveteria do zero, eu posso criar um método de reabilitação. Eu acho que Brasília traz essa liberdade de pensar”, destaca.

Reconhecimento

Lúcia, que tem reconhecimento nacional e internacional por seu trabalho como pesquisadora e gestora, reflete sobre a relação da Rede Sarah com a história e a construção

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Reconhecida no Brasil e no exterior por seu trabalho, Lúcia tem a expectativa de uma rede de hospitais ainda mais inovadora no futuro

de Brasília. “A Rede Sarah nasceu voltada para o futuro. Na medida em que ela vai trabalhando, ela vai se expandindo. Desde o início, o Sarah foi pioneiro em muitas coisas. Foi o primeiro hospital de reabilitação internacional no Brasil.

Aqui tivemos o primeiro tomógrafo computadorizado do Brasil”, conta. “É muito interessante sair de uma cidade que não tínhamos nada e, de repente, temos uma rede que gera coisas de impacto internacional”, celebra.

Para os próximos anos, a expectativa é de uma rede de hospitais ainda mais inovadora, com foco em tecnologia aliada ao atendimento humanizado, combinação que, para ela, seguirá sendo o diferencial da medicina.

“Eu vejo no futuro a gente com muita tecnologia e os humanos cuidando mais do que precisa do olhar humano, do afeto, da atenção, do olho no olho. Isso é outro, só uma pessoa faz, nenhum robô pode fazer”, ressalta.

De uma linha no papel, surgiram formas, curvas, encontros.

Fez-se arquitetura. Fez-se luz. Fez-se cidade.

De uma linha no papel, nasceu a vida. Nasceu Brasília.

Sob o céu que só ela tem.

PARABÉNS, Brasília.

O Hospital Santa Lúcia tem orgulho de estar entre os primeiros traços dessa trajetória e de cuidar, todos os dias, de histórias que desenham a cidade.



hospital
santalucia

grupo
santa

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



» Entrevista / ROZANA REIGOTA NAVES / REITORA DA UNB

A docente e gestora da Universidade de Brasília reflete sobre trajetória pessoal, inovação e o papel da instituição na formação das novas gerações que seguem construindo o cotidiano da capital em busca de um futuro melhor

Educação alinhada ao nosso tempo

Minervino Júnior/CB/D.A.Press

» PAULO GONTIJO

Nascida do sonho de erguer uma capital no coração do país, Brasília sempre foi mais do que concreto e traço modernista. A cidade é feita de ideias e de pessoas que ousam colocá-las em prática. Há 66 anos, os primeiros pioneiros transformaram o Cerrado em símbolo de futuro. Hoje, esse espírito segue vivo, reinventado em salas de aula, laboratórios, pesquisas e projetos que atravessam fronteiras.

Nesse percurso, a Universidade de Brasília (UnB) ocupa um lugar central. Pensada como um projeto inovador desde a origem, a instituição acompanha, e muitas vezes antecipa, os movimentos da própria capital. Para a reitora Rozana Reigota Naves, que tem sua trajetória pessoal e profissional entrelaçada com a história da cidade, a UnB segue como espaço de formação de novos pioneiros: aqueles que, todos os dias, ajudam a redesenhar o presente e projetar o futuro. Confira, a seguir, os principais trechos da entrevista com a reitora.

Qual a importância de Brasília em sua trajetória acadêmica e profissional?

Brasília faz parte da minha própria identidade. Eu nasci aqui, venho de cidade-satélite, e construí toda a minha trajetória profissional na capital. Formei-me em Letras e fui professora da Universidade Católica de Brasília e, agora, completo 20 anos na UnB. Tenho uma gratidão muito grande pela cidade e pelas oportunidades que ela me ofereceu. Do ponto de vista acadêmico, sem dúvida, mas também político, já que estamos no centro das grandes decisões do país. Esse olhar mais politizado, que circula pela universidade e pela cidade, é constitutivo de quem somos.

O que mais marcou sua caminhada até chegar à reitoria da UnB?

Sempre fui muito ligada à vida da cidade e da universidade, com muita curiosidade sobre esse ambiente. Brasília tem uma efervescência cultural muito própria. Mesmo quando não estávamos nos grandes circuitos, havia uma movimentação importante, das bandas de rock ao cinema. E, do ponto de vista científico, a UnB sempre foi vista como um sonho para muitos jovens do Distrito Federal. Esse desejo de pertencer à universidade marca profundamente a minha trajetória.



A diversidade nos exige aprimorar processos pedagógicos e sociais, além de garantir acesso e permanência. O resultado é a formação de profissionais mais diversos, que levam para a sociedade valores como respeito, diálogo e promoção da paz"

Na sua visão, qual foi o ponto de virada em sua carreira?

Foi durante a minha primeira gravidez. Eu havia iniciado o curso de Administração na UnB, mas naquele momento decidi seguir minha vocação, que era ser professora. Optei por cursar Letras, e essa escolha orientou toda a minha trajetória a partir de 1991.

A UnB nasceu com uma proposta inovadora. Como essa vocação se mantém hoje?

A universidade está presente em diferentes territórios do Distrito Federal, com campi em Planaltina, Ceilândia e Gama, além do Darcy Ribeiro. Também estamos nos polos de extensão e em programas que vão além do DF, chegando a regiões como Acre e Bahia. A UnB segue projetando conhecimento para fora da capital, mantendo viva a ideia original de ser um polo estruturante no centro do país.

De que forma a universidade contribui para formar os novos pioneiros?

A UnB continua alinhada às demandas do nosso tempo. Estamos envolvidos em projetos internacionais, como a Aliança Global contra a Fome e a Pobreza, além de iniciativas como a implantação de uma UTI inteligente no Hospital Universitário. Também avançamos com supercomputadores, o curso de Inteligência Artificial, o projeto Genoma SUS e ações voltadas ao meio ambiente, como o Instituto Nacional do Cerrado. Tudo isso reforça nossa posição de vanguarda científica e tecnológica.

Qual é o papel da universidade no desenvolvimento cultural de Brasília?

A universidade sempre teve um papel importante na cultura da cidade. Muitas bandas surgiram aqui, ligadas à luta pela

democracia. Estamos retomando iniciativas como o Festival de Música (Finca), os jogos universitários e projetos nas áreas de teatro e artes. Queremos fortalecer essa UnB efervescente, onde a vida acadêmica se mistura com a cultural, a artística e a esportiva.

Como a senhora vê a universidade como parte do sonho do ensino superior hoje?

Estamos trabalhando para nos aproximar ainda mais das escolas, fortalecendo programas como o PAS, que completa 30 anos. Também ampliamos as formas de ingresso e as políticas de inclusão, como as cotas. A mensagem para a juventude é clara: continuem sonhando. A universidade está mais aberta e diversa, e é fundamental que os jovens ocupem esse espaço, especialmente em um momento no qual a defesa da educação e da democracia é tão importante.



Além de iniciativas como a implantação de uma UTI inteligente no HUB, avançamos com supercomputadores, o curso de Inteligência Artificial, o projeto Genoma SUS e ações voltadas ao meio ambiente, como o Instituto Nacional do Cerrado. Tudo isso reforça nossa posição de vanguarda científica e tecnológica"

E sobre o avanço da diversidade dentro da universidade?

Esse é um desafio que assumimos como instituição. A universidade precisa refletir a sociedade. A diversidade nos exige aprimorar processos pedagógicos e sociais, além de garantir acesso e permanência. O resultado é a formação de profissionais mais diversos, que levam para a sociedade valores como respeito, diálogo e promoção da paz.

Como a senhora se imagina daqui a 10 anos em Brasília?

Eu me imagino feliz e realizada por ter contribuído com o desenvolvimento da universidade e da cidade. A educação é a base do futuro do país, e é nesse campo que espero deixar meu legado.

E a UnB, como será daqui a 10 anos?

Imagino a universidade ainda mais projetada nacional e internacionalmente, entre as cinco mais lembradas. Mais do que rankings, queremos estar na vanguarda do conhecimento e influenciar debates fundamentais, como inteligência artificial, democracia e mudanças climáticas.

Que conselho a senhora daria às próximas gerações?

Acreditem no seu potencial e na força da juventude. É importante construir uma sociedade baseada no respeito, na solidariedade e na equidade. Esses são valores fundamentais para o futuro.

Meu encontro com Brasília

» DARLAN ROSA

O Plano é Piloto, mas o piloto é o homem

A cidade que eu sonhava ficava no espaço. Pelo menos era assim que minha cabeça de menino entendia aquelas reportagens de *O Cruzeiro*, lá pelos anos 1950, quando minha mãe lia para mim sobre plataformas espaciais e futuros improváveis. Eu nem sabia juntar letras, mas já juntava mundos. E quando ouvi no rádio, aos 10 anos, que iam construir Brasília, em forma de avião, imaginei

logo: claro, é uma daquelas plataformas. E anunciei, convicto, que iria morar lá. Afinal, seria a capital de todos os brasileiros.

Depois percebi que Brasília não nasceria no espaço, mas num planalto tão alto que, para o menino que eu era, parecia quase tocar o céu. O sonho continuava suspenso, firme, brilhando no horizonte. Eu seguia acompanhando cada notícia, cada desenho, como quem vigia o crescimento de algo que já sente seu. Até descobrir que o tal Plano Piloto tinha, sim, um "piloto" de verdade: Lucio Costa, vencedor do concurso de 1957, o homem que traçou no papel a cidade que eu imaginava fluando.

Em 1967, finalmente desembarquei na Brasília de Lucio Costa e Oscar Niemeyer. A sensação era estranha e familiar ao mesmo tempo — como se eu estivesse voltando para um lugar onde já tinha vivido, mesmo sem nunca ter pisado ali antes. Fui trabalhar na

Luis Nova/Esp. CB



TV Brasília como desenhista e, sem querer, virei o "Titio Darlan" do programa Carrossel. Contava histórias, fazia brincadeiras, alegrava tardes inteiras. O programa durou quatro anos, mas eu não aguentei a popularidade. Não podia nem ir à padaria sem virar evento. Saí de fininho.

noite, no Ceub, porque o curso de arte da UnB era diurno e eu precisava trabalhar. A vida ia me moldando pelas bordas.

Em 1986, comecei a colaborar com o Unicef. Nasceu ali o Zé Gotinha. Foram 16 anos de desenhos animados, livros infantis, no Brasil e em outros países. Muitas viagens e descobertas.

Fui então para o Ministério da Educação, trabalhar na revista *Cultura*, fotografando museus e conhecendo artistas que me empurraram, sem que eu percebesse, para o caminho das artes. Estudava jornalismo, publicidade e relações públicas à

paralela. Em 1996, fui estudar computação gráfica na Califórnia e terminei o curso espalhando esculturas digitais pela cidade que me adotou.

De volta ao Planalto, transformei pixels em aço. A primeira obra, no Pontão do Lago Sul, foi instalada em 1999 — e hoje pedindo socorro, precisando de reparos que tento conseguir há anos. De lá para cá, são 27 anos de esculturas, 63 obras públicas espalhadas por Brasília: no Memorial JK, no CCBB, no Congresso, Itamaraty, em museus, em praças, em frente a prédios que viram minha arte antes de ver o dia nascer.

Em 2027, completo 60 anos de amor por Brasília e 80 de vida. E penso que, no fundo, aquela plataforma espacial da minha infância existia mesmo. Só que não flutua no céu — flutua dentro de mim.

Darlan Rosa é artista plástico e criador do personagem Zé Gotinha



Brasília nasceu de um traço.
Há 26 anos, a **Faenge** tem a honra de dar
continuidade a essa obra de arte.

Brasília, parabéns pelos 66 anos.

SEU IMÓVEL MERECE
SER UM **FAENGE**

Águas Claras | Noroeste | Park Sul



+4.000
imóveis



+5.000
empregos
diretos gerados



CONHEÇA
NOSSA
HISTÓRIA
EM BRASÍLIA

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



Daniela Bittencourt, pesquisadora da Embrapa, destaca como a capital federal impulsiona estudos inovadores com a planta cannabis e projeta um futuro de soberania tecnológica para o coração do país, com rigor técnico e resiliência política

Ciência para quebrar tabus

» LETÍCIA MOUHAMAD

Futuro, planejamento e ousadia. Para Daniela Bittencourt, de 48 anos, pesquisadora da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), as três palavras se relacionam tanto a Brasília quanto ao fazer científico, área à qual se dedica há pelo menos 20 anos. Hoje, ela é um nome de peso em pesquisas de ponta, como a biologia sintética, e, mais recentemente, nos estudos com a planta cannabis. Apesar de nascida em Uberaba (MG), ela tem a capital federal como base. Foi aqui que uniu formação científica, atuação institucional e compromisso com temas estratégicos para o Brasil.

“A cidade nasceu de uma visão ambiciosa de país, e essa ideia de imaginar o que ainda não existe dialoga bem com a pesquisa científica. Trabalhar com inovação exige exatamente isso: pensar adiante, questionar limites e construir caminhos novos com responsabilidade, sem perder o compromisso com a ética, a inclusão e o interesse público”, diz a secretária executiva do Comitê Permanente de Assessoramento de Pesquisa em cannabis.

Para ela, a ciência não é um campo estático, mas um organismo vivo que exige adaptação e, acima de tudo, um propósito social claro. “Minha trajetória sempre foi marcada pela curiosidade científica e pelo interesse em compreender a

vida em profundidade, desde os sistemas biológicos mais complexos até suas aplicações práticas para a sociedade”, explica, reforçando que sua entrada na Embrapa, em 2007, foi o passo decisivo para unir a pesquisa de laboratório à estratégia de Estado.

Além do laboratório

Em solo brasiliense, ela encontrou o ambiente ideal para exercer ciência de impacto, capaz de gerar inovação e responder a desafios concretos do país. Diferentemente de outros polos acadêmicos, a capital oferece a Daniela uma proximidade única com os centros de decisão. Para a pesquisadora, o fazer científico no Distrito Federal ganha uma camada institucional robusta, na qual o laboratório precisa dialogar constantemente com ministérios e agências reguladoras.

“Estar aqui significa atuar em um ponto de convergência. Brasília me ensinou que o avanço científico depende de redes, de cooperação e, principalmente, de coragem para defender agendas inovadoras, mesmo quando elas ainda enfrentam resistências”, observa a pesquisadora.

Ao assumir o protagonismo em temas de vanguarda, como a biologia sintética e os estudos com cannabis, Daniela passou a ocupar um espaço de liderança que exige tanto rigor técnico quanto resiliência política. Ela encara o

Arquivo pessoal



A pesquisadora é secretária executiva do Comitê Permanente de Assessoramento de Pesquisa em Cannabis

pioneirismo com uma serenidade estratégica, compreendendo que pavimentar novos caminhos na capital federal exige paciência para substituir o preconceito pela evidência. “Pavimentar esse caminho não é apenas defender um tema, mas ajudar a criar bases para que ele seja tratado com

responsabilidade, segurança e relevância para o país”, avalia.

Nesse processo de desmistificação, Daniela assume também um papel de mentoria para as novas gerações. “Trabalhar com temas cercados de tabu exige preparo técnico, mas também maturidade para lidar com resistências, interpretações

equivocadas e até julgamentos precipitados. É importante estudar profundamente, construir credibilidade, dialogar com diferentes públicos e manter clareza sobre o propósito do trabalho. A ciência tem justamente esse papel: lançar luz sobre temas complexos e substituir o preconceito pela evidência”, orienta.

Polo de pesquisa

Além do rigor técnico, há uma forte conexão afetiva e ambiental em seu trabalho. Daniela enxerga o potencial do Cerrado não apenas como um cenário, mas como um ativo estratégico para a soberania nacional. Suas pesquisas atuais propõem um modelo de desenvolvimento que respeita a biodiversidade local enquanto busca inovação de alto valor agregado.

“Durante muito tempo, pensamos na expansão agrícola apenas em termos de ocupar terra. O desafio agora é ocupar espaços de inteligência. No caso da cannabis, estamos construindo as bases técnicas para uma cadeia produtiva segura, rastreável e adaptada à realidade brasileira, articulando agricultura, saúde, indústria e políticas públicas”, pontua.

A visão de Daniela sobre o futuro da cidade é tão estruturada quanto o Plano Piloto. Daqui a uma década, ela projeta uma Brasília que não apenas abraça o poder, mas que exporta inteligência e regulação científica para o mundo. “Gostaria de ver o tema da cannabis tratado com naturalidade e responsabilidade, sob uma perspectiva agrícola e industrial consolidada”, projeta.

Para a cientista, o legado de JK de integrar o país ganha, agora, uma nova versão. Se em 1960 a integração foi territorial, as pesquisas de Daniela propõem uma integração pela inteligência, na qual o coração do Brasil se torna o motor de uma soberania tecnológica.

Legado alimentar para o amanhã

» DARCIANNE DIOGO

Inovação nem sempre significa criar algo inédito — em muitos casos, exige recuperar o que foi deixado para trás. Essa lógica orienta a trajetória do agrônomo Nuno Rodrigo Madeira, de 54 anos, que mora em Brasília desde 2002. Nascido no Rio de Janeiro, ele se mudou para a capital para ingressar na Embrapa Hortaliças, no Gama, onde construiu uma trajetória singular ao apostar em um campo historicamente marginalizado pela ciência agrônoma.

Em um cenário dominado por grandes cadeias produtivas e monoculturas, seu trabalho reposiciona as chamadas plantas alimentícias não convencionais (PANC) como alternativas estratégicas para o futuro da alimentação.

O ponto de inflexão na carreira aconteceu em 2006, quando passou a ser curador de uma coleção de germoplasma de hortaliças não convencionais. “A partir daí,

percebi que a preservação dessas espécies não poderia se restringir ao armazenamento em coleções científicas. A conservação efetiva se faz pelo uso”, afirma o pesquisador, destacando que o esforço envolve tanto o cultivo quanto a promoção do consumo dessas plantas.

Para Nuno, o alcance dessa proposta extrapola os limites da agricultura convencional e dialoga com diferentes áreas do conhecimento. “O trabalho nasce a partir dos quintais produtivos, tem forte aderência com a agricultura urbana e o paisagismo produtivo, é naturalmente de base agroecológica, multidisciplinar com forte diálogo com a nutrição e ciências da saúde e com a culinária e a gastronomia”, descreve.

Nesse processo, espécies antes tratadas como secundárias ganham novo protagonismo. Madeira chama atenção para o fato de que muitas dessas plantas — como araruta, mangarito, ora-pro-nóbis, taioba, berta-lha, almeirão-roxo, língua-de-vaca,

peixinho-da-horta e inhame-cará — foram progressivamente excluídas da alimentação cotidiana.

“A perda dessas referências em nossos hábitos alimentares foi ocorrendo lentamente, resultado da urbanização e da verticalização das cidades, da globalização e da massificação da alimentação”, analisa. Ao mesmo tempo, ele aponta que esse movimento trouxe consequências concretas para a saúde e para a diversidade alimentar.

Nesse sentido, Brasília aparece como elemento estruturante da trajetória de Nuno. O pesquisador destaca que a configuração da cidade favorece o diálogo entre campo e cidade, potencializando a difusão dessas culturas. “Brasília é uma cidade única, por sua pluralidade, um tanto cosmopolita, um tanto regional, muito urbana, mas também muito agrícola”, afirma. Essa característica, segundo ele, cria um ambiente propício para conectar produtores, consumidores e diferentes expressões

Ed Alves CB/DA Press



Nuno Madeira trabalha com plantas alimentícias não convencionais como alternativa para o futuro da alimentação

e do público, que apontaram a ausência histórica de apoio científico a essas espécies e reconheceram, naquele momento, uma mudança de postura institucional.

“Aqueles declarações me fizeram perceber que eu estava no caminho certo para tentar fazer a diferença, de forma simples mas consistente, de forma coletiva e persistente”, relata.

Mais do que resgatar alimentos do passado, o trabalho de Madeira propõe uma ressignificação. Ao incorporar ciência, nutrição e gastronomia, ele transforma plantas associadas à escassez em ativos estratégicos de um sistema alimentar mais resiliente. “Nosso trabalho tem sido justamente sensibilizar as pessoas”, afirma, ao enfatizar a necessidade de reconectar as novas gerações com a origem dos alimentos e com formas mais diversas de produção e consumo.

Meu encontro com Brasília

» FREDERICO DE HOLANDA

Estranheza e fascínio

Há exatos 54 anos, em 21 de abril de 1972, eu adentrava, com minha esposa, Rosa, o Eixo Rodoviário Sul de Brasília, dirigindo um fusquinha velho. Sou recifense, lá me formei em arquitetura em 1966, trabalhei no Maranhão na construção de uma cidade entre 1967 e 1969 (Nova Iorque-MA), onde conheci Rosa, mudamos, juntos, para o Rio, onde residimos entre 1969 e o início de 1972.

Portanto, para um urbanista inveterado, que amava o Recife, depois o Rio, e ia pelo menos uma vez por semana a Copacabana — a meu ver, o bairro de maior urbanidade — em todas as gentes e práticas se misturam em grande quantidade — o primeiro sentimento com Brasília foi de estranheza, algo profundamente enigmático. Carecia entender o sentimento, e isso constituiu meu principal eixo de reflexão, a partir de 1972, como docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da

Universidade de Brasília.

Minha primeira atenção voltou-se ao centro urbano. Centro? Brasília tem “centro”? O que era assim denominado parecia um arquipélago de setores especializados, separados entre si por vias expressas, vastos parques de estacionamento (de carros), grandes áreas desocupadas — tudo ao contrário da Av. Rio Branco + Cinelândia (Rio), ou da Av. Paulista + Parque Triunfo (São Paulo), ou do Largo do Pelourinho + Rua Alfredo Brito + Terreiro de Jesus (Salvador). Meu trabalho com os estudantes de projeto consistia em “tapar buracos”, como o existente entre os dois Setores de Diversões, ao longo da Plataforma Rodoviária, esta, o ápice da concentração de pessoas no centro.

Por outro lado, minhas crianças nasceram e cresceram em superquadras, eu via a intensidade como elas usavam o “lá embaixo do bloco”, e faziam amizades puramente fruto da vizinhança — portanto “determinadas” pelo espaço. Mas não só: os adultos (como nós) também usufruíam o lugar, por puro deleite ou para caminhadas pelas calçadas. Contudo, se isso ocorre dentro das superquadras, não ocorre entre

Marcelo Ferreira/CB/DA Press



superquadras: para dar exemplo extremo, basta pensar no pesadelo que é ir das quadras “100” para as quadras “200” do Plano, atravessando o Eixo Rodoviário, em qualquer dos modos possíveis.

Quanto aos espaços monumentais, minha sensação eram uma mescla de afetos: extasiava-me com sua beleza, mas incomodavam-me seu isolamento e suas dimensões: a Esplanada dos Ministérios e a Praça dos Três Poderes são um apêndice urbano, “pendurado” no resto da cidade pela Plataforma Rodoviária. O lugar me lembrava a equação monumentalidade

governamentais, e coroada pela Pirâmide da Lua, pensei: como é possível? Estou numa Brasília do séc. I d.C.! Mais: a avenida tem 2.000 metros de comprimento, a exata distância entre... a Plataforma Rodoviária e o Congresso Nacional, em Brasília.

Daí em diante, esses espaços de exceção, como passei a chamá-los, viraram minha obsessão. Seus atributos principais: grandes dimensões, relativo isolamento, abrigando exclusivamente funções político-cerimoniais-simbólicas. Através dos milênios, ocorrem em sociedades que não constroem apenas para

— autoritarismo, tão martelada pelos críticos luminosos da arquitetura moderna.

Então, em 1976, conheci o sítio arqueológico de Teotihuacán. Foi um choque. Quando pisei na Av. dos Mortos, ladeada pela Pirâmide do Sol e por palácios

dos aspectos prático-econômicos da vida cotidiana, mas sobre investem no simbólico: Brasília, sim, mas também Versailles (séc. XVII d.C.), a Cidade Proibida de Beijing (séc. XV), os castelos feudais franceses (séc. XII d.C.), os Centros Cerimoniais Maías (séc. III a VII d.C.), as pirâmides do Egito Antigo (séc XXV a.C.), Stonehenge (séc. XXX a.C.) — a tradição vai longe. Por que, hoje, todos atraem multidões de visitantes?

As sociedades que construíram esses lugares eram mais complexas do que sugeria a equação monumentalidade = autoritarismo, principalmente quando confrontadas com sociedades que não o fizeram — o confronto tornou-se o tema de minha tese de doutorado. Minha admiração por Brasília só cresceu, e sempre que volto do Plano para casa, mesmo fazendo um caminho mais longo, dou um jeito de entortar o percurso e passar pela Esplanada dos Ministérios e Praça dos Três Poderes, experimentando de novo, e de novo, e de novo, o fascínio com o lugar.

Frederico Holanda é professor emérito da Universidade de Brasília (UnB)

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



Segunda-dama do país, Lu Alckmin comenta a trajetória como voluntária e celebra o sucesso da Padaria Artesanal em Brasília, que conta com 44 unidades no DF transformando a vida de mais de mil famílias

Receitas com afeto e esperança

» LETÍCIA MOUHAMAD

Em diários carregados de fotos e anotações feitas à mão, Lu Alckmin guarda as memórias dos 25 anos de projetos sociais desenvolvidos Brasil a fora. Ali, ela relata a emoção de encontros que transformaram vidas e a motivaram, ano após ano, a expandir suas iniciativas. No caderno de 2023, as primeiras imagens a mostram em Brasília. Foi naquela ocasião que a segunda-dama do país lançou o projeto Padaria Artesanal no Distrito Federal, estimulando o empreendedorismo e a inclusão produtiva da população em situação de vulnerabilidade social.

De lá para cá, mais de mil famílias do DF foram beneficiadas pela qualificação que ensina o esmero da panificação. São 44 unidades do projeto, incluindo um polo nacional localizado

na Paróquia Sagrado Coração de Jesus, na 615 Sul. “Desde 2001, são ensinadas as mesmas dez receitas dos pãezinhos, que podem ser adaptadas conforme a realidade de cada região”, comenta a idealizadora da Padaria Artesanal. Na apostila entregue aos alunos, há, também, dicas de como reaproveitar ingredientes que sobram durante a receita. “São pães nutritivos, baratos, fáceis de fazer e com valor comercial”, acrescenta dona Lu.

Os frutos do empreendimento social — que conta com parceiros como a Arquidiocese de Brasília e o Sistema S — chegam até a segunda-dama por meio de relatos emocionantes dos alunos. “Outro dia, eu estava em Santa Maria para entregar alguns diplomas e, entre as formandas, havia uma mulher com um bebê de colo e mais três crianças em sua volta. Todos pequenos. Ela dizia não estar ali para

vender pão, mas, sim, para aprender a fazê-lo e poder alimentar sua família, porque as crianças estavam passando fome”, recorda.

Na Igreja Nossa Senhora de Fátima, na 307/308 Sul, mais um encontro marcante. Um rapaz chamado Caio, antes desempregado, procurou um multiplicador de conhecimentos em panificação naquele espaço e aprendeu a colocar a mão na massa. “No dia em que entregamos os diplomas, ele contou que convenceu os pais a também fazerem o curso na paróquia. Os três se engajaram nesse ofício e agora vendem os pães por meio do Delícias do Caio. Virou o sustento da família”, conta dona Lu.

Memória afetiva

A relação de Lu Alckmin com Brasília, no entanto, é anterior ao

papel de segunda-dama e está aliçada em uma lembrança que remete ao fim da década de 1980. Naquela época, enquanto Geraldo Alckmin atuava como deputado federal constituinte, era ela quem percorria as vias da capital para levar os três filhos à escola.

“Minha memória afetiva é a Igreja Dom Bosco. Eu estudava com as crianças em casa e depois as levava para o colégio, que ficava ali ao lado”, recorda. Para ela, o santuário de vitrais azuis não é apenas um marco arquitetônico, mas um refúgio de paz que simboliza a própria essência da cidade. “Dom Bosco teve aquele sonho profético de que aqui seria a terra onde jorraria leite e mel. Brasília tem essa ligação forte, essa vocação para o futuro que sempre me inspirou”.

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Lu Alckmin atua em Brasília com a Padaria Artesanal

Mariana Campos/CB/D.A.Press



José Carlos e Maria Laura mantêm o legado de Carlos Pato (no cartaz)

Ensinando a conviver com Parkinson

» BEATRIZ MASCARENHAS

Na saúde e na doença, entre alegrias e tristezas, parkinsonianos e seus parceiros se reúnem semanalmente na busca por qualidade de vida, na Escola Parque da 210 Sul. Isso porque, há 21 anos, Carlos Anibal Pato tomou a decisão de criar uma associação para auxiliar pessoas que, assim como ele, lidavam com o diagnóstico da Doença de Parkinson, uma condição neurodegenerativa que afeta o sistema

nervoso. Agora, em 2026, sua esposa, Maria Laura Pato, e o amigo José Carlos Delphino dão continuidade ao projeto, abraçando um grupo de cerca de 100 pessoas que estudam os avanços da ciência diante dos desafios da condição.

Aviador da Força Aérea, Carlos foi diagnosticado com Parkinson aos 43 anos, em 1989, quando notou uma extrema lentidão dos seus movimentos no dia a dia. O aviador não conseguia fazer as anotações de voo em tempo real.

“Fui à consulta com minha esposa, Maria Laura. Quando ele disse que eu tinha a Doença de Parkinson, foi como se uma bomba caísse em cima de nós”, descreveu ele no livro Rompendo as amarras da Doença de Parkinson, escrito em 2012. Carlos morreu em outubro de 2023, 33 anos após o diagnóstico, “em convivência pacífica com a doença”, segundo descreveu em uma das páginas.

Ao recuperar-se do impacto da notícia da doença, Carlos Anibal

manteve-se em tratamento com o neurologista Naser Alang. Observando as movimentações de seu paciente, o médico o incentivou a fundar uma associação para os parkinsonianos da capital.

Assim, a Associação Parkinson Brasília foi criada em 23 de abril de 2005. “Atualmente, contamos com psicoterapia para os familiares, além de musicoterapia e um grupo de arte, que trabalha com atividades como aquarela e pintura”, orgulha-se Maria Laura.

ADEMI

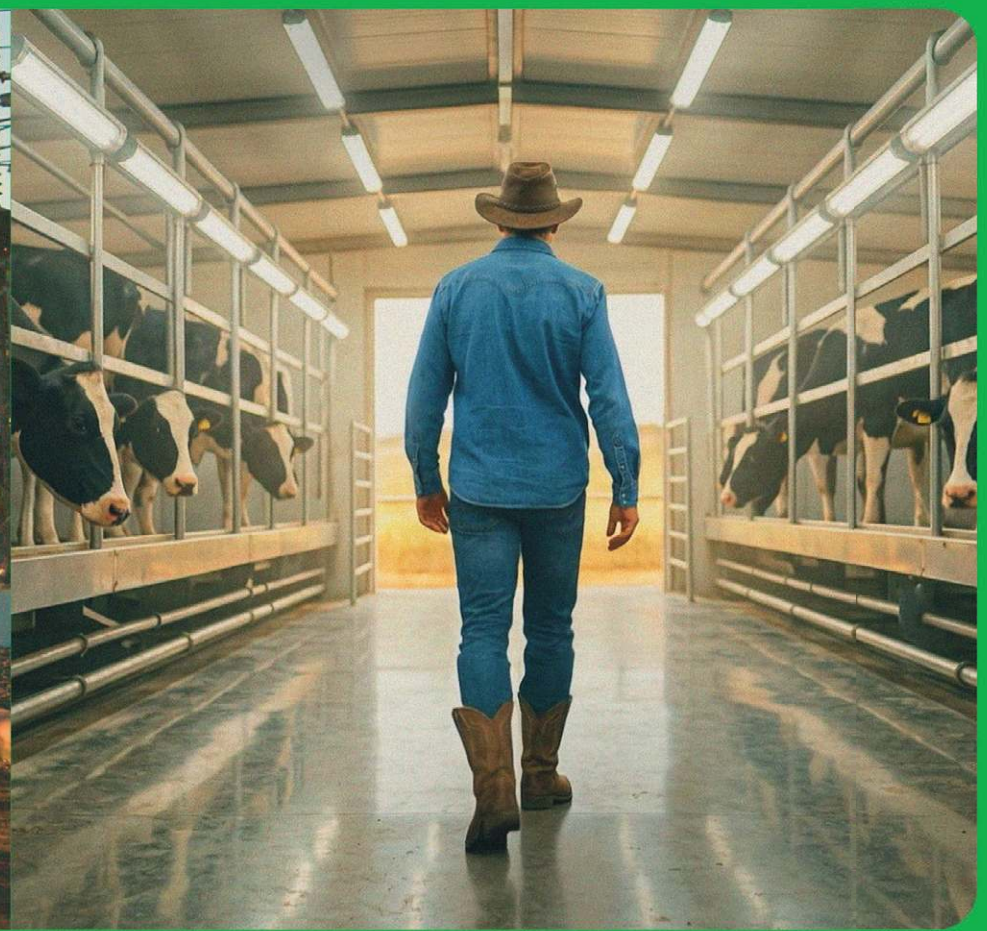
O DF cresce todos os dias.

A Associação de Empresas do Mercado Imobiliário do Distrito Federal - ADEMI DF - e suas associadas

trabalham para transformar crescimento em desenvolvimento ordenado e sustentável.

Cada avanço é um compromisso com a qualidade de vida e o futuro da população. A ADEMI DF constrói o DF com você!

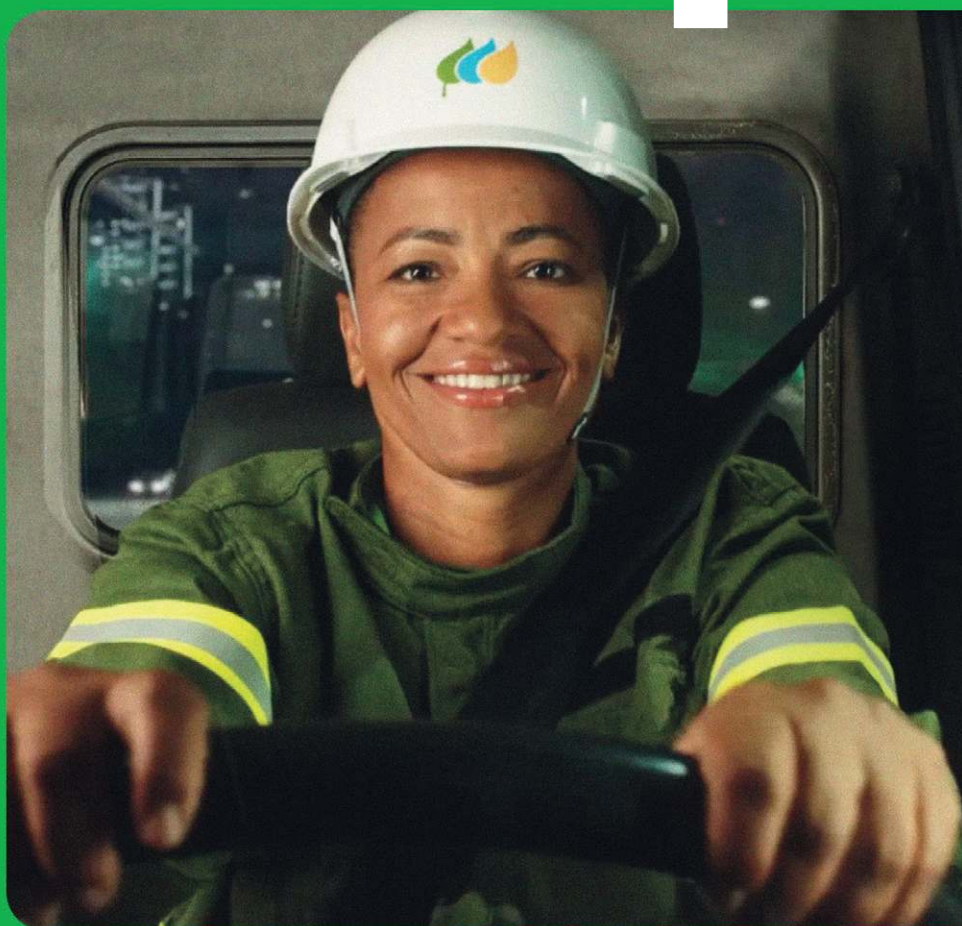
COMPROMISSO COM O DESENVOLVIMENTO DO DISTRITO FEDERAL. PARABÉNS, BRASÍLIA!



Mais

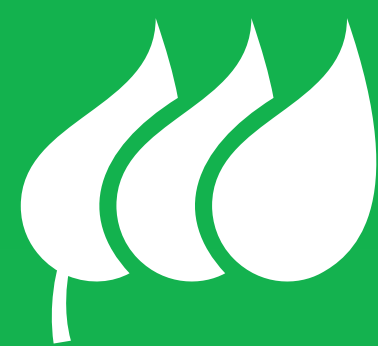


por



você

A empresa
que mais investe
no setor elétrico
no Brasil.



Neoenergia
Brasília
Mais por você

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



Livro traz negativos inéditos da construção da capital feitos pelo fotógrafo mineiro Geraldo Vieira, um aventureiro e repórter nato que, em diferentes ocasiões, viajava 400km em estrada de terra para eternizar momentos importantes

Registros de uma cidade que surgia

» MANUELA SÁ*

Fotos inéditas da construção de Brasília compõem o livro de arte *Brasília: Geraldo Vieira*, escrito pela jornalista Fernanda Torquato. Com 457 negativos em preto e branco, a obra, em pré-venda, traz imagens que mostram a cidade no processo de se tornar capital, feitas pelo fotógrafo mineiro **Geraldo Vieira**.

De acordo com o neto Henrique Vieira, a vontade do fotógrafo de registrar o nascimento de Brasília foi motivada pela paixão. Envolvido com a comunidade e idealista, Vieira nutria uma “relação pessoal com a loucura de Juscelino Kubitschek” de construir a capital em uma área deserta. Esse vínculo também se devia ao fato de o tio do presidente ser de Araguari (MG), onde morava Vieira. Era um sentimento comum entre os habitantes da cidade a admiração por Kubitschek e por suas ideias.

Descrito por Henrique como aventureiro e repórter nato, o fotógrafo veio para Brasília em diferentes ocasiões interessado em fazer registros de momentos importantes. Na primeira vez, veio acompanhado de uma turma de cerca de 20 pessoas para a primeira missa da capital. Nas vezes seguintes, Vieira veio de Kombi. Era a vontade de ver de perto a concepção da cidade que o levou a percorrer 400 km em estrada de terra e fotografar o que encontrou aqui. Há também fotos da inauguração, feitas quando ele veio acompanhado da família.

O neto destaca a engenhosidade de Vieira. Sabendo da dificuldade que teria em fazer imagens

de Juscelino Kubitschek, sempre rodeado de jornalistas e admiradores, o fotógrafo usou um cabo de vassoura para colocar sua Rolleiflex no alto e tirar bons registros do presidente. Para essa invenção, a família deu o nome de “trapizonga”. Henrique Vieira conta que a criatividade para inovar era característica marcante do avô. “Sua casa era cheia de engenhocas. Algumas para manter a porta aberta, outras para não desligar a torneira”, lembra.

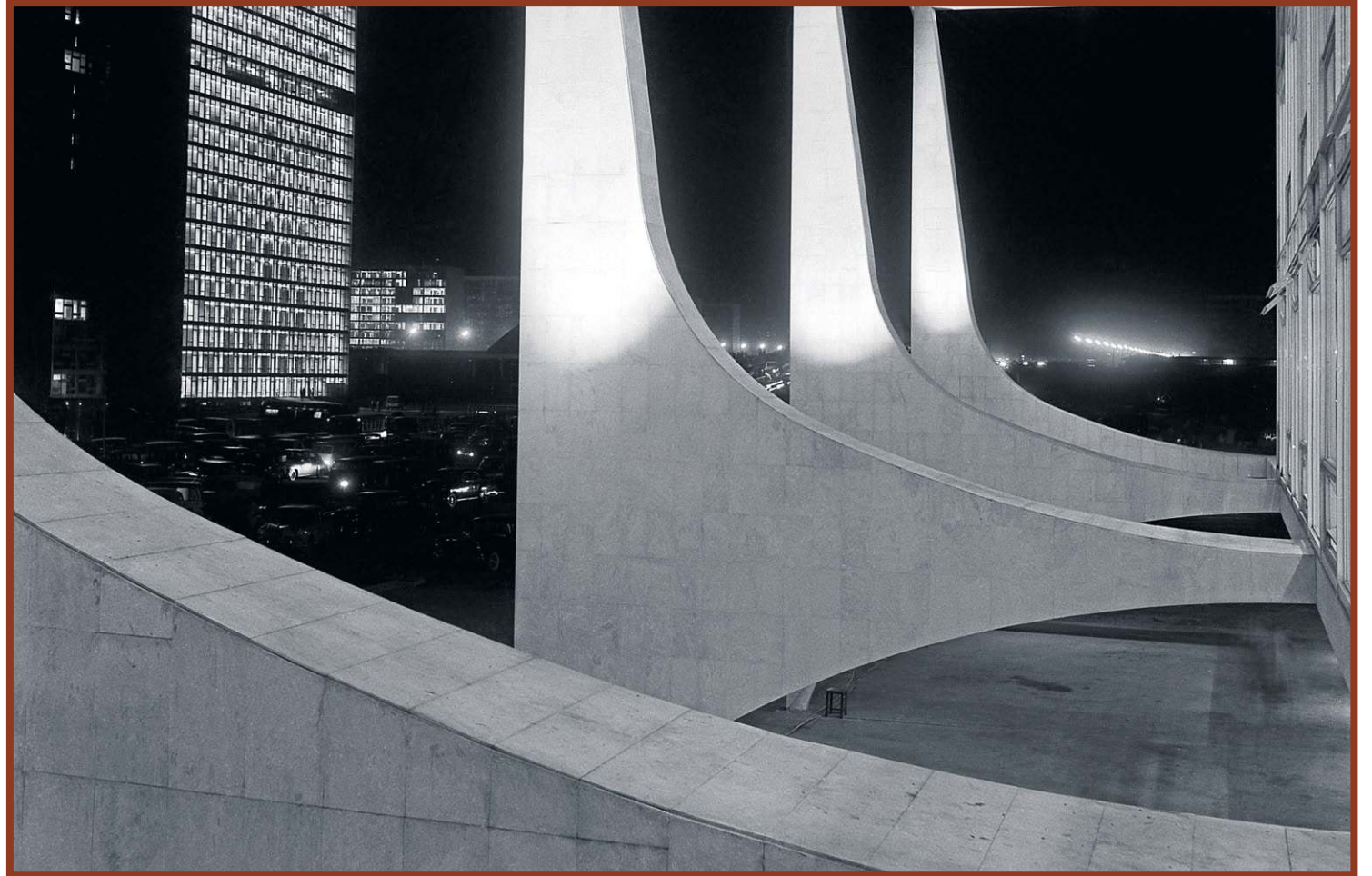
Curiosidades

Fernanda conta que no livro é possível ver imagens que contam curiosidades. Uma das fotos, por exemplo, captura o momento em que o ator americano Leo Carrillo, conhecido por interpretar caubóis, coloca o chapéu na cabeça de Juscelino Kubitschek em uma visita à cidade. Há também registros da corrida de carros feita no dia da inauguração de Brasília, em que aparecem ferraris e porsches. “Elas falam do passado de uma cidade moderna”, descreve a jornalista Fernanda.

Para a autora, essas imagens são o ápice da fotografia de Vieira em questão de estética. Ela conheceu as obras do mineiro a partir de fotos penduradas no Museu dos Ferrovários de Araguari. Já os registros de Brasília estão sob os cuidados da família. Fernanda observa que essas imagens dão ênfase aos monumentos e a grandiosidade da cidade que estava para surgir. “Pelas fotos, parece uma pessoa que está diante de algo muito exuberante, que deseja exaltar”, finaliza.

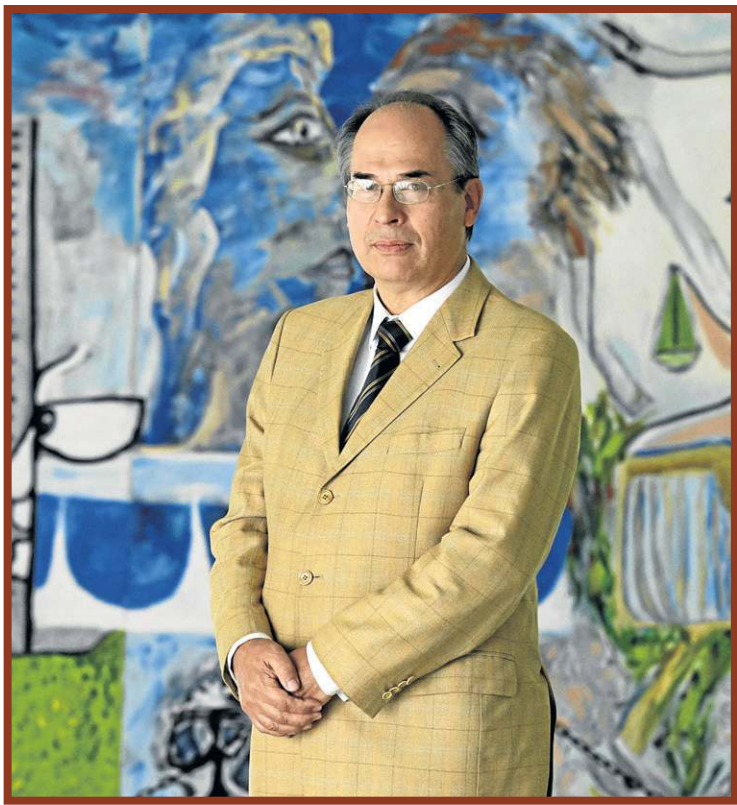


Fotos: Geraldo Vieira/Arquivo pessoal



Palácio do Planalto (acima); trabalhadores plantam grama em frente ao Brasília Palace Hotel; JK conversa com Israel Pinheiro no aeroporto

Carlos Vieira/CB/D.A Press



“O futuro é construído a partir da utopia do presente”, diz Menck

Preservar a história para construir o futuro

Brasília nasceu como uma utopia planejada que, com o tempo, foi sendo alterada para se adaptar às mudanças sociais. Revisitar as ideias originais e ver o que era para ser e o que se tornou pode ser um caminho para construir o futuro. É o que defende o presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal (IHG-DF), José Theodoro Menck. À frente do instituto responsável pela preservação da memória e da identidade cultural da capital federal, Menck diz que, no local, o público pode conhecer relíquias que contam a história da cidade, além de ter contato com materiais relacionados à geografia, genealogia e antropologia.

Dentre os objetos sob os cuidados do instituto, Menck destaca os pertences do engenheiro Joffre Parada, responsável pela desapropriação das fazendas do Distrito Federal para a construção de

Brasília. Foi ele também quem demarcou o Marco Zero e fez o primeiro mapa do DF. No instituto, estão instrumentos de trabalho, documentos, mapas e fotografias do pioneiro.

Outras relíquias do acervo são o **Jipe** usado por Juscelino Kubitschek durante a construção de Brasília, duas máquinas de projeção do primeiro cinema da cidade e medalhas comemorativas. Menck avalia que parte da importância do instituto e do valor de conhecer seu patrimônio está no fato de que a população pode procurar nos arquivos as ideias originais de quem concebeu a cidade e ver o que

ainda vale a pena ser implementado e o que deu errado.

Por ser uma cidade planejada, que parte dos ideais de futuro de diferentes pessoas, Menck considera que Brasília é uma utopia. Ele conta que a ideia era que a capital fosse um grande jardim. No projeto original, os prédios seriam rodeados por árvores e todos conseguiriam circular pelos amplos espaços. Os pilotis permitiriam que a população andasse por baixo dos prédios e tivesse a visão completa do jardim.

Hoje, pedestres podem andar livremente por baixo dos prédios nas entrequadradas. No entanto,

vários dos vãos entre os pilotis foram tomados por novas construções, como salões de festa, garagens e academias. Menck reflete que essas alterações se dão como resultado de mudanças de valores. Antigamente, por exemplo, o mais comum era fazer encontros em casa. Hoje, muitos moradores optam pelo salão de festa do prédio na hora de reunir amigos e familiares. Esses espaços tapam parte da visão do jardim, tratando-se de uma mudança no plano inicial. “Utopias vão ser alteradas para as necessidades do presente”, diz Menck.

Menck destaca que conservar o passado é uma forma de pensar o agora e escolher a melhor opção para a atualidade. Ele ainda fala que são ideias e sonhos atuais os responsáveis pelos próximos passos. “O futuro é construído a partir da utopia do presente”, afirma. (MS)



IHG-DF

Minervino Júnior/CB/D.A Press



Mercedes Urquiza veio da Argentina a Brasília em um jipe

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Cosete Ramos ouviu discurso de JK ao transferir a capital para Brasília

Relatos de quem sonhou junto com JK

Antes de Brasília ganhar os contornos de hoje, houve uma geração que ajudou a tirar a cidade do papel e deu vida ao local. Mercedes Urquiza e Cosete Ramos, duas dessas pioneiras, contam o que encontraram quando chegaram aqui e como construíram a vida na capital.

A argentina Mercedes Urquiza decidiu vir a Brasília depois que um amigo de seu marido mostrou para o casal um recorte de jornal noticiando a construção da nova capital em um lugar deserto. Foi pela vontade de acompanhar o desenrolar dessa ideia inusitada e de começar uma nova vida que o casal botou as malas e o cachorro em um jipe e partiu para o planalto central em uma viagem de quase dois meses. Quando chegaram aqui, no

fim de 1957, encontraram a Cidade Livre, núcleo urbano de apoio à construção de Brasília. Para Urquiza, todos eram aventureiros.

Ao longo dos anos, Mercedes conta que teve que se reinventar diversas vezes. No início, assumiu a função de corretora oficial da Novacap, companhia responsável pela construção de Brasília. “Eles me deram uma planta imensa do Plano Piloto, com tudo vazio e à venda. Imagine ter uma cidade inteira à venda, na sua mão”, diz. Hoje, Mercedes guarda com carinho as escrituras desses primeiros 100 lotes vendidos.

Ela também trabalhou como taquígrafa na Universidade de Brasília (UnB), ao lado de Darcy Ribeiro. Outra profissão assumida foi a

de jornalista do periódico argentino *La Nación*. Várias dessas memórias estão no livro *A Trilha do Jaguar: na Alvorada de Brasília*, para o qual busca apoio para lançar a segunda edição.

Já a pioneira Cosete Ramos, filha do deputado federal do Rio Grande do Sul Ruy Ramos, veio para Brasília quatro dias antes da inauguração. Em 21 de abril de 1960, ela estava no Congresso Nacional, de onde acompanhou com o coração batendo forte Juscelino Kubitschek ser ovacionado após assinar o decreto que transferiu a capital do Brasil do Rio de Janeiro para Brasília.

Cosete formou-se na primeira turma de normalistas do Centro de Ensino Fundamental Caseb e,

depois, em Pedagogia na UnB. Sobre sua trajetória nesses 66 anos em Brasília, a pioneira conta que ela “começa com esperança, se desdobra em realizações e culmina com um novo sonho, uma pauta internacional, cercada de muitos parceiros: queremos transformar Brasília em Capital da Felicidade”. Segundo Cosete, quando chegou a Brasília, tudo o que encontrou foi terra e chão. O importante para ela foi observar a beleza e o amor na capital para trazer a cidade para dentro de si. “Quando cheguei, consegui ver para além da poeira e do chão e entendi que ali estava o destino do Brasil”, reflete. (MS)

* Estagiária sob a supervisão de Márcia Machado

**Pioneiros do futuro
— uma saga brasiliense**



Enquanto na 308 Sul, o modelo do projeto urbanístico de Lúcio Costa une educação, lazer e convivência em um mesmo espaço, na 312 Norte, quem veio para a capital do país encontra a vida interiorana, com um cotidiano que resiste ao tempo

A Brasília que acontece **entre quadras**

» PAULO GONTIJO

Brasília não nasceu com lembranças, elas foram sendo construídas, pouco a pouco, nos corredores dos blocos, nas sombras dos pilotis e na busca de uma cidade dos sonhos. No aniversário da capital, é nas superquadras que essa memória ganha forma mais nítida. E poucas contam essa história tão bem quanto a 308 Sul e 312 Norte, duas faces de uma mesma cidade: uma feita de ideias que resistem ao tempo, enquanto a outra de encontros.

A 308 Sul também está impressa no próprio desenho da quadra. Inaugurada oficialmente em 1962, a superquadra é considerada o exemplo mais fiel do projeto urbanístico de Lúcio Costa, uma espécie de resumo do que Brasília sonhou ser.

Conhecida como “quadra modelo”, a 308 Sul integra o conceito de unidade de vizinhança, pensado para reunir moradia, educação, lazer e convivência em um mesmo espaço. Ao lado das quadras vizinhas, forma um conjunto onde tudo foi planejado para funcionar em escala humana.

Ali, os edifícios não são protagonistas, são pano de fundo. Entre eles, o verde se impõe, e os azulejos de Athos Bulcão dão identidade aos espaços.

Para o prefeito da quadra, Mathews Seco, arquiteto de formação, viver na 308 Sul é experimentar, na prática, um conceito que atravessou décadas. “A ideia do chão livre permite que as pessoas circulem sem barreiras. É um espaço fluido, pensado para ser público”, explica.

Mais do que arquitetura, ele destaca a permanência de um modo de vida. “O espírito de vizinhança existe. As pessoas usam os espaços, as crianças vão para a escola a pé, o comércio está próximo. É uma vida que ainda funciona como foi imaginada”, afirma.

A quadra também se destaca pelo nível de preservação. Grande parte do projeto original segue intacto, resultado de um esforço coletivo entre moradores e instituições. “Existe uma consciência de que isso aqui é patrimônio. Não só de quem mora, mas da cidade e até do país”, diz.

Ao caminhar pela 308 Sul, não é raro encontrar visitantes, brasileiros e estrangeiros, interessados em ver de perto o que tornou Brasília um marco da arquitetura moderna. Mas, para quem vive ali, o valor vai além do reconhecimento. Está no cotidiano.

“Essa quadra foi pensada para as pessoas. E, de certa forma, ainda funciona assim”, resume o prefeito.

A 312 Norte

A quadra 312 Norte, considerada a mais antiga da Asa, foi ocupada em 1966, quando Brasília ainda era uma promessa. Cercada por terra vermelha, começava a receber seus primeiros moradores em edifícios que, para

Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press



Laguinho das carpas completa o ambiente bucólico da 308 Sul

Paulo Gontijo / CB



Gabriela encontrou um pedaço da cidade natal na quadra

a época, pareciam imensos. Blocos com até 96 apartamentos surgiam como ilhas de concreto em meio a um território em formação, desenhando o início de uma comunidade.

Com 11 blocos residenciais e uma comercial que atravessa o cotidiano de quem mora, trabalha ou apenas passa por ali, a quadra cresceu com a cidade. Foi se transformando em algo que vai além de um endereço.

Para quem chega hoje, essa história ainda é perceptível, mesmo que de forma sutil. A pesquisadora Gabriela Madureira, de 34 anos, mudou-se em outubro de 2025 para a quadra e encontrou ali um ritmo que contrasta com a ideia comum de uma capital acelerada. “A gente veio de uma cidade do interior de Minas Gerais e achou que sentiria muito o impacto. Mas aqui não. É tranquilo, arborizado... tem esse clima de cidade pequena”, conta.

A escolha pela região foi prática, mas o vínculo veio rápido. “A gente olhou vários lugares, mas aqui chamou atenção. É tudo muito organizado. No começo parece confuso, mas depois você percebe que tudo faz sentido”, diz, referindo-se ao traçado planejado da cidade.

No dia a dia, a 312 oferece o que muitas metrópoles perderam: tempo e espaço. “Eu consigo passear com meu cachorro, fazer minhas atividades sozinha. É um lugar que passa tranquilidade. E eu gosto de ver as crianças andando, brincando... isso diz muito sobre o lugar”, afirma.

Essa sensação, que para Gabriela é descoberta, para outros é permanência. Morador desde 1979, o advogado Edilberto Mourão, de 69 anos, viu a quadra se transformar, sem deixar de ser, em essência, a mesma. “Aqui sempre teve uma convivência muito parecida com

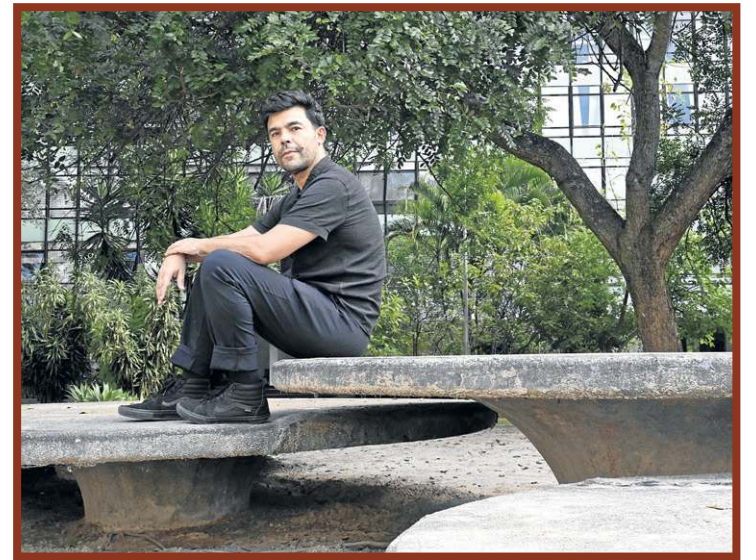
cidade do interior. Muita gente veio de fora, principalmente do Nordeste, e trouxe esse jeito mais próximo de viver. Isso ficou”, relembra.

Ao longo das décadas, ele viu vizinhos chegarem, ficarem, formarem famílias e permanecerem. “Tem gente que casou aqui, teve filho aqui, criou os filhos aqui... e hoje os netos estão fazendo o mesmo caminho. É como se fosse uma grande família”, diz.

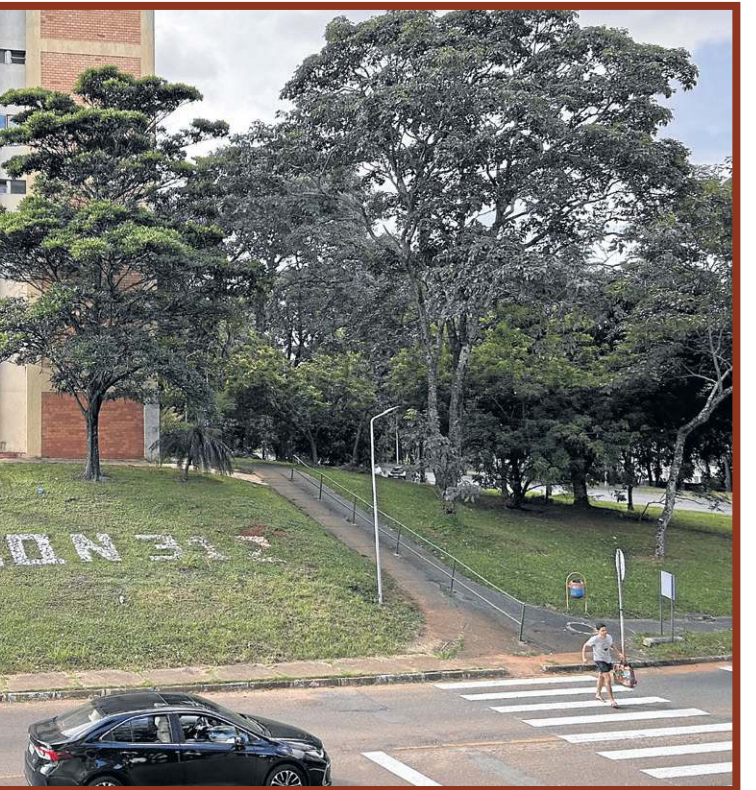
A mudança mais visível, segundo ele, veio com o crescimento da cidade. “Naquela época quase não tinha carro. Hoje é difícil achar vaga na quadra. A segurança também mudou. Mas a convivência, de certa forma, ainda resiste”, avalia.

Mais do que transformação urbana, o que a 312 guarda é um tipo de pertencimento difícil de explicar. “Minhas raízes estão aqui. Minha história está aqui”, resume.

Carlos Vieira/CB/D.A. Press



“Essa quadra foi pensada para as pessoas”, diz o prefeito da 308 Sul



A mais antiga da Asa Norte é cenário de passeio e encontros entre os moradores

Um olhar especializado

A lógica por trás dessa experiência cotidiana ajuda a explicar por que as superquadras ainda despertam pertencimento. Para o urbanista Ricardo Meira, Brasília representa uma das expressões mais completas do urbanismo moderno. “A superquadra não foi uma invenção do zero. Ela parte da ideia de unidade de vizinhança, mas a reconfigura para conciliar a escala monumental da cidade com uma escala mais íntima, do cotidiano”, explica.

O grande diferencial está no desenho que induz a convivência. “Ao implantar os blocos em projeções e manter os pilotis livres, cada superquadra se transforma em um espaço público contínuo. Isso incentiva a interação social e cria uma experiência coletiva do morar”, afirma.

É nas superquadras que Brasília revela sua dimensão mais humana. “É aqui que a cidade deixa de ser símbolo e se torna lugar. O pertencimento não é espontâneo, ele é construído pela repetição das experiências: o caminho a pé, a criança que cresce ali, o comércio do dia a dia. Isso cria memória e identidade”, diz.

Entre a 312 Norte e a 308 Sul, Brasília se revela em duas dimensões que se completam. De um lado, a cidade vívida, feita de histórias, encontros e afetos. Do outro, a cidade pensada, desenhada com rigor, intenção e sonho.



Meu encontro com Brasília

» MARIA LÚCIA VERDI

Dos pampas ao Cerrado

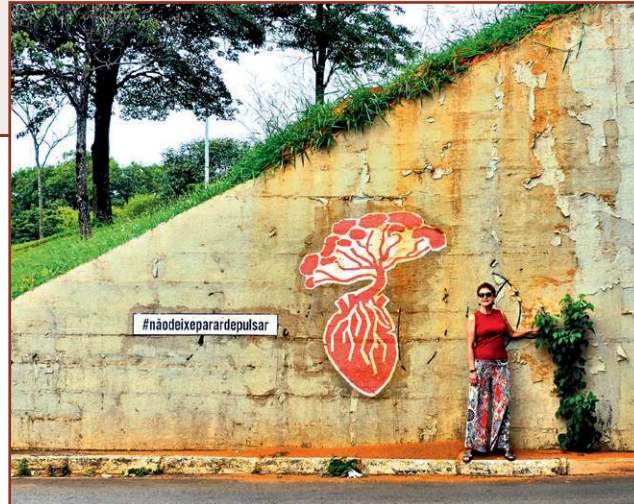
Saí de um Porto Alegre, de uma pequena rua sem saída chamada Nossa Senhora Medianeira. Nela viviam meus avós paternos, e avó materna, tias, tios; primas e primos. Eu visitava todos os vizinhos, especialmente os idosos, pois adorava ouvir histórias e ver fotografias. Estudava numa escola só de meninas, criada por freiras agostinianas. Estava namorando o irmão de minha melhor amiga, apaixonada pela sua irreverência típica da geração 70, quando meu pai trouxe a notícia de que nos transferiríamos para Brasília no meio do ano.

Brasília, em 1971, foi um susto. Espaços abertos numa dimensão pampeana, mas não havia coxilhas, a terra era vermelha, o céu era quase amedrontador e eu não

podia esconder minha melancolia. Tudo estava sendo construído, a sensação era de uma exposição contínua, uma impossibilidade de demarcar território, restringir o olhar, aconchegar-se.

Comecei a estudar no Pré-universitário, colégio misto, avançado, adolescentes de todo o Brasil desfilarão à minha frente. Sentia falta das professoras de literatura, filosofia, sociologia e história; desorientada, me enturmei com pessoas que me fizeram sofrer. Foi quando conheci, na quadra, gente especial, amigos até hoje, que me apresentaram os poucos, mas estimulantes, espaços culturais da cidade. Tudo mudou graças às artes! Em 1974, ao entrar para a UnB conheci o grupo do Geraldo Moraes e participei da primeira peça montada nos tempos áridos da ditadura; com Maria Coeli e outros, recitávamos poemas e cantávamos músicas, pacíficos atos de resistência. Fui aluna de Cyro dos Anjos, Cassiano Nunes, Domingos Carvalho e

Leticia Verdi/Divulgação



Silva, Oswaldino Marques, Antônio Salles e outros. Cassiano estava na minha banca de mestrado, com dissertação sobre Samuel Rawet, renovador do conto brasileiro e instigante prosador; Oswaldino Marques prefaciou meu livro *Falas*, editado pela saudosa Bric-à-Brac. Pesquisando nas Obras Raras da biblioteca da UnB encontrei poema erótico de Manuel Bandeira, o

grande e senzala, aprender a dominar códigos complexos. Desafio atrás de desafio, cheguei a dirigir o Centro de Estudos Brasileiros da embaixada em Roma e chefear o Setor Cultural da embaixada em Pequim, experiências transformadoras.

Brasília foi a minha iniciação na vida adulta, aqui tive meus filhos Leticia e Marcus. A cidade natal ficou na memória dos

afetos, me sinto brasiliense; os espaços, o céu, o jardim no qual se transformou a cidade, passaram a me acolher, a me acompanhar neste belo bioma do Cerrado. Visito as grandes metrópoles, com suas selvas de pedra e suas ofertas culturais tentadoras, sem me identificar com o ritmo, a poluição, o barulho, a quantidade de gente, a falta de abertura acima da minha cabeça, que dela necessita.

Como tantos da minha geração, participei dos concertos Cabeças (salve, Neio Lúcio!), escrutinei o céu em busca de ovnis, curti as Cavalhadas de Pirenópolis, me deslumbrei com a Chapada — tudo isso é parte do viver na capital. Não canso de observar, por onde caminho, as árvores, as plantas e flores, as aves, os poemas e desabafos espalhados pelas passagens de pedestres e pelos eixinhos. Espero, torço, que Brasília resista às elites dirigentes, o Brasil merece.

Maria Lúcia Verdi é poeta

ONE SCHOOL

ESCOLA BILÍNGUE DA CASA THOMAS JEFFERSON

Educação Infantil & Ensino Fundamental

Com raízes na **Casa Thomas Jefferson** e um currículo bilíngue que une rigor acadêmico e o prazer em aprender, a ONE School acredita que cada criança é única e merece uma educação à altura dessa singularidade. **Pioneira em Brasília na adoção do Ateliê inspirado na pedagogia de Reggio Emilia**, a escola forma estudantes que investigam, criam e se reconhecem como protagonistas do próprio percurso, desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental. Neste ano em que a capital completa 66 anos, a ONE School celebra junto: afinal, as duas sabem que construir algo que dure exige visão, coragem e a certeza de que uma boa ideia pode mudar tudo ao redor.



VENHA NOS CONHECER



SHIS QI 9, LAGO SUL



@ONESCHOOL.BR



(61) 3774-5800



ONESCHOOL.ORG.BR

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



A degradação do bioma, que pode chegar a 90% do original, ameaça o abastecimento de água e a qualidade de vida na capital, exigindo políticas públicas eficazes, avalia César Victor, colaborador da Fundação Pró-Natureza (Funatura)

Na luta pela defesa do Cerrado

» CARLOS SILVA

Carlos Vieira/CB/D.A Press

No coração do Brasil, onde o Cerrado se estende como a savana mais rica em biodiversidade do planeta, a preservação ambiental deixou de ser apenas uma pauta ecológica para se tornar uma questão de sobrevivência. Apesar dessa relevância, o avanço da urbanização e da agropecuária tem imposto pressões crescentes. Estimativas apontam que entre 50% e 80% da cobertura original do Cerrado já foi degradada ou convertida para uso humano, enquanto menos de 4,5% da área está protegida por unidades de conservação. Essa contínua fragmentação de habitats compromete não apenas fauna e flora, mas até mesmo a vida urbana na capital.

É nesse contexto que vozes como a de César Victor ganham volume, ao chamar atenção para a relação direta entre conservação da vegetação nativa, segurança hídrica e qualidade de vida no Distrito Federal. Segundo o engenheiro florestal e colaborador da Fundação Pró-Natureza (Funatura), o bioma é conhecido como “berço das águas” justamente por concentrar nascentes de importantes bacias hidrográficas brasileiras. “Em um território pequeno, temos nascentes que alimentam três grandes bacias: a do São Francisco, a do Tocantins-Araguaia e a do Paraná”, afirma.

O especialista ressalta que essa riqueza, no entanto, está sob constante ameaça. Para ele, o principal problema é a ocupação desordenada do território. “A expansão urbana, muitas vezes em áreas impróprias, tem provocado o desmatamento, comprometimento de nascentes e até o desaparecimento de veredas”, diz. “Essa ocupação irregular é a grande causa da perda de qualidade ambiental no Distrito Federal.”

Além das pressões locais, César Victor aponta que o Cerrado sofre com uma desvalorização histórica em comparação a outros biomas. “Existe uma percepção equivocada de que o Cerrado é menos importante que a Amazônia, o que não é verdade”, critica. “O Cerrado é riquíssimo em biodiversidade, em água e em carbono. Ainda assim, as políticas públicas permitem níveis muito maiores de desmatamento aqui.” Segundo ele, esse cenário é agravado por incentivos econômicos. “Nós acabamos incentivando o desmatamento por meio de políticas voltadas ao agrogêncio e à mineração. Em muitos casos, isso é legalizado.”



César Victor chama a atenção para a relação direta entre conservação da vegetação nativa, segurança hídrica e qualidade de vida no Distrito Federal



Em um território pequeno, temos nascentes que alimentam três grandes bacias: a do São Francisco, a do Tocantins-Araguaia e a do Paraná

César Victor, engenheiro florestal e colaborador da Fundação Pró-Natureza

A relação entre a conservação ambiental e a segurança da população também é destacada pelo engenheiro. “Preservar o Cerrado é proteger áreas de recarga de aquíferos, nascentes e veredas. Isso garante segurança hídrica para o presente e para o futuro”, afirma. Ele defende o fortalecimento de políticas públicas voltadas à criação e manutenção de unidades de conservação. “É fundamental ampliar essas áreas e garantir uma gestão eficiente.”

O cenário atual do DF já apresenta sinais de alerta, com regiões em estágio avançado de degradação. “Existem áreas com capacidade de suporte praticamente esgotada, mas que ainda recebem pressão para novos loteamentos e expansão urbana”, aponta. Para

ele, instrumentos como o zoneamento ecológico-econômico e o Plano Diretor de Ordenamento Territorial (Pdot) deveriam ser respeitados com mais rigor. “O Pdot tem sido alterado de forma a permitir mais desmatamento, o que agrava o problema.”

Engajamento

César Victor também não descarta novas crises hídricas nos próximos anos. “As mudanças climáticas já estão em curso, com aumento de temperatura e irregularidade nas chuvas”, explica. “Se continuarmos com políticas que incentivam a expansão urbana sobre áreas sensíveis, a tendência é de piora. Em alguns anos, certamente enfrentaremos novas crises de abastecimento.”

Apesar dos desafios, o especialista reconhece que o DF possui uma base legal robusta para a proteção ambiental. “Temos instrumentos como o Código Florestal, o zoneamento ecológico-econômico e diversas leis voltadas à proteção dos recursos hídricos”, afirma. “O problema, muitas vezes, é a falta de vontade política e de recursos para implementar essas políticas de forma efetiva.”

Para o futuro, César Victor defende uma abordagem integrada. “Precisamos de gestão conjunta entre unidades de conservação, governo, sociedade civil e setor produtivo”, diz. “Também é essencial ampliar os investimentos em estrutura, pessoal e fiscalização.” Ele reforça que a participação da sociedade é indispensável. “Não é possível preservar o Cerrado apenas

com ações do poder público. É preciso engajamento coletivo.”

Ao projetar os próximos anos, ele faz um alerta e um apelo. “O crescimento da cidade precisa ser organizado e compatível com a preservação ambiental”, afirma. “Se não cuidarmos do Cerrado, vamos perder qualidade de vida. O Cerrado é um tesouro que ainda temos. Cabe a nós garantir que ele continue existindo para as próximas gerações.”

O especialista também destaca o vínculo afetivo e cotidiano com a cidade como elemento central para a preservação. “Brasília é a minha casa, é onde minha família vive, onde construí minha trajetória. Por isso, é fundamental que ela seja bem cuidada”, diz. “Uma cidade que não preserva suas áreas verdes perde qualidade de vida rapidamente.”

Meu encontro com Brasília

» MARCELO BERÉ

Um Beré em Brasília ou Beré do Cerrado

Meu pai, engenheiro mineiro recém-formado e recém-casado, estava trabalhando em uma firma em São Paulo e foi mandado para Paulo Afonso, na Bahia, para construção da barragem para a hidroelétrica. No canteiro de obras da usina, Carlos ficou sabendo que estavam precisando de engenheiro barragista para construção que formaria o lago artificial da nova capital. Quando chegou em casa, convenceu minha mãe que a melhor opção para eles, como jovem casal, seria uma aventura como pioneiros candangos. Não foi tarefa fácil, pois Albertina tinha deixado Pratinha, no

Triângulo Mineiro sem intenção de voltar para o interior. Em 1957, os dois já moravam na Vila dos Engenheiros no Paranoá, com a visão panorâmica do que um dia seria o lago.

Eu nasci no nove do nove de 1960, com Vênus em Libra na cúspide da primeira casa e quase que meu nome foi Gorgônio. Minha mãe era RH negativo, e como segundo filho, ela achou mais prudente me ter em BH. Com 20 dias retornamos ao Cerrado e minha relação com Brasília começou. Primeiro na Barragem do Paranoá (diz a lenda que foi meu pai que avisou ao JK que o lago tinha enchido, sem problemas na barragem) e depois no W3 Sul onde moro até hoje. Cresci vendo a cidade crescer. Corria dos graminhas e explorava a área onde hoje é o Parque da Cidade de camelo. Frequentava a escola de artes da Aliança Francesa e estudava em colégio de freiras. A infância da primeira geração de Brasília foi muito privilegiada e diferenciada. Um misto de cidade do interior e uma metrópole futurista vindo a ser. A terra vermelha e o

Alex Murphy



verde novo da grama a nascer combinado com um imenso céu azul dava os tons para criação de um espírito livre. Nessa altura eu notei que tinha duas Brasília: aquela dos que iam e viam e a outra dos que ficavam. Nós ficamos.

Adolecer na capital era um desafio, sempre acompanhado de um salto triplo mortal. Depois de perder a mãe com 12 anos, eu desbunde na vida. Era difícil me acompanhar; eu até que tentava, mas as vezes não conseguia. Explorar as cachoeiras

morrer de tédio. Inclusive se matar. Nessa, muitos grupos surgiram e muitos indivíduos desapareceram. Essas tribos urbanas se formavam quase que organicamente, onde os indivíduos iam se juntando via uma química quântica qualquer. Eu frequentava a Galeria Cabeças quando Néio teve a ideia do concerto entre quadras. Os anos de Pré-Universitário, com Dimer e Guila foram fundamentais para definição de tribo. O rock rolava não só na Colina, mas lá em casa, onde algumas

nos fins de semana e algum tai-chi entre outros programas saudáveis, mas a maioria do tempo era bagaceira. Muita festa e aprontação, amizades coloridas e sexo livre. Mas não tinha nada pra fazer... e a juventude candanga fazia de tudo pra não

canções da Legião foram escritas. O Renato Russo falava que “antes de existir Punk em BsB tinha o Beré”, isso porque meu jeito de dançar, vestir, interagir e existir era sempre meio desajustado. Depois da passar por grupos como Músicas-à-tentativas e Trupe de Nephelibatás, encontrei no Circo Teatro Udigrudi o encaixe certo na tribo de desajustados. Quando me descobri palhaço na vida foi um alívio. Todo aquele desajustamento vivido no dia a dia encontrou lugar de voz, onde eu pude assinar e assumir o ser de espírito livre criado nos canteiros de obra da nova capital.

PS1 — Beré é o peixe mais feio do oceano, segundo um pescador gozador do Espírito Santo, minha cara.

PS2 — Graminha e camelo são expressões daquela época sendo primeiro relativo ao nome dado aos fiscais de parques e jardins e o segundo bicicleta

PS3 — @circoudigrudi e www.circoudigrudi.com.br

Marcelo Beré é ator, palhaço e integrante do grupo Udigrudi

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



Após o governo colocar parte da Serrinha do Paranoá como garantia para salvar o BRB, a importância dessa área de preservação voltou ao debate e conta com a mobilização da sociedade civil para mantê-la viva

Uma joia de relevância ambiental

» MILA FERREIRA

Mais do que uma área verde de preservação ambiental, a Serrinha do Paranoá tem importância vital para a segurança hídrica do Distrito Federal. Com a sanção da Lei nº 7845/2026, que prevê medidas de capitalização do Banco de Brasília (BRB), a Gleba A da Serrinha, de 716 hectares, foi colocada entre as garantias para possíveis empréstimos solicitados pelo banco para socorro financeiro. A medida causou comoção e mobilização da sociedade, que defende a preservação da Serrinha, e trouxe à tona a relevância hídrica e ambiental desse tesouro do Cerrado. No dia 1º de abril, a governadora Celina Leão (PP) anunciou que iria retirar a Serrinha da lista dos imóveis destinados à capitalização do BRB.

Localizada entre a Região Administrativa (RA) do Varjão e a barragem do Paranoá, a Serrinha do Paranoá conta, no total, com 12.431 hectares e 119 nascentes mapeadas, abastecendo grande parte da região norte do Distrito Federal. A estação de captação de água para abastecimento, criada para ser provisória na época do racionamento de 2017, tornou-se permanente e foi duplicada em 2025.

"A relevância estratégica da Serrinha do Paranoá para o Distrito Federal também está na sua configuração geomorfológica singular. Situada em uma área de topo de chapada, a região atua como um divisor

natural de águas, cuja estrutura geológica é responsável por captar, armazenar e distribuir o fluxo hídrico para as regiões adjacentes", explica Lúcia Mendes, diretora da Associação Preserva Serrinha e coordenadora do Fórum de Defesa das Águas, do Clima e Meio Ambiente do DF.

A defesa da Serrinha feita pela Associação Preserva Serrinha é a soma das lutas de moradores das diversas comunidades que vivem na região. "A força desse coletivo não é pequena. Foi aqui, irmanada nessa luta em defesa da terra e das águas da Serrinha, que compreendi Chico Mendes. Quando ele disse que, no início, achava que luta era pra salvar uma seringueira, depois percebeu que era pra salvar uma floresta e ao final compreendeu que lutava para salvar a humanidade", lembrou.

As nascentes da região alimentam todos os córregos, como o Urubu, Jervivá, Palha e Tamanduá, responsáveis pela manutenção da vazão de base do Lago Paranoá, mesmo em períodos de seca extrema. "Comprometer a região da Serrinha do Paranoá é, na prática, reduzir a vida útil e a capacidade de entrega de água potável para a população do DF, tomando o sistema de abastecimento novamente vulnerável a colapsos em períodos de estiagem ou de eventos extremos", alerta Lúcia.

Parque

No último dia 7 de abril, o Governo do Distrito Federal (GDF) criou, por meio do Decreto nº 48.461, o

Marcelo Ferreira/CB/DA Press



A atuação da Associação Preserva Serrinha é a soma das lutas de moradores de diversas comunidades

Parque Distrital da Serrinha. O Parque tem uma área de 65,91 hectares e mais uma zona de amortecimento, dividida em quatro frações, que somam 607,27 hectares. A criação do parque causou polêmica entre ambientalistas e sociedade civil, uma vez que a governadora anunciou a

criação do parque para proteger a Gleba A, mas a área delimitada para o parque não inclui a área da Gleba.

O debate e mobilização social em torno da preservação da Serrinha acendeu o alerta para a importância da conscientização ambiental entre a população do DF.

"Espero que os brasilienses, de todas as idades, se envolvam mais nos assuntos da cidade. Que conheçam o território onde moramos. Ninguém protege o que não conhece", defendeu Lúcia Mendes. "Não podemos seguir permitindo que decisões estratégicas e que impactam



Espero que os brasilienses, de todas as idades, se envolvam mais nos assuntos da cidade. Que conheçam o território onde moramos. Ninguém protege o que não conhece"

Lúcia Mendes, diretora da Associação Preserva Serrinha e coordenadora do Fórum de Defesa das Águas, do Clima e Meio Ambiente do DF

fortemente o futuro e a qualidade de vida sigam sendo tomadas por alguns setores sem a massiva participação da população", acrescentou.

"A Serrinha do Paranoá é um ativo ambiental estratégico e insubstituível para o Distrito Federal. Sua relevância vai além da biodiversidade e conectividade da paisagem, sendo também crítica para a segurança hídrica e resiliência climática da capital", conclui a presidente da associação.

Faculdade Presbiteriana
Mackenzie
Brasília

BRASÍLIA FAZ 66 ANOS

O SEU FUTURO NO MACKENZIE FAZ HISTÓRIA.

Uma capital construída sobre ideais e decisões precisa de líderes preparados para o futuro. Na Faculdade Mackenzie Brasília, unimos a credibilidade de uma instituição centenária à energia de uma cidade que nunca para de se transformar.

Da graduação à pós-graduação, preparamos quem decide. Para quem busca resultados reais e valores sólidos.

CONHEÇA O CAMPUS NO
CORAÇÃO DE BRASÍLIA (902 SUL) mackenzie.br/faculdades/brasilia

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



Localizado no coração do Plano Piloto, o Sesi Lab produz conhecimento, inovação e experiências, contribuindo para a construção de um novo futuro para a capital federal. Desde que foi criado, em 2022, recebeu mais de 691 mil pessoas

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



O mundo precisa de pessoas capazes de conectar áreas diferentes e transformar ideias em soluções reais. Brasília tem uma vocação única para isso, pois é uma cidade que nasceu de um sonho coletivo. Aproveitem esse legado e construam novas possibilidades a partir dele"

Cláudia Ramalho,
superintendente de
Cultura do Sesi

Memória que se **converte** em futuro

» LETÍCIA MOUHAMAD

Há dez anos, quem transitava nas vias próximas à Rodoviária do Plano Piloto se deparava com o edifício vizinho entregue à própria sorte. O antigo Touring Club estava maltratado pelo tempo e à mercê da criminalidade. Em novembro de 2022, porém, veio a guinada. A obra projetada por Oscar Niemeyer ressurgiu do cinza para colorir o cruzamento dos Eixos de Brasília. Ali, nasceu o Sesi Lab, um corredor cultural, tecnológico, científico e artístico pronto para transmitir conhecimento e, por que não, ajudar a construir um novo futuro para a capital.

“O antigo Touring passou a abrigar um ambiente de produção de conhecimento, inovação e experiências, no qual cultura, educação e tecnologia se articulam

como vetores de desenvolvimento, em diálogo direto com os desafios da indústria, especialmente nas agendas de inovação, criatividade e formação de novas competências”, destaca Cláudia Ramalho, superintendente de Cultura do Sesi e uma das lideranças por trás do museu. “Mais do que reocupar um edifício, estruturamos um ecossistema vivo, capaz de gerar valor simbólico, social e econômico”, acrescenta.

No coração do Plano Piloto, a presença constante de programação, parcerias, formação e experimentação cria oportunidades para profissionais criativos, educadores, artistas e empreendedores. “Há algo profundamente potente e emocionante em ver um patrimônio da cidade se transformar em um espaço onde ideias circulam, conexões acontecem e a economia criativa se materializa no cotidiano. É a

cidade produzindo futuro a partir da sua própria identidade”, completa Cláudia.

Ponto de virada

A localização do Sesi Lab, por onde todos os dias circulam pessoas de diferentes realidades, é estratégica. “Ao mesmo tempo em que permite dialogar com a diversidade da cidade, impõe o desafio de romper as barreiras simbólicas que ainda afastam parte da população — especialmente do Entorno — dos equipamentos culturais”, observa a superintendente. Por isso, o Sesi Lab não se limita ao seu espaço físico, e promove ações itinerantes, parcerias com escolas e criação de uma programação dinâmica, pensada para variados públicos, repertórios e formas de acesso.

“Nossa missão é democratizar o conhecimento e aproximar as

pessoas da ciência, arte e tecnologia. Afinal, Brasília é mais do que um território: é uma ideia em permanente construção, marcada também por contrastes e distâncias, muitas vezes invisíveis”, avalia Cláudia. O ponto de virada para o sucesso aconteceu quando o local deixou de ser percebido apenas como um museu e passou a ser vivido como um espaço da cidade, integrado ao seu fluxo, à sua diversidade e ao seu cotidiano. Ali, passaram a ser construídas experiências plurais.

Por mês, cerca de 17 mil visitantes passam pelo museu e, desde seu funcionamento, o espaço já recebeu 691 mil pessoas. Cláudia Ramalho, especialista em gestão cultural, lembra que a programação qualificada, acessível e diversa do espaço ajuda a transformar a percepção sobre o Setor Cultural Sul e a Rodoviária. “O Sesi Lab é um

espaço vivo, que reflete a potência da capital e a pluralidade da sua população, consolidando-se como um ícone do novo ‘viver Brasília’: um lugar onde cultura, convivência e cidade se encontram de forma orgânica e transformadora”, resume.

Ousadia e inovação

A expectativa é de que, no futuro, o Sesi Lab seja reconhecido como um hub consolidado de inovação cultural e educacional no Brasil, conectando cultura, educação e indústria em uma agenda integrada de desenvolvimento, conforme pontua a superintendente de Cultura. O objetivo é transformar o espaço em uma plataforma de experiências, irradiando conhecimento para escolas, cidades e outros equipamentos culturais.

Para a nova geração de jovens criativos e curiosos da

capital, o conselho de Cláudia é experimentar. “O mundo precisa de pessoas capazes de conectar áreas diferentes e transformar ideias em soluções reais. Brasília tem uma vocação única para isso, pois é uma cidade que nasceu de um sonho coletivo. Aproveitem esse legado e construam novas possibilidades a partir dele”, orienta.

E, diante de uma arquitetura que traduz a ideia de futuro, ousadia e liberdade criativa, é no território do antigo edifício Touring que oficinas, mostras e eventos estimulam a imaginação e propõem novas formas de ver o mundo. “Assim como Niemeyer, acreditamos que o futuro se constrói com coragem para inovar. No Sesi Lab, mantemos viva a ideia de uma cidade que olha para frente, que experimenta e que se reinventa”, afirma Cláudia.

Meu encontro com Brasília

» CLARICE GONÇALVES

Brasiliências

Como muitos “brasilienses”, sou neta de nordestinos que vieram construir a cidade. As aspas na brasiliência se dão pela forma com que, historicamente, a cidade segregou e segrega os trabalhadores que a dão vida, diariamente, nos lembrando que não somos tão brasilienses assim, já que moramos nos arredores do Plano Piloto, mas distante de sua arquitetura mundialmente reconhecida e tombada, de sua arborização invejável e equipamentos culturais e transporte público funcional.

Para nós, dos arredores, o deslocamento para acessar a cidade maravilhosa é um dreno de tempo e recursos. O ápice da minha frequência ao Plano Piloto foi durante os anos de faculdade, ainda adolescente, dos 17 aos 20 e poucos anos, estudante de artes visuais da Unb em 2003. Naquela época, ainda não havia o metrôzinho de Brasília, e passava

muitas horas do meu dia e da vida entre esperas em paradas de ônibus e dentro de ônibus lotados, carregando materiais de arte, tintas, telas...

Era um chá de revelação de classe social chegar na UnB e ver meus colegas que moravam ali nas proximidades chegando de carro próprio. Assim que fui me alfabetizando de Brasília e suas siglas, W3, L2... Fui com os anos mapeando memórias afetivas nos seus gramados verdejantes e arquitetura concreta, decorando suas tesourinhas e setores de diversão.

É gostoso frequentar o Plano e revisitar fases da minha vida, da minha carreira, vidas ali, lugares que fiz exposições, restaurantes, árvores de estimulação! Infelizmente, não posso dizer o mesmo da cidade onde moro e onde cresci, Taguatinga, que a cada ano muda radicalmente: a arborização dentro da cidade é quase ausente, casas “antigas” são derrubadas e dão lugar a edifícios, altos, não os simpáticos blocos das asas do plano, que se mantêm baixos para respirarmos o céu. Parquinhos e praças, aqui,

Arquivo pessoal



somem, enferrujam, viram estacionamento.

Espaços culturais, como o finado Teatro da Praça onde fiz minhas primeiras apresentações em dança, segue fechado a anos! Onde tinha cinema, virou igreja. Onde tinha clube (Primavera) a especulação imobiliária engoliu. O Clube dos 200, virou igreja também, assim como a antiga escola onde terminei o ensino médio. O centro que era miniramente arborizado e pulsante, agora torra em concreto, grades e muito, muito

engarrafamento. A Flona, que frequentava desde a adolescência, agora tem que pagar caro pra entrar.

Eu amo Brasília, só queria que seus arredores recebessem o mesmo cuidado dos governos. Que o brasiliense do Plano Piloto e também o dos arredores saibam escolher quem governe com senso de coletividade, pensando no futuro dos nossos filhos e netos, que realmente cuidem das cidades e do bem-estar de quem vive e faz viver o plano piloto, que o transporte público, saúde e educação sejam prioridade, e não só a politicagem das empreiteiras de viadutos. O DF é, mais que tudo, o Cerrado.

O Cerrado é, para mim, uma grande avó, que me nutre profundamente com suas

estações afiadas, sua vegetação rebelde e seus sabores pungentes. É onde me deleito com araticum, pequi, buriti e ainda consigo ter acesso a um bom açaí, acarajé, feijão verde e manteiga da terra. Essa centralidade e multiplicidade que Brasília é e proporciona, são para mim, de uma riqueza gigantesca e impagável e vem de quem a construiu, a sua cultura, seus sabores e costumes, o Brasil inteiro está aqui, e isso é o que me faz e me fez permanecer nesse solo, mesmo com melhores oportunidades para minha carreira em outros estados.

Nem falar de nossas águas. Com tantos ataques ao bem comum e ao meio ambiente, me sinto na obrigação de usar meu talento para trazer reflexão e proteger nossos biomas. Que essa jovem Brasília daqui aos próximos aniversários se lembre que sua brasiliência é muito, muito mais do que o Plano Piloto, é Cerrado preservado e é também as cidades satélites e seu povo diverso a constelar esse planalto!

Clarice Gonçalves é artista plástica

Pioneiros do futuro
— uma saga brasiliense



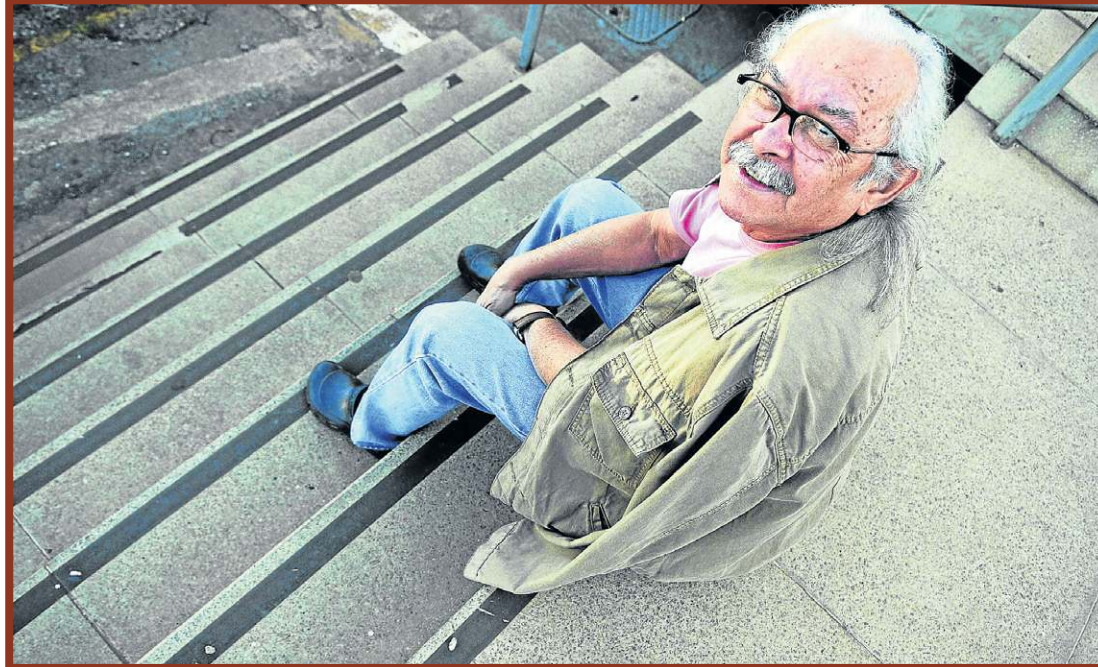
» Entrevista / CLIMÉRIO FERREIRA

A sensibilidade poética de Climério Ferreira transcende a música e a literatura, circular por entre quadras e superquadras da cidade, como uma brisa perfumada de gratidão e de orgulho pela capital do país

"Morar no Plano é uma dádiva"

» JOSÉ CARLOS VIEIRA

Rafael Ohana/CB/D.A Press



Climério Ferreira representa a mistura cultural de uma Brasília encantada, dos anos 1960/70. Nascido em Angical (PI) em março de 1943, esse contemporâneo de Torquato Neto desceu de um avião para se estabelecer na Capital da Esperança, onde enveredou pela vida acadêmica, iniciada na Universidade de Brasília (UnB), aos 18 anos. Integrante do icônico trio Clodo, Climério e Clésio, ele percebe uma Brasília perfumada de utopia. Jornalista, professor e poeta, foi, durante cinco anos, pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), em São José dos Campos (SP), foi um destacado professor da UnB por quase três décadas. Ao *Correio*, fala de poesia, de música e de Brasília... Agora, prevê para maio o lançamento de mais um livro de poemas. Ao *Correio*, escreveu o inédito *Beirute*. Evoé, Climério Ferreira!

Em entrevista ao Correio, você disse "estava nas nuvens quando vi Brasília" — quando chegou de avião à capital. Como foi essa experiência de encontrar a cidade que seria sua casa?

No primeiro voo de avião, vindo de Teresina para Brasília,

morrendo de medo, pude ver de onde estava entre nuvens, um projeto revolucionário de planejamento urbano pousado no solo do interior goiano. E eu, vindo de uma cidade planejada em quadriculado, ainda não atinava que tipo de cidade poderia nascer do que eu via pousado no chão lá da janela do avião. Dali nasceu Brasília, com seu Plano Piloto e suas asas Norte e Sul, suas Quadras e Superquadras. A partir dos últimos anos

da década de 1960, essa cidade me habita até hoje. Penso que é dádiva morar no Plano Piloto e tomar café da manhã, olhando o verde, ouvindo o canto dos pássaros, andando à pé na minha quadra, fazendo amizades e, no meu caso, evitando reuniões de condomínio.

Qual a importância de Brasília na sua carreira de professor e artista?

A cidade me permite pensar e

levar um tipo de vida que as cidades não permitem mais. Eu estou sempre imaginando poemas, letras de músicas. Acho que a cidade tem tudo a ver com isso.

Ednardo escreveu *Serenata pra Brasília* na época em que vocês eram parceiros. Qual era a sedução de Brasília para esses rapazes que vinham do Norte?

Um amigo baiano, do tempo do mestrado do Inpe (Instituto

Nacional de Pesquisas Espaciais), dizia que Brasília seria a minha cidade. Aqui eu viveria num lugar mais parecido com o futuro dos meus sonhos. Na verdade, é a cidade em que todos os rapazes e moças nordestinos criativos e sonhadores se sentem em casa em Brasília. Como disse Clodo numa música que fez pra Brasília: "Tu não tens dono, nasceste sol, tens teus satélites constantes, teus inconstantes habitantes". No Nordeste, as cidades têm donos, que são as famílias que se revessam no poder. E rapazes e moças não são dessas famílias. Em Brasília, vivemos nos nossos setores sem que os outros saibam. E isso é bom.

Clodo, Climério e Clésio formaram um dos mais icônicos trios da MPB, com sucessos em todo o país. Como é onde eram os show em Brasília?

Os nossos shows eram lotados, e todos sabiam as letras das canções e demonstravam gostar delas. Eram "clássicos". Muitos dos nossos amigos tornaram-se famosos e continuaram gostando das nossas músicas.

Ainda há poesia para fazer em Brasília? O encantamento persiste?

A poesia vem de tudo, até dos pilotos.

Poema

BEIRUTE

Por mais que o querer refugue
Por mais que o desejo lute
Faço tesoura em Brasília
E vou parar no Beirute
Mesmo em total solidão
Acompanhado ou não
Quase perdido em Brasília
Eu vou parar no Beirute
Aqui o céu é tamanho
Que serve a qualquer desfrute
Há noite pra todo gosto
A minha é lá no Beirute
Há em cada apartamento
Do imenso Plano Piloto
Uma promessa de encontro
Do qual o querer se nutre
Nos pilotis ao relento
Ou no cerrado absorto
No horizonte de encanto
Ou no planar de um abutre
A eternidade é um momento
Desse instante transposto
Na fina linha de um lustre
Pois aqui tudo é invento
Tem sonho certo e torto
Tem canto, tem acalanto
Meu canto é no Beirute
Lá reinvento o cinema
Lá eu refaço o teatro
Lá eu fabrico um poema
No maior anonimato

Climério Ferreira

BRASÍLIA 66 anos

A cidade nasceu de um sonho audacioso e se tornou a nossa casa. Temos Brasília até no nome: **CONBRAL CONSTRUTORA BRASÍLIA**. Participar do crescimento deste projeto magnânimo não é apenas um trabalho; é uma honra que carregamos em cada traço e em cada estrutura de concreto erguida.

Neste **21 de abril**, celebramos a cidade que nos ensinou a olhar para o horizonte com coragem.

Parabéns Brasília, pelos seus 66 anos de história, luz e arquitetura única. Temos orgulho de construir o futuro junto com você!

CONBRAL

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



Reco do Bandolim e o filho Henrique Neto carregam a missão de manter o gênero musical vivo na capital do país e transformar o Clube do Choro numa referência nacional entre os instrumentistas e cantores

Chorinho com **suingue candango**

» MARIANA REGINATO

Carlos Vieira/CB/D.A. Press

A pesar de ser chamada de capital do rock, Brasília sempre foi conhecida como a capital do choro. Um dos grandes responsáveis pelo surgimento do interesse no ritmo na cidade é Reco do Bandolim, fundador da Escola Brasileira de Choro Raphael Rabello, a primeira no gênero em todo o país, e presidente do Clube do Choro.

Reco chegou à capital em 1963 quando o pai, deputado estadual na Bahia, se tornou deputado federal. Logo depois, com o golpe militar, o trabalho do pai foi muito perseguido e Reco conta que cresceu nesse ambiente de tensão. “A gente via a Universidade de Brasília (UnB) nascendo com aquele espírito de Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira, um projeto de Oscar Niemeyer, Lucio Costa. Havia um projeto extraordinário para essa cidade, era um negócio exuberante. Mas, em seguida, veio esse golpe militar e os militares acharam que aquilo era uma coisa perigosa e acabaram com tudo. Nós crescemos nesse ambiente”, descreve.

Nos anos 1970, ele tocava guitarra na banda Carência Afetiva, que tinha com o irmão, e era conhecido como Jimmy Reco, por tocar todo o repertório de Jimmy Hendrix. “Essa febre da guitarra veio de Woodstock, era uma forma de protesto”, comenta. O choro apareceu na sua vida numa viagem para a Bahia, em 1972, quando em um show de Moraes Moreira, integrante dos Novos Baianos, ouviu a canção Noites Cariocas, de Jacob do Bandolim. “Eu, um jovem morando na capital da República, nunca tinha ouvido falar em choro. Eu fiquei paralisado e, quando cheguei em Brasília, comecei a procurar em todas as escolas de música e nenhuma contemplava o choro”, conta.

Manifestação

A partir desse momento, Reco começou a ouvir choro e a tocar bandolim por contra própria. Buscava uma maneira de trazer a manifestação musical tipicamente carioca para a capital. “Quando a gente começou com as atividades do Clube do Choro, eu me lembro que era uma casa que recebia pessoas muito mais velhas, não tinha jovem nenhum e eu comecei a pensar numa maneira de seduzir a juventude, porque achei injusto que os jovens não tomassem conhecimento desse gênero tão especial e não tivessem acesso a essa riqueza”, explica Reco. Para isso, criou o projeto Caído no choro



Reco do Bandolim e o filho, Henrique Neto: quando a nova e a velha geração se encontram para falar de música



Eu, um jovem morando na capital da República, nunca tinha ouvido falar em choro. Eu fiquei paralisado”

Reco do Bandolim, um dos fundadores do Clube do Choro

e chamou Pepeu Gomes, integrante dos Novos Baianos, para tocar bandolim na cidade.

“Botamos um anúncio bem grande escrito: Pepeu Gomes cai no Choro. Veio a juventude, gente da UnB querendo ver ele tocar guitarra, mas quando chegaram, viram o Pepeu com aquele cabelo, tocando o bandolim. Eu fiquei

olhando para a fisionomia da juventude, as pessoas estavam apaixonadas por aquilo que estavam vendo”, relembra Reco.

Desde então, Reco conseguiu disseminar o choro não só na capital, mas dentro de casa. Henrique Neto, filho de Reco, é atualmente o diretor da Escola Brasileira de Choro Raphael Rabello e toca violão de sete cordas. “Eu sempre recebi Dominginhos, Moraes Moreira, Hamilton de Holanda e tinha uma relação pessoal de amizade com todos eles. Henrique foi criado desse pequenininho vendo o pessoal tocando”, relembra Reco. Um dia, Reco chegou em casa e Henrique interpretava um choro no bandolim. Era *Noites Cariocas*, a canção que deu início a tudo.

Esforço

Henrique estava conectado com o choro desde sempre e acompanhou todas as etapas do

Clube. “Eu lembro da gente vindo aqui aos domingos para limpar o Clube do Choro. Confesso que não gostava na época, eu queria estar jogando bola com meus amigos. Mas tinha que vir, porque os instrumentistas tinham essa missão. Mas depois criei uma relação de muito amor com o choro, por ter participado de todo esse esforço”, afirma.

Reforçando que Brasília é capital do choro, Henrique se conectou com a cidade por meio da música. “Vendo a paixão das pessoas daqui, toda a transformação no cenário cultural que o Clube do Choro promoveu e a escola também. Comecei a tocar aqui e conheci muito da cidade, depois que eu me tornei músico”, destaca. “Esse trabalho levou a me apaixonar mais por Brasília também. Percebendo a minha forma de compor e de me relacionar com a música, Brasília se reflete dentro desses espaços abertos, essa cidade



Quando comecei a tocar o choro era música de pessoas mais velhas, mas hoje você vê muitos jovens tocando”

Henrique Neto, diretor da Escola Brasileira de Choro

modernista. O traço do Niemeyer reflete também na nossa forma de fazer música”, afirma Henrique.

Como diretor da Escola Brasileira de Choro, Henrique Neto é diretamente responsável pela nova geração de brasilienses na música. “Eu era a nova geração,

quando tinha 13 anos, passei por esse período dos novos talentos, dos jovens redescobrimo o choro. Uma música centenária sendo redescoberta por adolescentes. E, hoje, estou na função de apresentar o choro para os jovens”, reflete. “Quando comecei a tocar o choro era música de pessoas mais velhas, mas hoje você vê muitos jovens tocando, se interessando por choro, misturando o choro com outros gêneros contemporâneos”, conta.

Reco do Bandolim também destaca que o choro tem ganhado seu espaço cada dia mais. “Fico impressionado em como uma cidade futurista, veio se apaixonar por esse gênero centenário. Isso diz respeito ao que está no sangue. É uma coisa muito boa de se ver nos finais de semana, tudo quanto é lugar tem gente tocando bandolim, a juventude mesmo está tocando samba e choro. Isso é um ganho fantástico”, destaca.

Meu encontro com Brasília

» DANI NERI

Berço, luta e movimento

Brasília é o meu berço, meu colo e meu útero. Nasci em 1983, filha de Cacá e Tadeu — ela mineira, ele goiano, ambos jovens com a mesma idade da cidade, recém-saídos de uma ditadura militar. Sou a primeira geração da minha família a brotar neste chão; um fruto do Cerrado que aprendeu a ler o mundo mergulhada nos espaços culturais desta capital.

Meus pais se conheceram em grupos movidos pela Teologia da Libertação, tendo a arte como ferramenta de transformação. Sou filha do OPA — Oração pela Arte, onde fui batizada e aprendi cedo a falar com Deus cantando, dançando e celebrando a vida. Fui crescendo assim, embalada pelo pandeiro da minha mãe, os violões do meu pai e do meu avô Neri, e minha avó Lulu me

botando para recitar poesias nos saraus da família. Cacá foi a primeira aluna mulher de pandeiro no Clube do Choro e, anos depois, uma das fundadoras do “Toque de Salto”, primeiro grupo de samba feminino do DF, onde também me criei e ganhei madrinhas que me abençoam por toda a vida.

Fui criança na Escola Parque, onde toquei as primeiras notas na flauta doce. A Escola de Música virou minha segunda casa. Ali, fiz parte do ArsFemina, um coral icônico só de mulheres que cantava em chinês, japonês, javanês, tcheco, russo... Foi com elas que comecei a me aventurar nas produções e viagens para festivais. Ali também me tornei flautista e toquei meu primeiro choro amparada pelo mestre Carlinhos 7 Cordas. Teve Curso de Verão, “24 Horas de Música”, big bands, óperas, orquestras, corais, bandas e concertos — tudo ali: acessível, integrado, de graça.

Eu fazia meus deveres de casa na Biblioteca Demonstrativa, fiz muitos cursos no Espaço Cultural da 508 Sul e vivi

Arquivo pessoal



intensamente o Clube do Choro como aluna e ouvinte. Aos 14 anos, entrei na Oficina dos Menestréis e, aos 15, estreei com eles no Teatro Nacional, na Sala Martins Pena lotada, os musicais do Oswaldo Montenegro sob direção do “Detão”. Dali, o teatro nunca mais saiu de mim e ganhei uma irmandade que está comigo até hoje.

A Agrupação Teatral Amacaca (ATA) é com quem caminho há mais de 10 anos.

da de pífanos de Brasília, a Ventoinha de Canudo. No nosso 23º carnaval, tivemos a alegria de sermos premiados como o “Melhor Momento do Carnaval” pelo CB Folia 2026. Foi nesse pulsar que, na folia de 2014, comecei a namorar o Tupã; são 13 carnavais nesta parceria atuando juntos na cena cultural da cidade.

Minha história se escreve em rede e as parcerias se fortalecem. Sou feita dos espaços que resistem: da Vila Cobra Coral

Nos unimos em volta do mestre Hugo Rodas, com quem trabalhamos até os últimos dias de sua vida, e agora seguimos reexistindo, nos reinventando neste grande desafio de ser uma companhia de teatro de grupo no DF. Em 2004, ajudei a fundar a primeira ban-

à Ocupação Mercado Sul Vive, do Teatro Dulcina, do Santuário dos Pajés, do Espaço Inventado, do Pé Direito, da Aman-duarte, do Terreiro do Seu Estrelo e da Casa da Martinha do Coco. Há mais de 20 anos, me joguei na produção e na arte-educação por missão e sobrevivência, levando oficinas a diversas regiões administrativas. Sou com muito orgulho, militante cultural desta cidade. Luto pelos direitos de uma classe que mesmo tendo tantos berços culturais, ainda sobrevive à invisibilidade das políticas do GDF.

Somos operários da utopia. Brasília faz 66 anos e eu sigo aqui, com meus 42, parindo a continuidade.

Entrego ao futuro meus filhos, Cauã e Ravi. Que eles aprendam que a criatividade é nossa maior resistência e que o sonho é o combustível para a luta. Brasília só é plena quando seu horizonte pertence a quem ousa inventar uma cidade melhor.

Dani Neri é atriz e musicista

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



Fundado em 2017, o Bloco Eduardo e Mônica surgiu para levar adiante a identidade da música brasiliense com pegada roqueira e cheia de reggae. Deu certo. Hoje o grupo é referência nacional

O negócio é carnavalizar o rock

» MARIANA REGINATO

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press

Pioneiros em trazer o rock para o carnaval, o Bloco Eduardo e Mônica nasceu para celebrar a identidade musical brasiliense para as ruas da cidade. Fundado por Marquinho Vital, Rony Meolly e Diogo Villar, músicos dos grupos Capitão do Cerrado, Meolly Folk e O bando, em 2017, o bloco surge para criar uma nova experiência para os brasilienses com clássicos do rock e do reggae. Atualmente, o Bloco Eduardo e Mônica ultrapassou as barreiras do Quadradinho e se apresenta em diversos lugares do país.

Para os fundadores, a história de cada um com a cidade se confunde com sua história na música. “Eu nasci em Brasília e a primeira banda que eu tive, Capitão do Cerrado, fazia referência a nossa região com músicas que contavam a história de Brasília e de quem é brasiliense”, conta Marquinho. “O intuito do bloco desde o início foi prestigiar as músicas das bandas de Brasília. A gente sempre quis trazer isso para um público que talvez não acompanhasse tanto o rock, um público de carnaval e um público de novas gerações”, destaca.

Ideias em projetos

Meolly e Diogo explicam que o bloco nasceu misturando rock nacional, festa e brasilidade em um formato popular e afetivo. “Foi em Brasília que encontrei palco,



Meolly (D) e Marquinho Vital: a energia e a música da cidade levaram o bloco Eduardo e Mônica a outros estados

público e parceiros para transformar ideias em projetos. O que mais marcou foi ver o bloco crescer de forma orgânica, ganhando as ruas e o coração das pessoas”, comenta Meolly. “Depois de um tempo, o Eduardo & Mônica deixou de ser um show e virou um movimento, ganhando as ruas no carnaval e se

consolidando como uma marca cultural de Brasília”, reflete Diogo.

Para Marquinho, Brasília tem importância máxima em sua vida. “Meu pai é de Santa Catarina e minha mãe do Nordeste. Se encontraram aqui em Brasília também, se conheceram aqui e se casaram por aqui também. Os dois servidores,

vieram de fora para morar aqui. É aquela velha história. As pessoas se encontravam aqui e tinham filhos e nascia uma nova história, uma mistura de famílias de regiões diferentes.

Os ideais de Juscelino Kubitschek de tirar um grande sonho do papel e transformá-lo na capital do país é algo que inspirou o Bloco

Eduardo e Mônica. “A ousadia de erguer uma cidade do zero é inspiração direta: me lembra que ideias grandes exigem coragem, visão e persistência”, comenta Meolly. O bloco que nasceu com a visão dos três fundadores já se estende à nova geração de brasilienses. “O projeto cresceu e hoje conta com uma

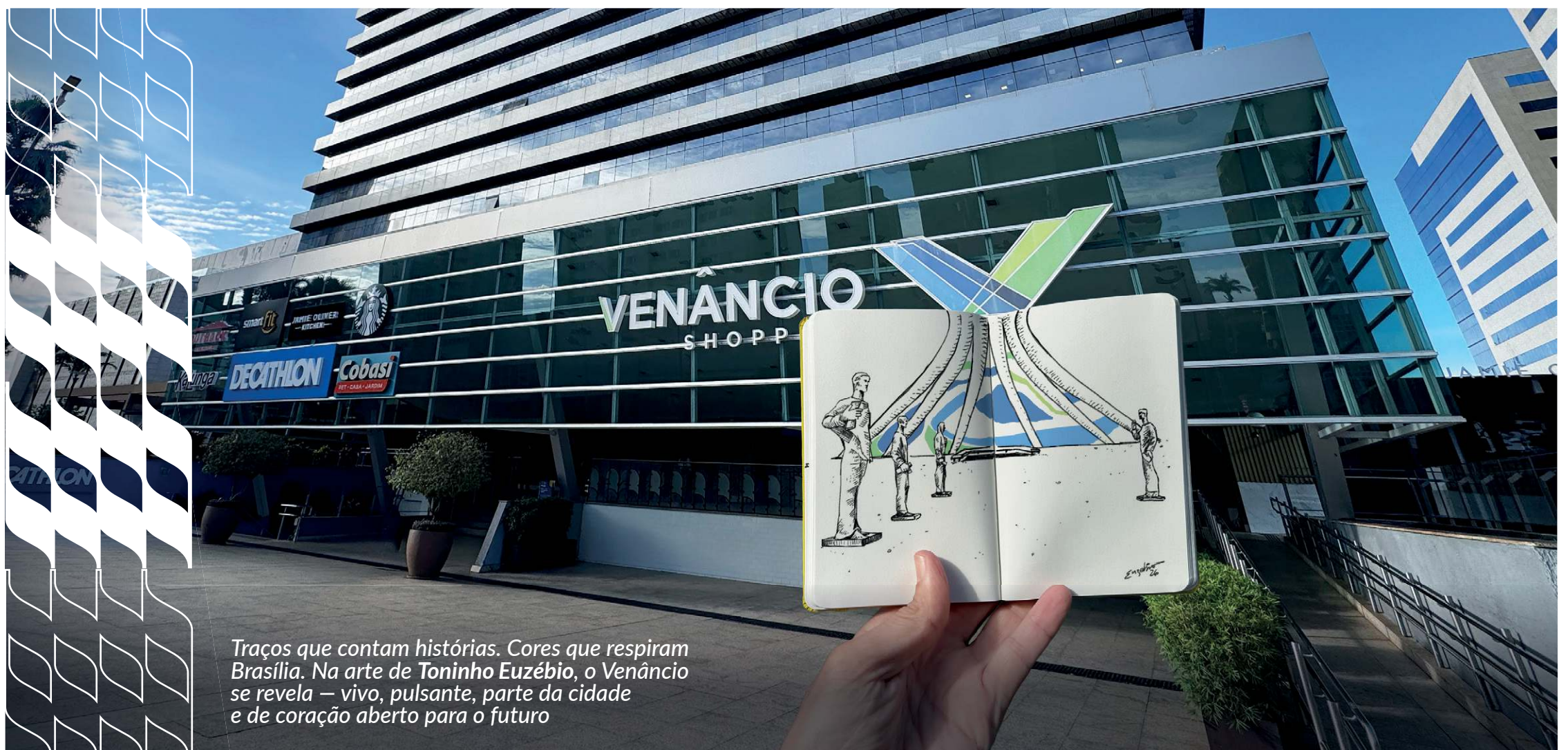
rede de músicos, produtores e criativos que renovam o espírito do bloco a cada edição”, conta Diogo.

Inspiração

A paisagem bela da capital também serviu de inspiração para Marquinho. “Brasília sempre foi uma inspiração, não só a natureza, mas com certeza a arquitetura, as ruas largas e todo esse visual. A gente está dentro de uma cidade, mas convive muito próximo à natureza, muitas árvores, e o lago fez toda a diferença”, complementa. Sobre o futuro da cidade, Marquinho acredita que Brasília está cada vez maior em todos os sentidos.

“Não só como uma região maior em extensão e em população, mas uma cidade que culturalmente vai crescer muito”, comenta Marquinho. Sua esperança é que ainda exista muito trabalho por parte do bloco para incluir novas músicas autorais. “Assim como foi agora há pouco tempo atrás, com o pagode de Brasília. Que a gente consiga trazer novos artistas, não só na música, mas nas artes nas artes em geral”, deseja.

Para o futuro, Meolly e Diogo desejam que o bloco siga criando e crescendo, levando o nome da cidade adiante e ampliando o alcance dos projetos. Os dois ainda deixam um conselho a novas gerações de brasilienses. “As próximas gerações: valorizem a cultura local, arrisquem, colaborem e construam algo que tenha identidade”, finalizam os fundadores do Bloco Eduardo e Mônica.



Traços que contam histórias. Cores que respiram Brasília. Na arte de Toninho Euzébio, o Venâncio se revela — vivo, pulsante, parte da cidade e de coração aberto para o futuro

Ao longo de quase cinco décadas, o Venâncio não apenas acompanhou a construção de Brasília, mas fez parte dela. Crescemos junto com a cidade, com os sonhos que aqui se plantaram e com cada nova geração que chegou para transformar o nosso amanhã.

No aniversário de 49 anos, celebramos o que temos de mais precioso: o agora.

De presente, recebemos cada encontro, cada passo que enche nossos corredores de histórias vivas e de possibilidades. O agora é onde cada projeto acontece, onde novos negócios se consolidam e onde a vida pulsa. É nesse instante que nossos espaços se renovam e ganham propósito, refletindo o espírito dinâmico de Brasília, uma cidade sempre em movimento.

Hoje, honramos cada caminho que construímos e olhamos para o futuro com a certeza de que ele é feito no presente.

Em cada detalhe, o Venâncio é palco para os encontros que moldam nossa cidade e nossa história.

De presente, oferecemos a experiência do agora, o espaço para criar e conviver, a oportunidade de viver intensamente o momento em que estamos.

Nos próximos anos, seguiremos lado a lado com Brasília e com cada um de vocês, abrindo espaço para novas ideias, inovações e experiências. Cada visita ao Venâncio é uma parte viva dessa jornada que construímos juntos, de coração aberto para o futuro.

Porque é aqui, no agora, que fazemos história.

Manifesto - 49 anos

VENÂNCIO 49 ANOS SHOPPING

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



Movimento iniciado em 2017, No Setor busca transformar o Setor Comercial Sul em um área pulsante e criativa, em que pessoas de todo o Distrito Federal possam usufruir com segurança e tranquilidade

Centro da cidade cheio de vida

» ISABELA BERROGAIN

Fotos: Ed Alves/CB/DA Press

O anseio de transformar um espaço visto como abandonado pela sociedade foi o ponto de partida do No Setor, movimento que surgiu em 2017. Com a intenção de entender e pensar a cidade, além de integrá-la com as pessoas que nela vivem, o instituto tem como objetivo ocupar o espaço urbano por meio de projetos de característica social, socioambiental e cultural, fazendo com que o centro de Brasília se torne cada vez mais democrático.

Rafael Reis, diretor-presidente do instituto, pondera que fazer a ocupação do Setor Comercial Sul é uma forma de ressignificar o olhar da cidade para o centro. “Precisamos mostrar que a área central de Brasília pode ser pulsante, vibrante e um espaço de encontro e celebração da cultura brasiliense, não um local de medo”, declara um dos líderes do movimento.

“O centro de Brasília é uma área segura, de muita criatividade e potencialidade”, continua Rafael. “Se a gente traz todo mundo e movimentamos esse ecossistema, temos condições de competir com grandes centros do país. Hoje, Brasília é o terceiro maior adensamento urbano do país, ficando atrás apenas de São Paulo e Rio de Janeiro”, ressalta o diretor.

Ocupação

“Numa cidade que tem envelhecido e que temos cada vez mais



O No Setor propõe ocupar o Setor Comercial Sul por meio de projetos sociais e culturais

problemas para ocupação nas entre-quadradas, por que o centro de Brasília não pode se tornar uma Lapa do Rio de Janeiro ou a Baixa Augusta de São Paulo?”, indaga.

Nas redondezas da Rodoviária e de estações de metrô, trata-se de um centro que, inclusive, não é composto exclusivamente por moradores do Plano Piloto, pontua Rafael. “Eu brinco que a área central de Brasília é mantida por pessoas de todo o Distrito Federal. É gente de Planaltina, Recanto das Emas, Brazlândia, Guará que passa diariamente aqui, consome do comércio,

vai aos bares e restaurantes e ajuda a manter viva a cultura e manter vivo o Setor Comercial”, aponta.

Em meio aos projetos do instituto, ele destaca o SCS Tour, que apresenta a região para o público que ainda não a conhece. “É muito interessante ver o olhar de surpresa quando descobrem que essa área abriga um dos maiores painéis de Athos Bulcão ou um prédio do Oscar Niemeyer. São vários elementos dessa Brasília que são conhecidos no mundo todo e que as pessoas não sabem que existem aqui também”, enfatiza Rafael.

“A Brasília construída a partir do que o Lucio Costa e o Oscar Niemeyer apresentaram, o mundo todo conhece. Mas a capital real, de carne e osso, é muito complexa”, avalia. “Ela parece, à primeira vista, uma cidade fria, fantasma, mas é apaixonante, feita de gente de todos os cantos do Brasil”, descreve.

Muito trabalho

Apesar de hoje ser ocupado por escritórios de arquitetura, galerias de arte e casas noturnas, o Setor

Comercial Sul ainda precisa de muito trabalho. “Quando a gente passava por aqui, via todas as lojas fechadas, com uma taxa de desocupação gigantesca. E ela ainda é enorme. Por isso, precisamos fazer a cidade acreditar no Setor Comercial — temos um monte de espaços a serem ocupados”, incentiva o diretor.

Rumo aos 10 anos de movimento, o desejo do No Setor é que, na próxima década, a capital se torne um lugar verdadeiramente democrático, segundo Rafael. “Hoje, Brasília é uma das cidades mais desiguais do

O centro de Brasília é um espaço seguro, de muita criatividade e potencialidade”

Rafael Reis, diretor do coletivo No Setor

mundo, e essa desigualdade reflete em tudo. No acesso à educação superior, no mercado de trabalho, no acesso aos equipamentos culturais, nos produtos culturais...”, lista.

“Então, o que o No Setor quer é que, daqui 10 anos, a nossa luta por uma cidade realmente democrática tenha sido alcançada. Que a capital seja um lugar onde as pessoas possam ter acesso à sala de cinema, ao teatro, a shows, à moradia e à alimentação de qualidade. E que isso não seja desfrutado só por uma camada da sociedade”, almeja Rafael.

Um sonho feito de páginas

O soteropolitano Luiz Amorim chegou a Brasília em 1973, quando a cidade tinha apenas 13 anos e ele, 7. Em busca de uma vida melhor, a mãe, recém-separada, chegou à então intitulada Capital da Esperança para trabalhar como diarista, enquanto os seis filhos faziam bicos como engraxates e capinadores para ajudar em casa. Fruto de família humilde, Luiz viu a vida começar a mudar de rumo aos 12 anos, quando começou a trabalhar como açougueiro na Asa Norte.

Morador do Gama, o então adolescente sonhava em viver no Plano Piloto, região onde a mãe trabalhava. “Um dia, um amigo me falou que estavam precisando de um açougueiro na 312 Norte. Eu vim e estou aqui até hoje”, conta Luiz. À época, morando nos fundos da loja, ele utilizava do tempo livre para ler. Alfabetizou-se aos 16 anos e, aos 18, leu o primeiro livro, um gibi de filosofia.

“Como nossos clientes eram politizados e tinham um nível cultural muito bom, comecei a conversar com eles sobre o que lia. Eles adoravam, achavam interessante um

açougueiro que discute literatura, política e filosofia”, relata. Teve ano, ele conta, que chegou a ler de 10 a 15 livros por mês, em meio a obras de Sócrates, Nietzsche e Platão. “O que me davam na mão eu lia. Tinha fome pelos livros”, define.

Aos 29, Luiz teve a oportunidade de comprar o estabelecimento em que trabalhava desde a adolescência. Rebatizou o espaço de Açougue do T-Bone e, quase que imediatamente, passou a oferecer aos clientes mais do que os cortes de carnes: ele disponibilizou, de forma gratuita, livros à comunidade. “A gente começou colocando livros aqui no açougue, timidamente. Aí o público foi doando também e, quando nos demos conta, chegavam clientes com caixas cheias para doação”, lembra o açougueiro.

A partir da iniciativa, Luiz se tornou responsável por um projeto ainda maior — em 2007, liderou o desafio de levar a literatura para os pontos de ônibus. “Fizemos um acervo bem interessante e montamos uma estante na parada da 712 Norte”, relata o açougueiro. “A ideia

inicial era manter apenas uma dessas bibliotecas. Porém, houve uma mobilização muito grande, abrimos na parada em frente e assim foi...”, rememora.

No auge, foram cerca de 35 pontos de ônibus com as estantes, com uma circulação de 300 mil livros por ano. “Recebemos até uma menção na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) como maior projeto de incentivo à leitura do mundo”, destaca Luiz. Até hoje, as paradas da W3 Norte recebem as estantes: “O movimento agora anda sozinho. O pessoal abraçou bastante essa ideia e eles próprios levam novos livros”.

Segundo o idealizador do projeto, foram inúmeros depoimentos de leitores que mudaram de vida com auxílio das estantes. “Encontrei muitos servidores públicos que disseram ter sido aprovados em concursos por conta dos materiais disponibilizados. Conheci até mesmo uma mulher que afirmou que os livros a ajudaram durante um momento de depressão profunda”, narra.

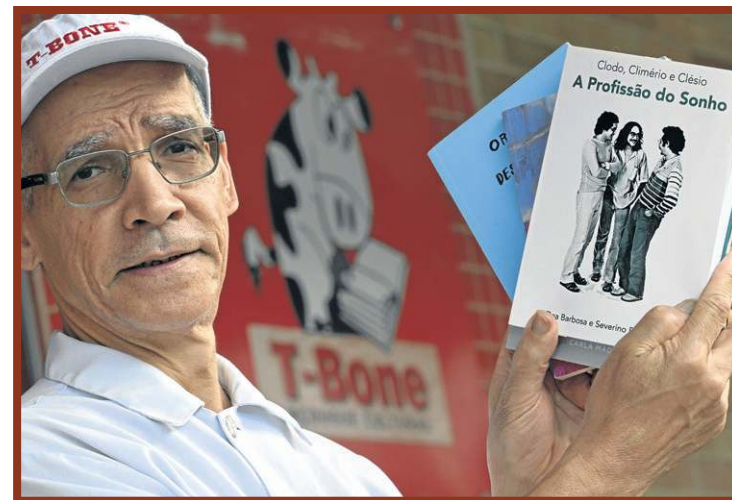
Noites culturais

A imersão na literatura veio a calhar com o Açougue Cultural, que surgiu em 1997. “Além da convivência que eu tinha com artistas da área da poesia, música e literatura, a 312 Norte sempre teve um ambiente muito fértil para o surgimento de projetos como esse”, avalia o soteropolitano. Realizado no próprio estabelecimento, o projeto buscava promover todo o tipo de atividade artística da cidade.

A estreia se deu com o lançamento do livro *Conversa de butiquim*, do autor e jornalista Fafão de Azevedo. “Foi engraçado, porque a primeira pessoa a chegar nesse dia foi o cineasta Vladimir Carvalho. Eu ainda estava lavando o açougue”, ri. “Foi um evento pequeno, com umas 20 ou 30 pessoas. Mas foi interessante, porque conseguimos chamar atenção para os próximos”, ressalta.

No terceiro encontro, ele promoveu uma reunião entre os irmãos Clodo, Climério e Clésio Ferreira, com o lançamento do disco *Tiro certo*. “Eles já tinham encerrado a carreira como trio e conseguimos

Carlos Vieira CB/DA Press



Luiz Amorim é o nome por trás de iniciativas como o Açougue Cultural

reuni-los. Na ocasião, Clodo me disse: ‘Todo mundo vai querer participar desses encontros’. Dito e feito. Ele fez a profecia”, brinca o açougueiro.

Jorge Benjor, Zé Ramalho, Tom Zé e Elba Ramalho são alguns dos nomes que se apresentaram nos eventos. “O Fagner, por exemplo, comemorou os 40 anos dele aqui. Ele mesmo que me ligou, pedindo para participar. Eu pensei que era trote”, admite. Paralelamente, continuavam os encontros literários, binais da poesia e teatros de bolso promovidos pelo açougue.

Com a pandemia da covid-19, no entanto, os eventos foram suspensos e, desde então, não retornaram. “Eu vejo que ficou um vazio na cidade. As pessoas ainda nos procuram para saber se vamos voltar”, revela Luiz. “Existem nomes que gostariam de ter participado e a gente pensa em fazer um evento para celebrar tudo isso que aconteceu”, adianta o açougueiro. Por ora, fica o orgulho de tudo que aconteceu: “Fizemos nosso trabalho, que resultou em um registro muito bom para a cidade”. (IB)

Meu encontro com Brasília

» SEVERINO FRANCISCO

Símbolo da utopia

A minha história com Brasília começa com meu pai, Severino Francisco, pernambucano de Gravatá, que, na década de 1950, chegou ao Planalto Central graças ao dinheiro que ganhava com almanques em versos, que escrevia e vendia. Ao assistir a um vídeo caseiro, gravado por meu irmão, fiz uma descoberta surpreendente. Talvez o meu tenha sido um dos primeiros cronistas de Brasília.

E digo isso porque, antes da inauguração do *Correio Braziliense*, em 21 de abril de 1960, meu pai, Severino Francisco, pernambucano já fazia crônicas rimadas. Poeta popular com formação autodidata e

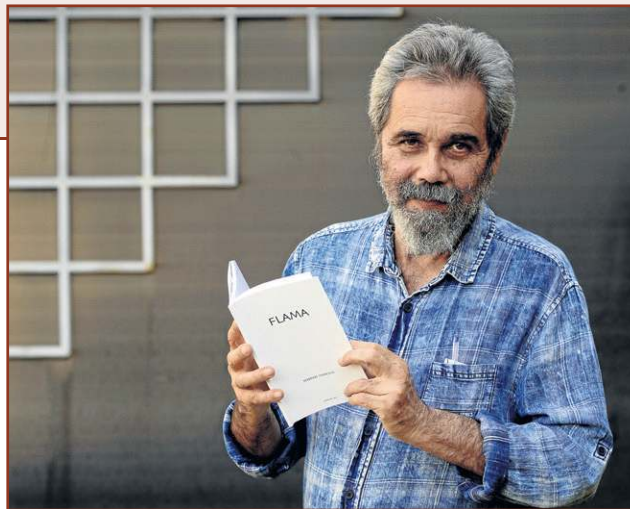
imaginação delirante, conseguiu se formar em teologia.

Meu pai viu Brasília nascer e registrou a aventura nos versos, em um tom também épico: “Eis a nova capital/riscada sob medida/veremos a sua plenitude/depois dela ser construída/lago por todos os lados/beleza e vastidão/espaço e arejamento/tem léguas de pavimento/ainda cheirando a sertão”.

Certo dia, meu pai se encontrou com Juscelino Kubistchek em Taguatinga e fez a seguinte saudação de improviso: “Quero lhe cumprimentar/Brasília é um monumento/Trabalho de nossa gente/Bravura de bandeirante/cabeça de presidente/agora posso afirmar/que vi a redenção/meus filhos tomaram posse/da terra da promessa/foi a mão da providência/que regeu vossa excelência/para governar nossa nação”.

Nos primeiros tempos, morávamos em Taguatinga e meu pai me levou para ver o

Marcelo Ferreira/CB/DA Press



Plano Piloto. Eu gostava muito de ler histórias em quadrinhos e, com a silhueta espectral e futurista, Brasília evocava imediatamente os cenários das cidades intergalácticas de Flash Gordon. A cidade espacial era fascinante e, ao mesmo tempo, provocava angústia. Brasília era Flash Gordon envolvido nas

silas do Amaral, Glauber Rocha e Nelson Rodrigues. O contato com essa constelação modernista foi uma revelação.

Sim, nós éramos um país pobre, subdesenvolvido, defasado da ordem mundial. Mas isso não significava que estávamos condenados a rastejar para as outras nações

nuvens de poeira vermelha.

Na adolescência, conheci Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Guimarães Rosa, Gilberto Freyre, Clarice Lispector, Graciliano Ramos, João Cabral de Melo Neto, Tar-

mais desenvolvidas. Nós poderíamos fazer grande arte com “a contribuição milionária de todos os erros”, como dizia Oswald. A cultura afirmava a nossa singularidade de mestiços, periféricos, cangaceiros, tortos, gaúchos. Sem negar a nossa história, poderíamos transcender, inventar uma outra beleza, uma outra elegância, um outro destino.

Brasília era o modernismo transformado em cidade. É como se o espírito modernista se materializasse em uma cidade-escola, cidade-tótem, cidade-utopia. Ao longo do tempo, Brasília se tornou uma cidade distópica, cenário para um faroeste caboclo. Mas esse me parece ser um estado circunstancial de exceção. O símbolo da cidade-monumento permanece vivo para nos lembrar que a verdadeira vocação de Brasília é a utopia.

Severino Francisco é jornalista

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



Como João Sena e Gianetti Bonfim ajudaram a moldar a identidade esportiva da capital e pavimentaram o caminho para o surgimento do ícone olímpico Caio Bonfim, campeão mundial em Tóquio, em 2025, e bronze na meia-maratona em Brasília

Onde o Brasil aprendeu a marchar

» VICTOR PARRINI

Quase 60 dos 70 anos de vida de João Evangelista de Sena Bonfim foram vividos no Distrito Federal. Tempo suficiente para atravessar gerações e ajudar a moldar uma identidade esportiva da capital. Piauiense de Teresina, chegou a Brasília em 2 de março de 1967, encontrou uma cidade em formação e fez das pistas o canteiro pessoal de obras. Professor, treinador e pioneiro do atletismo, criou, em 1990, o Centro de Atletismo de Sobradinho (Caso), projeto que não apenas revelou atletas, mas colocou a cidade no mapa da modalidade.

Integrante do primeiro Centro de Iniciação Desportiva (Cid) do DF, ajudou a lançar atletas como Carmem de Oliveira, uma das maiores corredoras de fundo do Brasil e primeira brasileira campeã da Corrida de São Silvestre, mas identificou cedo a falta de continuidade para quem chegava à fase adulta. Em resposta, fundou o Caso e, hoje, orgulha-se das mais de 700 medalhas nacionais e internacionais conquistadas pelo projeto.

Brasília não foi apenas cenário na trajetória de Sena: tornou-se propósito. Aqui, construiu a base pessoal e profissional, conciliando, por 35 anos, o trabalho no Banco Central e na Secretaria de Educação com a formação de atletas. “O meu projeto sempre foi servir bem. O Banco Central financiou a minha paixão pelo atletismo, e a Secretaria

de Educação me deu a oportunidade de encontrar jovens talentosos”, conta. Mais do que formar atletas, o objetivo sempre foi maior: dar oportunidade para os competidores se tornarem cidadãos e campeões.

A relação com a cidade também se consolidou fora das pistas. “As oportunidades de Brasília foram fundamentais. Até os adversários do atletismo são amigos. Brasília é um lugar de paz”, descreve Sena.

Se ele ajudava a estruturar o caminho fora de casa, dentro dela, a marcha atlética também ganhava forma. Esposa de Sena, Gianetti Bonfim, pioneira da modalidade no país e octacampeã brasileira, conheceu a prova quase por acaso, em um cenário ainda sem estrutura ou visibilidade. “Quando comecei, não havia nada. Eu vinha da corrida e acabei na marcha porque era a prova que restava. Ninguém falava sobre isso”, lembra ela, nascida em 1965 e orgulhosamente parte da primeira geração de brasilienses natos.

Rotina

O que começou como improvisado se transformou em base. Entre treinos, maternidade e rotina esportiva, a modalidade passou a fazer parte do cotidiano da família. “Nunca imaginamos que o Brasil se tornaria um polo. Fomos vivendo um dia de cada vez, construindo aos poucos.”

Em três décadas e meia, Sena e Gianetti ajudaram a transformar a marcha atlética em uma das identidades esportivas do Distrito

Breno Fortes/CB/D.A Press



Em 2008, antes de Caio Bonfim se tornar referência, João Sena e Gianetti se dedicavam ao esporte

Federal, criando uma base que atravessa gerações e mantém a modalidade viva na cidade. Foi nesse ambiente que cresceu Caio Bonfim. Na infância, acompanhava o pai na rotina de treinos e vivia o atletismo antes mesmo de entender o que aquilo representava.

“Meu pai sempre foi apaixonado por atletismo. Eu cresci vendo-o encher o carro de meninos pra treinar”, lembra. A convivência

diária transformou a pista em extensão de casa, e o esporte, em linguagem comum entre pai e filho. “Brinco que a pista do Augustinho Lima é minha segunda casa. Para o meu pai, é a primeira. Foi ali, visitando-o, que eu me apaixonei pelo atletismo.”

Com o tempo, a relação de Sena e Gianetti com Caio precisou ser testada no ambiente de alto rendimento. A proximidade entre pai e

treinador, antes natural, passou a ser questionada. A sugestão veio de fora: separar as funções poderia ser o caminho mais seguro para a evolução do atleta. Caio decidiu seguir com quem sempre esteve ao lado.

A escolha de manter a estrutura familiar no ambiente profissional não foi apenas afetiva. Foi também a continuidade de um método construído ao longo de décadas. “O atletismo precisa de resultado.

Eu faço trabalho social, mas exijo compromisso com o alto rendimento. “Aqui, tudo é eficiência, dedicação e disciplina”, afirma Sena.

A confiança no processo trouxe as medalhas. “Quando começaram a sair os resultados, as pessoas passaram a acreditar mais. Foi ali que o trabalho ganhou força”, destaca o treinador.

Do outro lado, a relação se consolidava não apenas na rotina de treinos, mas na forma como pais e filho atravessaram juntos cada etapa da carreira. “Choramos muito juntos nas derrotas e nos abraçamos muito nas vitórias”, resume Caio.

Hoje, Sena e Gianetti se orgulham de terem participado da construção de uma trajetória vitoriosa e de ver o legado iniciado em 1990 seguir em movimento. Em 12 de abril, Caio Bonfim completou o álbum de medalhas com o bronze na meia-maratona do Mundial de Marcha Atlética por equipes. O marchador de Sobradinho, prata nos 20km nos Jogos Olímpicos de Paris-2024, soma, ainda, quatro pódios em Mundiais de Atletismo e títulos no circuito internacional.

Para Sena, a marcha atlética deixou de ser apenas a modalidade que revelou Caio Bonfim e passou a ocupar um espaço próprio na identidade esportiva da cidade. “Hoje, a marcha atlética deixou de ser apenas o esporte do Caio. Virou uma identidade de Brasília. Quando se fala em atletismo na cidade, fala-se em marcha. Somos conhecidos no Brasil como a capital da marcha.”

Especial Interativo

W3

A AVENIDA DE BRASÍLIA

Explore a W3, uma das avenidas mais emblemáticas de Brasília, em um especial interativo com curiosidades, fatos históricos, vídeos e relatos de quem vive esse comércio a céu aberto.

Aponte a
câmera
e explore



CORREIO BRAZILIENSE
www.correiobrasiliense.com.br

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



A mais tradicional avenida comercial da cidade carrega consigo uma parte da história de Brasília. Veja curiosidades da concepção da avenida, de Norte a Sul, e conheça o especial digital do **Correio**

Arquivo Público do DF



Movimentação na W3 Sul, em 1975: primeira a ser construída

Arquivo/CB/D.A Press



Vista aérea da W3 Sul, em 1970, com o Setor Hoteleiro ao fundo

Arquivo/CB/D.A Press



Pelé acena para a multidão durante desfile dos campeões pela W3

F. Gualberto/CB/D.A Press



Comércio informal marcou primeiros anos da avenida

W3: a avenida de Brasília

Adauto Cruz/CB/D.A Press



Em 1978, desfile toma conta da pista: foram muitos carnavais

» GABRIELLA BRAZ
» JUNIO SILVA

Fotos: Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Ainda hoje a avenida é símbolo de resistência e de reinvenção: arte, cultura, comércio, educação e religião reunidos em um só lugar

Quem conhece Brasília sabe que as vias W3 Sul e Norte representam a vitrine do comércio no Plano Piloto. No projeto original de Lucio Costa, as vias, que viveram uma “era de ouro” nos primeiros anos da capital, já estavam lá, mas com uma cara bem diferente da atual.

Considerada uma “rua de serviço”, a W3 Sul, construída antes da metade Norte, foi pensada para transportes de cargas e armazéns. A professora Maria Fernanda Derntl, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (FAU/UnB), explica que a ideia inicial era fazer da W3 uma espécie de limite da cidade.

“Seria uma via destinada ao tráfego de caminhões. Onde hoje estão as 500, haveria garagens, oficinas, depósitos do comércio”, explica. A parte mais curiosa da avenida, trecho do Plano Piloto que mais mudou durante a construção, fica onde estão as 700 Sul. “No lado em que depois se construiu as 700, Lucio Costa falava em construir floriculturas, hortas e pomares.”

A ideia, no entanto, não chegou a se concretizar. A necessidade de novas moradias para funcionários públicos que chegavam à cidade exigia mudanças no planejamento. Imagens obtidas pelo **Correio** no Arquivo Público do Distrito Federal (ArPDF) mostram a construção das moradias populares.

O presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Distrito Federal (CAU/DF), Ricardo Meira, afirma que a decisão veio antes mesmo da inauguração. “Em 1957, a Novacap procurou institutos de pensão para oferecer os terrenos das quadras 700 da Asa Sul para a construção de casas populares”, diz. “Elas seriam oferecidas para funcionários públicos do segundo escalão.”

Inicialmente, 500 casas foram construídas na área pela Fundação da Casa Popular e, a partir disso, a configuração da via começou a mudar. Em 1959, um censo realizado na nova capital já contava com a presença de moradores na W3 Sul.

Brasília revisitada

“O Plano Piloto (no desenho original) seria muito mais longitudinal do que ele é hoje”, explica a professora da FAU. “Ele seria mais linear, magrinho. É um croqui de ideias que foi sendo adaptado e desenvolvido já no início das construções.”

As habitações na W3 Sul foram construídas obedecendo à ideia de separar as áreas de pedestres e de veículos. Assim, as garagens ficam

voltadas para a via principal, e o acesso dos pedestres se volta para ruas internas, na parte de trás.

Enquanto isso, o outro lado da via, nas quadras 500, assume caráter de uso misto, para comércios e residências. As marquises e calçadas largas, que dão a cara da W3 Sul, já surgem nesses primeiros anos.

Na Asa Norte, os prédios da W3 só começaram a surgir a partir de 1963, mas também com características diferentes. “Nas quadras 500 da Asa Norte, temos, sobretudo, o uso institucional, com edifícios que não são contínuos”, observa Derntl. “As comerciais das 700 são

recuadas no terreno, com sobrelojas ocupadas para fins diversos.”

Com a necessidade de moradias e outras zonas de serviço, a W3 deixou de ser a via limítrofe do Plano e foi ganhando mais vizinhos. A dinâmica mutável não assustou Lucio Costa. Para o urbanista, seu planejamento era mais um “esboço” do que viria a ser a ocupação daquele espaço.

“Ele disse o seguinte, em outras palavras: ‘Eu estou fazendo aqui um esboço, um plano geral, não me chame para detalhar, eu não quero fazer o projeto, é só uma ideia aqui para que vocês depois desenvolvam, porque a cidade é dinâmica,

ela tem de ter uma possibilidade de se transformar dentro de um princípio básico”, conta Ricardo Meira, do CAU/DF.

Décadas depois, em 1985, o urbanista foi convidado a avaliar o que aquele projeto havia se tornado, o que originou o documento *Brasília Revisitada*, disponível no acervo do profissional na Casa da Arquitetura, em Portugal.

“Nesse documento, ele sugere o surgimento de quadras residenciais que viriam a ser o Noroeste e o Sudoeste, que ele chamava de Asa Nova Sul e Asa Nova Norte”, conta Ricardo. “Demorou bastante, até por uma questão de estratégia de

crescimento da cidade, mas isso já era previsto nesse documento do Lucio Costa.”

Desencontros

Outros aspectos da via também não saíram como o planejado, ou melhor: tiveram de ser alterados antes mesmo da execução. A topografia da região é um dos fatores que faz a W3 abrigar uma série de curiosidades.

Essa história começa ainda no desenho do Plano Piloto. À época, Lucio Costa planejou a cidade mais a Oeste. Para ter uma noção de como seria Brasília no formato

Especial digital



O **Correio** preparou um especial digital que revisita a história das W3 Sul e Norte, desde a concepção por Lucio Costa até a construção, a ocupação e as tentativas de revitalização. Em uma série de entrevistas com comerciantes pioneiros e alguns que começaram a investir em negócios na avenida nos últimos anos, passando pela valorização dos imóveis na parte residencial, você poderá acompanhar um panorama completo da avenida. Aponte a câmera do celular para o QR Code e confira esses conteúdos e muito mais: vídeos, fotos, artigos, depoimentos e mapa interativo!

original, Meira explica que a Rodoviária do Plano Piloto ficaria onde hoje está a Torre de TV.

Mas o Lago Paranoá interferiu na criação. Para evitar uma faixa de terra entre o lago e as construções, a cidade foi “deslocada”, o que interferiu na hora de colocar em prática o planejado.

Um dos resultados dessas “anomalias” é a quadra 708 Sul. “Durante a medição e demarcação topográfica da área, uma equipe demarcava as quadras 500 e outra se ocupava das 700”, conta. “Isso causou um desencontro e, por isso, a 708 Sul é menor. Se prestar atenção, da 702 à 707 é o mesmo desenho de quadra, e, na 708, foi feito outro formato”, completa. Além de menor, a 708 representa a única quadra sem estacionamentos em toda a W3 Sul, resultado dessa distorção.

As primeiras quadras do lado habitacional da W3 Sul também foram construídas em formatos diferentes. A 714, destinada a funcionários do Banco do Brasil, conta com lotes maiores e blocos no mesmo formato das superquadras.

Na Asa Norte, algumas dessas distorções buscaram ser corrigidas. Nessa parte do mapa, todas as quadras são do mesmo tamanho e os estacionamentos, que na Sul ocupam o meio da via, passam para a lateral do comércio. A dinâmica comercial também muda e, com ela, a forma de ocupar os espaços, o que torna as vias Norte e Sul, apesar de “irmãs”, dois cenários com vida e personalidade próprias.

Tradição de pai para filho

» Criada no ano de inauguração da cidade, em 1960, a Banca Fortaleza, da 511 Sul, é um dos estabelecimentos mais antigos da avenida. “Sempre tivemos esse modelo de sebo. Jornal, livros, revistas, discos e gibis”, elenca Carlos Araújo, que assumiu a banca após a morte do pai, Antônio Ferreira de Araújo, em 2013. A banca, que já foi personagem de outras reportagens do **Correio**, é decorada com pilhas e mais pilhas de revistas e livros antigos. Nas paredes e no teto, cartazes de filmes e capas de discos de vinil. O negócio, segundo Carlos, sempre foi a coluna de sustentação da família. “Aqui era um grande formigueiro, e os filhos ajudavam meu pai”, lembra, ao lado de um retrato de Juscelino Kubitschek. “Meu pai gostava dele.”



**Pioneiros do futuro
— uma saga brasiliense**



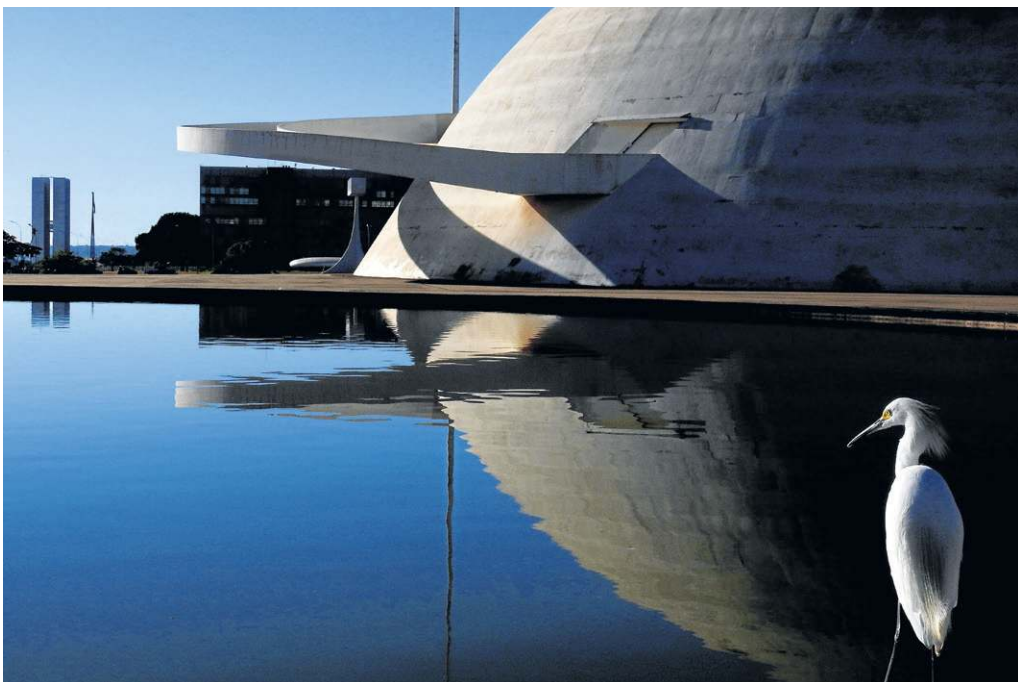
Meu encontro com Brasília Fotógrafos do **Correio Braziliense** selecionaram imagens que representam a cidade sob suas lentes



Ed Alves/CB/D.A Press



Minervino Junior/CB/D.A Press



Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Carlos Vieira/CB/D.A Press

BRASÍLIA

66 anos

Uma cidade em constante transformação

Brasília faz 66 anos e a sua história continua sendo construída todos os dias.

Entre traços que desenham o futuro e histórias que carregam memórias, a capital do Brasil é mais do que um marco arquitetônico: é encontro, diversidade e movimento.

Hoje celebramos não apenas uma cidade planejada, mas uma cidade viva por quem chegou, por quem ficou e por quem a escolhe todos os dias.

Parabéns, Brasília. Que venham novos caminhos, novas histórias e ainda mais motivos para se orgulhar.

SESI Serviço Social da Indústria

SENAI Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

ADEMI

M Faculdade Presbiteriana Mackenzie Brasília

VENÂNCIO SHOPPING

ONE SCHOOL

Open to New Experiences

DIA A DIA ATACADISTA

Realização:
CORREIO BRAZILIENSE

Promoção:
CB Brands ESTÚDIO DE CONTEÚDO

DIA A DIA :DD
ATACADISTA

PARABÉNS, BRASÍLIA!

66 ANOS PRESENTE EM NOSSO DIA A DIA.



Foto: Governo do Distrito Federal/Bento Vianna

Foto: Roberto Castro - MTLR

Foto: Governo do Distrito Federal/Bento Vianna